

Instituto Superior de Psicologia Aplicada  
Mestrado em Psicologia Clínica e Psicopatologia

Edição 2001/2003

Reingresso 2008/2009

Tese de Mestrado

***O ESPAÇO E O TEMPO COMO ORGANIZADORES MENTAIS:***

***UM ESTUDO ATRAVÉS DO RORSCHACH***

Sandra Cristina Moreira Gomes Tomás, n.º.1802

Orientadora: Prof.ª. Doutora Maria Emília Marques

Seminário dirigido por: Prof.ª. Doutora Maria Emília Marques

2009

## ***Agradecimentos***

*Este trabalho, demorado e complexo, teve início num sofá da infância, o sofá onde a minha família se reunia, envolvida num cobertor, a ver os documentários da TV2, num fascínio silencioso, perante os mistérios de Arthur C. Clark, a imensidão do Cosmos de Carl Sagan, e os programas que convertiam os milagres da Bíblia em processos naturais. A ideia de uma ligação entre todas as coisas, com e sem Deus, impunha-se, e ao mesmo tempo, a limitação no significado das palavras, a sua definição e etimologia, numa realidade cultural eterna: nada havia a fazer, era assim!*

*Aos meus pais agradeço a imersão neste mundo de forma quente; a inquietação, a serenidade da compreensão imanente, que determinou a minha vida e do meu irmão, com quem me encontro no tema, bem como a uma Tia que o soube localizar na sua origem (a mente). Por mais que doa...*

*E foi assim que a inquietude me levou à psicanálise, que se inscreveu no meu viver e pensar, e a este trabalho. Este é um futuro que termina. Por entre críticas que só me levaram mais longe, fui alternando entre tocar o infinito e sofrer a angústia do tempo. Algo sempre me encaminhou para aceitar o mergulho caótico que os temas impunham e constituir depois um outro pensar. Estes são os meus pensamentos e o meu pensar. Destinados à incompletude e insatisfação, mas sempre à procura da integração e coerência.*

*Neste caminho ressuscitei vivos e mortos, que sacralizei por uma gratidão de impossível manifestação: Freud, Bion, Matte-Blanco, Kant, Bergson, Einstein, Atkins, os filósofos da antiguidade, Eliade, Green, Amaral Dias, Emília Marques, etc., e tantos outros que falam do saber da essência das coisas...*

*À prof<sup>a</sup>. Emília Marques agradeço a ideia de um mundo em transformação, intermutante e expansivo pela resignificação, um mundo em constante recriação, que tanto se esforça para o ensinar. A partir dela tudo mudou para um lugar mais amplo e mais profundo, que parece não ter fim.*

*A procura da coerência e integração, o encontrar o comum do diferente, e o diferente do comum, devo-a ao Prof<sup>o</sup>. Amaral Dias, pela sua capacidade de construir pontes em lugares anteriormente contraditórios, de não rejeitar os problemas, mas investigá-los como se a sua vida disso dependesse. Devo-lhe também os caminhos para este tema, nas aulas de mestrado que a este trabalho deram origem.*

*A ti João que me ensinaste a integração dos contrários, do diferente, no dia-a-dia e com humor. Que partilhas comigo o prazer da exploração do novo, o mergulho no velho, e que me agarras quando é preciso. Da zanga ao entendimento, do entendimento ao humor, uma ponte aparentemente inquebrável se vai construindo. Não sei se teria conseguido.*

*Há disponível Isabel que me completou ideias e serenou a inquietação, e aos vários amigos, tias e primos, que me deram força para ir para a frente. Mas em força sinto ainda a da Sofia e da Sofia e Ana que confiaram intuitivamente.*

*Agradeço também a todos os que toleraram os meus erros e esquecimentos, permitindo-me continuar sem dano, neste mergulho na imensidão e limitação que realizei. É que espaço e tempo são tudo mas são também um grande Nada...*

*Por fim agradeço a todos os que me fizeram pensar, esporádica ou constantemente. Mas sobretudo aos meus pacientes, sem ser através deles, nada teria feito sentido...*

*Um infinito e eterno obrigado  
Sandra Tomás*

*Dedico este trabalho a todos aqueles  
que vêem os processos mentais como um  
processo de transformação, significação e  
conhecimento em relação.*

## RESUMO

Explorando as teorias que consideram o espaço e o tempo como organizadores mentais, encontramos as suas diferenças: o espaço psíquico enquanto sistema de relacionar, e o tempo enquanto factor de ligação, aquilo que sincroniza a expectativa e realização positiva, mobilizando a satisfação (contiguidade e continuidade no espaço e tempo), ou que dessincroniza, mobilizando a frustração e obrigando à criação dos símbolos, da representação, que são sujeitos a formatação espacial e temporal (espaços diferenciados e tempo sequencial). O espaço psíquico é assim constituído pela dor do tempo. Conjugando os estudos do desenvolvimento através do espaço e tempo, propomos uma concepção dimensional da mente, que procurámos operacionalizar através do método de Rorschach, enquanto instrumento que permite aceder às transformações internas do sujeito em termos também espaço-temporais. A partir do estudo de um protocolo de Rorschach, destacamos o modo quadridimensional da mente, um modo diferente de organizar espaço-temporalmente a experiência emocional, visível sobretudo pela procura de definir uma relação única a partir de várias relações, e que é principalmente manifestado através de uma espacialização do tempo.

Palavras-Chave: Espaço, Tempo, Organizador Mental, Bi-lógica, Consciente, Inconsciente, Significação, Rorschach, Dimensionalidade Psíquica, Quarta-Dimensão.

## ABSTRACT

Searching the explorations of theories that consider space and time as mental organizers, we found the differences between them: the psychic space as a system that relates, and time as connection factor, what allows the expectation and positive realization to synchronize, mobilizing satisfaction (continuity and contiguity in space and time), or desynchronize, mobilizing frustration and forcing the psychic space to create symbols, representations that are formatted by space and time (differentiated spaces and sequential time). Space is therefore constituted by the pain of time. By conjugating with the studies of development through space and time, we propose a dimensional conception of the mind, which we explore by making it operational through the method of Rorschach, as it an instrument that permits to know the internal transformations of the subject, permits to know the ways in which the subject in space and time organizes the mind. By studying a protocol of Rorschach, we give evidence to a fourth dimensional conception of the mind, a different way of organizing the emotional experience through space and time, that is mostly denoted by the search to define a single relation of several, which is mostly seen through a *spatialization* of time.

Key-Words: Space, Time, Mental Organizer, Bi-logic, Conscious, Unconscious, Meaning, Rorschach, Psychic Dimensionality, Fourth-Dimension

# ÍNDICE

<b>1. CONTRIBUIÇÕES DO ESPAÇO PARA A ORGANIZAÇÃO DA MENTE .....</b>	<b>6</b>
1.1. O ESPAÇO E O ESPAÇO PSÍQUICO .....	6
1.2. A DUALIDADE CONSCIENTE-INCONSCIENTE .....	11
1.2.1. <i>Da Dualidade Consciente-Inconsciente a Simetria-Assimetria</i> .....	11
1.2.2. <i>A Bi-lógica e os dois modos de ser: Indivisível e Heterogéneo</i> .....	15
1.2.3. <i>O Sistema consciente é organizado e limitado espácio-temporalmente</i> .....	19
1.2.4. <i>A mente para além ou aquém do tempo e espaço: o inconsciente</i> .....	24
1.2.4.1. A multidimensionalidade: uma lógica para aceder aos processos simétricos .....	24
1.2.4.2. Os instintos enquanto significantes semióticos .....	30
1.3. DUALIDADE MENTE-REALIDADE .....	32
1.3.1.1. O espaço e o uso inevitável da metáfora .....	40
1.4. DA DUALIDADE INTERNO-EXTERNO A CONTINENTE-CONTEÚDO .....	41
1.5. O ESPAÇO PSÍQUICO COMO LUGAR DE SIGNIFICAÇÃO .....	45
1.6. O ESPAÇO MENTAL COMO UM LUGAR NEGATIVO .....	49
1.7. CONCLUSÕES: ESPAÇO COMO SISTEMA DE RELAÇÕES E DE RELACIONAR .....	57
<b>2. CONTRIBUIÇÕES DO TEMPO PARA A ORGANIZAÇÃO DA MENTE .....</b>	<b>59</b>
2.1. CONCEPÇÕES DE TEMPO .....	59
2.2. TEMPO DA EXPERIÊNCIA VS TEMPO DA CONSCIÊNCIA E TEMPO TRIPARTIDO .....	62
2.3. DA CONTINUIDADE-DESCONTINUIDADE À PRESENÇA-AUSÊNCIA .....	74
2.4. A IMPORTÂNCIA DO OUTRO PARA A CONSTITUIÇÃO DO TEMPO .....	78
2.5. O TEMPO COMO FACTOR DE LIGAÇÃO .....	82
<b>3. O ESPAÇO E O TEMPO COMO ORGANIZADORES DA MENTE .....</b>	<b>85</b>
3.1. AO LONGO DO DESENVOLVIMENTO .....	85
3.1.1. <i>A primeira experiência espaço e tempo</i> .....	85
3.1.2. <i>A primeira apreensão de espaço e tempo: contornar a frustração</i> .....	90
3.1.3. <i>Espaço e tempo decorrentes da simbolização: separação</i> .....	92
3.1.4. <i>O Tempo e Espaço após a perda da Omnipotência Temporal</i> .....	96
3.1.5. <i>O Caso Especial do Édipo</i> .....	98
3.1.6. <i>Espaço, tempo e adolescência</i> .....	101
3.1.7. <i>Espaço e tempo no Adulto</i> .....	106
3.1.7.1. Espaço e Tempo nos Processos Psicóticos .....	109
3.1.7.2. Espaço e Tempo nos Processos Limite .....	110

3.1.7.3.	Espaço e tempo nos processos neuróticos.....	111
3.1.7.4.	Expressões do Espaço e Tempo em Processos Sintomáticos .....	113
3.2.	O ESPAÇO MENTAL CONSTITUIDO A PARTIR DA DOR DO TEMPO .....	114
3.3.	INOVAÇÕES E PROBLEMAS ENCONTRADOS PELO ESTUDO DO ESPAÇO E TEMPO NA TEORIA E PRÁTICA PSICANALÍTICA.....	117
3.3.1.	<i>Perspectiva dimensional da organização espácio-temporal.....</i>	122
<b>4.</b>	<b>OBJECTIVO DO ESTUDO .....</b>	<b>132</b>
<b>5.</b>	<b>MODELO DO ESTUDO .....</b>	<b>134</b>
<b>6.</b>	<b>O INSTRUMENTO RORSCHACH .....</b>	<b>136</b>
<b>7.</b>	<b>PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....</b>	<b>139</b>
7.1.	QUALIDADES DA MENTE.....	144
7.1.1.	<i>Contiguidade e Continuidade vs Descontiguidade e Descontinuidade.....</i>	148
7.1.2.	<i>Coerência interna e externa (mentalização vs evacuação).....</i>	151
7.1.3.	<i>Experiência emocional vs Tempo consciencializado e tripartido:.....</i>	158
7.2.	DIMENSIONALIDADE PSÍQUICA .....	161
7.2.1.	<i>Adimensionalidade.....</i>	161
7.2.2.	<i>Unidimensionalidade.....</i>	161
7.2.3.	<i>Bidimensionalidade.....</i>	164
7.2.4.	<i>Tridimensionalidade: .....</i>	168
7.2.5.	<i>Quadridimensionalidade: .....</i>	171
<b>8.</b>	<b>CASO RORSCHACH.....</b>	<b>183</b>
<b>9.</b>	<b>DISCUSSÃO DO PROTOCOLO.....</b>	<b>200</b>
<b>10.</b>	<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>212</b>
<b>11.</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>218</b>

1.

## INTRODUÇÃO

Os conceitos de espaço e tempo são extremamente complexos. São complexos porque abarcam todas as formas de expressão na humanidade e são a própria fonte da expressão em si mesma. Independentemente da forma como sejam considerados, estão de tal modo presentes na humanidade que é extremamente difícil conceptualizá-los. Na língua, nos mitos, na história do saber reflexivo e científico, encontraremos a base fundamental deste trabalho e uma interessante fonte de compreensão. O Homem Primitivo “atacava” o espaço e o tempo pelo rito e mito, pela reactualização e reactualização. Nos mitos das origens o caos é geralmente associado ao espaço, o espaço criador; e o tempo é associado a um Deus egoísta que contém dentro de si a possibilidade da geração, da sequência. Quando começaram as primeiras reflexões, o Homem pensava no número como um ente, como espaço e o tempo era visto como o movimentos entre substâncias corporais. Com Santo Agostinho, ainda num mundo cujas dimensões temporais (e espaciais) eram atribuídas ao divino, o tempo é questionado na essência: existe ou não tempo fora da mente que o vive? O espaço, por seu lado, com o heliocentrismo e a perda do “egocentrismo cósmico” do nosso planeta, ganhou a qualidade da medição e a partir daqui foram sendo estudadas as suas propriedades. Com Kant encontraremos uma filosofia que compreende a ideia aqui desenvolvida, que o espaço e o tempo são organizadores da mente. Posteriormente com Poincaré, o espaço perde a sua substância, a sua materialidade e passa a ser considerado como um sistema de relações que por necessidade se decide convencionar. Surge também Einstein que impõe o observador na observação e teorizava uma espacialização do tempo, criticada por tantos (Bergson), mas assim se constitui a ideia de vários tipos de dimensões da mente, quando o Homem naturalmente só acede à terceira naturalmente. As outras só com muita imaginação. O tempo passa a assim a ser dotado de propriedade que o permitem ser estudado, mas é a físico-química que prova a sua irreversibilidade pela entropia.

Na mesma época de Einstein, surgiu Freud, que nos dirá que há uma parte de nós que distorce o espaço e não é sujeita a relações temporais, e uma outra parte que assim procede, a parte que está em contacto com a realidade externa: o sistema percepção-consciência. Cria-se uma revolução, que permitiu chegar aos estudos que aqui apresentaremos, que nos referem que vivemos várias e diferentes experiências temporais, podemos até viver fora de qualquer noção de temporalidade, em coexistência não só pacífica mas necessária, porque a angústia de morte é a mais dolorosa consciencialização de todas, ideia em consonância com algumas filosofias. Daqui retiraremos as ideias fundamentais que nos permitiram encontrar uma ordem, para pensar o espaço e o tempo como organizadores mentais a partir do constructo que considera que a mente integra um duplo sistema de funcionar em qualquer das suas manifestações (consciente e inconsciente, com Matte-blanc) em interacção, e que o lugar mental é o negativo da experiência, isto é, a representação, que contém espaço e tempo (Bion) e resulta de uma transformação da experiência emocional da frustração pela ausência. O espaço psíquico confere presença à ausência pelo símbolo: “a ponte sobre o nada” (Amaral Dias).

Apesar da ideia de espaço e o tempo como organizadores da mente ser, de facto, uma ideia antiga e oriunda de outras áreas do saber, ela nunca foi devidamente integrada de modo sistemático nas suas várias teorizações: os autores ou incidem no desenvolvimento, ou incidem nos aspectos vivências (principalmente do tempo), ou incidem na constituição da mente incluindo o espaço e o tempo, e partem dos seus próprios paradigmas teóricos. Os dois capítulos que se seguem contêm esta procura. Em relação ao espaço iremos rever teorias, através das suas diferentes duplicidades: espaço mental como um lugar onde operam dois modos de funcionar (consciente e inconsciente; assimetria-simetria), caracterizando um mundo de âmbito atemporal e aespacial no funcionamento inconsciente, e um mundo limitado e delimitado (espaço), sequenciado (tempo) do modo de funcionar consciente. Procuraremos também evidenciar as relações entre o espaço mental e a realidade, complexas e de natureza virtual, isto é, não actual. Depois exploraremos os paradigmas da transformação através das concepções de Bion e o seu modelo de continente-conteúdo, que ultrapassa a noção de dentro e fora tão utilizada em psicanálise. Finalmente, iremos considerar o espaço como um lugar onde as realizações negativas se processam, onde se elabora a frustração pelo símbolo, e onde o sujeito pode

experienciar a sua angústia no encontro entre o infinito e eterno inconsciente e a sua necessária submissão ao limitado, finito e irreversível consciente. O espaço mental será tratado como o lugar em que os sistemas de relações padronizados da mente são mobilizados.

Sobre o tempo tivemos de o incluir nos dois modos de ser: tempo da vivência e tempo do pensamento, tempo sequencial e tripartido. O tempo da experiência emocional, será considerado o tempo do presente não consciencializado é considerado um motor da vida, lugar o narcisismo vital, onde a imortalidade é possível pela libido, porque nesta força está contida uma contínua actividade que nos mobiliza à ligação e à satisfação, e que assim nos impõe uma mente (um espaço psíquico) para encontrar os modos específicos de o conseguir (pelo símbolo), quando a realidade em si mesma não o permite. Este tempo assume muitas formas de ser experienciado, todas elas necessárias para a mente transformar o sofrimento da sua certeza da morte, mas que pode ser sentida ou ressignificada através de vivências emocionais de desamparo, fragmentação, separação e castração. Referiremos em seguida a base teórica principal que considerará que a mente apreende a experiência do tempo como sendo derivada da percepção da descontinuidade, posteriormente convertida em modelo de relação presença-ausência e assim permitir-nos-á incluir os processos de transformação da mente. Mas como veremos posteriormente, o tempo só pode existir pelo outro, pela relação ao outro. Aqui fundamentámo-nos apenas em três paradigmas teóricos: o da pulsão-objecto de Green, o da intersubjectividade, melhor definido na sua relação ao tempo por Priel e o da dupla temporalidade de Amaral Dias (que se fundamenta em Freud e Bion).

Terminaremos referindo o como é iremos conceber o tempo; como um factor de ligação, que obriga à constituição de um espaço psíquico: um espaço para transformar a ausência de sincronização entre mente e o real esperado ou desejado, ou um espaço para permitir a continuidade e contiguidade, tão necessária aos processos mentais, porque constitui a base do narcisismo, na procura de um mundo sem tensões e conflitos. O tempo será considerada a partir da ligação da mente à realidade, mas que também a retira da espacialização e temporalização. Consideraremos este um momento necessário para estabelecer uma capacidade de relacionar, uma capacidade simbólica, onde a continuidade é permitida, mas de modo virtual, pelo estabelecimento de relação entre as coisas, e lidar com a dor da morte.

Em seguida verificaremos os modos como o espaço e o tempo se vão organizar de modo diferenciado e progressivamente complexo ao longo do desenvolvimento. Como se verá, tivemos necessidade de integrar teorias que se manifestaram incompletas (não subentendem o Édipo, nem a adolescência, por exemplo, essencial à consciencialização e adaptação psicotemporal, ou que simplesmente não coincidiam nas etapas evolutivas espaciais e temporais postuladas. Após esta essencial e difícil integração (iremos realizar pressupostos teóricos cuja formulação deduzimos logicamente e não fundamentada em teorias pré-existentes no estudo do espaço e tempo), conseguimos integrar o espaço e o tempo de um modo diferenciado e sob uma formulação apoiada no modelo continente-conteúdo: o espaço mental é constituído pela dor tempo, para lidar com a dor do tempo.

Em último lugar na parte teórica apresentaremos as inovações que encontramos em todos os teóricos que estudaram o espaço e tempo, inclusive a possibilidade de dotar a psicanálise de modelos comparáveis aos científicos (pela teoria das transformações aplicada à geometria de diferentes dimensões), as transformações da técnica que estes estudos obrigaram os seus autores a realizar, e, por último, os problemas encontrados e a forma como os solucionámos de modo a apoiar teoricamente o objectivo deste trabalho: explorar os modos como o espaço e o tempo são organizadores da mente. Procuraremos uma forma de o demonstrar, que poderemos depois dizer de realizar, manifestar, através da organização espaço-temporal da mente baseada na analogia dimensional. Tendo em conta os estudos que salientaremos, sentiremos necessidade de desenvolver metodologicamente a dimensão de mais difícil concepção, e que mais questionamos a sua existência - a quarta-dimensão de organização espaço-temporal da mente, embora esta explique alguns casos que parecem não encaixar em nenhuma das outras três dimensões.

Ora qualquer forma de manifestação da mente, para ser operacionalizada, tem de implicar um instrumento que permita não apenas conhecer os resultados das transformações mentais, como também encontrar os modos, os processos, os passos dessa transformação. Assim, entramos na parte de âmbito prático, partindo de um paradigma de investigação que considera o sujeito como um sujeito pelo discurso (pensamento) simbólico, interactivo, integrando aspectos internos inconscientes e os aspectos externos que reflectem não só as suas capacidades de representação, mas também o contexto relacional e ambiental em que está envolvido. Assim poderemos

operacionalizar um método clínico amplamente estudado e consolidado nas suas potencialidades de nos revelar o funcionamento mental de um sujeito que queremos conhecer. Este método será utilizado em consonância com o paradigma desenvolvido por Marques o considera: o sujeito em estudo é aquele que tem a potencialidade de se conhecer a si próprios a cada palavra, a cada realização, através do conhecimento possibilitado pela experiência (contexto onde está inserido) e onde, de modo integrado e submetido à simbolização inclui também o outro.

Em seguida estudaremos os modos como o espaço e tempo organizam a mente, integrando diferentes teorias. E iremos perceber como é que o espaço psíquico pode ser constituído pela dor do tempo, e significado e significador pela relação com o outro. Reuniremos as diferentes etapas que os diferentes autores encontram sobre os modos como o espaço e o tempo contribuem para a constituição da mente: do mundo aespacial e atemporal pressuposto, nascemos para o espaço e tempo, e pela relação e sua coordenação e descoordenação temporal vamos ganhando a capacidade de nós próprios resolvermos a angústia do tempo, angústia da morte – e tripartimos o tempo e também o espaço e sob esta tripartição passaremos a interpretar, conhecer e realizarmo-nos no mundo. Estas etapas estão faseadas nos momentos que iremos designar: adimensional; unidimensional, bidimensional e tridimensional. Para as explorar tivemos contudo de encontrar qualidades psíquicas e assim converter o modo como a mente se organiza espaço-temporalmente em termos teóricos, no método de Rorschach. Estas qualidades serão tomadas a nível exploratório, o modo exploratório como procuraremos verificar nas resposta-processo-Rorschach as dimensões da mente. Mas iremos depararmo-nos com processos mentais que não são facilmente inscritos nestes modos e, desta forma, caracterizámos uma quarta-dimensão da mente e estudaremos um protocolo em que esta dimensionalidade predomina.

# 1. CONTRIBUIÇÕES DO ESPAÇO PARA A ORGANIZAÇÃO DA MENTE

## 1.1. O ESPAÇO E O ESPAÇO PSÍQUICO

A origem da palavra espaço é latina; “*spatium*” > “*spatiu*” > *espaço* (desde o século XIV). *Spatium* em latim também significava: pista de corridas, arena, praça, avenida, curso de astros; extensão, distância, intervalo, espaço de tempo, demora, dilatação. (António Tavares Louro, 2005)<sup>1</sup>. Segue-se uma revisão de definições de vários dicionários sobre o termo espaço:

1. Extensão indefinida; lugar mais ou menos delimitado, cuja área (maior ou menor) pode conter alguma coisa; Área;
2. Distância entre dois pontos de um modo mais amplo que um segmento de recta, visto que a palavra espaço pode compreender três dimensões.
3. Vácuo situado além da atmosfera da Terra, onde se encontram todos os corpos celestes do Universo;
4. Lugar; recinto, dependência;
5. Capacidade de um lugar; lotação
6. Duração; intervalo; Porção de tempo entre dois limites, prazo;
7. Adiamento, prorrogação;
8. Filosofia - Meio homogéneo e indefinido no qual se admite que estejam situados os objectos sensíveis. Pode ser definido pela mútua exterioridade das partes.
9. Música (pauta) – intervalos de linhas
10. Mecânica - trajectória descrita por um ponto em movimento;

Quer pelos dicionários, quer pela origem da palavra, verifica-se que espaço compreende múltiplas definições: espaço de delimitação; espaço de contenção de

---

<sup>1</sup> Resposta dada pelo Dr. António Tavares Louro num site de dúvidas da Língua Portuguesa (Internet), [www.ciberduvidas.pt](http://www.ciberduvidas.pt).

algo e também o seu contrário, isto é, espaço de ausência de algo; espaço de separação; espaço de nomeação e caracterização (espaço tomado como substantivo), espaço quantitativo e ainda espaço associado ao tempo (espaço de duração, intervalos ou adiamento temporal). De uma outra forma; o espaço ora é a distância que separa as coisas, ora é a noção que aproxima as coisas porque as agrega numa definição, pois espaço é também uma área onde se agrega determinados elementos e que por essa agregação se define. Não diz respeito apenas a uma área delimitada de elementos materiais, pois há espaços que podem ser definidos pelo lugar de ausência de algo, “espaço vazio”. Espaço não se refere apenas a lugar material ou um lugar que contém corpos. Refere-se também a lugares não materiais, também eles delimitados ou definindo uma determinada relação ou várias. O melhor exemplo são os diferentes espaços uni, bi ou tridimensionais onde o que os define é o tipo de relações matemáticas (geométricas) que se podem estabelecer e que iremos tentar operacionalizar como diferentes modos de organizar a experiência. O espaço euclidiano é o espaço que permite estabelecer relações lógicas que caracterizam os objectos a três dimensões (ou menores dimensões). Com Descartes surgiu a geometria analítica em que os espaços passam a ser representados num gráfico, onde um ponto é uma coordenada, uma linha uma equação. Mas só no início do séc. XX são concebidas geometrias não-euclidianas (Gauss). Portanto em geometria é o sistema de relações que caracteriza o espaço. Esta é a ideia principal de Poincaré que tanto influenciou Bion e Matte-Blanco, autores fundamentais neste trabalho.

A psicanálise não se tem preocupado muito em definir espaço e tempo, porque todos ou quase todos consideram a teoria kantiana satisfatória e suficiente, embora alguns psicanalistas considerem que Kant errou (ver posteriormente). Kant (1871) considerava que espaço e tempo são formações que não têm a ver com a “coisa em si mesma”; pertencem ao mundo das aparências e são totalmente subjectivos. São intuições apriorísticas, isto é não são resultado da experiência, nem da estimulação sensorial. Emergem como resultado da ordenação pelo consciente do mundo externo (Anzieu, 2000). São enquadramentos (*frames*, no original inglês) através dos quais as actividades conscientes encerram o mundo externo. É nas ciências ou mesmo em alguma filosofia moderna (segundo Matte-Blanco, 1975), que espaço se encontra intimamente ligado à existência de objectos. Como espaço é uma noção considerada muito mais estável e concreta que a noção de tempo (conforme

crítica de Matte-Blanco em 1988 à psicanálise), mereceu menor atenção do que o tempo no estudo da mente. No entanto, a sua importância é grande.

A psicanálise tem, contudo, definido outros espaços, tantos espaços quantas áreas de relações sistemáticas, padronizáveis e regulares se possam encontrar, com significado para a sua disciplina. É habitual utilizar o termo espaço quer enquanto área ou local (o *setting*, o espaço psíquico, por exemplo), quer enquanto uma das dimensões do espaço (o espaço dual correspondente a um espaço de relação bidimensional), ou mesmo enquanto fronteira (a pele psíquica, conceito criado por Anzieu, o espaço *borderland*, (conceito criado por Amaral Dias em 2004, p.e.), ou ainda um lugar vazio (o Nada de Grotstein ou o Buraco Negro, de onde a mente emerge). O espaço também pode ser utilizado em psicanálise como substantivo próprio (espaço da mente ou o lugar do Ego, Id e Super-ego, criado na perspectiva topológica de Freud), ou para facilitar compreensão da teoria (por exemplo uma expressão: “não há espaço para o terceiro”, enquanto lugar do pai), ou ainda o espaço tal como é vivido pelo paciente de que se fala (“a agressividade aproxima os objectos do sujeito”, referido por Schilder em 1935, p.e). Espaço também pode ser tomado como lugar infinito (o problema do medo do abismo, em algumas fobias), ou finito (a vivência claustrofóbica, em que o fim do espaço da vivência está demasiado próximo, por exemplo). É por vezes claramente definido (o *setting*), outras obscuro (o espaço da transferência, onde o analista determina em que lugar de referência está o paciente).

Quando se pretende pensar a mente enquanto espaço, designa-se espaço psíquico ou interno. Este é um espaço onde determinadas actividades têm lugar, e onde se encontram determinados componentes, de natureza virtual. A palavra virtual é importante. Segundo os dicionários mais comuns: “Que existe potencialmente e não em acção”, “Susceptível de se realizar ou de se exercer”, “possível”, “analógico”; “potencial”, e em física é a “imagem formada num espelho ou lente, não pelos raios reflectidos, mas pelo prolongamento destes” ou ainda “o virtual não se opõe ao real, mas sim ao actual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objecto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a actualização.” (Pierre Lévy, 1996, “O que é o virtual”, in Wikipedia e Priberam). Conforme iremos ver, esta

definição é apropriada, na medida em que é um complexo não actual, não oposto ao real, mas que solicita uma actualização”.

A teoria psicanalítica começou por conceber uma mente através de dimensões espaciais “virtuais”, ou seja, evocando características espaciais como metáforas da mente, bem como os seus processos. Também Freud salientava que era uma mera representação: “...retrataremos o aparelho psíquico como um instrumento composto e a cujos componentes daremos o nome de “instâncias”, ou (em prol de uma clareza maior) “sistemas”. Pode-se prever, em seguida, que esses sistemas talvez mantenham entre si uma relação espacial constante, do mesmo modo que os vários sistemas de lentes de um telescópio se dispõem uns atrás dos outros. A rigor, não há necessidade da hipótese de que os sistemas psíquicos realmente se disponham numa ordem *espacial*. Bastaria que uma ordem fixa fosse estabelecida pelo facto de, num determinado processo psíquico, a excitação atravessar os sistemas numa dada sequência *temporal*.” Freud in “Regressão” (A Interpretação dos Sonhos, 1900). Portanto, a propriedade espacial é uma forma facilitadora da explicação da mente. Em “O Ego e o Id” (1923) Freud chega mesmo a explicar que “a forma escolhida não tem pretensões a qualquer aplicabilidade especial, mas simplesmente se destina a servir os fins de exposição” (Análise Leiga, 1926).

Para Matte-blanco (1975) Freud considerava a mente um conjunto de processos e não como tendo “entidades” e recorre a representações espaciais gráficas (“O Ego e o Id” (1923)), de algum modo personificadas (Laplanche & Pontalis, 1990), como por exemplo o Ego como Cavaleiro, para efeitos de compreensão. A psicanálise começou por utilizar características espaciais sem pensar no espaço em si mesmo e sua relação com a mente.

A mente tal como é descrita na segunda tópica, é analisada por Green (2000), através das características espaciais. Segundo este autor actual, o espaço do Ego é o espaço de ligação entre representações e os seus correlatos energéticos, que permite a elaboração dos impulsos. Para Green (2000, 2005), o Ego é o espaço oposto ao do Id. Mas o Ego é ultrapassado pelo espaço dos valores culturais, na medida em que sublimar a agressividade (dotar a agressividade de expressões socialmente aceitáveis) pertence ao espaço dos valores culturais, fixados pela tradição - o Super-Ego - que inclui sempre a relação ao outro. O Super-ego é o mais complexo dos espaços, pois pode quer perseguir, quer proteger; é impessoal e ultrapassa as fronteiras do indivíduo.

Ainda no tempo de Freud, e em acordo com este, o tempo, e também o espaço, começam a ser estudados pela vivência espacial e temporal de alguns pacientes, cujos estados alterados de consciência (Marie Bonaparte, 1940 e outros), características dos processos de funcionamento psicóticos, são equiparadas aos processos do sonho. Ora no sonho imperam as características apontadas por Freud do processo primário, em que o tempo é ausente, e o espaço é distorcido (manipulado, modificado, segundo correção de Varvin, 1997). Ora é precisamente este lugar de vivência espaço-temporal ilógica ou estranha, que irá desencadear até hoje muito estudos sobre o espaço e o tempo e algumas concepções fundamentais para este trabalho.

A teoria kleiniana, contemporânea e posterior a Freud, define uma mente composta por objectos internos cuja relação entre si é determinada pelo amor e ódio que pode reunir (integrar) ou separar/dispersar (expulsar da área), respectivamente, sob a influência dos instintos de vida ou morte. A espacialidade evidenciada nesta teoria já não utiliza características espaciais (embora o termo parcial e total sejam “muito” espaciais) para conceber a mente. Passa a ser importante descrever o que compõe o mundo interno, que deixa de ser apenas dotado de intencionalidade pulsional e relação à realidade. O que passa a ser importante é a interação dentro-fora, sujeito-objecto. Esta concepção, juntamente com a de Freud, irá abrir caminho pensar o sujeito e objecto como objectos inter-mutantes, cuja relação internalizada, determina o espaço mental. O tempo passa a ser afirmado como o do presente (Bion e posteriores), e que irá desenvolver actualmente uma perspectiva intersubjectiva.

No capítulo seguinte tratar-se-á de rever teoricamente qual a contribuição da noção de espaço para a vida mental, para o espaço psíquico. A contribuição que o tempo dá para a vida mental será dada logo depois, porque assume qualidades diferentes e peculiares. No entanto o tempo é indissociável de espaço e está sempre presente quando se utiliza o conceito de espaço, e por isso será aqui referido sempre que necessário.

## **1.2. A DUALIDADE CONSCIENTE-INCONSCIENTE**

A psicanálise começou por estudar a mente através do espaço e tempo, embora de forma não explícita. Aliás como vimos, estas características surgiram para diferenciar a mente em dois processos de funcionar: um espaço caótico e sem dimensões (sistema inconsciente de funcionamento) e um outro totalmente espaço-temporalizado (sistema percepção-consciência). Através de Matte-blanco, nas suas duas obras (1975 e 1988) e Bion (vários) e ainda com ajuda de outros autores, é possível compreender como é que o espaço (e tempo) são organizadores da mente. O resultado implica tratar a mente como o lugar mental espaço-temporalizado – enquanto resultante das operações do Ego, processo secundário, etc.. Matte-Blanco recuperando e inscrevendo as suas concepções em Freud (e mais silenciosamente Bion), esclarece-as e amplia-as (pela matemática e filosofia). Com Matte-Blanco o espaço mental é dotado de características que permitem compreender muito bem os processos mentais, principalmente os inconsciente. Vejamos, o espaço, segundo a noção preferida de Matte-Blanco (1975, 1988), é uma concepção, fundamentando-se em ideias kantianas, e é um lugar onde coisas se relacionam. Para ele o inconsciente não é caótico pois no inconsciente também existem modos de relação entre coisas, não são é modos compatíveis com a lógica clássica, aristotélica.

### **1.2.1. DA DUALIDADE CONSCIENTE-INCONSCIENTE A SIMETRIA-ASSIMETRIA**

A principal preocupação de Matte-Blanco em 1975 é a de por ordem na desordem dos fenómenos mentais mais profundos, originados no inconsciente, dotando-os de uma outra lógica, que não a lógica aristotélica. Esta última, como já referido é aquela que se baseia na geometria euclidiana, ou seja, num espaço a 3 dimensões. O processo primário não é irracional, nem destituído de lógica, porque através do princípio de simetria matemático podemos percebê-lo. Em um dos

processos lógicos (consciente e inconsciente) ele encontra um determinado modo do ser, onde predomina mais uma lógica do que outra. Mas estes modos nunca são absolutos pois estão sempre em interação, com maior ou menor grau.

Um dos modos de ser é o simétrico, regido pelas leis de funcionamento do sistema inconsciente, do processo primário (Freud, 1915): ausência de contradição e conseqüente ausência de negação; ausência de tempo ou sem referência ao tempo, e por isso, nem ordenação nem alteração temporal, e por último a substituição da realidade externa pela realidade psíquica. Estas características são associadas a dois princípios (interdependentes): Princípio da Generalização e Princípio da Simetria. O princípio da generalização implica que *o todo é igual à parte e a parte é igual ao todo*. Dele deriva o deslocamento, na medida em que um outro objecto, ao qual são atribuídas qualidades do sujeito, passa a funcionar na totalidade de acordo com estas características. *A substituição da realidade física pela realidade psíquica* trata o dentro e o fora como igual e portanto, deriva da generalização.

Um conjunto é uma colecção e/ou agregação de elementos que são passíveis de ser ligados entre si por uma ou mais características, e é essa ligação que caracteriza a sua própria agregação. Um conjunto pode conter vários subconjuntos sobre os quais existe igualmente pelo menos uma característica comum que o pode caracterizar, por exemplo: uma biblioteca pode ser um conjunto de livros, mas cada livro pode ser um subconjunto de capítulos, que por sua vez pode ser um conjunto de subconjunto de parágrafos, frases, palavras, letras, representantes de fonéticos, etc., sendo que o primeiro conjunto do exemplo é mais geral que o último. Quando é aplicado o princípio de generalização, uma letra pode ser tratada como sendo igual a um livro e o mesmo para o inverso (princípio de simetria). Este mecanismo é sobejamente utilizado nos sonhos.

O *princípio de simetria* implica a *não existência de inversão* nem de contradição, ou seja, “1” e “-1” ou “Homem” e “mulher”, “pedra” ou “animal” são tratados como iguais, porque toda a relação inversa é tratada como sendo idêntica, pelo que *não pode existir sucessão, ordenação serial*, e por isso, não há tempo. A parte é idêntica (generalização) ao todo e por isso idêntica a qualquer outra parte. O todo está contido na parte, pelo que *não podem existir relações de contiguidade* entre as partes de um todo. Aplicando este princípio, basta que ambos os elementos pertençam à mesma classe para serem tratados como iguais e por isso serem intermutáveis. *A não existência de contradição* implica que estar morto seja idêntico

a estar vivo, pois podem ser tratados como sendo subconjuntos de um conjunto mais abrangente cuja função proposicional inclua todas as possibilidades acerca da vida (exemplo do autor).

Todos estes aspectos parecem caóticos à modalidade de ser assimétrica, característica do funcionamento do consciente e do processo secundário. Para o consciente a lógica simétrica é estranha. A consciência ou modo assimétrico desenvolve-se no tempo e na separação entre os vários conteúdos: a consciência é espaço-temporal. O processo de tomada de consciência pode ser considerado como uma luz que ilumina algo que já lá estava. Esta ideia tanto serve para o conhecimento científico ou o simples acto de conhecer, como também para o levantamento do recalcado, que é quando se toma consciência de se ter tomado consciência. Se a consciência quiser mergulhar no oceano simétrico, a única coisa que pode fazer é “tirar bocados” e dar-lhe uma aparência assimétrica (misturando-as). Da mesma forma, quando a parte simétrica segue caminho para o consciente, vai rebentar com a assimetria consciente, pois a consciência só pode conter pedaços simétricos “assimetrizados”. O mais que é possível realizar é a entrada sucessiva, uma após a outra, de dimensões infinitas na consciência. É que, pela sua própria natureza, o consciente, quando pretende funcionar na totalidade, não pode focar mais de uma coisa simultaneamente. Por isso tem necessidade de separar, diferenciar uma coisa da seguinte, ou seja, espacializar e temporalizar. Esta também está implícita na definição de pensar. Para o pensamento abarcar um conjunto infinito (classe) simétrico, realiza operações matematizáveis: a focalização nos limites (delimitação) ou definição da classe (nome que caracteriza a relação ou relações) ou ainda, concentrando-se nos elementos que o formam, um a um, isto é, observando sequencialmente cada elemento que compõem a classe. Quando se delimita uma classe ou conjunto procede-se analiticamente, definindo cada uma das variáveis (uma a uma) da função proposicional (a fórmula que contém a relação constante entre eles). A própria qualidade do pensar é um processo sequencial, algo que implica que uma coisa se siga à outra e, como tal, implica a existência de relações assimétricas.

Com Bion o pensamento ganha qualidades de vinculação, mas apenas no símbolo que o pensar contém, ideia que veremos posteriormente. Mas para Matte-Blanco, o pensamento é modo puro de assimetria. Mais, ele considera que assimetrizar pode ser visto como uma forma de agressividade porque é necessário um desligar/separar constante. No ódio existe um princípio de movimento

(assimetria) enquanto que no amor (princípio de simetria) existe um funcionamento estático, uma profunda paz simétrica. O espaço e o tempo são expressões de agressividade, pois implicam separação, conflito, etc..

Existe uma incompatibilidade humana entre a sua tendência generalizadora e a tendência particularizadora e restritiva (atividade do consciente) que leva ao pensamento preciso. A própria designação “Princípio de Simetria” implica uma assimetria da simetria, pois estamos a tomar conhecimento de um processo, ao dar-lhe nome e caracterização. A classe/conjunto pode ser considerada “uma porção da modalidade simétrica envolvida por uma camada ou pele de assimetria. E conforme o inconsciente vai lidando com várias classes, podemos dizer que existem tantos conjuntos de simetria envolvidos por camadas finas de assimetria (nome, categorização, etc.) quantas classes no nosso inconsciente. Esta camada envolvente de assimetria pode ter maior ou menor espessura num determinado “produto mental”, consoante existir menor ou maior funcionamento assimétrico, respectivamente.

O modo simétrico de ser é a base colossal da qual emerge a consciência, um oceano desconhecido e incognoscível. Mas quando o indivíduo nasce, marca-se o nascimento do espaço, do tempo e da individualidade. Esta individualidade caracteriza-se pela forma como esta inter-relação se processa e há inúmeras formas de inter-relação entre ambas, uma vez que a proporção entre as relações simétricas e assimétricas num determinado produto mental podem variar infinitamente: a relação entre a modalidade simétrica e a assimétrica de ser é aquilo que determina cada fenómeno mental, cada pessoa, etc.. Uma é indissociável da outra e, portanto há uma inter-relação constante entre ambas. Na actividade clínica e em qualquer fenómeno humano, é possível encontrar uma permanente mistura de ambos os sistemas: simétrico e assimétrico. À constante interligação entre as duas lógicas ele denomina de Bi-lógica.

Mas é da simetria que surge o atributo especial da humanidade que permite olhar o infinito e tentar descrevê-lo, assim como as sensações, que são experiências primárias e como tal indescritíveis. O modo simétrico de ser *é*; enquanto o modo assimétrico de ser *acontece*. O modo simétrico é *numenal* (vive as coisas, é a coisa-em-si) e o assimétrico *fenomenal* (pensa os acontecimentos que ocorrem no espaço e tempo). O mundo *fenomenal*, conceptualizado por Kant, diz-nos que só acedemos a fenómenos e não ao *númeno*. O *númeno* é a coisa-em-si-mesma, o elemento beta, o

concreto; resumindo tudo aquilo que é sem ser pensado nem submetido a uma linguagem, nem à narrativa.

### **1.2.2. A BI-LÓGICA E OS DOIS MODOS DE SER: INDIVISÍVEL E HETEROGÉNEO**

Em 1988, Matte-Blanco acrescenta outras formas de nomeação ao processo simétrico e assimétrico: modo indivisível e modo heterogéneo. Como “todos os processos de pensamento têm uma certa estrutura, isto é, são conjuntos que contêm várias relações entre os seus componentes”, ele preocupa-se em definir diferentes níveis estruturais e estratificados desta interacção. Um deles, que ele designa de *Tridim*, caracteriza as operações de condensação, deslocamento, etc., tendo assim marcas distintivas do processo primário. Esta estrutura é uma manifestação directa do modo assimétrico, mas implica sempre o modo simétrico (ou indivisível), que se manifesta de forma dissimulada. É também característico dos sonhos. Por outro lado, há também uma estratificação, isto é, níveis diferenciados de profundidade nas estruturas bi-lógicas. Como já referido, o oceano profundo simétrico, do qual todos nós emergimos, é submetido a uma assimetria de modo a poder ser contido pela mente tridimensional em que nós nos baseamos para pensar, falar, etc.. O primeiro nível, o primeiro estrato, está subdividido em dois níveis. É o estrato do nível consciente e dos objectos claramente delimitados. Pode referir-se quer a objectos concretos quer a ideias abstractas. Este é o nível do pensamento e percepção assimétricas, onde predomina a lógica simétrica, aristotélica. No segundo nível há uma exploração das relações entre objectos concretos e outros objectos, suas semelhanças e diferenças. O segundo estrato “é o estrato das emoções mais ou menos conscientes”. As emoções são tratadas por Matte-Blanco como estruturas bi-lógicas na medida em que são o primeiro estrato onde a simetria tem lugar. Ele salienta contudo que estas emoções são emoções claramente definidas e delimitadas ao nível consciente. Exemplo de Matte-Blanco: “esta pessoa é como um tigre” sendo que normalmente a pessoa não sente a outra a que se está a referir como um tigre.

Caminhando para maior profundidade, o que equivale a dizer maior simetria, surge o terceiro estrato, que é o estrato da simetria da classe. Ou seja, as coisas da mesma classe são tratadas como iguais em todas as suas propriedades. Matte-

blanco dá como exemplo a parte tornada o todo (seio-mãe) e a clivagem (parte torna tudo mau ou bom). Neste estrato a intensidade tende para o infinito. Devido a esta identificação do individual à classe, o individual ganha todas as potencialidades dessa classe e o infinito pode surgir exponencialmente. Neste nível não há sentimento de temporalidade, pois se tudo é tudo (da mesma classe) não há sequenciação. No quarto estrato passa-se o mesmo que no terceiro, mas a classe adquire maior abrangência, isto é, é equiparada a classes maiores. O exemplo de Matte-blanco é a confusão entre géneros ou a confusão entre gerações: ser um homem é igual a ser uma mulher ou uma criança. Para Matte-Blanco o esquizofrénico sente-se bem neste estrato, porque neste estrato é perdida a intensidade e agressividade, características assimétricas por natureza. Isto é, o processo de abrangência é tal que é fácil não encontrar conflito, não encontrar contradição e tornar a realidade interna igual à externa. Este estrato tende para o último nível do estrato, onde não há nenhuma relação assimétrica; o individuo está em tudo e em todos, é o limite matemático do indivisível, e logo, o que há é uma serenidade nirvânica, tal como se apresenta no final do livro *Siddharta* de Herman Hesse (1922). Ou algo semelhante ao ponto *Aleph* de um dos contos de Jorge Luís Borges:

“Na parte inferior do degrau, à direita, vi uma pequena esfera de quase intolerável fulgor. Ao princípio pensei que fosse giratória; logo compreendi que esse movimento era uma ilusão produzida pelos vertiginosos espectáculos que encerrava. O diâmetro do Aleph seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava aí, sem diminuição de tamanho. Cada coisa (a lua do espelho, digamos) era infinitas coisas, porque eu claramente a via de todos os pontos do universo. Vi o populoso mar, vi a aurora e a tarde, vi as multidões da América, vi uma prateada teia de aranha no centro de uma negra pirâmide, vi um labirinto roto ...” in *Ficções*, Jorge Luís Borges .

Mas todos os estratos estão presentes nos estratos mais superficiais. Os estratos mais profundos proporcionam uma outra forma de conhecimento, não acessível nos níveis mais superficiais. Para ele a matemática do cálculo infinitesimal, é uma demonstração do quanto existe em todos nós uma parte indivisível, que abrange a natureza. E sem essa parte, não se podia conhecer a natureza, nem a própria estrutura psíquica, que na sua essência é indivisível. Para ele, são estruturas bi-lógicas o infinito matemático, a identificação projectiva, os objectos transicionais, o objecto bizarro e essencialmente as emoções. A imaginação é uma fantasia consciente, uma fantasia assimetrizada.

O autor salienta ainda que aquilo que distingue os dois modos de ser, simétrico e assimétrico, tratados em 1988 como indivisível e heterogéneo, é a simetriação no primeiro e a espaço-temporalização no segundo, pois é um lugar

tridimensionalizado por excelência. O inconsciente é para ele o lugar das duas lógicas e por isso também de antinomias. A abstracção e generalização são uma “forma de co-operação entre os dois modos, incompatíveis entre si, cada um ignorando o outro embora permanecendo solitários”. Vejamos o exemplo de Matte-Blanco de alguém que diz: “eu sou das ilhas britânicas”. No modo simétrico este alguém de quem se fala seria todas as ilhas, todas as pessoas, todos os sexos e idades, todos os objectos naturais ou culturais dessas ilhas, e seria assim que seria visto pelo modo assimétrico. A impossibilidade disto é evidente, no entanto é possível se nós contivermos o processo de simetrização, ou seja, se aplicássemos este princípio a apenas uma parte, a da identidade associada a determinada localização geográfica. Porque quanto maior a classe a que o princípio é aplicado maior o número de identidades radicais que são encontradas. Para Matte-blanco, quanto mais se sabe e entende, mais complexa e incompreensível a realidade em estudo se torna, porque mais nos aproximamos do mundo misterioso e assustador da indivisibilidade.

Matte-blanco considera que a sensação, a emoção e o inconsciente são estruturas de natureza bi-lógica; mas que podem seguir para ambos os modos de ser. Aliás o autor considera que não existe distinção entre emoção e inconsciente. Matte-blanco comenta que uma vez conhecendo estas características do funcionamento humano, não é possível deixar de ficar surpreso com o facto de nós pensarmos que vivemos como se este tivesse uma lógica única e indivisível, sem distinção entre factos ou coisas. Um outro fenómeno consequente da sua teoria é a omnipresença de processos ilógicos que de forma dissimulada invadem a mente e não a fazem entrar em conflito. Para ele, são constantes as rupturas da lógicas, ou as invasões de unidade e indivisibilidade no dia-a-dia, em todos os aspectos da humanidade.

O inconsciente é um estrutura bi-lógica e ainda o lugar das antinomias. Antinomia é a incompatibilidade entre duas afirmações que podem reivindicar igual direito de serem verdadeiras, mutuamente intolerantes e incapazes de existirem ao mesmo tempo no sujeito. Ele encontra várias antinomias em Freud, e na própria psicanálise, principalmente com o conceito de projecção e identificação projectiva. Estas antinomias são contudo essenciais à vida. Por exemplo; a identificação, pela sua própria natureza, implica um processo de simetrização e como tal há uma indiferenciação entre sujeito e objecto. Mesmo que a sua qualidade possa ser diferenciada – por assimetização – há sempre um estrato inconsciente em que é

tornada igual, independentemente da espessura da camada assimétrica que a envolva. No mecanismo de identificação ao sintoma (mecanismo das neuroses histéricas descrito por Freud) está implícita uma duplicidade: ser a mãe/pai e ao mesmo tempo ser o próprio. Há quem defenda a diferenciação: *ser como* ou *ser o* (Amaral Dias, 1998). Mas esta diferenciação seria uma questão tridimensionalizada e portanto assimetrizada. No inconsciente profundo *ser como* e *ser o* seria sempre tratado de modo igual. Pertenceria à capacidade de tridimensionalização do sujeito aceder ao *ser como*, embora sua origem profunda fosse *ser o*. O conceito de projecção sofre do mesmo problema: sabemos que para que a projecção exista é necessário que partes internas do próprio sejam colocadas externamente. Mas também implica que o externo passe a possuir qualidades do próprio, pelo que num dado nível de profundidade simétrica, interno e externo são tratados como o mesmo. No entanto o sujeito funciona como se aquilo que é projectado não lhe pertencesse, o que implica alguma assimetria, que é assim devida a uma tentativa de libertação da dor. Assim sendo, o conceito de projecção na mente é assim um outro conceito antinómico. O mesmo se passa na identificação projectiva.

Sem funcionamento assimétrico, não há linguagem nem pensamento, nem vida mental, embora Matte-blanc considere sempre que os processos de simetriação são uma forma de conhecimento com a mesma importância que a lógica científica (baseada na lógica aristotélica). Por exemplo através das emoções podemos conhecer características ou padrões funcionais de uma outra pessoa. Mas as emoções têm uma tendência simetrizadora podendo, potencialmente, ir até ao infinito (ou à indivisibilidade) e assim podem ser sentidas como invasivas e ameaçadoras. Portanto após o mergulho é necessária a assimetriação da experiência; e aqui encontra-se o convite mais importante do Rorschach.

O pensamento é o modo de funcionamento heterogéneo por excelência, ou melhor, o mais puro em heterogenia. Pelo contrário, a emoção está saturada do modo indivisível de ser. Há um abismo antinómico entre as duas. Mas este abismo está bem enraizado na mente humana e está totalmente imbricado na sua constituição. Muitos poemas, principalmente os modernos, se referem a que “sinto apenas” (Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, que é uma ótima leitura para a compreensão das antinomias, principalmente se o pusermos a “dialogar” com Alberto Caeiro), ou a ideia: “se sinto não penso, se penso não sinto”. Matte-blanc (1988) dá um exemplo

para a antinomia entre pensamento e emoção: a famosa frase de Pascal: “O coração tem razões que a razão desconhece”. Esta é também uma metáfora: o termo razão está a ser usado em duas lógicas diferentes.

Resta ainda referir que para Matte-Blanco a patologia não se vê na agressividade, nem na fantasia inconsciente, pois todos dela partilhamos e necessitamos para pensar e falar. A patologia é verificada a partir da forma como os vários níveis de relação simetria-assimetria se organizam.

### **1.2.3. O SISTEMA CONSCIENTE É ORGANIZADO E LIMITADO ESPÁCIO-TEMPORALMENTE**

O sistema consciente ou percepção-consciência pela sua ligação sensorial ao mundo externo é definido por Freud como o sistema que recebe informações do exterior e interior. Este é o sistema que operacionaliza as funções percepto-cognitivo-motoras do Ego, o que inclui percepção pensamento, juízo crítico, evocação, antecipação, conhecimento, actividade motora. Sigminton (2002) chega ao ponto de referir, baseando-se em Bion que, quando dizemos que um processo é inconsciente, estamos no fundo a dizer que ele ocorre fora do âmbito espacial e temporal, mas que se manifesta no mundo espaço-temporal (é que manifestação é característica do sistema consciente). Esta manifestação do inconsciente será abordada através da teoria de Matte-Blanco que considera que o inconsciente é multidimensional (subcapítulo seguinte).

A consciência é espaço-temporal por natureza. Aqui, se considerarmos uma barreira entre sistema consciente e o sistema inconsciente, verificamos que só entra no consciente uma coisa de cada vez, pelo que tudo é sequencial (e portanto temporalizado) e irreversível. Além disso, todas as coisas são diferentes entre si, tal como estamos habituados a associar ao pensamento científico, podendo os seus conteúdos serem representados graficamente (espacialmente). No consciente os objectos são apreendidos através de características (estabelecimentos de relação) comuns, mas que se sabe serem objectos diferentes. As fronteiras são claramente delineadas. Aqui, a soma das partes é diferente do todo.

Matte-blanco refere que este processo (processo assimétrico) limita a experiência. A única forma de construir leis ou princípios sob os quais o universo se

rege é através da atribuição de nome, classe, onde as mesmas relações são encontradas, mas nunca os mesmos objectos. Porém, deste modo não se abarca o infinito. Mais, há todo um mundo da vivência, mundo que tem uma natureza emocional e vivencial, que fica de fora. E portanto, sempre que procedemos assimetricamente, racionalmente, logicamente, estamos a limitar um mundo vivencial, experiencial, etc.

Bion, utilizando directamente os conceitos de espaço e tempo para se referir ao espaço da presença-ausência, também recorre à geometria (1967). Em *Atenção e Interpretação* (1970) ele refere até que a geometria euclidiana deveria ser substituída actualmente pela geometria multidimensional algébrica. Esta última, que caracteriza objectos multidimensionais ou n-dimensionais, começou a ser desenvolvida nos fins do século XIX, mas foi principalmente com a teoria da relatividade, que foi possível caracterizar a quarta dimensão, e seguintes dimensões. Curiosamente podemos afirmar que a dificuldade em compreender a lógica inconsciente é equivalente à dificuldade humana em aceder a dimensões superiores à terceira. É que a nossa mente interpreta a realidade exterior em três dimensões, embora a retina receba informação a duas dimensões. É o processo interpretativo que “converte” a informação a três dimensões, baseando-se em sombras, perspectiva, sobreposição, etc., (retirado de wikipedia, 2009). Por isso é necessário um nível elevado de abstracção e de imaginação para aceder a um mundo n-dimensional.

Bion na mesma obra diz ainda que o espaço mental, por comparação a qualquer realização no espaço tridimensional, é muito vasto e o sujeito que o experimenta, perde a sua capacidade de emoção, perdido que está nessa imensidão onde tudo é tudo. O conceito de realização pela sua implicação espaço-temporal será abordado em separado e posteriormente, mas ele está implicado na ideia de Bion de limitação do processo consciente. A realização acontece quando uma pré-concepção (uma expectativa vazia) entra em contacto com uma realidade correspondente que assim a define – concepção. Quando não há tomada de contacto, gera-se um conceito, na medida em que a não presença dessa realidade irá desencadear frustração e a mente vê-se obrigada a resolvê-la (quando pode) transformando-a em símbolo, em virtual. Portanto todas as pré-concepções procuram realização, isto é, procuram uma forma de manifestação; quer seja no encontro com a realidade correspondente ou na mente pela representação. Bion está sempre a recorrer a este conceito (realização) para a mente humana, para os seus modelos teóricos, aliás para

tudo. Por exemplo substituindo pré-concepção por fome, e concepção por satisfação pelo acto de mamar no momento em que acontece, temos um exemplo de *realização* de uma realização positiva. Realizar uma imagem mental pode ser desenhá-la num papel. Denote-se que a realização implica sempre uma concretização ou inscrição espaço-temporal, quer seja na mente, quer seja no contacto com a realidade. Segue-se a forma como Bion explica a noção de realização, o que só pode ser feito de modo muito abstracto, que é o que ele faz quando explica a limitação do processo secundário.

O plano projectivo é, para Bion, uma geometria muito útil para estudar objectos a partir de um dado ponto de vista, porque é um plano geométrico projectado numa superfície. É como se um objecto geométrico fosse colocado à frente do espelho, mas aquilo que se vê deriva da sua posição em frente ao espelho. Nós só acedemos à imagem que está no espelho (uma representação do objecto), o objecto em si é inacessível. Diferentes pontos de vista, determinam uma mudança de posição no reflexo. Ora o interior da mente não poderia ser projectado pois não é possível fazer conter o infinito numa área limitada. Como para Bion a geometria euclidiana “é uma forma intrapsíquica de dar uma experiência (realizar) ao espaço onde um sentimento, uma emoção ou outra experiência mental esteve”, realizar é totalmente equiparado por ele a tridimensionalizar e temporalizar (a componente do tempo será explicada posteriormente).

Desta geometria ele considera a ideia de ponto (.), enquanto posição, isto é, para designar o lugar onde alguma coisa pode estar (o que é diferente da não-coisa), o lugar que algum objecto (conjunção constante) pode ocupar. Contudo este lugar nunca é estático e para evitar associá-lo a um movimento (temporalidade) ele acrescenta ao ponto o símbolo de “—“ (recta), para se referir ao uso ou à função do ponto ou, de outra forma, ao lugar para onde o ponto está a ir. O espaço do ponto não tem dimensão, mas tem a potencialidade de se transformar em todas as dimensões (no exemplo de Bion, semente é um ponto tomado como pré-concepção de desenvolvimento, e a recta seria por exemplo uma árvore tridimensional, com infinitas formas possíveis). A linha pode ser concebida como a forma pela qual o ponto se manifesta, e manifestação em Bion é “realização” e por isso tridimensional, ou ainda, espaço-temporal.

No âmbito das imagens visuais mentais tudo é possível e assim todas as rectas se podem fazer atravessar nesse ponto, de modo infinito e por consequência *ad*

*eternum*. Mas, se procurássemos a sua representação, por exemplo num papel, tal não seria possível, o que implica que só um número restrito de linhas poderia atravessar o ponto. Desta forma se compreende que através da função alfa a realidade é restringida. É de não esquecer que o espaço mental é o lugar das coisas-em-si (elementos beta), incognoscível, mas que podem ser representadas por pensamentos verbais. Mas ao serem representadas por pensamentos verbais, ganham espacialidade e temporalidade e assim perde a sua liberdade e infinitude original. O exercício da função alfa implica sempre a introdução de uma limitação, inerente a toda a realização, que é sentida como frustração.

Bion acrescenta que o Homem comum não se apercebe que os pensamentos têm este carácter restritivo, a não ser quando os pretendem aplicar a material não-verbal. Quem nunca deu por si imerso de sensações cuja verbalização se torna impossível, perante a visão ou audição de uma obra de arte, por exemplo? Além disso, podem existir pensamentos não verbais, isto é, pensamentos que não podem ser observados através uma conjunção constante quer porque ainda não aconteceram pelo que ainda não existem meios de o mapear, quer porque foram reprimidos, ou ainda porque não há experiência suficiente do material para encontrar uma conjunção constante. Esta ideia também está na base de “pensamentos à procura de pensador”.

O paciente intolerante à frustração, ao utilizar maciçamente a identificação projectiva e não conseguir um continente para a projecção, não consegue encontrar imagens visuais de pontos, linhas e espaço, e assim a realização mental de espaço não pode ser representada e é sentida como uma imensidão tal que perde a sua capacidade para a emoção. Espaço e tempo perdem definição, e sobram apenas indícios de imagens visuais, restos linguísticos. Os enunciados verbais são sentidos como enunciados de fragmentos dispersos e o tempo que separa a sua enunciação é apenas sentido como a distância de um elemento a outro, o que implica que todos são contemporâneos. Aqui Bion refere uma explosão violenta, em que os fragmentos dos vínculos são dispersados num plano infinito. Esta explosão é devida ao carácter restritivo da realidade e que, pela dependência da identificação projectiva para conhecer objectos, é impedida a projecção de partes do Eu, o que se passa precisamente porque é perdida a noção de um continente onde colocar a projecção.

No mesmo sentido embora de modo diferente, Matte-blanco (1975 e 1988) conceptualiza a realidade como um lugar que só pode ser desconhecido na sua

essência, embora possa ser vivido. Desconhecido porque para conhecer é preciso submeter a experiência a uma tridimensionalização, ou seja, a uma formatação espacial e temporal (o conhecimento pela indivisibilidade é assustador). A tridimensionalização da experiência implica que nunca se pode apreender simultaneamente todas as características de um objecto. Para ele se pudéssemos apreender todas as características de um objecto *seríamos* o objecto, tomando o sujeito como referência para a realidade, pois para ele, tal como para Bion, tudo é um sistema de relação.

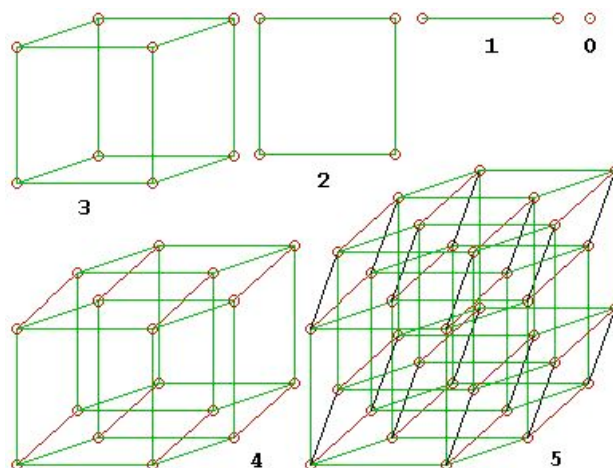
Ele considera (Matte-blanco, 1975 e 1988) que a mente funciona em diferentes dimensões, embora o consciente esteja limitado à terceira dimensão. Enquanto o modo de ser assimétrico, pela sua qualidade discriminadora, categorizadora, organizadora, sucedânea e, por razões inerentes à própria mente e processamento cerebral (biológico) funciona a três dimensões (na realidade nós percebemos a duas dimensões, mas interpretamos a três). A linguagem, o pensamento, a actividade consciente é uma manifestação tridimensional em si mesma. Em seguida ver-se-á como se caracterizam os processos inconscientes para Matte-blanco e Grotstein. O primeiro acentuando a experiência vivencial, e o segundo a potencialidade significadora.

## 1.2.4. A MENTE PARA ALÉM OU AQUÉM DO TEMPO E ESPAÇO: O INCONSCIENTE

### 1.2.4.1. A MULTIDIMENSIONALIDADE: UMA LÓGICA PARA ACEDER AOS PROCESSOS SIMÉTRICOS

Como até aqui referido, Matte-blanco diz-nos que o inconsciente funciona de acordo com uma lógica, a lógica simétrica. Ora uma lógica implica a existência de regularidades (temporais) e relações espaciais de algum modo padronizadas. Neste capítulo ir-se-á explicar a forma como entender as “regas” de funcionamento da lógica simétrica (Matte-blanco; 1975 e 1988), ou seja, Matte-blanco considera que o inconsciente tem uma espacialidade multidimensional, e como tal inacessível à nossa mente pensante e tridimensional. Daqui deriva a dificuldade de compreender espaço-temporalmente sonhos, processos psicóticos, ou até alguns processos comuns na infância.

Para o explicar, o autor utilizou a mesma analogia que se realiza em geometria, para explicar o mundo multidimensional. Ora Matte-blanco encontra semelhança na geometria explicativa de dimensões superiores à terceira, que é sempre explicada pela decomposição de uma figura dimensional na dimensão imediatamente inferior, e a passagem de inconsciente para consciente. Na figura seguinte são representadas geometricamente cinco dimensões:



(Retirado de Wikipedia, “representação de um cubo da 0 à quinta dimensão, in [http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Dice\\_analogy\\_0\\_to\\_5\\_dimensions.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Dice_analogy_0_to_5_dimensions.jpg).)

O ponto é habitualmente tomado geometricamente como representando um espaço sem dimensões. A linha é habitualmente tratada como uma representação

geométrica de um espaço unidimensional, ou ainda um vector que vai dos pontos A a B (AB). A linha decomposta adimensionalmente é um conjunto de pontos, o que se verifica em toda a observação microscópica de qualquer objecto. A superfície, área ou plano, é tratada como uma representação geométrica do espaço a duas dimensões, e consiste em vários vectores que unem os vértices entre si, no caso de existirem (no círculo não existem). Um vértice liga sempre a duas rectas ou vectores. E a sua decomposição para um espaço unidimensional, seriam várias linhas (quatro), retirando-se a conexão do vértice e assim perderia significado, pois a nossa mente encontra sentido numa superfície (nós transformamos o bidimensional em tridimensional). As figuras geométricas bidimensionais são habitualmente designadas por triângulo, quadrado, círculo, rectângulo, etc..

O volume é tratado como uma representação gráfica do espaço a três dimensões, o espaço que tomamos como real. São tratados por volumes ou sólidos e podem ter muitas formas: cubo, cone, pirâmide, paralelepípedo, etc.. Consiste em vários vectores, que não apenas unem vértices entre si, não apenas compõem uma figura única e com características próprias, como também incluem um interior, ou melhor uma superfície delimitante que separa áreas: interior e exterior. Um vértice une três rectas ou vectores. A decomposição de um volume numa superfície tornar-se-iam vários (seis) quadrados, no exemplo do cubo que estamos a seguir. Na quarta dimensão um vértice une a quatro rectas ou vectores. A sua denominação é *hipercubo* ou *terassect* e se o quiséssemos decompor para três dimensões, resultariam oito cubos, tal como se pode ver na figura seguinte:

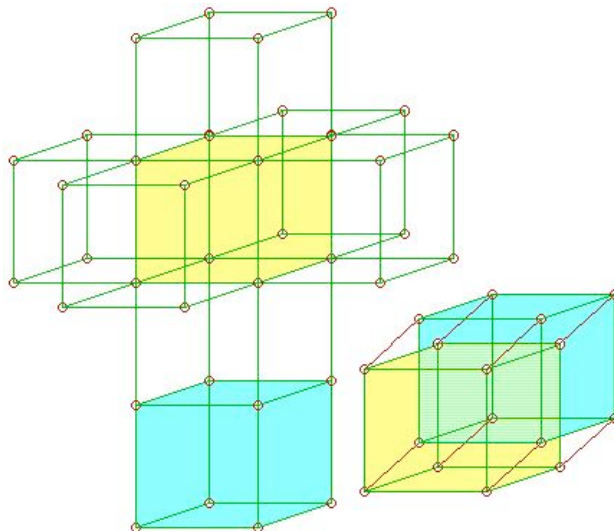
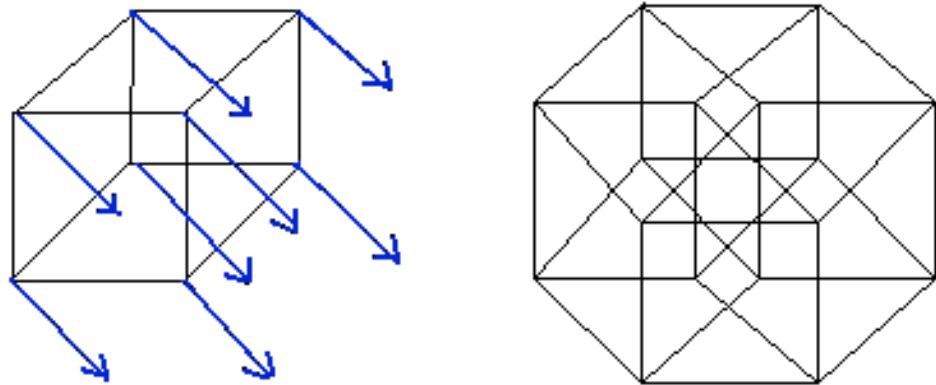


Figura copiada da enciclopédia informática Wikipedia. (Uma rede de tesseracts) Descrição da figura: “Aplicando-se analogia dimensional, pode-se deduzir que um cubo quadridimensional,

*conhecido como hipercubo ou tesseract, é delimitado por volumes tridimensionais. O tesseract é delimitado por 8 cubos. Os limites do tesseract projectam-se em "volumes" na imagem, não meramente em superfícies bidimensionais. Isto ajuda a entender características de tais projecções que, de outra forma, seriam muito intrigantes."*

Na quinta dimensão, cinco rectas sairiam dos vértices e a sua transformação em figura quadridimensional determinaria a existência de 10 hipercubos. Vejamos como se constitui a perda sucessiva de um objecto da quinta dimensão para a primeira. Os 10 hipercubos ficariam tridimensionalmente em 8 cubos por cada um dos 10 hipercubos (80). Estes 80 cubos seriam multiplicados pelos 6 quadrados resultantes da transformação em figura bidimensional: 480 quadrados, que por sua vez se multiplicariam por 4 linhas, resultando 1920 linhas. Impossível é determinar adimensionalmente um objecto, pelo que só o infinito se pode considerar se o fizemos perder a unidimensionalidade. O que levanta muitos problemas à nossa mente tridimensional.

Se fôssemos seres com funcionamento bidimensional, teríamos grandes dificuldades em aceder ao cubo – terceira dimensão, tal como em compreender a altura, interior-exterior, profundidade. Mas poderíamos, enquanto seres bidimensionais, aceder a ele através da nossa imaginação (embora a imaginação pertença a um lugar tridimensionalizado, aqui é necessário para permitir o exemplo). Muitas pinturas-desenhos de Escher “brincam com as dimensões”. Um deles é um lagarto desenhado que se torna “animal” a três dimensões no próprio desenho (é de não esquecer que o desenho é sempre bidimensional). A forma como poderíamos aceder, é no exemplo de Matte-Blanco e muitos cientistas, através de um esquema projectivo de sombras (geometria projectiva referida anteriormente). Em termos projectivos considera-se um plano onde a figura é projectada, faz-se mover o objecto (rotação sobre si próprio) projectado de forma a compreender no plano projectivo as diferentes características desse objecto. O mesmo se passa com o correspondente quadri-dimensional do cubo - hipercubo, que é um objecto que é habitualmente representado assim:



(Figura copiada da enciclopédia informática Wikipedia. (Cubo com direcções, quarta dimensão, que se vê na página anteriormente referida em movimento, isto é, fazendo rodar o objecto e observando as relações constantes nessa rotação)).

A figura imediatamente acima é mais do que um volume e aos nossos olhos tridimensionalizantes o que acontece é que existem cubos dentro de cubos em que algumas partes pertencem a outros cubos. Por exemplo um dos cubos dentro do hipercubo ocuparia o mesmo espaço, mas não o mesmo tempo. Sem movimento não conseguiríamos construir uma figura única. Mais uma vez o recurso a Escher é importante, nomeadamente à imagem onde o interior de uma casa, com várias escadas em diferentes direcções são possíveis, mas não possíveis de conceber ao mesmo tempo: assim, podemos ver sequencialmente cada uma das escada da casa e, apenas através do movimento, ver as outras partes – a casa inteira é inconcebível. Nós, ou vemos uma parte da casa ou vemos a outra, porque há um paradoxo criado, e é introduzindo o tempo, que constituímos a ligação entre os elementos.

Como vimos anteriormente há regras constantes na passagem à dimensão inferior e são precisamente essas regras que Matte-blanc refere que existem na passagem do inconsciente ao consciente. Se o número de rectas que partem do vértice está em relação directa, isto é, é equivalente ao número de dimensões (duas rectas, duas dimensões, por exemplo) o mesmo não se passa com a base. A base da figura é sempre a figura correspondente numa dimensão imediatamente inferior, tal como a base de um cubo é um quadrado bidimensional. Portanto aqui a relação é “ $n-1$ ” ( $n$  é o valor numérico da dimensão, número natural). Há ainda uma outra característica comum – a repetição. É que no processo de decomposição de uma figura, a quantidade de figuras que resultam é sempre maior que a figura inicial. A quantidade de repetições varia consoante a dimensão e também a figura geométrica.

Um hipercubo são oito cubos, um cubo 6 quadrados, um quadrado seis linhas. Num outro objecto outras quantidades se encontrariam. Matematicamente é possível determinar estas quantidades, numa função proposicional. Mas uma relação constante pode ser referida, quanto maior a dimensão da figura geométrica inicial, maior o número de repetições no objecto de dimensões inferiores. Desta concepção retirada da geometria só falta referir que há objectos que são muito mais complexos para esta analogia, nomeadamente os triângulos, os objectos redondos etc., embora os físicos os consigam representar pelo esquema projectivo de sombras.

É assim que Matte-blanco concebe o modo como o inconsciente é visto pelo consciente: um conjunto de repetições resultantes de um objecto multidimensional inacessível e que ao perder a sua unicidade original, perde a sua significação – a sua unidade. E como significar é espaço-temporalizar, é deste modo que o inconsciente nos parece não ter espacialidade nem temporalidade, tal como Freud o caracterizou. Não sabemos bem se a realidade é multidimensional, o que sabemos é que não há razão nenhuma para seja tridimensional. É muito provavelmente da dimensão a que acedem os seres que a observam, por exemplo sabemos que os gatos, cães e pássaros vêem e procedem como se o mundo fosse bidimensional. Podem tratar a sua própria sombra ou reflexo como um “outro ser”. A observação térmica (das cobras, por exemplo) também não poderá ser tridimensional. Talvez o mesmo se possa dizer dos outros animais. Pela nossa limitação tridimensional a fantasia do extra-terrestre de outras dimensões é “puxada” para a ciência, através da ficção científica. Com a multidimensionalidade e mais tarde a Mecânica quântica e o Princípio da Incerteza de Heisenberg (ver anexos) a ciência passou a ser um lugar que obriga a recorrer à imaginação, dando uma nova manifestação (realização) para o funcionamento simétrico da nossa mente.

E é este processo que Matte-blanco padroniza e assim lhe retira o caos. Tal como o hipercubo nos parece extremamente confuso, no funcionamento simétrico visto do ponto de vista tridimensional, o mesmo objecto pode ocupar o mesmo lugar que outro (pela lógica simétrica as partes, desde que pertençam à mesma classe, são tratadas como a mesma).

Assim como na passagem a uma dimensão inferior se dá repetição, mantendo-se a estrutura base e relações fundamentais (vértices, p.e.), a passagem do mundo multidimensional inconsciente para o consciente (três dimensões) também passa por repetições, manutenção de relações estruturais semelhantes e padrões de

interligação semelhantes, mas inacessíveis na compreensão do seu todo, isto é, na sua unicidade, no seu significado. Matte-blanco (1988) refere ainda que os procedimentos de generalização, condensação, substituição da realidade física pela realidade psíquica, condensação, etc., são procedimentos compatíveis com um mundo de mais do que três dimensões, porém apresentadas num mundo de três dimensões. No sonho um objecto pode facilmente conter dentro de si outros objectos e ao mesmo tempo ser único e conhecido (como se de um hipercubo, ou cubo a mais dimensões ainda se tratasse). Pode apelar a mais de um objecto (representação tridimensional), como se um hipercubo em 8 cubos se tornasse (exemplo da passagem da quarta para a terceira dimensão do cubo-hipercubo), estando na sua origem o mesmo símbolo e/ou significado, o mesmo objecto. Pode colocar parte de um objecto a funcionar como um objecto total, porque a parte apenas existiria se traduzida para a terceira dimensão. Na realidade o que acontece é que o todo do objecto é o âmbito em que o sujeito multidimensional (para mais do que a terceira dimensão) se posiciona. É de não esquecer que a linguagem e o pensamento são tridimensionalizadores por excelência da experiência multidimensional (do qual as emoções são o seu mais completo e complexo representante).

Como nós funcionamos sempre nos dois mundos interligados: o pensante e o que experiencia, estamos sempre a tridimensionalizar experiências internas multidimensionais. Podemos é não nos aperceber quando estamos a funcionar multidimensionalmente, isto é, que esta experiência não pode ser contida pelo pensamento e linguagem. Um exemplo (do autor) é a forma como um paciente vivencia em diferentes espaços e tempos a cena primitiva, como algo que lhe é penoso. Tal como o hipercubo tornado cubo se manifesta multiplicando-se em cubos, o mesmo acontece com este fenómeno, que se multiplica em várias cenas, pela sua incapacidade de conceber a cena primitiva no modo assimétrico de ser. E assim o paciente vai revelar bocados do seu hipercubo em vários tempos e vários espaços diferentes, parecendo repetir esta cena. Para Matte-blanco existe um número muito pequeno de objectos: pai e mãe. Os outros objectos são objectos parciais, que tomam espaço independente. Cada um destes objectos ou partes sub-espacializadas destes objectos estão ligados a funções de personalidade. Estas funções podem ser correlacionadas a dimensões: o número de dimensões do objecto que é experienciado num dado momento está relacionado com a intensidade destas funções. Os objectos bizarros são, em Bion, partes de objectos clivadas que são experienciadas como

objectos totais. O objecto bizarro é para Blanco um objecto pertencente a uma dimensão superior mas que se tornou independente e vivido num espaço único, encarnando uma função de personalidade que é vista como tendo várias funções. São assim objectos de uma dimensão inferior à função de personalidade da qual foram originados. A compulsão à repetição, neste ponto de vista, pode ser considerada como um objecto multidimensional à procura de tridimensionalização, e assim infiltra-se constantemente nos processos normais de tridimensionalização.

#### **1.2.4.2. OS INSTINTOS ENQUANTO SIGNIFICANTES SEMIÓTICOS**

Apesar da sua interessante teoria, explicada por métodos nem sempre utilizados em psicanálise (ele refere que as premissas devem ser fundamentadas a partir da sua origem global e não da sua adaptação), Matte-Blanco não desenvolve a origem da significação, apenas a caracteriza como espaço-temporal. Encontramos este desenvolvimento em Bion e em Grotstein (1999). Pela sua caracterização da significação pela realização (presença/ausência) Bion refere-se mais ao processo mental da significação. Grotstein desenvolve uma teoria em que a significação deriva dos impulsos instintivos (ele fundamenta-se em Kant, 1787, Bion; 65, 70 e 92 e ainda nas duas obras de Matte-blanco), que se expõe em seguida.

Em 1999, ele caracteriza o inconsciente como sendo do “domínio do inefável (continente) que misteriosamente alberga conteúdos *numenais*” e que contém várias dimensões. Os impulsos instintivos são amais que um “caldeirão fervilhante” (Grotstein referindo-se a Freud, 1915 e 1923), são significantes semióticos, “mensageiros de um estado de vazio angustiante, de uma fome, de um Nada à espera de ser preenchido com alguma coisa”. Os instintos são “significantes semióticos da ausência, do vazio e da carência” que juntamente com os afectos “conferem sentido”. E o sentido é sempre uma significação pessoal, pois para significar é necessária a crença de que os próprios impulsos são responsáveis pelo mundo percebido, para que haja uma ligação (pelos afectos) com os eventos e assim eles podem ser significados. A função de ligação dos afectos inicia-se antes do nascimento, pela “presença de fundo da identificação primária”, que é na realidade a criação pelos pais de uma nova concepção – um novo bebé – que assim se torna o receptáculo de identificações projectivas inconscientes, concordantes e/ou complementares e/ou opostas do mundo

interno dos pais. O autor aconselha a substituir o termo *objecto* por *presença*, pois este último é um conceito *numenal* (uma presença oculta e fundadora) e não um *objecto* da percepção (fenomenal). A relação de vinculação entre mãe e bebê, dotada de sentido, vai permitir a aquisição posterior da função de significação (continente-conteúdo). Atribuir sentido é para Grotstein atribuir substância; um sentimento de “importância emocional e desejante” para um outro e a existência de um outro que se ofereceu previamente para atribuir sentido e definição ao próprio sujeito. Na ausência de um outro que signifique, o sujeito é relegado para o sem-sentido (a nível do conteúdo) e um espaço interior incapaz de significar - o Nada (a nível do continente). A existência de uma “identificação de fundo primária” pode levar tanto a uma concessão incondicional do sentimento de significação pessoal e individual, como à atribuição de um sentimento de amaldiçoamento. Mas se esta não existir o sujeito pode ser remetido para uma ausência de sentido, de Nada, de insignificância em relação ao *self* e seu lugar no mundo.

O autor também encontra no instinto de morte um potencial semiótico. Ela é considerada pelo autor “um veículo passivo de expressão” e portanto um significante. O instinto de morte é por ele considerado como um aviso para o “horizonte de acontecimentos” (a fronteira do buraco negro é em física o lugar para além do qual nada escapa à força da gravidade, nem ao espaço, nem ao tempo), que na mente é a aniquilação que se faz acompanhar por entropia (sem sentido) e pelo Nada. Os impulsos contém motivação e intencionalidade (determinismo associado à realização do desejo e ao princípio do prazer) e também o contrário, a experiência da impotência ou não-intencionalidade, que é uma força centrípeta de atracção implosiva para o vácuo.

O Sem-sentido e o Nada remete para conteúdo e continente, respectivamente. O Sem-sentido é um conteúdo sem significado ou destituído de significado (de elementos beta primários) o Nada constitui a matriz vazia isto é, um continente criado para não significar, pode até mesmo gerar o Sem-sentido. Se o Sem-sentido se pode dividir em primário e secundário, sendo o primeiro um “vazio originário que aguarda o cumprimento e realização da experiência” e “emerge do infinito informe e profundo”; o segundo é subsequente a uma retirada, a um desinvestimento da experiência submergindo o sujeito num buraco negro; ou efeito da reversão da função alfa, isto é, quando é atacado o elo entre os elementos beta e sua componente

proto-representacional, anteriormente adquirida pela função alfa. Esta é a forma pela qual Grotstein considera o *terror-sem-nome*.

Também o Nada pode ser diferenciado em Nada primário ou Nada secundário, embora não seja tão fácil de compreender. O primeiro é a “matriz ou éter do Sem-sentido primário”, mas é também um vazio que tem de ser vivido de modo a permitir a “realização de experiências significativas”. O Nada primordial ocupa a posição de um continente primordial para um conteúdo (o Sem-sentido primário). O Nada secundário é quer a negação do ser, quer a negação do sentido (no Sem-sentido secundário), uma espécie de “ataques ao vínculo” (Grotstein, 1999 cita várias vezes Bion, 1959). Este Nada é considerado pelo autor como uma experiência em que a presença *irruptiva* e peremptória dos impulsos têm o poder paradoxal de potencializar a impotência, a implosão e a desintegração, de levar a que se passe da desorganização à anorganização, caos, entropia e indivisibilidade: o “poder aniquilador e dizimador” do Nada. O fenómeno do Buraco Negro ou morte psíquica, um fenómeno extremamente regressivo, é aquele que se segue à implosão centrípeta, aquele em que o sujeito experiencia o Nada e o Sem-sentido, a entropia (a entropia é a tendência que os elementos ganham cada vez mais graus de liberdade, isto é, se tornem homogêneos, absolutamente indiferenciados. Mas o Nada “é saudável no interior de um continente (desde que não esteja paradoxalmente encapsulado) porque o continente lhe proporciona um contexto significativo”. Sem continente, o Nada (Buraco Negro) aproxima-se do caos e da aleatoriedade e invoca a “in-substância”, a anti-matéria que se acumula no Buraco Negro para o preencher.

### **1.3. DUALIDADE MENTE-REALIDADE**

Para Matte-Blanco, a relação entre o Homem e a realidade é puramente teórica, convencional, ou melhor, é resultado daquilo que ele designa de sistema de referência. Citando o exemplo do autor, uma cor só é vermelha porque nós a vemos como vermelha pois nada nos permite dizer que aquela cor é realmente vermelha. No entanto, ela é o resultado do estabelecimento de uma relação entre determinadas características do órgão visual e a coisa que nós designamos como vermelha. Ele ainda nos diz que é impossível conhecer as coisas “reais”; pois, se fosse possível

reproduzir tudo relativamente a algo, pessoa ou acontecimento, essa reprodução seria a própria coisa, pessoa ou acontecimento em questão. Além disso, a realidade exterior é vista a partir do interior, o que resulta do mecanismo referido por Freud, a que Matte-Blanco dá muita importância – a substituição da realidade física pela psíquica. Talvez uma das melhores formas de o explicar é o facto de a realidade não ser tridimensional (dimensão em que nós interpretamos os estímulos), “ela é, está lá, é, e só a podemos estudar através dos acontecimentos – estes sim, tridimensionais” (Blanco, 1988). É claro que o vermelho é uma cor mobilizadora de afectos, mas este vermelho é um vermelho com significado e tornado mental e integrado na personalidade, resultado da interacção precoce e as que se lhe seguem, o que é melhor descrito na teoria bioniana. Mais preocupado com a atribuição de significado, Meltzer refere que o mundo externo é um mundo sem sentido ao qual o homem faz impor o seu significado. Para ele (1976) o mundo interno é habitado pelas estruturas infantis da personalidade e por objectos internalizados, ocupando um espaço que é mental mas que é representado como físico dentro das fronteiras da pele.

É muito curioso que a descoberta fundamental de Freud que o leva à concepção da disciplina psicanalítica é o inconsciente, que se diferencia (opondo-se-lhe) do consciente, e é precisamente um lugar onde espaço e tempo estão distorcidos ou mesmo ausentes. E posteriormente é criado um lugar de passagem entre um sistema e o outro – o pré-consciente. A principal forma de descrição do inconsciente é a atemporalidade, estando implicada também a não espacialidade na medida em que condensação, figuração, substituição do externo pelo interno, etc., são características que implicam ausência de delimitação, definição, diferenciação espacial, etc. (Matte-Blanco, 1975).

O processo secundário, o sistema consciente é assim o processo mental onde existe “respeito” pela realidade (o Teste de Realidade). Assim, podemos concluir que na concepção freudiana, a “realidade” está na mente enquanto cópia deformada (mesmo que por vezes refira como uma cópia exacta<sup>2</sup>) e está directamente relacionada com as noções de espaço e tempo. É uma noção comum considerar em psicanálise, que o espaço e o tempo são dimensões utilizadas pela mente quando

---

<sup>2</sup> A este respeito ver Freud Para Além de Freud III, Amaral Dias, no capítulo dedicado aos seguintes textos de Freud: Neurose e Psicose e A Perda da Realidade na Neurose e Psicose (obra por publicar).

processa a realidade ou quando se processa integrando a realidade e assim a realidade seria simplesmente uma natureza física, espaço-temporalmente organizada. Com Matte-blanc deixamos de o poder afirmar, pois a realidade é aquela que a mente está apta a construir, mediante os acontecimentos (fenómenos interpretados tridimensionalmente) cujo sistema de referência permite conceptualizar. O povo esquimó considera mais tonalidades para aquilo que os não esquimós consideram o branco. Se o branco existisse realmente, naturalmente, sem intervenção da mente humana, entraríamos em conflito cognitivo. Mas não, o branco é um acontecimento que a mente humana interpreta de acordo com a sua cultura. Além disso, a realidade é de facto construída a partir de dentro, e neste caso é-o a partir da necessidade do esquimó de diferenciar – *assimetrizar* – o mundo branco-neve (demasiado simétrico) que os rodeia.

Mas Freud considerava que o espaço interno era formulado como cópia do mundo externo, o real. Esta ideia parece hoje estranha. Sabemos que para Freud a preocupação era sobretudo a realidade psíquica, isto é, o que é real para o sujeito, sendo que ele postulava sempre um despoletador na realidade material (Laplanche & Pontalis, ). Mas desde o início que Freud diferencia entre aquilo que vem de fora e o que não passa da representação do sujeito, isto é, o que vem de dentro. Em 1895 (referido por Laplanche & Pontalis): “para que o sinal de realidade tenha o valor de critério seguro, é necessário que se produza uma inibição do investimento da recordação ou da imagem, o que supõe um Ego”. Segundo muitos psicanalistas, para Freud, a realidade é sempre uma representação mental. Alguns chegam mesmo a referir (Bion e seus seguidores) que a psicose é precisamente o disfuncionamento ou ausência dessa representação. No entanto estamos habituados a referir que é a realidade que é recusada. Laplanche & Pontalis referem que Freud não se preocupou muito em definir a realidade como “lugar” independente do sujeito. Os mesmos autores referem que o acesso à realidade é possível quando o princípio do prazer pode ser adiado, sublimado, etc., isto é quando o externo não é substituído pelo interno, ou pelo menos não inteiramente. A actividade projectiva implica interpretar como sendo ou pertencendo ao fora, algo que não pertence ou não tem origem no fora, mas no dentro. E este mecanismo está presente, segundo a teoria freudiana, em todo o nível de maturidade dos processos mentais (e até sociais ou civilizacionais). Esta é uma das suas ideias principais na base dos processos mentais. Assim, para

Freud, a realidade é deformada ou não segundo a invasão ou não de factores emocionais ou libidinais, tais como referidos por Laplanche & Pontalis.

Piaget e Inhelder (1977[1966]) estudam empiricamente mais tarde na sua obra “A imagem mental na criança” vários aspectos importantes sobre este tema, apesar de não serem psicanalistas. Um dos principais é que a imagem mental da criança é constituída após o que ele considera o período da aquisição do símbolo (período sensório-motor) e por isso não é uma cópia realidade mas uma formulação da realidade pelo símbolo, referindo vários autores que salientam que o mundo mental é constituído por símbolos. Estes símbolos são interiorizados a partir da imitação, transformando acto (acção no espaço) em esquema (esquema de acção na mente). Neste estudo, ele verifica que aquilo que são os esquemas de acção, não vêm apenas da percepção, podem vir de esquemas já interiorizados e as evocações simbólicas podem vir também a partir de dentro. Verifica ainda que a percepção não é interiorizada na totalidade. É que a percepção “embora esforçando-se por atingir o objecto tal qual ele é, ... contenta-se com algumas amostras de informação fornecidas por centrações e encontros em parte aleatórios, e o resultado é de natureza probabilística, que atinge somente uma fracção dos elementos ou das relações a coordenar”. Isto leva-o a concluir a natureza simbólica da imagem mental contra a cópia perceptiva da realidade. Ele explica-o dizendo que “qualquer sistema representativo, pressupõe a intervenção de uma função simbólica que seria preferível chamar semiótica, porque ela abrange ao mesmo tempo os “signos” arbitrários e sociais, e os símbolos que são simultaneamente motivados, individualmente (jogo simbólico, sonho, etc.) e socialmente. Sem esta função semiótica, o pensamento não podia com efeito ser formulado, posto em forma inteligível, nem para outrem nem para o próprio”.

Também para Freud, Bion, Grotstein, Meltzer e Matte-blanco, aquilo que é acessível é a representação (limitada) da realidade e essa “localiza-se” na mente, sendo a mente o lugar que cria representações. Para criar estas representações é necessário formatá-las ou dar-lhes um enquadramento espaço-temporal, de outro modo não seria possível comunicá-las. E assim a realidade, interiorizada ou não seria um ponto de referência para mente, tal como o corpo para a mente, no que foi anteriormente referido.

O aparelho mental era concebido por Freud através da relação entre o funcionamento do sistema consciência e inconsciente (Freud, 1923). É através da relação entre o mundo pulsional ou instintual (inconsciente) e a sua representação ideativa (pré-consciente ou mesmo consciente) que Freud cria uma noção de psique que tem de constantemente lidar com “coisas” sem dimensões espaço-temporais (no inconsciente) e “coisas” com espaço e tempo. Ora também para Freud este caminho é feito pela representação que ele conceptualiza da seguinte forma, se tivermos em conta o seu artigo “Para Além do Princípio do Prazer”, escrito em 1920, como jogo da bobine do seu neto, cuja vinda e ida da mãe é simbolizada nas palavras fort-da (respectivamente) e menino deixa de sentir a sua falta (no presente), pois a mente passou a ser representada e na representação ele pode ir buscá-la e mandá-la embora sempre que quiser. O caminho da representação, do simbólico, está na não satisfação da pulsão, que cria um estado de tensão que mobiliza o ego (que se vai constituindo a partir destas “profundezas” inacessíveis) a relacionar-se com a realidade e a condicionar a satisfação, pois é na realidade que o sujeito encontra as formas da sua conservação, sobrevivência e, talvez, satisfação (sendo este talvez muito significativo, porque também pode obrigar a uma transformação da ideia associada à pulsão, sublimando-a). Assim, a realidade é também ela um objecto porque nela está contida a satisfação, mesmo que tenha de ser adiada ou transformada, isto é, se o sujeito se dirigir a meio caminho dela e estiver apto a recebê-la e adaptar-se (Freud, 1911). Bion “pegará” mais tarde nesta ideia e referir-se-á à realidade que é tornada conceito (símbolo abstraído e não dependente do concreto) transformando a não satisfação em não realização da expectativa, e o pensamento torna-se subsidiário de uma realização pela representação, a realização negativa.

Esta concepção de espaço (e tempo) até aqui referida, associada à realidade nunca foi verdadeiramente posta em causa. Varvin em 1997 é um dos poucos que refere, e quando o faz, fá-lo ligeiramente e abordando o problema da narrativa. A narrativa, para ser formada, implica a existência de um processo de simbolização. A narrativa é linguística (também como referido por Matte-blanc em 1988) e, como tal, implica sempre relações espaço-temporais e uma relação à realidade. O autor reforça esta ideia ao referir que a narrativa é formada precisamente devido à relação com a realidade, embora possam existir vários níveis de narração. Para ele Freud já em 1895 “estabeleceu as bases para se entender o que acontece àquilo que não é simbolizado”, quando define o conceito *posterioridade* ou *efeito retroactivo*. Coisas

que não são simbolizadas no momento em que acontecem irão sê-lo mais tarde e agem como uma espécie de “consumação do trauma” (capítulo sobre o tempo).

Em Melanie Klein encontramos um espaço interno povoado de fantasias e símbolos, associadas a boas e más experiências (bons e maus objectos). Este espaço é construído a partir da relação com o corpo materno (parcelas perceptivas desse corpo que adquirem significado por si só) e depois da relação com a mãe, enquanto pessoa, enquanto sujeito que sofre, que pensa, que sente, etc.. A realidade exterior vai assim ser considerada como o lugar em que esta relação com o materno desde o início (é considerada a existência de um Ego à nascença) vai ser reproduzida embora de modo mais complexo na relação com real. O real é considerado através das fantasias e símbolos que evoca no sujeito, se o sujeito conseguir integrar no objecto do real a boa e má experiência (objecto total). O espaço simbólico (Hanna Seagal, ) é uma abstracção espacial da mente como um lugar que realiza e cria representações simbólicas, a partir da relação com o corpo da mãe. Portanto aqui é acrescentada a ideia de que não é apenas o próprio corpo uma referência para o espaço psíquico mas o corpo em relação com corpo da mãe, mas de modo mental, isto é, qualificado de acordo com as boas/más experiências com o objecto materno.

Hanna Seagal enfatizou o problema do espaço, intrinsecamente relacionado com a fantasia. Na própria técnica interpretativa kleiniana, é fácil passar do espaço físico relatado num acontecimento, para o espaço da relação com o corpo materno (que pode ser caracterizado pela transferência - o corpo do *setting*, do analista). Esta intervenção baseia-se porém na consideração de que tudo é presente, desimplicando muito mais o tempo. O espaço interno com o conceito de identificação projectiva, que tem um valor importantíssimo em psicanálise, deixa de ser estudado de modo totalmente separado do espaço externo, a não ser para facilitar a sua compreensão. Winnicott, segundo estudado por (Ogden, \_\_\_ e Green, 2000) é o primeiro a falar de um espaço *entre* espaços, que passa a ser fundador do espaço do indivíduo. O conceito de espaço potencial define uma “área” virtual em que a criança vive ilusoriamente a ideia que o mundo real (mundo que já lá estava), é criado por ela, quando começa a separar-se do composto do início da vida mãe-criança. Se até aqui a existência de uma unidade entre mãe e bebé era apenas referenciada à mente do bebé, porquanto sujeito em estudo, com Winnicott este *composto* passa a ser experienciado em ambos, e do qual ambos têm de passar por um processo posterior

de separação. Através da adequação temporal (referida mais tarde) é possível a criação de um espaço potencial. Este é o lugar onde o objecto, coisa, pessoa ou experiência não se reduz a um único significado para o indivíduo, mas está inserido num processo que permite a evolução e desenvolvimento, porque novas significações são passíveis de emergir à medida que novas formas de relacionamento emergem, e onde o tempo e a forma destas interacções são, por si só, agentes de mudança e transformação. Ogden (1992) conceptualiza-o como sendo um “estado da mente baseado numa série de relações dialécticas entre fantasia e realidade, Eu e não-Eu, símbolo e simbolizado, etc.” ou seja, todas as polaridades estão numa relação dialéctica entre si: criando, informando e negando-se. Este espaço é conseguido através da passagem da unicidade mãe-bebé (que não deve ser perceptível a nenhum dos dois) à dualidade mãe e bebé (enquanto objectos simbólicos), que possibilitará a existência de uma criança subjectiva, uma criança que interpreta. No adulto este espaço potencial é o da arte, religião, imaginação e pensamento científico criador.

Para Bion o espaço interno tem como função mentalizar a experiência (interna e externa); e a experiência manifesta-se por impressões sensoriais (os elementos beta). Elas não são mentalizáveis pois são vividas como concretas, e até personificadas, pelo que a intervenção do mecanismo da substituição da realidade física pela psíquica (Freud evidenciado por Matte-blanco) atinge aqui um nível elevado. Estes elementos – conteúdos - têm de ser postos para fora do espaço mental, num lugar apto a recebê-los – continente - e apto a transformá-los em elementos alfa, resultantes da função com o mesmo nome, permitindo que eles possam ser reassimilados, e tornar-se parte do mundo interno. A função alfa é aquela que elabora as experiências emocionais primitivas conjugando-as e dotando-as da potencialidade de se tornarem experiências toleráveis e que podem seguir o caminho da representação, do processo de pensamento. Quando a realidade é vivenciada enquanto tal, como um elemento beta; ou seja, directamente, sem distância (para dar um exemplo, um sujeito esquizofrénico que diz que é uma motosserra e faz os ruídos que supõe que tenha esse objecto) é uma experiência aterradora e persecutória, pelo que sem aptidão a seguir o rumo do processo de pensar, não pode ser tomada como uma experiência humana, simbólica, emocional e pensável. Bion enfatiza a noção de que a realidade externa, acessível à mente sensorialmente, só pode ser mental se for transformada e integrada nos seus próprios continentes (estruturas internas) e conjugação constante de personalidade: um padrão conjugado de relações e

associações que estão presentes frequentemente nas transformações de cada sujeito, sempre que entra em contacto com o exterior ou mesmo com uma representação mental do exterior, seja esta simples ou complexa (Bion, 1967). O que nos remete para duas ideias; a primeira é que podem existir elementos sensoriais na mente que apesar de se “localizarem na mente” não são mentais (fruto de uma transformação – representação) e são vividos como reais e tendencialmente personificados e, em segundo lugar, que a representação ou o processo de simbolização implicam assim distância (conceito espacial) da concretude dessa vivência sensorial.

Para Matte-blanco (1975) a concepção de espaço, resulta de uma actividade mental que tem uma base no mundo exterior, ou seja, é uma forma, através da qual a mente traduz certas relações objectivas (relações no mundo externo). Não é demais repeti-lo: o espaço é um sistema de relações (como qualquer outro, embora este esteja implícito em todas as coisas e os outros não) tal como Leibniz e Einstein o compreenderam (citados pelo autor, 1975). Nas crianças e nos modos de funcionamento mais primitivos, o espaço começa por ser um conceito que está intimamente ligado à pessoa, ao corpo. E grande parte desta acepção é conservada em adulto na linguagem ocidental. Estar à frente, de lado, são concepções linguísticas espaciais mas que são tomadas em relação ao próprio corpo, pelo que são antropocêntricas, além de sensoriais. Nós vemos no espaço visual, ouvimos no espaço auditivo, mas pensamos no espaço físico. “O espaço não nos é dado de forma imediata pela percepção; primeiro aprendemos a conhecer as suas relações com a ajuda do corpo físico” (Hessen, 1950, citado por Blanco, 1975).

Em termos do seu construto teórico, para Matte-Blanco (1975) o espaço é uma correspondência bi-univocal (na teoria dos conjuntos em matemática, correspondência bi-univocal é aquela em que, para cada elemento de um conjunto existe uma e só uma relação – aqui função - com um elemento de outro conjunto, designado por imagem ou correspondente; mas se só se esse elemento correspondente tiver também a mesma relação com o elemento do primeiro conjunto – bi-univocal), ou seja, para cada elemento do mundo interno existe um correspondente na realidade física externa que por sua vez só tem o mesmo correspondente mental. Existe assim uma relação de correspondência, ou correlação entre a mente e o mundo exterior. Esta é também a ideia de Grotstein, que fala numa correlação entre espaço físico e mente.

### 1.3.1.1. O ESPAÇO E O USO INEVITÁVEL DA METÁFORA

Segundo Blanco, tem havido uma rejeição preconceituosa em considerar que a mente ou o fenómeno mental tenha alguma relação com o fenómeno espacial. Aliás, para o autor há maior relação entre o espaço e a mente, do que entre espaço e matéria. É impossível falar de fenómenos psíquicos sem referência a conceitos espaciais, e por isso ele questiona-se acerca da não utilização destes conceitos como fundamentais para o entendimento dos fenómenos psíquicos, cuja extensão, ao nível da linguagem comum e da linguagem científica, é impossível de enumerar. Um dos exemplos é o uso da metáfora que é uma expressão de fenómenos psíquicos através da comparação com fenómenos físicos, ou seja, espaciais (e temporais). Esta relação que é feita, permite a abordagem do mundo interior através do mundo exterior e pode ser caracterizada através da álgebra, isto é, descrevendo leis que regulam princípios comuns. É que a metáfora implica a extracção de generalizações a partir de um fenómeno particular e a subsequente aplicação dessa generalização a outros fenómenos particulares. Na lógica (matemática), uma vez descoberta a função proposicional que caracteriza o sistema de relações de um determinado conjunto a partir de um exemplo concreto, poderemos aplicá-la de modo a descobrir outros elementos do mesmo conjunto. Por exemplo (exemplo nosso); uma vez conhecendo a relação de multiplicação, podemos multiplicar qualquer número, não podemos é realizar a operação contrária (não é bi-vocal), uma vez que a divisão é uma outra operação. Um outro exemplo, mais concreto, uma vez conhecendo a relação entre líquidos e evaporação, podemos com facilidade provocar a evaporação de qualquer líquido (certamente haverá excepções, mas esta é a regra). Mas para que a metáfora possa ser aplicada, é necessário manter a noção de diferença pelo que voltamos às noções de inconsciente/consciente e/ou simetria/assimetria, neste caso, para o uso da metáfora (entre outras possibilidades de entendimento dos fenómenos psíquicos) que é fundamental na clínica. Uma metáfora interpretada literalmente, deixa de ser metáfora e demonstra o recurso total ao princípio de simetria, onde o facto de pertencerem ao mesmo conjunto implica que sejam tratadas como a mesma coisa.

No exemplo de Matte-Blanco (1975): “cão que ladra não morde”, analisado através de relações algébricas implica-se que; o cão tem uma relação com o morder comparável à relação que tem o ameaçar com o ser magoado (*a* (ladrar) está para *b*

(morder) assim como *c* (homem ameaçado) está para *d* (homem mordido)). Se for aplicado o princípio de simetria, o homem poderia estar em relação com o morder uma vez que, não existindo diferença (assimetria) todos os elementos da mesma classe são tratados como sendo iguais, como sendo o mesmo, ou seja, passível de ser processado pela mesma relação que todos os outros elementos do conjunto – aqui a correspondência seria bi-plurivocal. Apesar de Matte-Blanco, na mesma obra utilizar o conceito de identidade, na língua portuguesa (e outras) é possível diferenciar entre o mesmo e o idêntico, tal como referiu Amaral Dias (1998) a propósito da mesmidade e identidade, onde “ser o ...” é diferente de “ser como o ...”, estando implícito no segundo caso a diferença entre os dois elementos referidos, e assim a sua semelhança é atribuída pela existência de uma (ou mais) características comuns (uma função que se exerce sobre um e apenas um elemento do conjunto), o mesmo não acontecendo no primeiro, onde uma característica é o mesmo que todas as características. Assim, as classes que a metáfora utiliza são classes de relações, cujas funções proposicionais são definidas por um sistema de relações mais ou menos complexo. Quando Matte-Blanco usa o conceito de metáfora ele considera-a como uma formulação simbólica lógica com a ajuda da noção de classe, elemento, função proposicional e relações de classes. Num lugar semelhante está a imaginação, que contém sempre uma espacialização e temporalização de fantasias.

#### **1.4. DA DUALIDADE INTERNO-EXTERNO A CONTINENTE-CONTEÚDO**

Uma outra formulação saturada de espacialidade, comum em psicanálise, é a relação entre interno-externo. Para Freud, como referido anteriormente, o foco está no mundo interno, uma vez que é deste que o sujeito parte para a representação do real. Através do investimento libidinal, que é realizado inicialmente em partes do corpo e cujo desapontamento (o auto-erotismo não sacia o sujeito) mobiliza o sujeito para investir libidinalmente no exterior, mas um exterior no interior, ou seja, um exterior representado internamente. Grotstein (2003) considera uma correlação entre um e outro: “a nossa existência e pensamento realiza-se de modo espacial, na medida em que nós correlacionamos os fenómenos espaciais externos, com o mapeamento do espaço interno”. Ou seja, para Grotstein, o espaço externo é mapeado de acordo

com o interno. Mas a psicanálise é uma disciplina que se constituiu pela noção de inconsciente e esta sabe-se que substitui a realidade externa, desloca, figura, distorce ou manipula o espaço e não é submetido a relações espaciais tridimensionais. Portanto o mundo interno é divisível em dois; um em correlação com o externo (espácio-temporal) e um outro, sempre referido como inacessível e que se “localiza” dentro do interno, ou nas camadas mais profundas do interno. À teoria de Kant (ver anexo) é acrescentada uma outra dimensão: não é apenas a realidade *numenal* (as coisas-em-si-mesmas e não a forma como elas se apresentam, que é o fenómeno) que é inacessível, é também uma parte da realidade interna, o inconsciente que, como se verá ao longo deste trabalho, é na sua essência *numenal* para Blanco (1988).

Para Amaral Dias (2000) dentro do sujeito há uma parte interna e uma parte externa. A personalidade é a parte exterior do sujeito e a conjunção constante a parte interior. A personalidade é a parte em acção ou realização e a conjugação constante o padrão relacional que efectua as relações que estabelecem a acção. Para ele, o sujeito tem de estabelecer uma relação com a parte interior como algo que lhe é exterior, como que se dividindo em dois. Esta ideia reintegra Freud e Bion. Mas esta é uma ideia psicológica e filosófica: o sujeito tem de se tratar a si mesmo como um outro, para poder pensar e aceder à consciência de si, no mundo relacional e ambiental que o envolve.

Com Bion a noção de espaço em psicanálise afasta-se muito mais da topografia freudiana para se aproximar mais de uma mente enquanto sistema de funcionamentos ou melhor, contendo vários sistemas de funcionamento, com diferentes graus de presença/ausência de espaço e tempo. Pensamento e mente pensante são separados, o que permite aceder a uma nova concepção de real, em que interno e externo são tornados um fenómeno de inter-relação que se pode sistematizar e padronizar sob a formulação continente-conteúdo. Esta teoria é conceptualizada partindo da noção de identificação projectiva de Melanie Klein, que passa por ele a ser concebida como um “conteúdo que se aloja num continente”, competindo a esse lugar onde é projectado (continente) a função de não só os remover (os conteúdos) do projector (bebé) que não os suporta, como, pela sua permanência no projectado (seio) se modificam e assim podem ser “devolvidos” e reintrojectados, na medida em que se tornam toleráveis ao projector (Bion, 1962). Nesta formulação está exemplificado um modelo de identificação projectiva positiva, isto é, que promove o crescimento, ou de “simples” comunicação. Uma modalidade

menos “positiva” seria a devolução do conteúdo, sem ser transformado, pelo que aumentaria a intolerância ao conteúdo: identificação projectiva patológica ou maciça.

O modelo continente-conteúdo é um modelo abstracto e simples o suficiente para poder designar todas as relações em que um objecto penetra num lugar apto a recebê-lo, sendo a aptidão a potencialidade de o elaborar. No que diz respeito ao continente, este é o que retém. O conteúdo é o que é retido. Contudo, se pensarmos num “conteúdo”, pensamos inevitavelmente em: interior, recheio. E num continente, pensa-se inevitavelmente num contentor, num lugar para ser preenchido por coisas. Esta relação é inter-complementar e pode estar presente numa série de outras relações que se podem estabelecer entre verbos (neste caso retém, na medida em que possui a qualidade de acção de/sobre algo) e o adjectivo formado pela sua derivação (retido, onde curiosamente, o adjectivo serve para precisar o significado dos substantivos ou verbos), pelo que temos sempre uma relação de inter-complementaridade.

Desde os continentes mais simples aos mais complexos, esta operação, integrada na função alfa, é tomada como uma constante em si mesma podendo caracterizar tudo o que se relaciona entre si. Este modelo caracteriza também modelos de outras áreas científicas entre elas a fisiológica; aliás para Bion a mente (aparelho para pensar) constrói-se no modelo do sistema gastrointestinal, ou seja há o pressuposto na criança de que tudo segue uma linearidade espacial e temporal, tal como um alimento começa na boca e termina na expulsão anal (Elementos de Psicanálise, 1963), depois de ser processado (assimilado o que serve de alimento e expulso o que não serve). Um outro exemplo é o de pénis que procura cavidade (Zimmerman, 2004), este sim mais próximo ao próprio modelo continente-conteúdo cujos símbolos abstractos representam precisamente a receptividade e a penetração, patentes nos símbolos que escolheu: ♀♂. Zimmerman (2004) caracteriza-a como multidimensional pois tem uma grande aplicabilidade, isto é, é possível enquadrar neste modelo vários modelos de relação (citando os exemplos dados por Bion): mãe-bebé, Ego e representação, grupo-indivíduo, entre outros dos quais se destaca o par analítico. Acrescenta-se também a relação significante-significado.

O modelo continente-conteúdo propriamente dito forma-se por “aposição, constituindo um conjunto de «mangas» emalhadas pelas emoções” que, por sua vez, necessita de conteúdos, conteúdos esses necessários ao seu preenchimento e à sua definição (Amaral Dias, 98). Para se pode ter um continente é necessário que haja

um outro continente exterior cuja função de transformação seja interiorizada. Para interiorizar uma transformação é necessário que coexistam uma série de condições: função alfa, função de rêverie, capacidade de tolerar a frustração e a qualidade dos vínculos estabelecidos. Quando não é interiorizado o conteúdo tem de ser fragmentado (de modo a perder a sua intensidade) e evacuado através de uma acção (motor ou um seu equivalente verbal) porque a sua permanência na psique, torna-a um espaço habitado por objectos sentidos como reais, personificados e perseguidores (geralmente porque não realizam a necessidade e assim aumentam em muito a intensidade da frustração), que se torna insuportável.

Este modelo (relação continente-conteúdo) é responsável pela parte mecânica da mudança entre as fases evolutivas do desenvolvimento dos pensamentos (eixo vertical na sua tabela, em 1963). Pode-se então afirmar que Bion encontrou um modelo que substitui a ideia dinâmica de dentro-fora por receptor-penetrador, ou seja, continente-conteúdo. Ele foi para além do dentro-fora da psique, do interior e exterior do sujeito. Deixa-se de poder pensar só no interno do paciente, ou isolar uma relação simples sujeito-objecto, claramente diferenciados, pois pelo modelo continente-conteúdo todos os fenómenos mentais, do primitivo ao mais evoluído implicam a existência de um continente para poderem existir, ou simplesmente ser nomeados (significados) ou conhecidos. Nas Conferencias Brasileiras (1973), Bion refere inclusivamente que nós não conseguimos olhar o mundo de fora sem ser através das nossas experiências de dentro.

Esta discussão, que nos parece resolvida de forma simples por Bion, já tem mais de 2000 anos e foi mesmo o fundamento dos paradigmas opostos de Parménides e Heraclito. É uma meta-concepção que implica o posicionamento do próprio pensamento, da essência/referência de todas as coisas; ou se concebe um fora e um dentro estanques, estáticos, absolutos, numa relação positivo/negativo mutuamente exclusiva (Parménides) ou se concebe o mundo como um sistema de relações (Blanco, 1975; Poincaré, etc.), num eterno *devir* (Heraclito). O devir é aqui tomado como movimento, mudança, transformação. O devir é o movimento que impele sujeito ao objecto e o objecto ao sujeito, seja dentro de outra pessoa, ou mesmo de outra parte de si próprio, que se fale.

É com Bion que esta noção de mudança, transformação, comunicação entre sujeito e objecto e vice-versa, ganha um modelo psicanalítico. Este devir passa assim a ser também transmutação entre objectos, entre objectos e sujeitos, entre sujeitos e

sujeitos, entre “coisas” que só assim se conhecem, só assim se significam. Nesta perspectiva, tudo entra em movimento, em relação, em encontro e desencontro (Marques, 99). A caracterização principal do espaço interno concebido desta forma é o de ser um espaço que tem capacidade de significar.

Mas a distinção entre dentro e fora continua a ser importante. Segundo Amaral Dias (2004), a distinção entre dentro e fora é subsequente ao dinamismo bem-sucedido do modelo continente-conteúdo, e só é possível quando se consegue dotar os elementos energizados do pensamento (elementos Beta, que se prestam apenas a acções; quer estas sejam descarregar no corpo, ou evacuar como uma acção ou através de uma palavra-acção) de transformação. Os elementos Beta são os primeiros elementos protomentais, vividos como sendo coisas-em-si, mas apesar de tudo mentais ou protomentais (embora sensoriais), dispersos e sem possibilidade de conjugarem numa significação (Amaral Dias, 2004). Poder-se-ia dizer que para Bion é preciso interiorizar a função continente (função alfa) de outro para se poder ter dentro de si próprio um outro que pensa os seus próprios conteúdos, que dê sentido aos seus próprios conteúdos.

Desta forma e apesar da importância do modelo continente-conteúdo e do seu âmbito ir para além do dentro e do fora, o sujeito humano pensa-se e caminha por entre experiências tridimensionalizadas (Bion, e Matte-Blanco, 1988) que podem ser equiparáveis à relação entre dentro e fora, mesmo que esta relação se passe dentro do sujeito. A patologia border-line é um bom exemplo desta relação, na medida em que este sujeito pensa, se apoiado numa realidade espacial que se manifeste como um continente. Isto é, tem a função pensamento, mas esta função não é localizada dentro de si, mas dentro de um outro, efectivo, real (Amaral Dias, 1994)

## **1.5. O ESPAÇO PSÍQUICO COMO LUGAR DE SIGNIFICAÇÃO**

A ênfase da mente como um lugar onde decorrem determinadas actividades mentais, é uma constante em psicanálise. Em quase todas as concepções aqui apresentadas está presente a ideia de que quando há passagem do interior para o exterior ou o contrário, alguma coisa se passa, isto é, há um processo de transformação. Já referimos antes que a realidade interna não é cópia da realidade externa através dos estudos de Piaget e encontramos em Matte-Blanco e Grotstein

uma correlação entre interno e externo, e em Anzieu uma analogia. No entanto quem melhor fala deste processo é Bion. Para Bion é necessário mentalizar as experiências sensoriais, independentemente da sua origem (interna ou externa). Ele conceptualizou a Teoria do Pensamento para explicar o processo de transformação, bem como uma teoria das transformações. Neste subcapítulo o objectivo é explicar a componente linguística e de significação deste processo, pois para Bion o processo de transformação tem uma natureza linguística. Já referimos Varvin (1997) que considera que a narrativa é espaço-temporal. Matte-blanco (1988) refere que a linguagem e pensamento é assimétrico, tridimensional (isto é, inclui espaço e tempo) e Bion considera também que o pensamento contém espaço e tempo e é possível associá-lo à linguagem. Estas duas últimas ideias serão resumidas nos capítulos posteriores. Seguem-se os estudos de Bion relativos à significação, pela importância que este processo tem na organização mental, processo de natureza espaço-temporal.

A linguagem humana é arbitrária, pois os signos (na sua maioria) nada têm a ver com o seu significante ou significado, nem com o referente (o objecto designado). Portanto já de si mesma a linguagem é uma relação constante entre elementos. Grotstein (1999), após Bion, dá extrema importância à pulsão, ele considera-a um significante semiótico (ver caracterização do inconsciente). A semiótica é a disciplina que se ocupa do estudo do processo de significação ou representação, na natureza e na cultura, do conceito ou da ideia, ou seja, estuda os sistemas de significação. É no “espaço mental” que a actividade de significação tem lugar.

Para entender os processos de transformação (Bion, 1967) é necessário interligar o modelo continente-conteúdo ao modelo da pré-concepção e ao modelo PS<->D. O modelo continente-conteúdo tem também como função unir as pré-concepções (expectativas vazias) às impressões sensoriais (embora sirva também a todos os desenvolvimentos posteriores do pensamento). Se inicialmente, as pré-concepções são indiferenciadas (alimentação, respiração, excreção), com o desenvolvimento irão permitir a abstracção de hipóteses cada vez mais complexas. E é a mãe que, no início, atribui significado às impressões sensoriais oriundas da criança, desde que se apresente ao seu bebé como um continente receptivo, que é necessária à mudança, ao crescimento e expansão mental (Marques, 99). A introjecção deste modelo é não só necessária para organizar a função alfa, como para a criação de um espaço destinado a conter, transformar e pôr em contacto as

experiências emocionais do sujeito humano (Amaral Dias, 98), o espaço psíquico por excelência.

No que diz respeito à mentalização da experiência sensorial, a função alfa é a função que permite transformar as impressões sensoriais advindas do interior ou exterior (os elementos beta) em elementos alfa. A função alfa é o termo bioniano para o conceito de atenção em Freud (Bion, 1992): “encontrar as impressões sensoriais a meio caminho”. Apesar dos elementos beta serem a mais antiga matriz do pensamento, uma espécie de proto-representantes mentais de realidade concreta e sensível, eles ainda não são representações, são apenas impressões sensoriais, coisas concretas, ou tidas na mente como coisas concretas e reais, dotadas de características humanas. Os elementos alfa são as impressões sensoriais transformadas, de algum modo emocionalizadas. Para todo o processo de construção do pensamento são necessárias emoções, ou seja, é uma emoção (a tolerância) que torna o sistema de pensamento passível à dúvida (no continente) e ao sentido de infinito (relativos aos conteúdos). As emoções, são conceptualizadas por Bion sob a denominação de vínculo, porque caracterizam melhor a sua potencialidade ligadora. Elas são duas, as emoções de amor e ódio, à qual Bion acrescenta a de Conhecimento (K), aquela que permite a integração de “boa qualidade” destas emoções.

Continuando, as experiências sensoriais transformadas (emocionalizadas), têm aptidão de serem associadas entre si e, portanto, a serem pensadas. São sobretudo imagens visuais (que se ligam a outras pelo efeito transformador das emoções e constituem uma teia que pode vir a ser significada posteriormente) e podem ser utilizadas para a formação de sonhos, recordações e para a função de simbolização. Relacionam-se já com uma abstracção pertencente ao mundo mental e procuram seguir uma linha evolutiva, que implica abstracção. Uma abstracção é necessariamente uma representação e não um objecto (interno ou externo, parcial ou total) real. Quando a mente não significa, ou não mentaliza, ou ainda quando não há transformação de um elemento concreto físico num elemento mental isto é, com significado, é habitual referir-se a um estado com ausência de mentalização, descarga pura, identificação projectiva maciça ou patológica, etc.

Mas para que a actividade de significação tenha lugar, é necessário também que uma outra competência se realize, que Bion conceptualizou através de um modelo próprio, embora baseado na concepção de Melanie Klein de posições:

posição esquizo-paranóide e depressiva. Tal como Klein, ele fundamenta-se num movimento alternante em toda a vida. Mas Bion vai mais longe e concebe-as como modelos essenciais à constituição do pensamento, que está permanentemente a acontecer e não é predominante de uma fase ou outra da vida, e por isso designa-as com a seguinte abstracção PS <-> D. A posição esquizo-paranóide e posição depressiva implicam a noção de que há elementos dispersos, não relacionados, associados a sentimentos de perseguição (elementos Beta), que são reunidos num todo integrado associado a sentimentos de depressão. Bion chega a esta afirmação inscrevendo as ideias de Klein na ideia de facto seleccionado de Poincaré (citado por Bion, 1963) ao mesmo tempo que salienta a importância da posição depressiva para a formação de símbolos (que vai buscar a Hanna Segal). Para melhor definir esta alternância é preciso considerar (também) o seu aspecto interdinâmico e interdependente: “Ps caracteriza-se por uma nuvem de partículas capazes de se integrar (nuvem de incerteza), semelhantes aos elementos beta; e D é um objecto que tem a potencialidade de se fragmentar e dispersar, é um objecto integrado, um aglomerado produzido pela convergência de partículas elementares para uma partícula ou elemento beta” (Elementos de Psicanálise, 1963). Assim como a relação entre continente-conteúdo designa a possibilidade de introjecção ou expulsão de um elemento beta, também a relação PS<->D designa a possibilidade dos elementos se fragmentarem ou reunirem. No entanto, quando o mecanismo continente-conteúdo entra em jogo o resultado é o significado. E o significado é aquilo que permite que a operação PS<->D se esclareça (se defina) permitindo o delineamento do objecto total, através de um facto seleccionado.

Por seu lado, o facto seleccionado é essencial para o significado. Qualquer termo (no exemplo de Bion em Elementos de Psicanálise, o termo cachorro) passa a ter existência mental (e não real, porque essa é inacessível) sempre que se reconhecer que um conjunto de fenómenos tem uma coerência, cujo significado é desconhecido. Para Bion o nome é uma invenção que torna possível pensar e falar sobre algo antes que se conheça o que é esse algo. É que ele concebe os fenómenos (a única coisa a que se pode ter acesso da realidade) como destituídos de sentido e só coligados é que adquirem significado. Nomear é impedir a dispersão e dar coerência “->D” possibilita dar um nome.

Acresce ainda uma outra ideia. É que os nomes decorrem de uma codificação linguística que sempre existiu e é inerente à própria língua, isto é, são independentes

do sujeito. Mas sabemos que só podem adquirir significado quando o nome é apreendido como uma experiência própria e assim ser assimilado de forma constante, ou seja, conjugar um conjunto de elementos constantemente - conjunção constante. Assim o nome é uma conjunção constante possibilitada pela actividade de significação do modelo continente-conteúdo. O acto de significação fica remetido para uma operação realizada constantemente no tempo - regularidade. O facto seleccionado – o facto que permite dotar um determinado conjunto de elementos (antes dispersos) de coerência - é então o elemento que congrega em si características de os todos outros de forma coerente.

Tendo revisto antes o inconsciente como um lugar potencial de significação (Grotstein e a sua defesa do instinto enquanto significante semiótico), há ainda Matte-Blanco (1988) enquadra os símbolos na sua própria teorização. Os símbolos têm como função satisfazer os desejos instintivos. Se uma satisfação instintiva pode ser conseguida por um equivalente simbólico é porque é tomado como pertencendo à mesma classe. Assim, o conceito de símbolo é o de uma classe simetrizada em que cada um dos objectos e seus representantes são tratados não apenas como equivalentes, mas como idênticos. Mais, ele refere que esta actividade é tão importante que permite constituir uma organização mental, isto é, a satisfação simbólica dos desejos instintuais é utilizada para desenvolver vários tipos de actividade mental assim como o crescimento e desenvolvimento. A psicanálise define uma mente em correlação com a natureza, mas dificilmente se encontra alguma teoria que esclarece tanto o como é que esta conversão (tradução em Freud e transformação em Bion) é feita e o que é que de facto está na mente.

#### **1.6. O ESPAÇO MENTAL COMO UM LUGAR NEGATIVO**

Além da adaptação do princípio de simetria-assimetria por Matte-Blanco, consideramos também importantíssima a ideia de realização negativa, que temos vindo a falar. Este é mais um modelo de Bion, na medida em que permite grande abrangência e abstracção, bem como a sua operacionalização em qualquer emparelhamento mente-realidade, mente-Outro. desde o mais concreto ao mais abstracto. Acresce ainda que o modelo das pré-concepções de Bion é um modelo que permite teorizar acerca de um lugar onde a mente espaço-temporaliza tudo o que lhe

chega interna ou externamente. Este postulado de compreende dois processos mentais, um que constitui a mente pela necessidade de elaborar a frustração e outro que constitui um estado de satisfação necessário para se estar apto a elaborar. E esta dualidade vai estar implícita em todos os estudiosos do tempo e espaço em psicanálise, principalmente sobre o tempo, como se verá. São duas modalidades de funcionamento mental em relação com o mundo exterior (objecto).

Bion postula a existência de expectativas vazias, ou de um estado de expectativa. A expectativa é o desejo ou necessidade que algo se realize. As expectativas têm para Bion o mesmo valor que a incógnita matemática, isto é, apto a adoptar qualquer valor constante. O estado de expectativa é o pensamento sem conteúdo (Kant, referido por Bion, 1962). Um exemplo é precisamente o da boca-seio. Os bebés nascem com a expectativa inata de que pela boca algo vai chegar e satisfazer. O seio, mamilo ou tetina é aquilo que permite que essa expectativa se realize. A pré-concepção pode contudo servir toda a linha evolutiva de pensamentos, ou seja, é um modelo porque se refere a todas as situação em que algo tem a expectativa que algo aconteça e é designada de  $\psi(\xi)$  em 1963. Contudo, a expectativa refere-se sempre a uma gama restrita de fenómenos. Mas quanto menos restrita seja a expectativa, quanto menos saturada, mais apta está para se constituir um continente apto a receber e transformá-lo (dotando da capacidade de ser assimilado mentalmente e assim integrado na conjunção constante).

A concepção é a designação de Bion para o resultado da união da pré-concepção às impressões sensíveis que a ela dizem respeito. É um lugar de contacto entre os lugares mentais e a realidade física que lhe corresponde. É a relação continente-conteúdo que regula a união da expectativa com a impressão sensível, pelas emoções. A expectativa procura a sua realização por forma a diminuir a angústia.

Realização é “*real*” + “*acção*”, tal como descreve Zimmerman (2001). Realização não é realidade, não é do Real, é um encontrar a meio caminho (expressão que Bion reutiliza de Freud) entre a expectativa e a sua correspondente realidade física, criando uma concepção (realização positiva). Quando existe uma expectativa que não é realizada positivamente, há uma realização negativa. A realização negativa é uma expectativa que em vez de se realizar concretamente, gera um pensamento. O que acontece se e só se, existir tolerância e capacidade para

exercer a função alfa, pelo que depende da existência prévia de realizações positivas. Mas num certo sentido pode-se dizer que há sempre realização. No caso da realização positiva dá-se *entre* o sujeito e o exterior (impressões sensíveis equivalentes), no caso da realização negativa dá-se no interior do sujeito sob a forma de conceito. O conceito é uma representação de uma realidade negativa (não acontecida) que gera ou cria um pensamento que a substitui, um símbolo ou significado ou simplesmente representação. A expressão “a necessidade aguça o engenho”, é uma óptima caracterização da realização negativa. O bebé não pode ter a presença da mãe no preciso momento em que a necessita mas pode “ocupar-se” dentro de si próprio com a ideia dela, através de uma imagem (sobretudo) que a represente e que desencadeia a mesma satisfação, o mesmo estado emocional – bom objecto. É um bom e necessário equívoco, conforme nos salienta Amaral Dias, pois o tempo é por sua natureza frustrante. Se esta representação ou proto-representação “dura” no tempo (demasia) é ela que é atacada (e não o objecto mãe, ou sua parcialização no seio). Ou seja, é a representação que é atacada (enquanto conteúdo da mente) ou então o elo entre o objecto representado (o referente) e o objecto necessitado, o objecto em si mesmo (enquanto continente). Seja como for o pensar implícito na representação tem de sair da mente – ser evacuado. Mas como tudo isto é um processo mental, um processo pertencente à mente do bebé, pelo que o que sai continua a pertencer ao bebé. Mas fica desligado, desconectado de sentido, e é assim que Bion explica que o objecto é vivenciado como real. Este objecto que fica no interior, não é conhecido como representação ou proto-representação – é antes vivido como real. E é assim que o que sai afinal fica dentro, desta feita desligado e portanto o objecto necessitado é vivenciado como real e aterrorizador. Um sujeito esquizofrénico pode dizer que é “uma moto-serra” (situação real, num hospital psiquiátrico), pois tem dentro da sua mente uma imagem de moto-serra desligada totalmente do contexto que antes suportou a imagem mental que faria parte de uma ligação a algo, provavelmente vinculado através de uma carga emocional muito forte e destrutiva e portanto não pensável.

Em termos espaço-temporais, interessa-nos aqui a ideia de que, quando a pré-concepção se une com a impressão sensível correspondente – realização positiva – o efeito é a união de espaços e tempo: um funde e outro eternaliza. Era aquilo que o Homem Primitivo procurava uma fusão e eternidade através de uma acção. A componente repetitiva implica os processos de compulsão à repetição. A fusão

refere-se a uma união entre os espaços mentais (expectativa) com o seu equivalente real, pelo menos no sentido sensorial do termo, espaços de comunhão entre mente e matéria, mente e corpo. O mesmo se passa com o tempo, em que uma expectativa ligada ao futuro se torna presente, pela sua realização. Bion refere inclusivamente que há uma pré-concepção (de âmbito mais geral) de um mundo espaço-temporal, isto é, que o mundo segue uma linearidade espacial a três dimensões e uma sequenciação temporal. Isto é o que ele refere a propósito do pressuposto infantil de que tudo segue a mesma linearidade (espaço-temporal) do que o sistema gastro-intestinal. NO estudos do tempo que se seguirão, perceberemos melhor o quanto a realização positiva é necessária, ou melhor, o quanto um estudo de fusão e sem passagem do tempo é a base fundante do nosso ser. A ideia é: o sujeito antes de poder viver num mundo espacial e temporal, antes de poder aguentar a limitação implícita nesta experiência, tem de ser retirado da espacialidade e temporalidade: ele não suporta a consciência da separação, isto é, não suporta a consciência da ausência de algo na mente: fora e dentro têm de ser equiparado, simetrizados.

Estamos a deduzir, com ajuda daqueles que estudaram Bion, que este autor considera espaço e tempo como realizações, ou aquilo que permite a realização. Na sua obra “Transformações” (1967), Bion diz inclusivamente que os pensamentos contêm em si espaço e tempo. Como é conhecido, o processo psicótico realiza um ataque à ligação (ligação entre pensamentos, emoções, emoções e pensamentos, continente-conteúdo, pré-concepção-concepção, etc.). Em 1967 explica que na psicose, e cita-se na íntegra o autor: “à medida que a pré-concepção e a realização se unem, formam-se concepções matemáticas [concepção espaço e tempo], mas estas são tratadas como se fossem indistinguíveis das coisas-em-si, sendo evacuadas a alta velocidade como mísseis, para aniquilar o espaço.” E certamente também o tempo, porque este evidenciaria a não presença do objecto. Em seguida refere que o espaço e tempo são percebido como idênticos ao objecto mau, objecto destruído (o não-objecto), pois não há diferenciação entre pensamentos e as coisas que eles efectivamente representam. Bion dá exemplo de um ataque ao tempo, o de uma sessão analítica em que o paciente ataca o tempo, ao falar no tempo presente de coisas que tinha falado em sessões anteriores (com anos de diferença). Mas só teoriza no espaço, isto é, o espaço atacado pela intolerância à frustração é o espaço do objecto interno mau que invade o sujeito e o “ocupa”, e esta ocupação é sentida

como algo real e presente, como um objecto físico (sensorial) e estranho à mente e assim tem de ser destruído em fragmentos.

Se o próprio espaço e tempo que envolve qualquer objecto é ou pode ser atacado, por consequência se percebe que a representação, a realização negativa – o pensamento - implicam a utilização pela mente de propriedades espaciais e temporais e mais, implica que o espaço e o tempo são realizações negativas, isto é, são abstracções criadas na mente que têm como função dotar a mente da habilidade da representação. A existência de uma mente que representa espaço-temporalmente implica totalmente a ideia que espaço e tempo são organizadores da mente, enquanto esta for um lugar tomada como lugares de simbolização (representação). Resumindo, o espaço e tempo são aquilo que permite a realização negativa, o pensamento.

A dualidade mental que referimos até aqui, e que iremos continuar a referir através dos estudos do tempo permanece: há dois modos de a mente se organizar. Neste caso evidencia-se que também a realização positiva organiza a mente, se se considerar que existe um mundo pulsional (freudiano). A pulsão de morte (eliminação do estado de tensão) é necessária a todos os organismos vivos que não tem no momento aptidão a transformação em pensamento (bion) ou em ligar pulsão a uma ideia (representação da palavra). Esta retirada do mundo espacial e temporal promove bem-estar; continuidade e contiguidade que permitirá o equilíbrio suficiente para poder lidar com a frustração a que está sujeito todo o organismo vivo – porque morre. A eliminação do espaço e tempo na pela realização positiva é necessária para a constituição da mente, porque vincula e reassegura narcisicamente, conforme se verá em todos os autores que estudam o tempo, e que nós estamos a abranger ao espaço (por algum motivo, não se estudou a espacialidade embora se desse grande importância à fusão). Mas também a utilização do espaço e tempo pela mente na realização negativa é necessária porque é a única forma de tolerar a frustração. Como veremos a frustração é causada pelo tempo (tempo=morte, segundo Green e Amaral Dias) ou pelo *timing* (ideia oriunda de Winnicott, mas no desenvolvimento de Priel).

É preciso salientar porém que a atribuição ao positivo e negativo – ressaltando daqui a resignificação - uma posição paradigmática dentro da psicanálise e tão fundamental, foi realizada por Amaral Dias (1999, 2000 e outras), fundamentando-se em Bion e em Freud. Este autor considera que a lógica e a comunicação positiva baseada em Aristóteles foi quebrada com o surgimento da

própria psicanálise e pelo seu criador (Freud), ao ser introduzida uma lógica negativa, análoga à referida anteriormente pela lógica do inconsciente das relações assimétricas de Matte-Blanco (Amaral Dias, 1999, 2000). A “teoria do negativo” (2000) é uma teoria toda ela baseada no processo de constituição de um aparelho de pensar os pensamentos de Bion, ligada à espacialidade negativa, isto é, ligada à não manifestação de algo, ou à manifestação da não-*coisa*, quando se espera a *coisa*; a expectativa (pré-concepção) de algo é uma qualificação temporal de uma experiência que ganha uma qualidade paradoxal: torna-se uma não-experiência ou uma experiência falhada. Esta última ideia é baseada em toda a obra de Bion que por sua vez se fundamenta em Freud, principalmente no texto “Dois Princípios do Funcionamento Mental” de 1911. Com Amaral Dias, podemos dizer que é sobre esta falha da experiência e a frustração emocional desencadeada que irá surgir a representação mental de algo, cuja nível de simbolização se complexificará. Para ele (1998 e 1999) e ainda Bóris, 1994, um símbolo só é um verdadeiro símbolo quando permite também, a partir de si mesmo, outras simbolizações. Seja como for considerado o símbolo, esta é a única solução para lidar com o problema da frustração.

O espaço psíquico é considerado por Amaral Dias (2000) como o “lugar” que permite a experiência da angústia. Experimentar, como já referido, é encontrar uma manifestação espaço-temporal; é formatar espacial e temporalmente (linguística e culturalmente), pelos processos de pensamento e emoção vinculados. Segundo o autor, o espaço mental é “gerado pela fixação que permite a constituição de um reprimido originário”. Esta fixação primária dá-se em cima das experiências de realidade. O conceito de reprimido originário para o autor<sup>3</sup> é equivalente aos pressupostos básicos de Bion, enquanto o conceito de recalçamento propriamente dito, recalçamento secundário, é relacionado à linguagem, ao traço mnésico e ao resto verbal (lugar da representação da palavra). O recalçamento secundário está associado a um perigo derivado da realização do desejo e irrompe à superfície. Interligando estas ideias de Freud à teoria bioniana, Amaral Dias considera que a força atractiva do recalçamento originário é proveniente dos confins somatopsíquicos e é uma condição da espécie, uma área protomental da mente (isto é, não pensável,

---

<sup>3</sup> 2005, Seminário na Sociedade Portuguesa de Psicanálise da obra de Freud, neste caso, O texto de “A Repressão” de 1915.

não mentalizável). Por isso a associa aos pressupostos básicos de Bion: Ataque-fuga, Acasalamento-messiânico e Dependência.

A activação destes mecanismos (tomados no sentido que interligam o biológico e psíquico), irá ser realizada perante perigos vindo do real. Com o desenvolvimento, a activação destes mecanismos passará a ser realizada a partir de seus derivados simbólicos, sem necessidade de um acontecimento real. Decorre daqui que o recalçamento originário irá ser a força que contribuirá para o recalçamento secundário, sempre que um perigo se assemelha simbolicamente a esse perigo primário, fixado e oriundo de uma ameaça do real. Enquanto que a angústia que é desencadeada no recalçamento originário é uma angústia automática, a angústia desencadeada no recalçamento secundário é derivada da angústia sinal, em que o perigo é sinalizado antes do acontecimento. Para Amaral Dias, é a não activação destes pressupostos que encaminha o sujeito no sofrimento psicopatológico pois perde a condição de resolver a sua angústia. Sem activar o pressuposto básico, o perigo é vivido sem defesa. Por exemplo, na esquizofrenia não há uma activação do pressuposto básico de dependência; e nos problemas da constelação edipiana, não há uma devida activação do pressuposto do acasalamento.

Antes do espaço psíquico há uma fixação originária, activada pelo desprazer causado. Este desprazer mantém-se protomental, instintivo, e não pode ser acedido, portanto é um lugar protomental ou instintivo. A passagem de um sistema protomental (Amaral Dias, 2000), um sistema mental primitivo a um sistema mental, que se pode definir de forma muito simples como o conhecimento da realidade, é feita no espaço psíquico. Este espaço é o que permite a experiência de angústia e o seu conhecimento. (Bion refere mesmo que através do pensamento o sujeito apropria-se da realidade através do símbolo e que essa apropriação é necessária para a vida mental). O recalçamento originário opera como uma força atractiva que vai obrigar o sujeito a recalçar experiências que em comum têm o desprazer. Com a evolução, os derivados simbólicos do recalçamento irão ser activados sempre que uma ameaça ou perigo do exterior seja detectado, similar à originária.

Mas é importantíssimo a inclusão do objecto. O objecto, que é desconhecido (que não é real pois é uma finalidade do instinto), vai, pela mobilização de projecções e identificações projectivas e também, pela acção securizante da função alfa, permitir o estabelecimento dos vínculos com o objecto. Só que este objecto tanto apoia como desampara. Numa perspectiva desenvolvimental o primeiro esboço

de existência da espécie humana está no “desamparo originário” (conceito freudiano). Este acontecimento é considerado como o “lugar onde o outro não aparece”, mas aparece a sua ausência. Tal como na mente não está uma cadeira, quando se fala ou pensa numa cadeira, o que está é uma ideia de cadeira, mas a cadeira em si mesma está ausente da mente. Este exemplo é melhor entendido se for considerado o objecto-mãe, porque este objecto é também fundador da separação mobilizando um sentimento de perigo pela necessidade (dependência) para conservar a vida.

Desta forma, o negativo é o lugar daqueles que têm tolerância a conceber a ausência, a ressignificar o desamparo através dos vínculos, e assim construir pensamentos (dignos deste nome na Teoria do Pensamento de Bion), permitindo construir uma relação com o outro, através do símbolo, da palavra. A palavra que aqui retoma a sua importância simbólica: “a palavra é a morte da coisa”, da coisa-em-si mesma, do elemento beta. A capacidade de estruturar o negativo (conceber mentalmente o negativo ou, ter uma matriz, um continente onde possa ser concebida esta abstracção máxima e dolorosa que é o Nada), é a capacidade de estruturar o psiquismo. Porque para introduzir a palavra (o símbolo ou a comunicação simbólica), é necessária a constituição de um aparelho mental numa espécie de espaço “virtual” onde se coloca o objecto “morto” ou “ausente”, mas presente sob a forma de representação substituta. O substituto é o símbolo, o “Nada sob a forma de pensamento”.

Finalmente, para o Nada passar a ser algo ausente, mas presente sob a forma de pensamento - não-coisa (Bion) - é necessária a elaboração da frustração, que possibilitará a constituição de símbolo que simbolizará, pela sua concatenação com outros símbolos (Amaral Dias, 1994). Pois, no exemplo do autor, aquilo que é importante, “não é a relação com o seio, é a relação com a função que este transporta e para a qual se está apto”. E assim, o seio considerado na sua função alimentadora (entre infinitas possibilidades) poderá ser “substituído” por outros objectos, que se espera cada vez mais complexos e estruturados com o decorrer do desenvolvimento.

## 1.7. CONCLUSÕES: ESPAÇO COMO SISTEMA DE RELAÇÕES E DE RELACIONAR

Para Matte-Blanco (1975) “todo o nosso conhecimento do mundo é em última instância o conhecimento das relações das quais e para as quais nós nomeamos de convenções mundiais (num grau maior ou menor, dependendo da adequação das relações escolhidas). A verdadeira realidade do mundo - o *númeno* – é-nos desconhecida.”. Para ele, um facto é uma relação estabelecida entre dois acontecimentos (pelo menos) e um acontecimento é em si mesmo uma outra relação entre o sujeito e a parte acessível dos fenómenos. Sendo assim, só podemos “descobrir as relações, as relações entre as relações, relações entre relações entre relações”, e por aqui adiante. Por isto os “matemáticos e os filósofos chegaram a uma definição do mundo como composto apenas por acontecimentos, que não acontecem para ter importância nem para mais nada, apenas acontecem.” E assim sendo, um facto pode ser visto “através de um quadro de referência teórico que lhe atribui significado e se, um quadro de referência é, em si mesmo, um sistema de relações, então a mesma “realidade” pode ser descrita em relação a vários quadros de referência”. E é na mente que se encontra a capacidade de relacionar, o espaço psíquico é, por excelência, um sistema relacionador. É que mesmo que a espacialidade seja fundada no corpo, é sempre pela relação ao outro que a mente se vai tornar um sistema de relações apto a relacionar. A aptidão a relacionar é apreendida pela relação ao outro. Podemos descrever os processos mentais em diferentes enquadramentos teóricos, mas todos eles implicam que a mente é o lugar em que as relações são processadas - *espaço*, e pelo facto de serem elementos não reais, mas representacionais, correlacionados com a realidade pelas dimensões espaço-temporais - *espaço mental*.

As coisas que são relacionadas no espaço psíquico são-no em interacção entre duas lógicas antagónicas. Uma delas é fonte de estimulações, lugar de vivência totalitárias, atemporais e *aespaciais*, ou de experiências emocionais, ou ainda forças (pulsões) ou elementos concretos (elementos beta). Este lugar procura ávidamente a realização, na procura de significação e apropriação pessoal, ou de mentalização (pensadas e integradas na conjugação constante de personalidade) ou que simplesmente procuram uma forma de manifestação sequenciando e tridimensionalizando, este mundo “interior” infinito e pleno de intensidade. Como

nunca poderão realizar-se na totalidade pela limitação espaço-temporal a que são obrigadas, serão sempre fonte de vida, dinamismo, fantasias, processos mentais defensivos, consoante a espessura de assimetria em que sejam contidas.

Mas é o tempo (Atkins, 2006) que lhe confere regularidade, e permite a sua padronização e sistematização, além de outras características essenciais para a sua constituição.

## 2. CONTRIBUIÇÕES DO TEMPO PARA A ORGANIZAÇÃO DA MENTE

### 2.1. CONCEPÇÕES DE TEMPO

“O que é o tempo?” é uma pergunta de Santo Agostinho que ele (não) responde dizendo que quando se pergunta o que é o tempo não se sabe responder, mas sabe-se o que é, se não se perguntar. Observando as definições dos dicionários comuns, verifica-se que o conceito de tempo serve múltiplos sentidos, mas nenhum deles explicativo:

- Origem da palavra: Tempo vem do latim *tempus*, neutro que foi tratado como um masculino, tendo por isso perdido o *s* final. Não é amplamente aceite a ligação deste termo com o termo grego Chronos, sendo contudo origem da palavra portuguesa cronologia.
- Enquanto substantivo masculino:
  1. Meio indefinido e homogéneo no qual se desenrolam, irreversivelmente, os acontecimentos sucessivos e os fenómenos na sua sucessão;
  2. Sucessão de anos, dias, horas, momentos, que envolve, para o homem, a noção de presente, passado e futuro
  3. Parte da duração ocupada por dois acontecimentos. Duração. Duração limitada (em oposição ao conceito de eternidade);
  4. Certo período determinado em que decorre um facto ou vive uma personagem. Período. Época;
  5. Prazo;
  6. Demora; vagar
  7. Ocasão propícia, momento próprio, oportunidade, ensejo;
  8. Gramática - Flexão verbal que indica o momento em que a acção se realiza;

9. Meteorologia - Condições da atmosfera em dado momento e em certo lugar, em relação principalmente à temperatura e à humidade;
10. Música - duração de cada uma das partes de um compasso musical;
11. (Plural): Época, estações, idades;
12. Filosofia - Meio homogéneo e infinito no qual nos parece desenrolarem-se os acontecimentos.

Pela análise dos diferentes significados do termo tempo, verifica-se que tempo é principalmente referido como um lugar hipotético onde as *coisas* se desenrolam, quer seja tomado de modo sequencial, quer seja tomado como intervalo, que contém a ideia de duração. É difícil pensar em tempo sem ser através do espaço e isto deve-se, segundo Bergson, à Relatividade que tratou o tempo como espaço e por isso pode estudá-lo. Mais, o tempo nem sequer é recebido sensorialmente (Jaques, 1982, citado por Arlow, 1986). Desde o início dos tempos que o tempo é muito mais considerado uma actividade mental que o espaço. De facto não existe uma correspondência entre o tempo na mente e o tempo na realidade, tal como encontramos para o espaço, em que há uma realidade *numenal* (inacessível) mas que acedemos sensorialmente e interpretamos simbolicamente. Porque tal como Jaques (1982, citado por Arlow, 1986) refere, o tempo não é um agente, o tempo “não faz coisas”. O tempo é uma ideia posicional, uma forma de ordenar as coisas e acontecimentos, não flui nem para, não se expande nem se contrai, nem traz nem leva, nem cura ou mata. Não há correspondência porque quer a sucessão, quer a duração, são resultantes de uma actividade mental de interpretação, uma actividade interna. O relógio anda, e todos nós iremos morrer, mas nós não sentimos o andar do relógio em nós sempre da mesma maneira. Uma hora podem ser dias, um dia pode ser minutos. Nós não caminhamos na vida em correspondência com o tempo cronológico, nem temos constantemente a consciência da nossa morte futura. Seria simples e fácil dizer que espaço é propriedade material e tempo é propriedade sequencial, na medida em que a seta do tempo, caminha sempre na sequência entre passado, presente e futuro e de duração no presente, o único que experienciamos directa e sensorialmente. Tal não é possível.

Em primeiro lugar porque nós temos várias formas de experienciar o tempo, o que é melhor estudado pela psicanálise (Green, 2000). Há formas de experienciar o tempo em que invertemos o sentido temporal, outras em que eliminamos a passagem do tempo e outras em que nem sequer consideramos o tempo. Mas o tempo condiciona totalmente as nossas vidas. É a psicanálise a área de saber que melhor descreve e compreende; quer esta experiência heterogénea, quer o condicionamento pelo tempo. A psicanálise faz ainda uma outra coisa, explica como é que se adquire a consciência de tempo diferenciando-o de experiência de tempo, tal como alguns filósofos. A consciência de tempo é, tal como Heidegger definiu, derivada da angústia de morte. A morte é a única certeza que temos. Atkins (2006) refere que a segunda lei da termodinâmica comprova a irreversibilidade do tempo. Por mais que se explique o após-a-morte, não há como nós não morreremos e esta permanece a nossa maior certeza e o nosso maior desconhecido. Além da experiência de tempo e sua consciencialização, bem como da inexorabilidade da morte, a psicanálise preocupou-se com o tempo principalmente através a transferência, pelo que o tempo presente foi adquirindo maior importância. O analista e o *setting*, enquanto corpo/espaco, foi preterido em relação à vivência temporal do paciente como analista e que determinou diferentes paradigmas teóricos no interior da psicanálise. Mais recentemente, os estudos do tempo em psicanálise começaram a retomar a filosofia como ponto de origem para o pensar, a preocupar-se com a sua constituição, pelo que o tempo amplia o âmbito de estudo, através da psicanálise.

Nos estudos da psicanálise, encontramos quatro modalidades de estudar o tempo. As primeiras três referem-se à diferenciação entre experiência de tempo e consciência de tempo; a descrição de diferentes modos de vivenciar o tempo, e a origem do tempo no verdadeiro sentido do tempo – a consciência de tempo. Aqui o tempo é associado à consciência de morte que obriga a mente a defender-se através de movimentos narcísicos ou objectais que implicam a criação da tripartição temporal sequencial: passado-presente-futuro. A última modalidade, refere-se à constituição do tempo em relação com o outro; quer seja a partir da continuidade-descontinuidade, posteriormente pensada como presença-ausência, associada à polaridade: satisfação-frustração. Neste o Outro é muito implicado, mais, o outro é considerado o criador do tempo consciente e da sua tripartição. Devido à importância destes dois grupos, sentimos necessidade de os integrar, de modo a operacionalizar o

tempo no método de Rorschach. Para tal consideraremos o tempo como factor de ligação. Esta é uma ideia que vem de fora e de dentro da psicanálise: Atkins considera que o tempo é aquilo que permite a ligação. Para Arlow (1986) o tempo é uma construção intelectual pura, dependente dos processos de organização mental que une pensamento e acção. Nós iremos dizer que é o factor que determina a ligação; quer por sincronização relacional, quer por dessincronização relacional; mas são várias as teorias que tratam o tempo como ligação, de modo mais directo ou indirecto.

## **2.2. TEMPO DA EXPERIÊNCIA VS TEMPO DA CONSCIÊNCIA E TEMPO TRIPARTIDO**

*“A consciência realista da morte é traumática na sua própria essência, a consciência traumática da morte é realista na sua própria essência. Onde o traumatismo ainda não existe, onde o cadáver não está singularizado, a realidade física da morte ainda não está consciente”. (MORIN, “O Homem e a Morte”, 1997).*

Elliot Jacques (1982, citado por Rose, 1984), distingue o tempo de modo semelhante ao de Matte-blanco; um associado à vivência, outro à sucessão (porque o tempo é uma mera abstracção, puro produto do intelecto e vem com a intencionalidade psíquica). Estas duas temporalidades derivam de dois deuses gregos: Chronos e Kairos; o primeiro associa-se, à descontinuidade patente na noção de antes e depois, e o segundo refere-se ao fluxo contínuo de Heraclito, que é, segundo o autor (Jaques, citado por Rose, 1982) uma confluência entre passado (pela memória), percepção (no presente) e desejo no futuro. Para o autor o tempo é uma mera abstracção; não é uma coisa, nem se dirige a um momento ou outro. Existem de facto acontecimentos cíclicos e acontecimento sequenciais, mas o facto de a experiência de acontecimentos ser cíclica ou sequencial depende apenas da atitude individual perante a morte: (no cíclico nega-se, no sequencial aceita-se e influencia-se o modo de organizar a experiência). Estas duas formas não podem coexistir mas oscilar: entre descontinuidade e continuidade, estático e corrente, objectivo e subjectivo, concreto e abstracto, universal e particular. Esta oscilação revela como o *self* cria o seu mundo, na forma como se interpenetram, alternam e ambas são

necessárias para a concepção do mundo humano (Jaques, 1982, citado por Rose, 1984).

Arlow (1986) explica, partindo de Freud, como é que a nossa experiência de tempo, puramente intelectual, passa para o mundo externo. A base da nossa experiência de tempo é formada pela consciência da sucessão dos acontecimentos mentais e da extensão da duração. Estas duas experiências são projectadas no mundo externo dando assim origem ao conceito de fluxo de tempo. Depois de transposto assim para matéria, para o concreto, ele pode ser consensual e mensurável, o tempo objectivo. O tempo subjectivo é referenciado aos reflexos directos de desejos, defesas, seguranças e auto-punição inconscientes. Os principais determinantes do tempo são a percepção, memória, consciência de si e as fantasias inconscientes, bem como as ideias relativas à morte. Enquanto Bóris (1994) salienta a grande dificuldade na realização da experiência de tempo, que a existir só pode acontecer no presente em que algo se manifesta, para Arlow (1986), a realização do tempo (ou a sua transformação em experiência) é feita pela incorporação, reificação ou mesmo antropomorfização dos traços psíquicos inconscientes.

Mas a experiência de tempo é assim uma ideia paradoxal. Actualmente o paradigma vigente é de que não temos uma experiência de tempo enquanto tal (Whitrow, 1980, citado por Arlow, 1986), porque para este autor, bem como Santo Agostinho, Bergson, McTagarth, Jaques, Bion, Arlow e muitos outros, nós só temos experiência do presente. Sabemos que uma experiência precisa de algum modo de realização, precisa de algo concreto para se poder manifestar ou simplesmente ter existência. Não é o caso do tempo, muito menos da morte, em que nada se sente, e são muitos os autores se não todos, como se irá ver, que fazem equivaler a consciência de tempo à morte. A única experiência que se pode ter é aquela que se manifesta (realiza) no momento presente, ou instante, enquanto momento em que se processam estímulos (internos ou externos); mas não do tempo presente, porque, pensar no presente implica não só compará-lo ao passado e futuro, como também implica uma ideia que é sempre realizada negativamente, isto é, na sua ausência (Bóris, 1994).

Bion (1973) salienta a noção de que o tempo é sempre o tempo do presente, embora as pessoas usem a palavra futuro (ou sexo ou qualquer outra) como se estivessem a referir a algo com existência concreta. Para Bion o futuro é um lugar de

antevisão, precaução, ou probabilístico. Aquilo que é desconhecido do futuro é o que vamos estar a sentir em determinado momento ou se poderemos suportar esse sentimento nessa altura. O futuro é um conceito, tal como o passado. Mas para Bion, na realidade, falamos de emoções em tempo presente e por isso a psicanálise só pode ser feita no presente. Bion considera ainda nas Conferências Brasileiras (1973) que as ideias de passado e de futuro são cognitivamente fracas mas emocionalmente muito fortes. “Quando as pessoas falam a respeito do futuro ou sobre aquilo que se lembram ou sobre o que desejam, estão na verdade a falar acerca de um vigoroso sentimento presente”. O autor continua: “se alguém diz que se lembra dos ‘bons velhos tempos’, está-se a referir a um poderoso sentimento, e está-lhe a dar um nome que não suporta investigação. Tal como o passado e o futuro, e também a expressão os ‘bons velhos tempos’ estas concepções referem-se a nomes de um sentimento do presente e por isso é que são tão importantes.”

A diferenciação entre tempo da experiência, tempo da consciência está implícita na psicanálise desde a sua origem. O mundo do presente (Arlow, 1986), que é recebido por estimulação sensorial, irá ser percebido de acordo com um sistema padrão de fantasias inconscientes persistentes que, por sua vez determinam as antecipações de futuro e o moldam. Apesar de o presente ser a única experiência de tempo possível, na medida em que é o único que é realizável (ou seja passível de ser manifesto, realizado) ele está completamente alicerçado no passado, pois a força de Eros (Green, 2000) é constante e sempre activa na procura da sua realização, que logo o Super-ego (Green) ou Ego (Freud, Harticollis e Cohn) restringem e remetem para um passado. A ideia de o presente ser de restrição associa-se também à ideia de limitação do inconsciente referida na análise da mente enquanto espaço. Hartmann em 1964 (referido por Harticollis, 1974) referiu ainda que uma das funções do Ego é o adiamento do desejo, e como tal, tem como função libertar o sujeito do imediato e do impacto da estimulação no presente.

Há uma contínua integração entre a experiência actual e as fantasias inconscientes; por exemplo a fantasia inconsciente pode levar o indivíduo à selectividade de determinadas percepções e, o contrário também é verdadeiro, pois a vicissitudes do dia-a-dia estimulam os desejos inconscientes. A nossa ideia de tempo em si mesma, é oriunda da reflexão sobre essa experiência, possível numa mente que elabora e relaciona memórias, expectativas, desejos, e a experiência do presente,

inscrevendo-os no tempo. O Homem é o único a reflectir sobre o tempo, e até construiu uma civilização complexa baseada no tempo medido no relógio). Green (2000) refere que a experiência de tempo é sempre uma condensação de duas operações numa só, porque o momento da experiência do tempo nunca coincide com o momento da sua designação. O tempo da sua designação é o tempo da sua consciencialização.

Mas a psicanálise também postulou formas específicas de vivenciar o tempo, que ajudaram inclusivamente à concepção dos seus postulados originários: o tempo no inconsciente. Para Green (2000, 2005) Freud propôs um “modelo complexo de temporalidade, muito original e de uma maravilhosa ingenuidade”; onde diferentes formas de vivenciar o tempo criaram uma ruptura na ideia de linearidade temporal. É que no início da psicanálise, em 1885 (citado por Green, 2000) Freud considera uma temporalidade completamente nova, em nada irreversível, no funcionamento neurótico: uma temporalidade invertida – a posterioridade.

A posterioridade implica que os traços mnésicos das experiências precoces, só adquirem o seu significado e valor sintomático (traumático) posteriormente à sua inscrição. Nós temos vivências infantis vividas de modo neutro que são posteriormente consideradas traumáticas quando podem ser compreendidas. Inicialmente Freud considerou que isto acontecia só na adolescência, mais tarde associou ao momento de aquisição da linguagem, e ainda mais tarde a acontecimentos puramente fantasiados e não reais. Segundo Chabrol e Sztulman (2004), pela posterioridade, o passado ganha significado posteriormente e presente adquire significação pela sua associação ao acontecimento passado. Green explicando a concepção freudiana refere que existiam dois acontecimentos: um inicial não “mentalizado” pela imaturidade e um segundo que reactiva a carga emocional do primeiro, ao conferir-lhe a significação, capacidade que o sujeito entretanto adquiriu. Portanto a angústia é localizada num incidente posterior ao incidente original. Ou seja, primeiro há um acontecimento traumático e esse acontecimento vai desencadear um sintoma, pelo reenvio à recordação desse acontecimento no sistema pré-consciente. Posteriormente, este primeiro acontecimento vai-se associar a um segundo acontecimento, ocorrido não depois do primeiro, mas antes, porque partilha com ele características comuns. Mas a sua associação (entre acontecimento e sintoma) é inconsciente. O que permanece

consciente é a carga pulsional, que é comum a ambos os acontecimentos. A recordação do acontecimento segundo (mas em primeiro lugar cronologicamente) desbloqueia o impulso sexual do acontecimento primeiro, que não era possível no momento do incidente, e que se torna assim em angústia. É pelas ligações associativas entre um e outro que se revela o conteúdo inconsciente significativo, responsável pela descarga sexual tardia que resta na ligação com a recordação. Em conclusão, é a recordação que provoca um afecto que provém do trauma em si mesmo. Para Bóris (1994), a posterioridade significa que o presente é repassado, ou, o passado é rerepresentado no presente. Mas as descobertas que permitem, a verdade que o passado contem só existe no presente. Para Marques (1999) e Amaral Dias (várias), a posterioridade é convertida em ressignificação: o presente ressignifica o passado, e o passado contribui para significação do presente.

Para Green, a natureza do traumatismo esquecido (amnésia), não tem apenas uma ligação à sexualidade, ele pode ser tanto erótico, agressivo, sexual ou narcísico. Aquilo que tem sempre é uma manifestação à posteriori. A reactivação dos traços reconduz ao retorno, deformado, daquilo que num certo momento aconteceu mas é (e sempre será) inacessível na sua forma original, que permanece.

Em 1899-90 (citado por Green 2000), Freud propõe uma concepção dos processos psíquicos bidireccional: progrediente e regrediente. Os investimentos progredem e regredem no espaço psíquico, entre pólos preceptivos e motores, eles próprios enraizados num vai-e-vem. O aparelho psíquico está desta forma preso numa dupla vectorização tendendo ora para o futuro ora para o passado, principalmente porque todas as noites, no sonho, retomamos a intemporalidade (regressão tópica). A regressão temporal, é aquela que supõe uma sucessão genética e designa o retorno do sujeito a etapas já ultrapassadas do seu desenvolvimento. Há ainda a regressão formal, que acontece quando os modos de expressão e de figuração habituais são substituídos por modos primitivos. A regressão temporal (não massiva) faz com que o sujeito retome *fueros* (que o autor caracteriza como reservas de sentido), que são modos de funcionar que presidiram à solução de problemas antigos sentidos como semelhantes. Para nós, considerar o recurso a modos de funcionar implica mais o espaço que o tempo. Porque o espaço psíquico retoma – no presente – um determinado sistema de relacionar para determinadas situações. O autor refere ainda que é a fixação e regressão que provocam uma memória descontínua de

acontecimentos mentais, e que levam à amnésia infantil, embora acrescenta também a *forclusão* ou rejeição.

Mais tarde na obra de Freud, a noção tempo desfasado é substituída por um tempo da representação, isto é, é a simbolização que irá articular os diversos registos da heterogeneidade do significante, segundo Green (2000). Porém, em 1905 (citado por Green, 2000) Freud debruça-se sobre um tempo ordenado segundo a tradição, ao postular um desenvolvimento libidinal, isto é, um modelo diacrónico. O sujeito passa assim por etapas de desenvolvimento até atingir um estágio adulto. As etapas oral, anal, genital parcial e depois total (através do objecto) são diferentes áreas que condicionam diferentes modalidades de atingir o fim – a satisfação - que acompanham também diferentes modalidades psicológicas de funcionamento e de relação precisamente porque estas zonas são lugares de ligação física ou mental entre o interno e o externo, entre sujeito e objecto.

A ideia de que o “inconsciente vive e procede como se não houvesse tempo” (citado por Green, 2005) é a frase de Freud sobre o tempo mais conhecida em psicanálise. Contudo Green discorda por vários motivos: em primeiro lugar porque o movimento da seta do tempo não é linear nem constante (às vezes afrouxa, outras acelera), em segundo porque a nossa vida começa muito antes do nascimento, sendo o nascimento o lugar simbólico onde iniciamos. Há ainda o facto de que a consciência do tempo ser contradita por outros parâmetros da temporalidade, nomeadamente, no mundo dos sonhos e desejos. É que quando funcionamos em processo primário, o mundo dos desejos parece-nos mais real. E para Green esta é a base da nossa crença na intemporalidade, porque a intemporalidade no inconsciente é devida à força de Eros. A sexualidade infantil, enquanto lugar da sua constituição psicológica é uma fonte inesgotável de movimentos, conflitos, etc., que, apesar de ser a fonte da vida, é paradoxalmente um lugar a esquecer, recalcar, tal como os nossos pais o fizeram. São assim os traços das experiências ligadas à sexualidade que se mantêm contínua e activamente a abrir caminho para a consciência, reactivando nesse caminho os traumas que enfrentou. Isto acontece até à velhice, com o desvio “cómico-trágico” para os filhos. O autor não se refere a um eterno retorno, porque o amor nunca deixa de ser regulado com o ódio (a ambivalência humana é universal, embora se possa ocasionalmente descruzar), e este sim, pode diminuir ou ser transformado. Além disso o conflito psíquico, fonte de evolução, encarrega-se de

modelar esta força do amor, que ao contrário do ódio, nunca deixa de se manifestar. E mesmo que as experiências do Eu, a parte do objecto, o papel da realidade exterior, possam desfigurar ou tornar irreconhecíveis as sequelas das manifestações pulsionais primitivas, o que resta destas, irá sempre ser retomado ou recuperado ao nível do inconsciente.

Há ainda uma outra “função” na intemporalidade de Eros inconsciente: é a eternidade do desejo que nos dá forças para continuarmos a caminhar activamente contra a consciência desta realidade tão cruel e absoluta que é a morte. É que o inconsciente é, para Green (2000,) “o ponto de chegada a um tesouro dos sentidos, uma reserva preciosa das ilusões passadas, e também uma fonte dinâmica inesgotável que tende para o futuro, para a estimulação constante das forças que desalojam o sujeito do seu centro, pelo deslocamento, e o reenviam a outros”.

A compulsão de repetição é a forma de experienciar o tempo mais estranha que Freud postulou: um acontecimento significativo, se não for pensado, é repetido de modo compulsivo. Parece ser este o único tempo para o Homem primitivo, que só repetindo encontra sentido e realidade. A compulsão de repetição é, a par com a posterioridade, uma teoria que divide psicanalistas, porque Freud se questionava acerca da possibilidade repetir situações desagradáveis, que punha em causa o princípio do prazer-desprazer como “farol da nossa vida mental”. Para Freud a repetição (Freud, 1914, citado por Green, 2000) era considerada uma forma equivalente à rememoração ou perlaboração, necessária para o tratamento psicanalítico. Mas referia-se a uma repetição sob o modo de transferência, em que modos de relação passados eram repetidos (acção encenada) com o analista como se fossem presente. Actualmente, com as teorias da relação de objecto e da predominância das patologias em que predomina a acção; o agir adoptou um lugar diferente (segundo Laplanche & Pontalis, 1990), o de um lugar sem mentalização.

Para Green (2007, principalmente), a compulsão à repetição é a parte destrutiva da pulsão. É que ele considera que a ligação ao objecto está presente nas pulsões (para encontrar satisfação), e não apenas na passagem do primário ao secundário: a objectalidade é uma forma de satisfazer a pulsão, no mesmo sentido que Amaral Dias. Green considera ainda que o princípio do prazer origina-se de uma evolução na resposta do objecto (2000, 2005, 2007). A descarga (libertação de tensões pulsionais de modo não mentalizado) não significa actuação, mas livrar-se do

significado do conteúdo, com ou sem actuação, apoiando-se em Bion e na dualidade evacuação ou transformação. Green considera que a compulsão de repetição dá-se quando o princípio do prazer perdeu a qualidade de nos salvar (de agir como guardião da nossa sobrevivência) e se alia à compulsão de repetição. Contudo, no geral, ele age do lado de Eros para preservar a nossa vida e lutar contra as pulsões destrutivas, que ocorrem, em sua maior parte, do lado da repetição.

Para Amaral Dias (2005) a solução para este problema está na forma como se considera a pulsão de morte. O autor faz originar dela a vida mental porque o Eu tem necessidade de se libertar das tensões. Esta libertação tanto pode ser feita através do retorno a um estado originário e sem tensões – objectivo último da pulsão de morte em Freud (1920) – como pela procura do objecto, aquele que segundo o autor “salva” do desamparo pelo construção do símbolo. Ambos retiram a tensão (tensão é sempre desprazer), mas é pelo desvio do objecto que se constitui o aparelho de pensar (pela transformação da “energia” contida na pulsão, em energia zero, obtida pelo pensamento). No estado nirvânico o sujeito fecha-se sobre si mesmo de modo a reassegurar-se narcisicamente e eliminando o carácter conflitual do mundo exterior (objectal). Aqui a repetição teria sempre como objectivo anular as tensões.

Comum é a ideia de que a compulsão de repetição faz abolir o tempo, tal como Green refere, isto é, a compulsão à repetição elimina até a própria negação do tempo (a pulsão de morte nega ou congela o tempo). Ao contrário da regressão (um retorno a um modo de funcionar antigo, limitado ao tempo onde resolveu um problema de angústia semelhante e por isso tem a função de significação), a pulsão de morte procura uma indiferenciação cada vez mais possante e por isso não tem limite. Green caracteriza pulsão de morte metaforicamente como sendo um político conservador “que tenta travar o progresso para manter no presente as condições que reinavam no passado”. A pulsão de morte não procura a morte, somente a estagnação mortífera que congela o tempo. Ora em 2007 este autor postula a existência de outras formas de compulsão que não a repetição nem a acção (segundo nos diz em 2007), pois o grande objectivo da compulsão de repetição é o de anular qualquer significativo ou sequência temporal importante regulando-se pelo princípio do prazer: “o indivíduo repete em vez de recordar”. A partir de Bion ele considera que a compulsão de repetição pode ser vista sobre o duplo ângulo de uma impossibilidade a renunciar à satisfação imediata e simultaneamente, a da impossibilidade de sentir a

frustração (um estado intolerável). “O que se dá, ou se pode dar na compulsão, é como uma violenta explosão para fora do espaço psíquico, sob o modo próprio do acto, porque nenhum substituto pode assegurar a elaboração”, e “o agir é resultado da dessimbolização do acto. Para Green a realização é a palavra chave. O acto realizado tem lugar de realidade (tal como no Homem primitivo), esmagando o significado da acção numa urgência para a sua efectividade. Para Freud (Green, 2000), a pulsão de morte apela imperiosamente à satisfação, mas assim que a obtém, não apazigua mais que um instante.

Em Pédinielli (2004) encontramos outra análise do conceito de compulsão à repetição, precisamente pela impossibilidade da satisfação. Para ele, Freud, ao dar à pulsão de morte um carácter originário, deu à compulsão de repetição uma formulação estrutural; qualquer pulsão visa repetir experiências passadas, repetir experiências anteriores de satisfação. E é a diferença entre o prazer de satisfação exigido e aquele que é obtido (há sempre obstáculos) que nos impulsiona sempre a continuar a procurar e a repetir. Ela é aqui portanto, ao contrário de Green, um dos mecanismos fundamentais do funcionamento psíquico e da sua cura. Ao repetir tenta-se elaborar, isto é, “a repetição tem uma função de ligação e corresponderia a uma acção do Ego para dominar as tensões excessivas provocadas pelo traumatismo, ou seja, para ligar a excitação e produzir a descarga”. Pédinielli dá o exemplo do jogo da bobine (Freud, 1920), referindo que a criança tenta, repetindo a situação de separação, dominar o desamparo que a situação real desencadeou e libertar-se dos traçados que deixou. Ao repetir a criança torna-se activa em vez de passiva e é assim que “a repetição revela uma tentativa para ultrapassar uma situação dificilmente suportável e elaborável”. O que também é referido por Amaral Dias (2005) e está implícito na teoria de Bion, para quem a mente procura uma realização (aqui como acção no real).

Mas quer Green (2000, 2005), quer Amaral Dias (2001) nunca deixam de salientar a condição natural de todos os organismos vivos: o tempo está orientado segundo a seta do tempo. Segundo Green (2000) a “árvore da vida” (o sentido do desenvolvimento complexo) não pode ser conotado com o consciente nem com o inconsciente. Sempre que somos obrigados a pensar na seta do tempo, que é o mesmo que dizer que temos de nos submeter à força imperiosa que o tempo comporta obrigando-nos a sofrer a sua passagem, somos confrontados com a ideia de

que este movimento tende inelutavelmente para a morte como seu horizonte absoluto. Pelo menos para a consciência. Consciência e destino mortal do humano parecem indissociáveis e não deixam lugar, fora da imortalidade, a nenhum outra perspectiva para pensar o tempo. E qualquer que seja o ângulo sobre o qual o problema é abordado a reflexão deverá conduzir a essa conclusão definitiva, mesmo que o mistério do tempo, em si mesmo, possa por si mobilizar o interesse e sobrelevar as questões que apelam a soluções múltiplas. Ambos consideram que a noção da irreversibilidade do tempo, a orientação do passado para o futuro, ou seja, a ideia de que iremos inevitavelmente morrer é um paradigma organizador e não promotor de entropia (Edgar Morin, citado por Green). Ou seja, um dos fundamentos da condição humana é a consciência da morte, e um dos marcos evolutivos da humanidade é precisamente o enterrar dos seus mortos. O Homem faz acrescentar a quase constância numa crença numa vida depois da morte, que simultaneamente reconhece e nega. E pode até instalar a morte em vida. Nós sabemos-nos mortais, portanto limitados no tempo, efêmeros. Como a morte pode acontecer a qualquer momento, ela nos constrange e obriga a considerar, constantemente, que a “nossa hora” pode chegar no próximo minuto. Em si mesma, a morte é uma ideia intolerável. Não é apenas uma ideia intolerável porque nos obriga a renunciar ao prazer de viver e à ruptura dos laços com aqueles que nos são queridos. Há muito mais razões para que o Homem considere a morte uma ideia intolerável, ou inexistente, razões essas que se apresentam em seguida. Mas o medo da morte no presente, faz andar a vida, uma vida mais protegida e mais criativa, porque precisa de transformar esta tão dolorosa ideia quer seja crua, quer nos seus derivados (castração, separação, aniquilação, fragmentação, segundo Amaral Dias, 2001). Mais, segundo Cohn (1957) a procura de conhecimento é devida à necessidade de criar um presente sem medo.

O estudo da seta do tempo, implica a ideia de movimento sucessivo. Se o movimento for temporalmente caracterizado, ele implica a passagem entre passado, presente e futuro. Ora em psicanálise a seta do tempo não se relaciona apenas com a irreversibilidade ou consciência da morte, mas também com as estruturas mentais diferenciadas, que remetem para diferentes tempos (passado-presente-futuro). É em Loewald (1962, citado por Arlow 1986) que esta ideia é mais defendida, quando este autor afirma que as estruturas psíquicas são essencialmente mudanças temporais.

Para Arlow (1986) a psicanálise ilumina o problema da sequência passado-presente-futuro (seta ou fluxo do tempo), porque a psicanálise estuda o quanto os desejos e experiências inconscientes do passado continuam a influenciar o presente (Arlow, 1986) e, a garantir o narcisismo vital com a promessa de que os desejos passados se vão realizar no futuro (Cohn, 1957). A entidade que regula o tempo e a sua passagem não é contudo consensual.

Para Freud (1914, 1920, 1932, citado por Harticollis, 1974), a entidade que regula fluxo temporal é o Ego sendo o sinal de perigo uma das funções que estão na origem da percepção do tempo. Para Cohn (1957) além desta função diferenciadora dos tempos e de raciocinar no tempo, o Ego tem ainda a função de preservar o tempo. É que este autor (Cohn, 1957) acentua muito a noção de narcisismo vital. Devido à luta para derrotar a ansiedade, grande parte da mente permanece protegida precariamente ou mesmo ignorante à passagem do tempo e o narcisismo vital prefere viver nesta ignorância. Ao que acresce a grande resistência narcísica contra o tempo irreversível, pelo que a compulsão do Ego está sempre activa. Na superfície o Ego parece manter a sua qualidade temporalizadora, quando na realidade o Ego faz o seu próprio tempo, permite-se ocasional e subtilmente regredir através de fantasias sensuais e sentimentos caóticos. É pela repressão, segundo (Cohn, 1957), accionada pelo Ego, que a tripartição temporal se realiza. O excesso de emoção, a urgência de determinados impulsos pouco sensatos, são classificados como indesejados e atemporais, obrigados a serem transportados para o passado. Acima de tudo o que é importante é que nunca sejam presentes. Aliás para Cohn (1957) a noção de presente é criada precisamente pela restrição do impulso. A re-entrada de um desejo passado no presente pode ser gentil, se se associar a uma exigência cultural, ou abrupta se reentrar com tanta força que leva à ruptura das fronteiras da diferenciação temporal, provocando uma vivência de sonho (em estado vígil) ou memórias persecutórias. É que a habilidade de agir depende a capacidade de distinção dos tempos.

Para Green (2005) é o Super-Eu que comanda as decisões do presente e ainda as do futuro. Porque o Super-eu é para ele o guia quer dos projectos quer dos actos. Ele é fundado na idealização de um passado que torna o tradicional num lugar imemorial. O passado é revisitado, depois revisto e corrigido em nome da ética, que irá mais tarde ocultar o alvo das acções executadas sob a pressão de outras exigências. O Super-Eu suprime da memória as transgressões efectuadas ou

fantasiadas e valoriza os sucessos do sacrifício pulsional em torno de alvos mais elevados. Mais para Green (2005) há uma oposição entre o tempo do sujeito e o tempo dos outros ou, entre o tempo do Id (ausente) e o tempo super-egóico, que impõe tradição (intemporalidade) e cronologia (que é vista por ele como uma submissão ao tempo do outro).

Ainda segundo Cohen (1957) a ideia ou ilusão de passado é inconscientemente associada à morte que se conjuga simultaneamente com o esforço do Ego para materializar o presente, fugindo do passado. Mas o Ego também salva do passado aqueles valores indispensáveis e que têm de estar disponíveis para prover o presente (sublimação). Destes, a linguagem é o maior valor, porque a linguagem permite que uma criança desde cedo aceda à qualidade histórica do tempo, na medida em que contém todas as aquisições civilizacionais. Assim, os padrões simbólicos do passado, são encontrados pela linguagem de modo intacto e em uso, e são enriquecidos e transmitidos ao futuro. É no Ego que este tesouro de valores é preservado e fica para sempre dependente do tempo passado. Para o autor são as memórias da latência aquelas que têm como função a perseveração do tempo, e não são facilmente submetidas à mudança, porque tornam-se valores narcisicamente preciosos e são constantemente energizadas nas relações de objecto futuras, com identificações mágicas. Esta ilusão de reviver os tempos passados serve como salvaguarda contra o *acting out* e como protecção da sensação de extinção mental. A sensação de realidade é então submetida a uma promessa de passado, que contém em si mesma o futuro. As sensações temporais são povoadas com valores inconscientes.

Na sublimação (Cohn, 1957) revela-se o elemento progressista do futuro, o conceito de futuro. O futuro é constituído na sua origem, pela parte não realizada e não finalizada das exigências dos objectos precoces. Talvez exista uma sublimação sem recompensa futura (questão do autor), mas a grande parte da motivação a sublimar é feita de ilusões regressivas e verdadeiramente narcísicas. Tal como qualquer experiência temporal, a sensação de futuro é, em primeiro lugar, uma experiência criativa. Para o autor talvez todas as ilusões sejam potencialmente criadoras uma vez que todas elas compreendem o restringimento dos impulsos. As próprias palavras (linguagem) contêm este restringimento dos impulsos e, apesar de na superfície elas pareçam transportar apenas significados fragmentados, na verdade elas contêm infinitos ecos de associações silenciosas.

Para Loewald (1962, referido por Arlow 1986) é a confrontação com o Super-ego que introduz o elemento de futuro, que é mais dramaticamente visível no fenómeno da transferência, pois a experiência da fantasia do passado é reactivada em objectos do presente. Mas é-o na perspectiva ou antecipação de uma gratificação futura. Isto é, tudo o que pertence ao fenómeno da repetição é assim uma forma de repetir à procura de um resultado diferente do passado. Embora a passagem do tempo também possa ser vista nas formações de compromisso que o Ego consegue estabelecer.

Arlow (1986) dá exemplos da importância do Super-ego para a noção de futuro. Na premonição um desejo repudiado do passado é dinamicamente operativo no presente e é experienciado como uma inevitável antecipação do futuro. Também no *déjà vu* é a percepção de um futuro perigoso que leva a que o sujeito se reassure dizendo que já foi passado (e assim se acabou da primeira vez, também acaba da segunda). Harticollis (1972), diferencia entre futuro e antecipação e passado, porque uma memória está localizada no tempo e no espaço, mas é primeiramente experienciada como antecipação; futura satisfação ou frustração. Para o desenvolvimento do tempo enquanto perspectiva, isto é, a perspectiva do tempo, a memória é um factor crucial. O passado “mau” é aceite em vez de negado, quando há possibilidade de conceber uma ferida narcísica como um facto inevitável mas não catastrófico – no Édipo.

### **2.3. DA CONTINUIDADE-DESCONTINUIDADE À PRESENÇA-AUSÊNCIA**

Esta forma de considerar o tempo é menos directa, mas também muito importante no estudo do tempo como organizador do psiquismo. E tudo começou com Freud que postulou que a origem do tempo está na percepção da descontinuidade do sistema percepção-consciência. Para ele é o investimento não contínuo dos objectos do exterior a partir de quanta emitidos pelo Ego que determinam a percepção de descontinuidade, que está na origem do tempo, o que implica um antes contínuo. Para Freud, o sistema perceptivo é descontínuo, e pode ser concebido como uma superfície, devido à capacidade de ter obrigatoriamente de estar pronto para receber novas excitações, excitações essas que apelam ao desaparecimento dos traços anteriores que são recolhidos logo depois de terem realizado a sua função – a de se inscreverem. É pela percepção da descontinuidade

do investimento do sistema percepção-consciência que Freud postula a origem do tempo. Esta teorização está de acordo com as investigações científicas já referidas por Atkins (2006). Klein também fazendo originar o tempo da descontinuidade, considera que a descontinuidade já existe desde o nascimento – o acto da maior descontinuidade. Portanto o sentido de descontinuidade, essencial ao conceito de tempo, é para ela derivado de uma descontinuidade externa. E assim o tempo caracterizado por Klein é tomado como “protótipo de periodicidade”.

Segundo Harticollis (1974) Freud baseia-se, no final da sua vida, nas ideias de Marie Bonaparte (1940) que afirma que o «sentido que temos da passagem do tempo origina-se na nossa percepção interna da passagem da nossa própria vida». É no momento em que a consciência acorda dentro de nós, que nós percebemos este fluir interno e projectamo-lo no mundo externo. Este fluir relaciona-se também com a atenção, nomeadamente o investimento perceptivo conferido aos objectos, que surge a partir de quanta emitido pelo Ego. A nossa actividade perceptiva interna irá só mais tarde fazer deles uma continuidade e é aqui que encontramos o protótipo do tempo projectado no mundo exterior. Assim colocado numa equação seria atenção=percepção=tempo. Cohn (citado por Orgel, 1965) acrescenta a esta ideia a noção de que o ritmo das funções vitais cria um sentido de tempo regressivo especial no inconsciente. O tempo progressivo é uma projecção deste sentido para fora. Os problemas relacionados com o tempo são predominantemente narcísicos e projectivos, na qual o tempo psicologicamente reflecte a segurança na vida.

Para Arlow (1986) a própria identidade implica que o *self* ou o objecto seja a mesma entidade em diferentes momentos do tempo, independentemente das transformações que podem ter lugar nos intervalos (Arlow, 1986). Assim, o próprio estabelecimento da continuidade identitária remete para um processo simultaneamente sequencial (ao longo do tempo) e atemporal (constante e ou sempre presente ou fora do tempo). E é, segundo Arlow, o estabelecimento desta continuidade que confere estabilidade e sentido ao *self*. No fundo é o estabelecimento de continuidade (subjectivo) na descontinuidade (objectiva). Mais uma vez se fala de dois conceitos derivados, cuja definição é complementar entre si (continente-conteúdo), continuidade-descontinuidade.

Mas a ideia mais contemporânea e frequente é que o tempo é uma apreensão derivada da alternância entre presença-ausência. Comum a todos é o lugar de satisfação-frustração que é inevitavelmente um lugar de presença-ausência de alguém que satisfaz ou frustra, “saiba” o bebê ou seu cuidador disso ou não. A problemática da presença-ausência está assim totalmente relacionada ao tempo, tempo enquanto tempo real e presente, o tempo da apresentação ou da manifestação – realização -, ou tempo irreal, virtual, não presente, não actual do pensamento. É neste jogo de presença-ausência que se estabelece, para Bion a possibilidade de representar mentalmente o tempo.

Bion, em 1958 (publicado em 1992, *Cogitations*) associa tolerância à frustração a temporalidade (sendo temporalidade a consciência do tempo). Esta tolerância pertenceria à parte não psicótica da mente que obriga também à capacidade de tolerar a culpa e depressão, estas duas consideradas enquanto processos responsáveis pela causalidade, o que psiquicamente é concebível através da noção de consequência, responsabilidade (pela sequenciação). Ora Bion postula a existência de expectativas vazias, de que algo satisfaça e é pelo entrar em contacto com uma realidade correspondente a esta expectativa, que desencadeia frustração ou satisfação. Bion (1967 e outros) refere que a união de uma expectativa, pensamento vazio, ou conhecimento *a priori*, a um objecto que se lhe aproxime, produz uma concepção mental, uma percepção da realização, inevitavelmente ligada a uma satisfação e que irá, pela sua equilibrada frequência constituir uma base para o desenvolvimento dos pensamentos e do aparelho de pensar.

Mas sempre que a pré-concepção em vez de entrar em contacto com a realidade física, entrar em contacto com o não objecto, não-coisa, com a não-percepção desse objecto, o produto mental é uma realização negativa, isto é, uma vivência de não-objecto ou ainda; um “objecto ausente” que se torna “presente” na mente, pela representação. Em Bion objecto necessitado (esperado) é sempre tomado como um objecto mau e por isso a frustração obriga a mente a procurar alívio. Pode encontrar o alívio de duas formas, que dependem da capacidade de tolerância à frustração. Pode encontrá-lo colocando um pensamento no lugar do objecto ausente ficando assim mais tolerável a frustração – por um processo de transformação – ou, o objecto ausente, o não-objecto, ou com o aumento da frustração, torna-se um objecto-mau não distinguido da coisa-em-si que seria à partida o referente. Este

“não-objecto tornado mau” (tomado uma coisa concreta e não como um protopensamento), aumenta a frustração e o sujeito é obrigado a tomar medidas para não perceber a realização e assim fugir da frustração: evacuação. À medida que predomina a intolerância à frustração realizam-se ataques destrutivos ao objecto mau. Bion refere ainda que evacuar um objecto mau é equivalente a obter satisfação de um objecto bom e assim o ataque acaba por se generalizar a todos os pensamentos (pois todas as não-coisas – pensamentos - são objectos maus) e impede a construção de um aparelho de pensar.

Ora esta teoria não elimina a importância da procura da continuidade temporal, derivada da descontinuidade; o que não continua em acção realizada continua em símbolo pensado, só que a continuidade passa a ser entre o que se espera que acontece e o acontecimento em si (ou sua ausência), originado no externo, do outro e daqui o tempo e mente parecem estar intrinsecamente ligados. A importância que é dada ao hiato da frustração é aqui paradigmática e retoma a ideia do tempo como duração da filosofia. Na sua obra “Transformações” (1965) ele refere mesmo que, além de se tornar um não-objecto transformado em pensamento, pode-se tornar-se em mais do que isso, pode tornar-se um “ponto de vista (vértice da projecção), caso “espaço” seja usado como elemento insaturado” (citado por Bion, 1965), e assim generalizar a experiência a todas as outras. Para Bóris (1994) o tempo de um bebé é dominado pelo seio, na medida em que quer a satisfação quer a frustração são vividas como uma experiência de um tempo sem fim. O seio torna-se assim tanto um símbolo, um símbolo de algo funesto e abominável, como uma coisa-em-si. Aliás, esta ideia é desenvolvida a partir da sua conceptualização de seio, que considera uma categoria vazia (sentido kantiano), isto é, ele pode ser preenchido de acordo com a forma dos conteúdos projectados nele, mas não promove definição nem dimensão, tal como um saco não faz muito mais do que isso, adoptar a forma daquilo que lhe é inserido. A sua “função” é assim de prover experiências.

Para Bóris (1994) os símbolos, que são formados através do estabelecimento de uma relação de semelhança ou proximidade entre x e y, de tal modo que perante y, é possível sustentar a presença de x (na ausência de x), tem de ter uma outra componente: têm que ser, eles próprios simbolizáveis. No exemplo do autor, o azul pode simbolizar lago, céu, gelo, jacinto, isto é, todos os sentidos podem ser abarcados. O símbolo assim formado fornece um corolário que ajuda a criar uma

forma de pensar e falar de uma experiência no futuro ou no passado, isto é, quando está ausente. Para o autor, as “experiências são criaturas a nascer, que precisam de realização”, o que é proporcionada pelos encontros, conceito talvez semelhante aos acontecimentos para Matte-Blanco e para a física.

Ora para Bóris (1994) o tempo é de muito difícil realização, principalmente para uma criança que o tenta conquistar, sem o tomar em consideração, isto é, “forçando” um imediatismo, pois a duração (ou a espera) é-lhe terrível. Bóris (1994) não o referiu mas parece-nos fácil concluir aqui que a experiência de espaço é de mais fácil realização do que a do tempo. É que quando se nasce, nasce-se num corpo e um corpo é facilmente sentido como área, como espaço, como lugar. Para Sachs (citado por Harnik, ) “o tempo é o representante da necessidade real” relacionando-o à primeira fome. Harticollis considera num artigo de 1972, que o sentido de tempo determina e é determinado pela transformação dos afectos primitivos (os afectos subjacentes à governação do princípio do prazer/desprazer) em afectos específicos como a ansiedade, depressão, aborrecimento, júbilo, etc..

As origens do tempo, constituídas não numa mente isolada, mas da díade mãe-bebé, tomadas como uma relação intersubjectiva, começam em 1960 (segundo Priel, 1997), com origem nas concepções teóricas winnicottianas e em estudos experimentais. Estas concepções salientam a importância do outro na constituição da consciência de tempo. Mas na teoria geral continente-conteúdo de Bion, está implícita a importância do outro, embora Bion não considere tanto o tempo em si mesmo, um tempo real.

#### **2.4. A IMPORTÂNCIA DO OUTRO PARA A CONSTITUIÇÃO DO TEMPO**

Green (2000) refere que logo que a temporalidade não é nem elementar (baseada nos ritmos, pulsações e outras fisiologias corporais) – a primeira - e ainda antes de se instalar a separação do objecto instauradora do tempo (que conduz à abstracção e ao pensamento), está aberta a temporalidade pela experiência do outro. O tempo do outro designa um Não-Eu, que faz de si próprio um estrangeiro, e ao mesmo tempo obriga ao reconhecimento de qualquer coisa de si próprio dentro desse outro que faz dele um familiar e não um estranho, estrangeiro. Para Green, entre o

tempo do Eu e o tempo do Outro uma via é encontrada, aquela de um tempo de reencontro entre os dois. Ele defende que a importância do objecto deveria ter sido considerado ao se substituir o referente da representação pelo referente da acção, com a pulsão de morte, que impõe um curto-circuito na representação (1920, Freud). Porque o objecto é aquele que testemunha de modo constante a passagem do presente logo tornado passado. Embora não seja uma referência fixa do tempo, porque também é movido pelo tempo, partilha com o sujeito o mesmo momento, isto é, faz coincidir a experiência que o sujeito transporta e que assim passa a fasear: o objecto tem uma função de *temporalização*. Mas o objecto é também aquele em quem o sujeito se apoia para derivar a sua sexualidade, é também aquele que desampara. Nestes momentos só a temporalidade activa, que é a repetição do fantasma primitivo onnipotente que acredita imobilizar o tempo, pode fazer cessar o retorno do desamparo. Mas esta é uma luta segundo Green da morte do outro, que é sentida como equivalente à neutralização do horror do desamparo, ou ainda, ao fim da espera. Esta luta acarreta sempre a perda daquele que deseja a vitória sobre o objecto. O analista deve então repor a temporalidade suspensa ou congelada, e a temporalização dá-se via objecto. Mas só um objecto psíquico e *mentalizante* é que é um organizador do tempo, porque garante a representação. A primazia do outro, a onnipresença do objecto, obriga a uma recusa em absoluto toda a ideia de permanência inalterável ou de uma recordação que não seja atravessada pela história e presença do outro.

Priel (1997) é um autor que, baseando-se em Winnicott, constrói um enquadramento teórico em que se refere à constituição do sentido do tempo, como partindo da díade mãe bebé, sendo uma do *self*-com-o-outro. Acresce ainda uma outra noção dada ao tempo, é que só com uma adaptação temporal mútua no tempo para os cuidados, afectos, necessidades, etc., é que esta díade se pode constituir como relação intersubjectiva, É um tempo cronológico. Este *timing* adequado permitirá com o desenvolvimento a “capacidade de estar só”, a capacidade de relacionar passado-presente-futuro, a diferenciação Eu-outro, a integração do Ego e a narrativa. Para Priel (1997), este padrão temporal sugere que a relação dos pacientes com o tempo pode ser tão ou mais importante como quaisquer outros aspectos relacionais da sua vida. Estas experiência relacional pode ser sincrónica e por isso ser acomodante e consolidar um sentimento de continuidade, como podem ser

diacrónicas e transformativas, levando à mudança. Pelo que estas interacções têm um tempo certo para serem exercidas e um tempo certo para falharem, na medida em que permitem transformações e autoregulações mútuas. Fora desse tempo, elas não permitem a constituição de um sentido de tempo.

Ele baseia-se em estudos empíricos (Trevarthen, 1977 e 1992, Stern, 1985, Braten, 1988, citados por Priel em 1997) que demonstram que a estrutura temporal é construída a partir das interacções mãe-criança, principalmente na sincronia e ritmicidade encontrada; e que a arritmicidade, a diferença, e os intervalos de tempo não interactivos, são importantíssimos para a construção da diferenciação Eu-outro, um componente essencial para a constituição do sentido do tempo. Sander's (1984, citado por Priel, 1997) refere que esta regulação começa com os processos básicos biológicos (sono-vigília, fome e satisfação, etc.) e procede através de uma sequência de coordenações mútuas inferidos entre o cuidador e a criança, sobre sentimentos, intenções, objectivos e expressões. Os períodos de discontinuidade no cuidado materno, durante o qual a criança permanece acordada, desligada de estimulação interna e externa. Neste “espaço aberto” a experiência subjectiva da criança começa, fora dos controlos exercidos por fontes quer internas, quer externas. Stern and Gibbon (1979, citado por Priel, 1997) salientaram que as diferenças no comportamento temporal da mãe (diminuição e aumento de ritmo, irrupções de actividade e das trocas), afectam os níveis de vigília ou níveis afectivos, de modos específicos relacionados com ambos. Stern concluiu que temporalidade e afecto são intimamente ligados.

Com Amaral Dias (2001) estas ideias “arrumam-se”. Para ele o nascimento é o momento que nos introduz no tempo, de modo traumático. O feto é expulso de um meio aquoso e protegido que filtra os estímulos, passa para um mundo extremamente estimulante e completamente diferente do anterior (Otto Rank referido por Amaral Dias). Este momento, o da mais abrupta separação, é apenas um gerador metafórico, ou seja, um momento ao qual se atribui – a *posteriori* - este significado. A esta experiência vai seguir-se um determinado tempo de dependência, o mais prolongado de todo o Reino Animal: o processo de desenvolvimento e maturação do novo ser, porque o bebé humano é o que nasce mais prematuro. A prematuridade é tal que uma das estratégias de sobrevivência da espécie, são as competências do bebé e da mãe para os cuidados que o bebé irá necessitar por longo período de tempo – ele é

portanto totalmente dependente da relação com o Outro. Portanto, o desenvolvimento biológico (e psicológico, naturalmente) do recém-nascido depende da existência de alguém que se lhe vincule e que o cuide, isto é, nós somos biologicamente determinados para a relação, para a vinculação. A multiplicação destes dois, mais as circunstâncias do meio ambiente, irão capacitá-lo para tolerar aquilo que é mais específico ao humano: a consciência do tempo, que é na realidade a consciência da sua própria morte.

É através da relação que se gera uma dupla temporalidade no humano. Por um lado ele é inevitável e totalmente dependente para a sua sobrevivência, e leva o sujeito a criar uma ilusão, a da solução do problema da morte através da relação ao Outro; por outro lado, o outro “salvador” não salva, não vai estar sempre presente, não vai satisfazer sempre (e se o fizer, mal ficaria, o que está em acordo com todas as teorias que implicam a relação objectal) e assim é precisamente pelo outro que o bebé prematuro sente o desamparo. Portanto, o Outro salva e o Outro mata, ou pode salvar e/ou matar. Esta é também uma duplicidade relacional, um dupla relação ao objecto.

Mas sempre que não há presença (não há satisfação), ou simplesmente não há os cuidados esperados, há uma experiência fortíssima emocional de desamparo. Sobre este lugar tem de ser realizada uma *costura*, e esta acção de *costurar* implica o reconhecimento de um lugar “radicalmente perdido”. Mas esta é a condição da espécie: “não há forma nenhuma de resolver o desamparo (no seu sentido último que é a morte). Por isso a ausência do objecto é constitutiva e radical. A condição Humana é o desamparo e as tentativas de lidar com essa insuportabilidade. Uma delas é gerando a relação a *Eros*, o vínculo. Outra forma de lidar com o sofrimento é pelo efeito da pulsão de morte tal como o autor a re-evoca de Freud: o lugar do não ser, o lugar da ausência, o retorno ao estado originário, o lugar onde não existem tensões, o princípio da constância, como salvação, como inexistência da diferença, da separação, do ser.

O jogo da presença e ausência com a figura de relação de dependência depressa se converterá em emoções, também elas duplas: amor e ódio. Emoções vistas do ponto de vista bioniano, como lugares de vinculação, que podem ser polarizadas no caminho que vai das positivas (as emoções que se manifestam: “+”) e negativas (as emoções contra as quais se luta: “-“ ou que se impede a sua manifestação). É importante salientar a terceira emoção que Bion postula, o

conhecimento (emoção vinculativa e também polarizada), que permite que as emoções ganhem sentido e portanto que sejam representadas mentalmente. Já vários autores aqui citados salientam o conhecimento como forma de lidar com o tempo. O mito de Génesis é uma personificação desta ideia.

Através da filosofia existencialista de Heidegger (1923) Amaral Dias acrescenta que este objecto de desamparo é ou pode ser o objecto que via criar a consciência reflexiva. É no desamparo que o bebé começa a sua saga enquanto ser-para-a-morte que mais tarde se tornará consciência também do Nada que está associado à sua vida por morrer. A outra temporalidade, é o fluir do tempo, o sentido cronológico inevitável da seta do tempo. Se para Heidegger nos momentos da consciência reflexiva o tempo é suspenso, e ele ganha consciência de si, de que está no mundo (Dasein), que existe como ser individual e que vai morrer. Este é o momento em que a sua vida ganha sentido e ele cai (sai) da degradação (*epochè*) alienante do seu dia-a-dia e confronta-se com a morte com o Nada.

Para Amaral Dias, contudo, o lugar da morte é o lugar do símbolo, tal como a ausência leva à representação. Sobre a morte vão criar-se túmulos (etc.) vão criar-se símbolos para lidar com a insuportabilidade deste Nada. Na realidade o símbolo é para Amaral Dias o único lugar onde se pode resolver, falsa mas necessariamente, a mortalidade. E é assim que religiões surgem, linguagens, desejos de saber, etc.. Assim, encadeando numa história ou narrativa de características míticas que se resolve o problema da angústia de morte, que é, no seu início e no seu fundamento, o medo de morrer. Mas esta história só é possível pela significação que por sua vez só é permitida pela relação. É pela relação ao Outro e pela capacidade de comunicação (troca) que o sujeito vai ressignificando a sua angústia de morte e amortecendo-a. Pois só na relação com o outro, uma relação de natureza intersubjectiva é que se constitui um espaço psíquico para lidar com esta ameaça - a maior ameaça de todas.

## **2.5. O TEMPO COMO FACTOR DE LIGAÇÃO**

Arlow, em 1986, referiu que o tempo é uma construção intelectual pura, que depende dos processos da organização mental que unem pensamento e acção. Também Atkins (2006) referiu que nos estudos fisico-químicos, que a única coisa que vemos (estímulo visual recebe imagens sucessivas que desencadeiam

transformações na molécula da retina) é fruto de um processo mental, que percebe a média (no sentido matemático) de acontecimentos aleatórios interligados pela propriedade comum que é o tempo (Atkins, 2006). Em muitos dos outros autores, esta ideia do tempo ser ligação, está implícita. Saliente-se contudo Priel e estudos experimentais que evidenciou. Mas a noção de tempo como factor de ligação é mais facilmente compreendida, através do “modelo” da realização e da concepção anterior de que qualquer espaço é um sistema de relações, que pela regularidade (temporalidade) se padroniza. E o espaço psíquico é o sistema de relações que permite relacionar.

A mente só pode relacionar coisas no momento presente. Mesmo que estas sejam do passado, é um passado no presente. A expectativa (ou antecipação) é vivida no presente. A compulsão de repetição, assim como a regressão, são, com este ponto de vista, conceitos mais saturados de espacialidade do que de temporalidade. Porque a mente humana não anda para trás no tempo, ela adopta no presente sistemas de relações em vigor num outro tempo, tempo esse mais apropriado para lidar com semelhante sofrimento. Na compulsão à repetição, poderíamos dizer que o sistema de funcionamento do presente é interrompido e força a mente a encontrar no presente; não o mesmo sistema de relações, porque por impossibilidade de elaborar o sofrimento este não foi constituído, mas a mesma circunstância traumática, em termos de experiência, em termos de manifestação concreta ou de realização positiva. No sonho, a repetição já contém alguma (pouca) elaboração, pelo facto de a circunstância ser criada internamente. A compulsão à repetição é de alguma forma um pólo atractor de uma realidade “real” ou sonhada, sem entrar na sua função de significação ou contra ela.

A circunstância que faz relacionar coisas entre si tem certamente muitos determinantes, como vimos associados aos padrões de personalidade e/ou fantasias inconscientes e/ou os lugares em que o prazer mais procura realização, e/ou evitar frustração, etc.. Comum a todos eles está o facto de fazer coincidir na experiência presente (aquilo que se manifesta) um ou mais determinantes, que por sua vez determinam a experiência presente (posterioridade ou ressignificação). Mas sem esta sincronização não haveria como relacionar nada. Para relacionar é preciso comparar – por em relação – e isto é também sincronizar temporalmente na mente. Não há ligação sem sincronização temporal. Desta forma a noção construída de passado e

futuro, e de passagem entre passado-presente-futuro deve-se à existência de um sistema de relações apto a relacionar. Por exemplo apto a diferenciar o que vem de fora e o que vem de dentro (que é trocado no *déjà vu*, como refere Arlow, com uma função de protecção – se o sujeito já passou por isso, significa que também pode passar outra vez).

É que a mente não existe no lugar em que há satisfação ou realização do desejo, onde não há necessidade de espaço nem tempo. Esta é contudo uma sensação obrigatória para aguentar a crueldade da morte criando continuidade na descontinuidade da vida (como vimos é biologicamente há descontinuidade). A mente existe para lidar com a frustração, não satisfação, desamparo, angústia, etc.. e é com Bion que esta ideia é melhor esclarecida. A realização positiva – o acontecimento - permite o estabelecimento da continuidade – tempo da presença, tempo que liga mente e realidade, mente e acção. A realização negativa é estabelecida pela descontinuidade que, pela anterior realização positiva (certamente com muitos outros determinantes) está apta a tornar-se uma continuidade. Mas continuidade mental, isto é, uma transformação simbólica de algo experienciado no momento presente, que integra nas estruturais internas de personalidade (além de determinar a experiência). A definição de virtualidade como aquilo que não é actual, que é potencial mas não acção, ou ainda um prolongamento de um reflexo, ganha mais sentido. O tempo é assim um facto de ligação, o que possibilita que todos os outros determinantes mentais se relacionem.

### **3. O ESPAÇO E O TEMPO COMO ORGANIZADORES DA MENTE**

#### **3.1. AO LONGO DO DESENVOLVIMENTO**

Em primeiro lugar há que apresentar as ideias que os vários autores têm sobre o desenvolvimento, quando o estudam através do espaço e tempo, onde iremos sintetizar e coligir várias concepções da mente que utilizam o espaço e o tempo como características da mente que se desenvolvem, a par da evolução e desenvolvimento mental. Incluir-se-á logo em seguida a vivência psicopatológica de espaço e tempo, na medida em que a mente evolui através das qualidades que vai adquirindo pela e na relação com o Outro, incidindo nos primeiros anos de vida como fundamentais à constituição do psiquismo e que irão estar presentes ou não no adulto, de modo normal e psicopatológico; pelas regressões, fixações, estagnações ou falhas que impossibilitam uma mente que elabore a frustração.

##### **3.1.1. A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA ESPAÇO E TEMPO**

A psicanálise localiza no corpo o início do desenvolvimento mental, tomando-o como uma referência, uma espécie de coordenada central com o qual todos os outros espaços entram em relação; distância, proximidade, etc.. Mas este corpo não nunca é referido como tendo um interior no início em termos de espaço: é um corpo investido em superfície, onde decorrem o conjunto das sensações. Em termos de tempo já não se passa assim, na medida em que é na percepção da descontinuidade com regularidade, de um corpo em funcionamento, isto é, fisiologia. Estamos a falar de batimentos cardíacos, movimentos peristálticos (sistema digestivo), respiratórios, etc.. A primeira experiência de tempo tem origem no interior, mesmo que a noção de interior não exista, e que seja uma aquisição mais espacial.

Esta ideia parte de Freud, que em 1923 afirmou que o Ego é, “primeiro e acima de tudo, um ego corporal, não sendo simplesmente uma entidade de superfície, mas, ele próprio, a projecção de uma superfície”. Silder (1935), Anzieu (2000) e Poland (1992), desenvolvem esta ideia do corpo como superfície; superfície que delimita o dentro e o fora (e um dentro, dentro do corpo), ou ainda como pele ou envelope psíquico (invólucro, contentor) na medida em que é o lugar onde o mundo interno e externo imprime os seus conflitos. Para Anzieu (2000) estas sensações estão na origem da delimitação do Eu e para Ogden (1986), estas sensações pré-simbólicas (ele considera que existem estruturas psicológicas profundas que pré-existem ao sujeito e que têm como função organizar as percepções); são o primeiro modo de organização da experiência que ele intitula de posição autística-contígua (coloca antes das posições de Melanie Klein, nas quais se baseia). Isto é feito pela conexão de dados sensoriais brutos que se irão constituir como superfícies confinadas, delimitadas. Para Ogden a experiência de contiguidade é nesta fase necessária, para impedir um derramamento no espaço infinito e sem forma. Golse (2002) também considera importante a unificação, que ele postula que é, em primeiro lugar, uma unificação do próprio corpo. Quer Anzieu, Ogden, e vários autores (muitos deles referidos por Priel (1997) referem um composto mãe bebé (Winnicott), ou uma fantasia de pele comum (Anzieu).

É também comum referir o corpo como o primeiro lugar da experiência da relação; alimentação, cuidados, o toque na pele do bebé, reconhecimento do ambiente, e assim por diante (Poland). Silder (1935) salienta a interligação entre corpo, espaço e percepção, através das características do tamanho, o peso, a distância, as diferentes dimensões espaciais, a velocidade, o impacto e o movimento, partindo da visão de Freud. Para Silder o espaço está ligado e é expressão imediata da situação libinal, sendo através do Id que a experiência de espaço é alterada, um espaço mágico, onde se desenrolam as relações com os objectos de investimento e conflitos. O corpo é um lugar de significantes primordiais, de acordo com Golse e Grotstein. O primeiro salienta a qualidade puramente somática no início, e o segundo a componente semiótica dos instintos enquanto lugar que une soma-psique. Para Harticollis (1972 e 74) o sentido do tempo constrói-se também a partir do Id. O tempo vivido é aqui de duração intemporal, mas associada a um processo passivo de

espera. Golse (2002), considera este “corpo” amorfo, sem delimitação, totalmente somático.

Para Meltzer (1975) o primeiro espaço é o unidimensional, em que espaço e tempo estão fundidos e são indistinguíveis. Não há separação nem distância; e luta-se contra o espaço e tempo, tal como o Homem Primitivo. Designa-o por um estado de mimetismo, sem mente – estado amental (Meltzer, 1975); apenas existem coisas na direcção a si próprio que gratificam ou frustram. Para Grotstein (2003) esta fase é adimensional (ou Dimensão nula), salientando a sua indiferenciação e simetria, porque qualquer ponto de impacto na superfície é sentido de modo igual em todo o corpo (simetricamente distribuído), que é como o feto e o recém-nascido sentem. A dimensão nula caracteriza um funcionamento mental concreto, sincrético, solipsista e narcísico, devido ao estado de fusão-confusão, num mundo onde continente e conteúdo são idênticos. Nesta dimensão e seguinte (unidimensional) manifestam-se as fixações traumáticas, que ele designa como uma detenção virtual da continuidade do ser e ainda, um estado de “O”. Além disso, como é um espaço sem distância nem delimitação, e por isso não há projecção. Em sintonia com a ideia de Blanco de estado simétrico “puro”.

Para Fenichel, o tempo é inicialmente experimentado através dos ritmos biológicos internos (respiração, pulsação), enquanto sensações cinestésicas, que ajudam a criança a diferenciar os intervalos de tempo (citado por Harticollis, 1974). Esta ideia é referida por muitos autores. Foi Hanns Sachs e Yates em 1935, que o associaram à alimentação e portanto à alternância entre satisfação-frustração, existente na fase oral. Depois destes últimos autores, vários autores foram-se encaminhando para a ideia mais frequente actualmente – o tempo derivado da alternância presença-ausência qualificada como satisfação-frustração, que muitos (Ogden, principalmente) fazem associar à pulsões de vida e morte (segundo concepção de Klein) e conseqüentemente de bom e mau objecto. Conforme as teorias atribuem maior importância à noção de expectativa (ligando tempo a futuro) vão-se construindo outras concepções. Erickson (1956, citado por Harticollis, 1974) refere que a experiência de ciclos temporais e de qualidades temporais são inerentes (fazem parte do corpo) e desenvolvem-se a partir dos primeiros problemas que a criança sofre na tensão crescente da satisfação das suas necessidades; o adiamento dessa satisfação, e uma unificação com o «objecto» é aquilo que promove a satisfação.

Salienta-se aqui a importância da contiguidade corporal (espacial) com o meio. Golse (2002) refere que após a unificação entre os elementos do corpo, esta relação criada vai ser reproduzida na relação com o objecto. Ele considera uma dupla ancoragem: no unificação do corpo e na interacção com o objecto, atribuindo ao bebé uma maior participação na constituição do seu próprio psiquismo.

Um outro analista (Gifford, 1960) associa à aprendizagem e adaptação aos padrões de vigília e de sono, sendo que é durante o período diurno que ele recebe a atenção e satisfação maternal. Arieti (1947, citado por Harticollis, 1974) encontra na capacidade de expectativa e antecipação dos factores determinantes para o desenvolvimento da ansiedade e capacidade de simbolização, respectivamente. A primeira (expectativa), refere-se à capacidade de antecipar acontecimentos quando está presente um determinado estímulo exterior e a segunda, refere-se a essa mesma capacidade, mas na ausência de estímulo exterior (directa ou indirectamente relacionado). Estes dois processos mentais são ontogeneticamente contíguos, sendo que o último advém do primeiro. Arieti (1947) diz que a expectativa se encontra em todos os animais, embora a antecipação é apenas característica do humano. Spitz irá mais tarde (1972, por Harticollis, 1974) referir que é a antecipação o processo psicológico que evolui do condicionamento da actividade reflexiva do recém-nascido e que formará a primeira ponte entre o somático neurofisiológico e a actividade psíquica.

E Rappaport em 1945 é referido no mesmo artigo ao acentuar a relação entre antecipação e a perspectiva de tempo, que é diferente do tempo enquanto ritmo sequência em si mesmo. Também Fenichel e Bóris (1994) salientam a ideia de que no início não há noção de tempo (duração, intervalo, velocidade e ritmo), embora o tempo seja experienciado, mas continua a não existir uma escala do tempo. Ele refere que é de forma inconsciente que se vão estabelecendo os ritmos. Para Meltzer (1976) este é o momento sem-tempo, em que vigoram a sensualidade e o princípio do prazer, que favorecem que a compulsão à repetição não seja consciencializada nem evocada como factor de consequência. São muitos os que postulam um estado inicial de contiguidade espacial e continuidade temporal. Mas Green (2005) considera que o primeiro tempo a aparecer está ainda antes da dominância do princípio de prazer/desprazer: sequências temporais compreendidas pelo ritmo, tonalidade, modalidade, repetições, etc., porque ele confere à pulsão (tal como Amaral Dias, a

função de ligação ao objecto). Além disso, ele diferencia entre excitação de origem pulsional que é um impulso constante interno, da excitação de origem externa (a sensação) a que nós podemos atribuir as qualidades de expansão e difusão, mas também de paragem. Para Green, as formas rítmicas, as pulsações, as continuidades pontuadas, etc, oferecem-nos um modelo para conceber quer a descontinuidade, quer a continuidade. E só após perceber a descontinuidade-continuidade é que se está apto à ligação primária, intrapsíquica e narcísica que implica a subordinação ao princípio do prazer que, sendo ele auto-erótico, implica a relação a um objecto. Para Priel (1997) o desenvolvimento de um sentido de tempo construído intersubjectivamente começa por uma fase também ela sem tempo, um ciclo de tempo de conjunção (composto mãe-bebé) em que os ritmos, o somatopsíquico são mutuamente acomodados. Este momento sem orientação temporal, sem intencionalidade ou movimento é proporcionada pela “mãe suficientemente boa” que faz coincidir as necessidades e a sua satisfação – o *timing* certo. Estas experiências de temporais pertencem ao processo de integração do Ego na infância e emergem do ambiente básico de sustentação, suporte, e apresentação constante do objecto. Os aspectos temporais tornam-se mais evidentes na relação mãe-bebé com as suas rotinas diárias no cuidado e atenção às mudanças muito rápidas do seu bebé. O sentimento de garantia materna e de continuidade (e dizemos nós de contiguidade) será aquilo que permite estar só e, após esta conquista, é gerado um espaço potencial e ainda a tripartição temporal.

A ideia mais comum para todos, é que o primeiro tempo a ser experienciado (nunca consciencializado) é derivado do corpo a funcionar por si mesmo. Diferente é a consideração de que este corpo pode ser tomado como atemporal e aespacial, ou em continuidade no tempo e contiguidade no espaço. É que quer a frustração, quer a satisfação são por vezes teorizadas como experiências promotoras de um lugar sem tempo nem espaço. Iremos neste trabalho considerar que a experiência de frustração como uma perda da contiguidade e continuidade, sentida na relação que entretanto ganhou intencionalidade, em sintonia com algumas das teorias que se apresentam a seguir, principalmente Harticollis (1974). A vivência aespacial e atemporal, será por consequência associada à frustração, após o bem estar da continuidade e contiguidade ser estabelecido com o objecto. Desta forma poderemos posteriormente

conceber uma organização da experiência unidimensional, o que não significa que seja a única visão possível deste problema, que precisa de mais investigação.

### **3.1.2. A PRIMEIRA APREENSÃO DE ESPAÇO E TEMPO: CONTORNAR A FRUSTRAÇÃO**

Há um caminho longo entre este corpo dotado de sensações, pré-concepções e/ou instintos inicial e a noção de tempo. Seja em que momento for do tempo cronológico, é pela relação ao outro que se constitui a noção de tempo, e como vimos, também o espaço. Para Green (2000) a ligação ao outro é contemporânea, consubstancial e co-extensiva à abertura ao tempo, mas que só aparece quando os ritmos são significados pelo objecto, e estes se associarem à alternância entre a sua presença e ausência, emaranhados nos sentimentos de amor e ódio, conectados com a construção e destruição, e que fazem oscilar entre o prazer e desprazer. A relação ao outro permite a experiência de tempo mas não a sua consciencialização. Estamos a falar aqui da intencionalidade na procura de prazer/eliminar o desprazer. Grotstein (1978) inicia a experiência de tempo no recém-nascido (exposição à experiência no nascimento, onde se inicia a assimetria) e muitos outros fazem da necessidade de diferenciar o objecto de prazer do objecto de frustração (aliado à maturação do parêlo sensorial que permite também esta diferenciação, para Grotstein) a emergência da experiência da temporalidade.

Para Grotstein (1978) só existe Eu ou Não-Eu e o *Self* e Objecto são sensorialmente vividos como superfícies, isto é, muito limitados: não distinguem entre a ausência de um objecto bom e a presença de um objecto mau. Este self é muito limitado porque não fantasia, não prevê, porque ainda não há espaço interno para experimentá-los. A temporalidade é necessariamente circular porque é incapaz de conceber aquilo que resiste e que muda, e por isso nem o desenvolvimento nem a cessação são possíveis de conceber. Luta-se pela ausência de mudança, pois esta provoca sentimentos de dissolução ou de rasgadura. Outra consequência é que pensamentos e sentimentos não são experienciados como criações pessoais, mas como factos, coisas-em-si que, simplesmente, existem. Para Ogden este é o momento da posição esquizo-paranóide - a clivagem e identificação projectiva como modo de

organizar a experiência, através de relações objectais de natureza aditiva. Também refere a incapacidade de tolerar sentimentos contraditórios num mesmo objecto, tal como o amor e ódio. Para Ogden (1986) o *self* aqui é activo na procura de descontinuar entre experiências de relação de objecto de amor e de ódio pela clivagem. Neste modo de organização da experiência é necessário constantemente reescrever a história., de acordo como o movimento projectivo presente. Passado e presente são vivenciados de modo superficial, e não há espaço entre o símbolo e o simbolizado (equação simbólica), nem noção de interpretação da percepção externa nem dos sentimentos internos.

Para Harticollis (1974) a intencionalidade é realizada pela alucinação, ou seja, o bebé já é activo na espera, alucinando um objecto bom, que promova prazer e proteja do desamparo. Se a espera continua, a alucinação começa a desaparecer e, conforme a criança vai tentando manter a imagem e aumenta o desprazer, o bom objecto ainda incerto vai-se transformar num mau objecto e ansiedade torna-se medo, raiva (o tempo é afecto para o autor, isto é, é a conversão de experiências de frustração em experiências emocionais). Pela expulsão do mau objecto é criada a possibilidade de antecipar o futuro. Se continuar a experiência frustrante, a criança fica inundada de excitação e regride a um estágio mental de indiferenciação entre o *self* =objecto mau: experiência de dimensões catastróficas espacialmente e atemporais (perde-se o sentimento de tempo enquanto duração, o do adulto). Harticollis (1974) salienta que a atemporalidade está presente tanto na experiência catastrófica como na de prazer. Os rudimentos da noção do tempo começam a desenvolver-se, segundo Kernberg (1971, Harticollis, 1974), quando começa a diferenciação entre *self* e representações do objecto, ao terceiro ou quarto mês. Mas é no sexto mês que o desenvolvimento do tempo adquire duração e perspectiva – constância do objecto. Spitz em 1957 associou-a à ansiedade do estranho.

Nos estudos experimentais de Piaget sobre o período sensório-motor (primeiros dois anos de vida) encontra-se a ideia de que “as relações e os conceitos espaciais são os primeiros que a criança adquire na sua interacção com o meio que a rodeia durante o processo de aquisição da linguagem”. Mas Piaget (Woodsworth, 2002) focaliza-se na realização, isto é, na concretização de acções no espaço pela criança. Para ele o espaço é o primeiro a ser experimentado, inicialmente em relação ao próprio corpo, lugar onde se exercem os reflexos, e posteriormente o corpo como

lugar de interesse e investimento em si mesmo, e a criança apreende a coordená-lo estabelecendo relações entre sentidos e movimentos: brincar com a causalidade. Este período culmina com a interiorização de movimentos corporais como representativos, resultantes de experiências com o corpo através de elementos cénicos, que apelam a um símbolo que se procura interiorizar, mas que podem fazer a partir do símbolo em si mesmo (já interiorizado).

Segundo Abraham (1976) a proto-noção de tempo na mente da criança vem da separação e da frustração imposta pela mãe. Aqui o tempo é sentido como uma entidade ou força que dissolve o espaço, espaço este que significa solidez e protecção. E é assim que o autor postula o tempo a criar a separação entre o Eu e não-Eu, entre dentro e fora. Mas só quando foi ultrapassada a simbiose primordial no espaço, que é destruída pelo tempo.

### **3.1.3. ESPAÇO E TEMPO DECORRENTES DA SIMBOLIZAÇÃO: SEPARAÇÃO**

Para Green (2000) e para muitos outros, é na separação do outro, com a perda do objecto narcísico, que se impõe a relação. E a relação ao outro obriga à temporalidade. As experiências de tempo iniciais vão ser reapoderadas ou reassumidas retroactivamente na relação com o outro. Mas a separação é também uma concepção espacial e trata-se sempre de uma metáfora mental. No espaço “Real” houve separação desde o nascimento. Só com a simbolização esta separação é mental. Para Ogden (2002) esta é a última etapa, a da posição depressiva. A experiência é organizada aqui através da simbolização: o símbolo representa ou *re-apresenta* o simbolizado e é sentido como sendo diferente deste, ao contrário da equação simbólica. Esta distância é assim possibilitada pela existência de um sujeito interpretador (ou *representador*), que permite realizar a mediação no “espaço” entre o símbolo e o simbolizado. Assim, os pensamentos e sentimentos já podem ser vividos como criações pessoais, que podem ser compreendidas e transmitidas aos outros. Existe também o sentimento de responsabilidade pelas acções psicológicas, a possibilidade de extensão ao outro, de modo que o objecto é tratado como sujeito, mobilizando a reparação. Por todas estas razões, este modo caracteriza o mundo das

relações de objecto totais; pela existência de um sentimento de *mesmidade* ao longo do tempo (maior ou em menor grau e para o sujeito e para o objecto) na qual experiências novas são integradas nas anteriores e não apagam ou *negam* o passado – historicidade. Embora o sujeito tenha a noção de que a história passada possa ser vista de outra forma (e por isso pode mudar), existe o sentimento de um passado imutável. Ambos permitem conferir profundidade e estabilidade à experiência de *self*, na medida em que se sabe interpretador do passado. O tempo é para este autor, uma dimensão da subjectividade humana, um sujeito interpretador da experiência de si e do outro, um sujeito histórico. Para ele, este verdadeiro sujeito encontra-se apenas na posição depressiva.

Na perceptiva intersubjectiva de Priel (1997), há também um tempo adequado para a ausência, para a ausência de cuidados ou satisfação, um tempo de descoordenação temporal nas interacções mãe-bebé. Estes momentos criam um tempo de separação, ao mesmo tempo que o continente mental das ansiedades relativas à diferenciação Eu-Outro e às discontinuidades no *self* ou no mundo. Segundo Priel (1997) a terceira e fundamental fase do desenvolvimento intersubjectivo do sentido do tempo é a diferenciação Eu-Outro e refere-se à capacidade de criar símbolos. Nesta fase, a configuração do passado, presente e futuro é verbalizada, e constitui o novo nível do sentido de tempo; quer como experiência, quer como um princípio organizador: o tempo da narrativa. A narrativa é uma configuração de acontecimentos sucessivos, auto-relacionados que implicam sempre o Eu-com-o-Outro, pois a narrativa é caracteristicamente uma abertura à comunicação com outros, tal como a linguagem é transmitida por Outro ao próprio. A construção da narrativa consiste principalmente numa configuração fora da sucessão de eventos (fora da concretude e portanto abstracta que implica consciência de si mesmo como um outro, que só é possível após puberdade). Também implica pensar no *self* e nos outros como agindo com intenções e objectivos, e através de uma sequência que tem um princípio, meio e fim. Narrativa pode ser vista como uma representação verbal da realidade que forma e configura o espaço (Vanhoozer, 1991, citado por Priel, 1997). Mas a narrativa também cria uma fenda (*gap*) entre os acontecimentos vividos e os representados, que transforma as relações entre passado, presente e futuro. A narrativa é restringida pelos símbolos e significados culturais, mas está sempre alicerçada nas experiências emocionais precoces intersubjectiva.

Para Meltzer (1976) este momento é considerado o espaço tridimensional. Espaço esse onde predominam as identificações projectivas, que Meltzer enquadra na identificação narcísica e a concebe como podendo conter os aspectos de boa qualidade (em forma de apropriação de objectos do interior dos outros) ou de má qualidade. Quando em excesso impedem a emancipação da pessoa e determinam os quadros de pseudomaturidade. Este espaço surge quando o objecto é experienciado como resistente à penetração, de tal maneira que as emoções já não são meramente qualificadas de forma polarizada entre gratificação-fusão, ou com a largura de um papel (frente e verso), tal como na vivência bidimensional. Este estágio é configurado por concepções que emergem dos orifícios do objecto e *self* e a luta é pelo guardar ou encerrar estes orifícios, que são concebidos como naturais em vez de forçados ou rasgados (tal como são vivenciados na identificação adesiva), e por isso exige controle esfinteriano. Para Meltzer (1976) os movimentos fantasiados de entrar e sair de um objecto têm necessariamente um significado relativamente à concepção do tempo. O tempo que antes era indistinguível da distância – unidimensional e, que entretanto, atingiu uma certa continuidade ou circularidade no mover-se de ponto a ponto na superfície de um mundo bidimensional, começa agora a ter uma tendência direccional própria, um lento movimento de dentro para fora do objecto. Mas continua a onipotência (ainda forte), e é esta que modela a fantasia de identificação projectiva. Por este meio não apenas se afirma a reversibilidade ou diferenciação do *self* e objecto mas também, como corolário, a reivindicação da reversibilidade do tempo. Com a chegada desta nova luta (pela e contra a entrada) a visão do mundo eleva-se a um novo nível de complexidade tridimensional, e de complexidade objectal, pois o objecto, por identificação do *self*, é concebido como contentor de espaços potenciais. A capacidade de protecção (e portanto controle) de um objecto e de seus orifícios, é uma pré-condição para que o *self* possa mover-se na direcção de continência, e resistir à penetração agressiva.

Para Grotstein (1978) a terceira dimensão é aquela onde objecto e *self* são separados. Os bebés desenvolvem um sentido de espaço e tempo virtualmente, desde o nascimento. Inicialmente podem lutar contra a percepção desse espaço e tempo, suas expansões e limitações, mas gradualmente aprendem a aceitá-la, com o desenvolvimento do espaço transicional. Este faz com que a luta contra a percepção do tempo e espaço da posição esquizo-parnóide seja substituída pelo experimentar (brincando) com espaço e tempo a fim de controlá-los. Quando o desenvolvimento

prossegue para a posição kleiniana depressiva, o continente espacial da mente alcança uma vista *em* e *com* profundidade dos seus objectos (conteúdos) – domínio da terceira dimensão. Com a posição depressiva, os objectos parciais tornam-se objectos totais, e os objectos internos tornam-se representações de objectos. De modo diferente, ele considera que os objectos na terceira dimensão são simbólicos, prestando-se bem à representação e portanto sujeitos a deslocamento e não a projecção. O deslocamento na terceira dimensão depende da memória das experiências com os objectos dos quais já se encontra separado. É o domínio do sujeito simbólico, da representação do objecto e dos pensamentos, bem como da reflexão simbólica. Estados de empatia e intuição envolvem identificação projectiva (também ela mais próxima do deslocamento) na terceira dimensão do espaço. Acresce que com a profundidade e pensamento simbólico é possível existir uma relação com a realidade. O tempo experienciado aqui é em “dupla-via”, em que num dos caminhos se vive no tempo cronológico e sequencial, e noutro é possível observar o passado, o presente e o futuro. A psicanálise deve ajudar os pacientes a encontrarem esta dimensão, pois ela permite o acesso à dupla via (estereoscópica) mental e emocional, através da qual podem exercer auto-reflexão (Eu<->self) e portanto ter acesso a múltiplas alternativas. A liberdade de escolha é fundamental.

Estas são teorias que não comtemplam o Édipo. Pelo menos, o Édipo que Green e outros falam: o Édipo como lugar que impõe a história. Para Green, principalmente é o Super-ego (derivado do Édipo) que cria a ideia da passagem do tempo: o desejo é submetido à noção de passado, mas com uma promessa de futuro. O presente é restrição instintiva e reforço do processo secundário. Estes parece-nos ser um dos momentos em que o paradigma que integra pulsao-objecto é mais necessário. Harticollis (1972 e 74) tem esta preocupação quando introduz a noção de super-ego no processo de reparação. Para ele o momento da integração entre o *self* e as experiências de *self*, é em si mesmo um determinante do tempo. Se no início esta tarefa é levada a cabo pelo Ego, agora é pelo Superego – na medida em que futuras recompensas ou castigos são funções Super-egóicas, e reforçam poderosamente o sentido do tempo. Em termos de relações objectais a consciência de tempo é possível com o objecto total. Benjamim (1961, citado por Harticollis, 1974), acrescenta que é a maturação da agressividade a condição, sendo esta última também importante para a aquisição do conceito de *self* como entidade com continuidade e direcção Jacobson

(Hartcollis, 1974). Com o desenvolvimento da constância do objecto (Hartcollis 1972), o processo inicial alucinatório é substituído pela habilidade da antecipação da satisfação da necessidade, ou seja, a criança vai tomar consciência que o objecto bom irá chegar mesmo que a sua representação seja incerta, embora estando fusionada (objecto total) com o objecto mau. O que permite separação entre *self* e objecto. Ao estar internalizado o objecto realístico, confiável, este vai ser “utilizado” no investimento sobre o mundo externo, que é assim projectivamente experienciado como contínuo, isto é, como tendo a característica temporal da duração. Ao mesmo tempo o esforço ansioso de antecipar o bom resultado é empregue na projecção da auto-representação para além dos limites imediatos exteriores, adquirindo assim uma qualidade de tempo enquanto perspectiva, mais precisamente de futuro. Hartcollis (1972) refere que é no segundo ano de vida, que emerge a separação entre passado, presente e futuro.

Para Piaget, no período das operações concretas (Piaget, citado por Woodsworth, 2003), entre os dois anos e a idade escolar, os símbolos ainda guardam alguma semelhança com os seus componentes perceptivos. A criança pode por exemplo brincar à distância (aproximação-afastamento da mãe), brincar à morte (dormindo, por exemplo). Não é certo que Piaget o tenha afirmado, mas os seus estudos possibilitam esta afirmação, a de que a criança introduz-se no mundo da narrativa pelo pela integração entre corpo e espaço (em diferentes fases temporais), isto é, de modo cénico (posteriormente interiorizado). Este é um período de assimilação essencialmente, e o jogo simbólico tem como objectivo “satisfazer o Eu pela transformação do que é real naquilo que é desejado” (Piaget, citado por Wadsworth, 2003).

#### **3.1.4. O TEMPO E ESPAÇO APÓS A PERDA DA OMNIPOTÊNCIA TEMPORAL**

Alguns autores introduzem uma outra fase evolutiva de espaço e tempo como organizadores da mente. Segundo Priel (1997) a última fase da evolução da intersubjectividade do sentido de tempo e diferenciação Eu-outro (sentido de espaço diferenciado) remete para a maturidade e sua capacidade de “usar” o tempo. O autor considera que esta fase se refere à renúncia do controlo onipotente do tempo que

caracteriza um sentido subjectivo de tempo e um conceito de tempo. Este uso do tempo relaciona-se com a renúncia da ilusão da mortalidade, que é na realidade a aceitação da irreversibilidade do tempo. Esta fase implica o reconhecimento também de que os princípios e os fins da vida não pertencem ao próprio, não são criados por si, e estão completamente entrelaçados nos Outros. O autor conclui dizendo que “tempo, *self* e morte estão inexoravelmente entrelaçados”.

Meltzer é o único autor a considerar um espaço *quadridimensional* (por vezes o autor refere *tetradimensional*), que é aquele que se atinge quando se sai do narcisismo e se passa satisfatoriamente pela posição depressiva. Aqui o sujeito adquire uma discriminação do espaço e do tempo, reconhece a existência e a autonomia do outro, de modo que a mente encontra um espaço que lhe permita perceber, conhecer e pensar. É apenas quando a luta contra o narcisismo foi controlada e a onipotência através da qual a intrusão e a diminuição da necessidade de controle (que se impõe sobre os bons objectos, quer no mundo interno, como no mundo externo), é que a realização de um mundo quadridimensional pode começar. O “abandono é a sua pré-condição, tempo é seu amigo e esperança a sua grande meta” (Meltzer, 1976).

Nenhum destes autores se refere à latência, pois o seu ponto de origem não é edipiano. Para Colarusso (1988), a latência é o primeiro momento da vida em que a criança consegue de facto falar do tempo. O autor acha que para isto contribuem as internalizações morais e as “proscrições” do Super-Ego. Tudo isto se deve à recusa da fantasia edipiana pelo consciente. E o super-ego envia-as para o passado, mas irão com o tempo tornar-se vagas, inacessíveis, estranhas e cada vez mais inalteráveis. O futuro passam a ser objectivos e aspirações sob o medo da recriminação super-egóica. Também para este autor o presente está associado a privação e julgamento. Esta atitude vem de dentro, pois a criança sente as exigências escolares; mas também de fora, com uma série de jogos infantis cheios de regras morais.

Piaget (citado por Woodsworth, 2003), refere que a criança vai adquirindo a capacidade de representar relações abstractas simples mentalmente – operações concretas. Aqui a linguagem torna-se um valor simbólico em si mesmo (sem corpo) e a criança adquire a noção de transformação, isto é, a criança liberta-se da percepção, do encenação corporal, e passa a realizar operações inteiramente mentais (embora muito simples). É natural que com a noção de transformação (de que há um processo

entre *a* e *b* que modificada o resultado) a criança ganha também inversão. Posteriormente reciprocidade e só no fim deste estágio ganha a capacidade para compreender a velocidade. Portanto, é entre os 7 e os 11 anos que a criança ganha a noção de tempo e espaço na mente, precisamente quando se liberta do corpo e percepção, da concretude. Parece-nos que aqui a criança consegue de facto representar mais do que os objectos simples, mas também consegue conceber os processos (relacionais) entre os objectos. Mas esta não é a meta final.

### **3.1.5. O CASO ESPECIAL DO ÉDIPO**

O complexo de Édipo é considerado por uns essencial para a consciência do tempo, e por outros nem sequer é referido. Além disso, na revisão bibliográfica que realizámos, deparámo-nos com duas formas diferentes de conceptualizar o mito de Édipo, uma que permite encontrar um novo sistema de relações, de âmbito mais espacial (objectal), e outra, equiparada à primeira mas que é de âmbito mais temporal, não apenas no sentido de sequência e narrativa, mas pela própria introdução da temporalidade. Começa-se pela espacial.

Britton (1989) e Schoenhals (1996) defendem a ideia sobejamente conhecida em psicanálise, de que o espaço triangular (edipiano) é o espaço que se encontra quando existe capacidade de simbolização. Que é aquele que contém a triangulação edipiana, no sentido em que a criança se vê como separada da relação dos pais entre si, isto é, o casal parental tem uma relação mútua da qual a criança se sente excluída. Este espaço também é o espaço da posição depressiva (na medida em que retira o sujeito da posição esquizo-paranóide, dual e assimbólica) para os autores. Segundo Hanna Segal (1957, citada por Schoenhals, 1996), o pensamento simbólico é uma relação a três termos: uma relação entre o Ego, o objecto e o símbolo. Há uma correspondência entre os conceitos de posição depressiva, espaço triangular, triangulação edipiana e a relação a três termos do pensamento simbólico. Mas há também uma referência a um lugar entre o Ego e o Objecto, o lugar do símbolo. Com Bion, um autor essencial na concepção do espaço e tempo como organizadores mentais, o símbolo é tomado como o lugar onde o objecto não está e não entre o objecto e sujeito (apesar de ser no meio caminho entre mente – pré-concepção – e real – realização que se pode criar, que podem seguir dois caminhos:

realização positiva ou negativa). Para ele só é símbolo quando é negativo, sendo precisamente o reconhecimento do símbolo como lugar de ausência da coisa esperada aquilo que é atacado pelo sujeito que não consegue lidar com a frustração, ataca-se o símbolo (resultante da ligação) ou o aparelho de simbolizar (pensar). Esta diferenciação é determinante na forma de considerar a mente, porque só no pensamento e linguagem pode haver uma espaço-temporalização da experiência. Bion considera o mito edipiano também, mas de forma muito original. O Édipo é considerado em si mesmo, um “espaço mental próprio” (1963), do qual se podem extrair várias conjugação de factores que relacionam fenómenos mentais únicos. Quando Bion toma este fenómeno como conteúdo, ele salienta (entre outros conteúdos analisados) que o Édipo é um lugar mítico-paradigmático da luta pelo vínculo K ou “-K”.

Na mesma obra analisa-o do ponto de vista do continente e conclui que o complexo de Édipo é algo que permite uma aprendizagem e faz parte do próprio crescimento da psique, e faz com que o Ego entre em relação com a realidade. Aponta-lhe também um início muito precoce, na medida em que este mito é considerado uma “pré-concepção, em virtude da qual a criança consegue estabelecer contacto com os pais como se estes existissem no mundo da realidade”. “A correspondência desta pré-concepção – elemento Alfa – com a realização dos pais reais origina a concepção dos pais” (Bion, 1963). Para ele nas partes psicóticas de personalidade, a concepção da relação parental não é alcançada, que é o acontece quando esta concepção sofre o ataque pela inveja, voracidade ou sadismo. Este ataque é feito ao aparelho da pré-concepção ou à concepção. Enquanto ao primeiro não é possível aceder à noção de relação parental, na segunda é o próprio contacto com a relação parental que é destruído pela impossibilidade de tolerar a frustração decorrente da realização negativa subsequente. Assim o mito de Édipo é uma pré-concepção da relação parental.

Outros autores, estudaram o tempo como resultado da relação com o paterno. Orgel (1965) propõe uma ideia familiar: o pai como o “devorador do tempo” e relaciona-o à restrição externa do prazer. Meerloo e Arlow (citações de Orgel, 1965) também equacionam o tempo à figura paterna. Esta é a figura que restringe a gratificação edipiana, o Pai-Tempo, o castrador, o controlador da vida e da morte (como o mito de Chronos). Meerloo refere mesmo que aqueles que negam o tempo,

são os mesmos que se revoltam contra as limitações da sua própria potência, e, o seu denominador comum – a mortalidade. Bergman (1980, comentando um artigo de Schiffer, 1978, que por sua vez cita Lewin, 1952) refere a existência de um tempo-mãe ou de uma Mãe-Tempo, fundamentando-se em obras de artistas. Mas é Colarusso (1988) quem parece ter introduzido este conceito. Nestas obras, o tempo é equacionado ao pai, mas a imortalidade é equacionada à mãe, como um presente dado por ela. E o Pai-Tempo é aquele que se intromete na relação atemporal com a mãe. O mesmo autor evoca a compulsão de repetição como um desejo de uma união atemporal com os pais, que Schiffer, 1978, equipara ao trauma.

Para Green (2000) o tempo, enraizado na dimensão natural da vida, progride o segundo os encadeamentos descritos por Freud para se abrir no momento do Complexo de Édipo e com o Super-ego, enquanto conservador do passado e regulador do presente e futuro. “Depois é destruído deixando sobreviver aqueles indícios que se vão enterrar na latência, ressurgir na puberdade e sofrer uma nova mutação na adolescência para servir finalmente os caminhos do adulto. O percurso do desenvolvimento é marcado por regressões e fixações, e procede periodicamente por umas modificações” e/ou ressignificações. Esse desenvolvimento intrica-se com o desenvolvimento do Eu e Super-eu. Há uma multiplicidade de núcleos diferentes de conjugações temporais. O “recalcamento está fora do tempo, inalterável, guardado intacto, insensível à passagens dos dias”. Sabendo que em Freud o inconsciente ignora o tempo, Green salienta que o consciente ignora que o inconsciente ignora o tempo. Sabe-se também que um trauma, sinalizado à *posteriori* adquire valor afectivo no segundo acontecimento que contém características semelhantes, e assim inverte a própria noção de tempo.

Para Colarusso (1988 e referindo-se a Arlow, 1972) a barreira do incesto é sentida pela criança como sendo criada pelo tempo, ou melhor, é de facto uma barreira que é imposta pelo tempo. O seu corpo é imaturo e portanto incapaz de realização edipiana, e a criança aguarda um futuro onde tal possa acontecer. O desejo é que a figura parental amada espere que a criança adquira potencialidade corporal para a sexualidade e força para competir com o seu rival. Conforme os processo cognitivos e emocionais próprios desta fase se elaboram e internalizam consciente e inconscientemente, o tempo no abstracto é concebido como uma poderosa e

frustrante força. É na adolescência que a barreira assustadoramente se reforça porque se pode perder facilmente, com a aquisição da sexualidade corporal.

### **3.1.6. ESPAÇO, TEMPO E ADOLESCÊNCIA**

Segundo Piaget (citado por Woodsworth, 2003), a aquisição da noção de tempo no período das operações formais vai ser amadurecida e a criança começa a estar apta a apreender relações a mais dois termos (mais do que *a* em relação com *b*), a complexificá-las, a pensar a partir de hipóteses e não a partir de elementos concretos (antes a mente ainda se apoiava numa realidade perceptiva e corporal) e adquire a competência do pensamento científico, abstracto, dedutivo e indutivo, hipotético. Este é o período da última aquisição – o período das operações lógicas complexas. O que acontece, segundo ele, até aos 15 anos de idade, na adolescência pós-puberdade. De acordo com os seus estudos e com os estudos realizados após Piaget (Woodsworth, 2003) no domínio cognitivo adquire-se a lógica abstracta, e inclui-se o futuro no raciocínio. Nem Piaget, nem os seus seguidores o referem, mas o passado é “eliminado” pelo perigo da potencial realização do projecto edipiano (Colarusso, 1988). No adolescente, considera Piaget e seu seguidores (referidos por Woodsworth, 2003), as reflexões são muito idealizadas. Há necessidade de separação dos pais e aproximação a terceiros, como lugar onde a identidade e autonomia vai ser experimentada. O mundo interno infantil é muito assustador, e o adolescente recorre à acção comportamental e aos ideais e racionalizações para impedir o seu surgimento. Piaget refere que o adolescente ganha a capacidade de pensar sobre o ausente, na sucessão temporal e na reflexão. Para ele é também criada a possibilidade de diferenciar e intensificar os afectos e relações.

Colarusso (1988) e cada vez mais autores, tentam introduzir as ideias de Piaget na psicanálise, sempre através do complexo de Édipo, latência e adolescência. Para Colarusso (1988) a puberdade, além da tão falada poderosa modificação desenvolvimental, é um fortíssimo marcador da experiência de tempo. Apesar de ser em si mesmo um indicador psicobiológico que permite sentir a passagem do tempo (deixar de ser criança para vir a ser adulto), permite ainda uma nova distinção da vida: sem e com sexualidade realizável. Realização é aqui considerado por nós a

ideia chave. As raparigas sentem mais esta passagem do tempo devido à regularidade menstrual. Por mais que aparentem não se preocupar com isso, diz-nos o autor, a partir desta altura podem reproduzir-se e assim atingir um dos dois modos de atingir a imortalidade – a reprodução (o outro é pelo símbolo, que perdura no tempo independentemente do sujeito).

O tempo no adolescente não pode ser sentido como no adulto, porque no Édipo a barreira do incesto foi forçada pelo tempo, e ela considera o tempo o causador, isto é, algo externo a si. A criança não podia de facto, restava-lhe ter a expectativa de que o adulto amorosamente investido esperasse. Não há neste momento realização entre mente e realidade, tudo é fantasia. O mundo externo da realização (ligar pensamento a acção) é mediado pelos pais, de quem permanece dependente. A experimentação do real possibilitada na adolescência com a possibilidade de realização sexual é que o permitirá, permitindo uma retomada dos processos apreendidos aplicados ao mundo de fora, e muitos deles consciencializados no mundo de dentro. A consciência de si mesmo só pode existir quando o sujeito se trata a si próprio como um Outro. E isto só é possível por um processo de grande abstracção, que só se atinge após a puberdade.

Colarusso (1988) é quem mais defende esta ideia. Para ele a adolescência pode ser vista como uma fase específica de conquistar o amor edípiano e dominar a injúria narcísica imposta pelo tempo. Ao remover a imaturidade física da equação, a puberdade gratifica o longo período do desejo edípiano e torna o presente excitante, mas também perigoso. O tempo deixa de ser sentido como uma força frustrante e torna-se agora gratificante, pela maturidade corporal atingida. Por outro lado, até este momento o crescimento era sentido de modo suave e gradual, havendo uma coerência entre crescimento corporal e psicológico. Na adolescência não há tempo para sentir uma mudança gradual, para tornar coerente: tudo é muito rápido. Este autor (Colarusso, 1988) revisa Bonaparte e Erickson (1940 e 1956, respectivamente) retomando a ideia de que a experiência de tempo no início da adolescência é a de um *tempo difuso*. Este caracteriza-se pela urgência e simultaneamente pela perda da consideração do tempo como uma dimensão da vida (ora sentem-se “bebés”, ora sentem-se “velhos demais”). A puberdade e difusão temporal produzem modificações intrapsíquicas na experiência tripartida do tempo sequencial, anteriormente adquirida com o Édipo. O presente é carregado de afectos sexuais

tremendos, com excitação, urgência e antecipação, quer pelo conhecimento adquirido e imersão no grupo, quer pela maturidade física, que produzem um sentido de expectativa de envolvimento sexual com outro (a qualquer momento). A conexão do momento-a-momento (duração) é invadida pelos sentimentos sexuais. O presente deixa de ser assim previsível e mensurável (enquanto vassalo do Super-ego que era). O futuro é transformado pelo adolescente (no início) com apreensão e antecipação sexual, auto-definição e responsabilidade (Erickson, 1956, citado por Colarusso, 1988).

O passado não pode ser considerado pela necessidade de afastamento dos objectos infantis. Só na adolescência mais tardia é que o adolescente se considera pelo seu passado. Mas, por mais que a experiência de infância se esbata, ela exerce uma poderosa influência no processo adolescente, principalmente no que diz respeito à mãe pré-edipiana (Brunswick, 1940, citado por Colarusso) e o retorno do Édipo. A maturação obriga a uma reorganização intrapsíquica dos três modos pelos quais o tempo é pensado. A infância impotente é relegada ao passado por ser demasiado perigosa; o presente está em contínua maturação e mudança e o futuro é o surgimento do corpo adulto e da independência (autonomia).

Os pais continuam a ter o seu papel no uso do tempo. Papel este que é sentido como de oposição às gratificações do instinto e à independência, o que é devido ao desinvestimento nas figuras parentais (necessário), ao Ego instável, ao funcionamento Super-egóico enfraquecido e à necessidade de transferir a regulação do tempo para o grupo de pares. Com a continuidade deste processo, isto é, com a sua interiorização, a regulação do tempo passa a ser realizada pelo Ego ideal e o grupo de pares. O Ego Ideal direcciona-se essencialmente para o futuro e para a preparação adulta. Conforme se vai preparando para adulto o adolescente vai adiando a gratificação, inscrevendo um tempo para estudar e trabalhar, e talvez cuidar de outros. Só após a reintrodução do interdito de forma securizante, é que passado e presente começam a ser visto à luz da reorganização imposta pela puberdade e à luz do surgimento do pensamento mais maduro, pelo facto de poder manipular as ideias em si mesmas e construir teorias (Piaget, 1969 citado por Colarusso, 1988). Mas o grande problema é o *uso* do tempo – ou é usado para a gratificação instintual (urgente) ou para o estudo, trabalho, ou seja, tempo como adiamento. Na fase mais tardia da adolescência há uma *psychotemporal adaptation* (conceito de Seaton, 1974, citado por Colarusso, 1988). A *adaptação psicotemporal* só pode acontecer quando na

infância houve uma experiência de continuidade e de constância de objecto, e, na adolescência uma adequada resolução dos problemas do super-ego (culpa) e do Ego (autonomia). Este processo não é fácil, ele é extremamente doloroso e pode ser suspenso. Isto porque envolve desinvestimento nas figuras parentais infantis, o reconhecimento da maturidade corporal sem a realização do desejo e a viragem para um futuro trabalhoso e árduo, responsável e onde a morte existe.

Pédinielli salienta que os adolescentes têm um comportamento compulsivo, pois vivem repetidamente no mundo exterior uma fantasia ou fantasias específicas (fantasma masturbatório central). E assim explica o como é que a fantasia inconsciente infantil passada é vivida na adolescência – de modo não pensado.

Também Bonaparte (1940) nos diz que o tempo experienciado na adolescência não é equivalente ao do adulto. Devido à força instintual impetuosa, devido aos sonhos acordados a procurar uma forma, um molde (uma realização). Mesmo com o desenvolvimento do seu cérebro, o adolescente é uma presa das profundidades do seu organismo. A vida surge-lhe como estando dispersa, os seus limites são expandidos e mesmo que sonhe com a morte ele não acredita na morte. Porque a morte é para o adolescente uma passagem para um estado de imortalidade. Uma imortalidade específica segundo ela, sob a forma de união-desunião da sua personalidade na natureza. Esta é a razão que a autora encontra para explicar o tão fácil confronto com a morte na adolescência; a morte é uma forma de união ou afastamento.

O mesmo não pensa Carignani (2000). Para ele é a “descoberta” da morte na adolescência que causa a imensa ansiedade. Mas é também extremamente útil, pois permite reconhecer os seus limites e fronteiras. É na adolescência que se percebe a descontinuidade, e que esta é internalizada e assim é adquirido o tempo linear (tempo sequencial, tempo irreversível). Mas para que o tempo se torne uma categoria estruturante no desenvolvimento da personalidade na adolescência, é preciso que seja reconhecido repetida e continuamente. Para o autor, é a capacidade de atenção que traz o reconhecimento da descontinuidade, obrigatório para que se possa abordar o tempo. A atenção excluiu uma enorme quantidade de informação e concentra-se apenas numa pequena parte, definida e delimitada. O autor chega a esta conclusão através da importância que Bion atribui à atenção (que por sua vez a fundamenta em Freud).

Para ele, é na adolescência que se dá a passagem de um mundo atemporal e aespacial para um tempo oscilante (faz referência à primeira e segunda dimensão de Meltzer). Acrescenta ainda que na puberdade, tal como na psicose, existem ataques à percepção que podem ser extremamente severos quando o sensorial e os impulsos corporais violentos se impõe à mente (Carignani, citando Ferrarri, 1994). Mas também é um momento em que os adolescentes podem adquirir uma relação próxima com as categorias fundamentais do espaço e tempo, que considera uma espécie de supervisores da organização mental. O que só acontece quando estas categorias se apresentam elas próprias de novo (adolescência). Na adolescência também se ganha a capacidade de distinguir entre tempo subjectivo e objectivo. Eles podem distinguir entre a sua própria percepção subjectiva da passagem do tempo e uma temporalidade objectiva, absoluta, física, unidireccional do tempo. Antes disso não há verdadeira conceptualização de tempo e espaço, há uma concepção que estrutura o mundo interno e que só aqui é virada para fora, e de fora pode voltar dentro (consciência de si, tomando-se a si próprio como um outro). O tempo linear (o tempo irreversível), traz uma melhor distinção entre *self* e outros, entre a experiência interna e externa num mundo partilhado. O autor considera que a maior parte das pessoas aceita que há uma realização (tomada de consciência da passagem do tempo pelo contacto) representada pela formulação “o tempo está a passar”.

O que não acontece nos psicóticos, que realizam ataques ao seu aparelho perceptivo. Nestes pacientes, a descoberta que a medição do tempo e do espaço é baseada na realidade psíquica e não no espaço físico ou tempo físico é extraordinariamente angustiante. Recorrendo a Bion pode-se afirmar que estas medidas apenas são possíveis quando existe capacidade de tolerar a frustração, porque ambas derivam de medidas da frustração (espaço e tempo são considerado pelo autor como medidas da frustração). Se a mente não consegue tolerar frustração, impede o desenvolvimento de qualquer aparelho que possa medir as *medidas* de frustração. Logo em seguida ele acrescenta que para Bion espaço e tempo são usos mais sofisticados da capacidade de tolerar a frustração. Aqui Carignani (2000) refere que Bion considera o espaço, como medida da distância dos objectos fragmentados, e dos lugares não ocupados pelo objecto, sendo o tempo a medida da ausência do objecto.

Se em Freud ele encontra a noção de que o espaço e tempo são acessíveis pela percepção e logo pertencem ao sistema percepção-consciência, predominante no

Ego, que “se dispõe em conformidade com as noções espaço-temporais”, em Bion, acrescenta-se uma noção importante: a ideia de que é da ordem da frustração pensar no espaço e tempo como uma representação e não como uma coisa-em-si. Por isso, na psicose, os “pensamentos” são experienciados (como consequência do predomínio da posição esquizo-paranóide) como sendo espaço (real) ocupado por “não-coisas” e assim a interpretação (interpretação adequada nas concepções bionianas) é sentida como ocupando o lugar que pertenceria ao objecto perdido, ou seja, a coisa-em-si mesma, que é sentida pelo paciente como sendo sua. É também com esta luta que se depara o adolescente, segundo o autor.

### **3.1.7. ESPAÇO E TEMPO NO ADULTO**

Os teóricos da intersubjectividade não o contemplam mas o sujeito histórico, o sujeito intersubjectivo, aquele que podemos dizer com Blanco que integra consciente e inconsciente através de um símbolo “carregado” de densidade simbólica, é o adulto. O adulto é aquele que não sente perigo no seu passado e que aprendeu a lidar com o fim que espreita após o futuro – a morte. Uma ideia comum é a de que: sem a possibilidade de viver fora do tempo, a consciência da morte seria insuportável. Também Priel (1997) considera esta intemporalidade fundamental. E por isso nós procuramos na vida padrões regulares (sistemas de relações constantes) em tudo o que fazemos, pensamos e sentimos.

Sabemos e já referimos que no adulto há várias e diversas formas de vivenciar o tempo (já referidas), desde a negação, desde o seu congelamento, à sua reapropriação ressignificada, inversão ou quaisquer outras formas de vai-e-vém temporal que Freud postulou e Green (2000) salientou. Mas também sabemos por Winnicott (1986, citado por Bóris, 1994) e para muitos outros autores, que o tempo em si mesmo é experienciado de forma diferente de acordo com a idade. A característica essencial da temporalidade adulta é a duração (Hartcollis, 1974), a intersubjectividade ou o verdadeiro sujeito, o sujeito histórico (Priel e Ogden). Mas não é única. A maior parte dos autores falam de uma duplicidade temporal. Esta duplicidade não se baseia na diferença entre vivência temporal (experiência de tempo) e consciência temporal, porque todos os autores assumem que a experiência

de tempo no adulto é de duração e que o tempo só pode ser experienciado no presente. Nestas concepções, o adulto ou foca a duração, ou foca o seu intervalo, o início e fim estando ele no durante (presente) mas permitindo-se a olhar para antes e depois, princípio e fim. Trata-se de uma divisão implícita no poder ter consciência do tempo e integrá-la nos seus processos mentais que se alterna e integra na forma como a mente luta contra o tempo, através ou não dos derivados simbólicos (diferentes angústias, como nos esclarece Amaral Dias, 2001). Isto porque a morte é uma dor terrível, mas que só em adulto estamos aptos a viver com essa dor.

Esta é a ideia de Bonaparte (1940). Para ela o adulto, após ter passado as “tempestades da puberdade”, encontra partes de si estáveis e persistentes ao longo da vida, o que o torna “apto a contemplar a passagem do tempo”. E assim adquire uma dupla forma de considerar o tempo: numa ele é submergido numa ideia de tempo como duração infinita, noutra ele vê-se confinado com entre dois momentos: nascimento e morte. Mas uma outra característica é apontada por ela, é que se o passado é algo que o adulto tem facilidade em reconciliar-se (antes dele e o seu próprio passado), o futuro é muito mais intolerável e assim cria uma espécie de “para além da morte” simbólico. Aqui a autora está-se a referir à consciência de morte, que tantos e tantos autores falam, dentro e fora da psicanálise como determinante da consciência de tempo. Podemos assim considerar que o adulto vive em experiências temporais diversas, onde o tempo não é concebido na sua forma sequencial e tripartida, e outra que assume a consciência da sua morte e leva-o a resolver na vida, externamente, realizando-se. Isto leva-o como nos diz Piaget e Ericson (citados por Colarusso, 1984?) à produtividade, reprodutividade, e viragem para o outro como forma de garantir a sua imortalidade.

Também Harticollis (1972) considera que o adulto experiencia o tempo como duração. Mas nos adultos a sentido da duração do tempo está apoiado nas memórias passadas – retrospecção. Nas crianças, que vivem no “falso presente” (conceito que Harticollis recupera de William James) a memória a longo termo não tem qualquer importância a não ser pela experiência que pode potenciar, que é sempre activada no presente pela necessidade. Este autor está em sintonia com Bonaparte (1940) que refere que a criança vive uma eterna duração.

Segundo os estudos de Piaget e posteriores (Wadsworth, 2002) a lógica e emotividade coexistem no adulto, e as reflexões que faz são ligadas à realidade (e

não ideias, como na adolescência). Há uma vontade de realização individual, de produzir e de reproduzir, isto é, criar algo. Existe autonomia, possibilidade de criar relações afectivas de verdadeira intimidade. O mundo interno é sentido como próprio, independente e o adulto é capaz de reproduzir no outro a sua própria organização. É criada a capacidade de pensar o outro, de transformar em nome do outro. É também estabilizada a possibilidade de proteger e a responsabilização, que Colarusso (1984?) encontra na adolescência, embora Piaget (citado por Wadsworth, 2002) considere este um período ainda egocêntrico: o adolescente descobre a lógica (aristotélica, no sentido abstracto) e não percebe porque os outros (adultos) não fundamentam a sua vida com essa lógica.

Embora a fase adulta não seja tão estudada em termos de espaço e tempo na psicanálise no seu funcionamento normal, é muito estudada em psicopatologia. Mas o que determina o seu potencial patológico (ou não) depende de cada um dos enquadramentos teóricos. Green (2000) considera que em todas as psicopatologias o que está em causa é uma modificação do tempo. Arlow em 1986 salienta-nos que as rebeliões contra o tempo, contra a morte, são na realidade rebeliões contra a extinção do *self*. Amaral Dias considera a cronopatologia, isto é, a psicopatologia como sendo derivada da angústia provocada pelo tempo. Elas podem-se manifestar de diferentes modos, consoante a qualidade do vínculo precoce estabelecido, podendo ir desde aquelas onde se ataca a relação, o espaço e tempo (angústia de aniquilação), aquelas onde se ataca o pensamento que angustia (angústia de fragmentação), bem como aquelas em que o sujeito se mantém dependente para resolver esta angústia (angústia de separação), e a última, aquela em que o sujeito constrói com o outro a solução para a angústia, sendo o seu problema o lugar em que não consegue com o outro activar essa solução (angústia de castração). São contudo diferentes manifestações desta angústia (aniquilação, fragmentação, separação e castração) directamente relacionadas à qualidade do vínculo estabelecido. Por mais que seja uma ilusão, uma narrativa, uma história, esta ilusão é considerada pelo autor necessária para lidar com o ser-para-a-morte que espreita a qualquer frustração. Refere ainda que a toxicodépência é uma resolução desta angústia, impedindo que o sujeito seja sujeito e que active o seu espaço mental, pois não sente necessidade de resolver o problema do desamparo – ele resolve-o quimicamente.

Um outro exemplo é o de Arlow (1986), que considera que os distúrbios do comportamento relacionados ao tempo provêm dos conflitos criados pela frustração

dos impulsos de cada fase de desenvolvimento psicosexual, de tal maneira que é possível tratar o tempo como leite, fezes ou urina. Em seguida é apresentado um resumo de considerações sobre a forma de vivenciar o tempo e espaço em psicopatologia nos três grupos que habitualmente se diferenciam: psicose, patologia-limite e neurose e evocar alguns processos sintomáticos específicos, sem enquadramento nosológico.

### **3.1.7.1. ESPAÇO E TEMPO NOS PROCESSOS PSICÓTICOS**

O autismo é o primeiro lugar a ser considerado pelo seu ataque ao espaço e ao tempo massivos, sentidos literalmente como insuportáveis e visíveis da recusa da relação com o outro. É o tempo que pode ser traduzível teoricamente por tempo unidimensional de Meltzer, posição autística contígua de Ogden ou adimensional de Grotstein. É também onde nem sequer a projecção tem lugar, totalmente simétrico (Grotstein e Ogden). Quer seja um lugar anterior ao instinto (Green), quer seja posterior.

Na psicose, predominaria a posição esquizo-paranóide para a maior parte dos autores, onde a presença-ausência (satisfação-frustração) obrigam à diferenciação dual do mundo bom e mau. É um espaço bidimensional para Meltzer, unidimensional para Grotstein, o primeiro porque compreende a identificação adesiva enquanto modo primitivo de identificação narcísica, enquanto Grotstein o faz explicar pela identificação projectiva (*splitting*). É um espaço de procura de prazer e necessidade e de evacuação do desprazer (frustração), e por isso é uma patologia onde não é tanto lutar contra o tempo e espaço, como lutar pela continuidade e contiguidade anterior sentido como salvadora e que se perdeu. Para Silder (1935, citado por Orgel, 1965) na psicose, retiram-se as distâncias espaciais, e indefinem-se as fronteiras entre o corpo e mundo externo – simetria e indiferenciação é o seu objectivo (Matte-Blanco). Para ele, o mundo é vivido como estando cheio de significado libidinal na medida em que o indivíduo revive níveis primitivos de desenvolvimento psicosexual e nele, as dimensões espaciais são alteradas perto das zonas erógenas (do próprio ou de outros, isto é, o esquizofrénico pode sentir que os pénis dos outros se situam todos na sua boca). Nas psicoses maníaco-depressivas há uma apropriação do espaço; se na mania, tudo “está à mão” na depressão é de esperar que a

agressividade realize o mesmo tipo de perturbação espacial, mas em vez de um espaço aumentado, eles podem chegar à aniquilação sádica do espaço. (Dooley, citado por Orgel, 1965). Pode haver ainda uma experiência de enclausuramento espacial como se o corpo-mente não tivesse lugar para existir.

### **3.1.7.2. ESPAÇO E TEMPO NOS PROCESSOS LIMITE**

Estes processos têm sido considerados como sendo de natureza bidimensional, pelo problema da ruptura das fronteiras do Eu-pele, pela dependência de outro, pela insuficiência ou ausência de um objecto interno total e consolidado e pelo estabelecimento de relações superficiais. Grotstein faz associá-lo à segunda dimensão, à identificação adesiva, como habitualmente, mas Meltzer dá a este processo uma “grande volta” e associa-a à terceira (dedução nossa). Ele explica-o dizendo que é o lugar da identificação narcísica (secundária) por excelência. O problema aqui não é bidimensional mas de orifícios de entrada-saída, isto é, o lugar da penetração do objecto. Mas pode também ser visto como bidimensional, como o ponto onde Eu-Outro se contactam. Para ele é uma pseudo-maturidade. Contudo ele considera que já não há a polarização satisfação-gratificação e os objectos tornam-se complexos. A luta é pelo guardar ou encerrar os orifícios por onde o objecto penetra. O tempo começa a ser sentido como linear, mas ainda predomina a onipotência modelada pela identificação projectiva. Aquilo que os outros autores referiram não é sempre compatível com a patologia de separação. Por exemplo este seria o momento da separação do objecto impossível tal como a posição depressiva e activação da reparação (objecto total) nas teorias de relações objectais.

De algum modo, a ideia de bidimensionalidade salienta-se porque é na dependência que a completude é procurada. Pela urgência dessa procura, se compreende uma vivência no tempo presente, tantas vezes afirmada, e que Green (2000, 2005) postula desta forma: “nas patologias *border*, o consciente (e não apenas o inconsciente) ignora o tempo, vivendo dentro de um presente eterno, incapazes de recorrer à experiência passada. Nestes, os tempos do futuro podem matar ou reduzir ao silêncio, enquanto sinónimo do caos. A “compulsão de repetição revela uma vocação psíquica onde o desígnio é o anti-tempo”, segundo Green. Para (Dooley,

citado por Orgel, 1965), sempre que falha a consciência do tempo, está em causa a ansiedade de perda de objecto. O espaço é vivenciado na bidimensionalidade e o tempo um presente eterno, talvez mesmo a vivência infantil de duração eterna.

### **3.1.7.3. ESPAÇO E TEMPO NOS PROCESSOS NEURÓTICOS**

Pelo contrário, a neurose, principalmente a neurose obsessiva têm sido amplamente e concordante estudadas. Para Arlow (1986), com o Édipo, o tempo passa a ser considerado como frustrante, identificado ao pai, o inacessível, intocável e onnipotente poder que se coloca entre o desejo incestuoso e a sua realização. Arlow também considera, num outro texto (1984) que aqui também está a procura do amor romântico, e da interminável procura do objecto inatingível (bem manifestado no momento logo a seguir à puberdade). A partir daqui as revoltas contra a inexorabilidade do tempo podem tomar muitas formas, que expressam sempre o desejo de o eliminar, dominar, controlar e suspendê-lo indefinidamente. Inconscientemente, quem controla o tempo, torna-se controlador da vida e da morte.

A neurose obsessiva tem sido muito estudada pela suas relações tão peculiares com o tempo, que até chega a ser caricata. Karl Abraham (1921, citado por Abraham, 1976) refere que estes sujeitos frequentemente perdem horas para poupar minutos. Bartmeir (1941, referido pelo mesmo autor) refere que a mestria hipermeticulosa do tempo destes sujeitos está em relação próxima com a necessidade de controlar a agressividade e instintos Sádicos. Para Cohn (citado por Orgel, 1965) os rituais de adiamento do neurótico compulsivo são abstracções regressivas dos conflitos de relações objectais, convertidos numa luta contra o tempo. Porque o ritmo compulsivo é uma máquina do tempo que mantém a noção da morte em suspenso. Estas pessoas suspendem a finalidade, o símbolo da morte, pela exacerbação do normal, num esforço do Ego de reprimir a ideia e o afecto de que o tempo é igual à morte, ou para retirar ao tempo a sua mensuração e orientação. Barande (1965, citado por Abraham, 1976) refere que o obsessivo parece assim procurar sobretudo assimetria, como quem foge do oceano profundo simétrico em que tudo está ligado a tudo e logo, inclusivamente ao perigo do incesto e do parricídio. Para Green (2000) a neurose obsessiva é uma repetição incessante dos rituais conjuratórios do obsessivo,

circularidade imobilizante do pensamento, ciclo das exigências e das anulações retroactivas, que vão e vêm entre o acto e o pensamento, numa tentativa de anular o seu percurso.

Segundo Silder (1935) a agressividade distorce e destrói a imagem do corpo, contudo na neurose, as modificações espaciais referem-se a um específico objecto de amor, por exemplo aumentos ou diminuições do seu corpo, ou da cabeça, ou seja, é mantida uma correlação entre o espaço exterior e o espaço corporal. Na neurose obsessiva, as mudanças nas dimensões espaciais implicam seres humanos na sua totalidade. O sadismo encontrado nestas patologias implicam directamente um “remover” da pessoa (por inteiro), uma espécie de desejo de morte de uma pessoa realizado. Mas a percepção espacial, ao serviço do ego, é mantida. O que é deturpado pela sua agressividade é o horizonte óptico (proximidade): a agressividade faz aproximar os objectos investidos (mesmo que seja por deslocamento) - encolhe o espaço. Esta disruptividade do espaço que acontece na neurose obsessiva é devida à influência dos desejos eróticos perversos e da agressividade. Esta perturbação não se dá no espaço total, mas apenas no espaço próximo e em conexão com o desejo parcial ou com a agressividade.

Ainda segundo o mesmo autor, em casos de histeria, as modificações do tamanho dos objectos e das dimensões espaciais são tremendas. Os mecanismos histeriformes têm uma maior influência no funcionamento orgânico (conversão) do que os ligados à agressividade. Em casos de neurose de ansiedade, o espaço entre o objecto amado e a pessoa é o único espaço real, e se o objecto amado está longe da visão o espaço torna-se imenso. Espaço é aqui a distância entre a pessoa e o objecto amado – espaço de profundidade. Para Fenichel (1945 citado por Abraham, 1976) a fobia está frequentemente relacionada ao tempo, ao medo de não ter tempo suficiente, ou de ter um tempo vazio pela frente, ou ainda a perda de orientação no tempo.

#### **3.1.7.4. EXPRESSÕES DO ESPAÇO E TEMPO EM PROCESSOS SINTOMÁTICOS**

Arlow (1984), refere que um mau julgamento da duração da experiência de tempo pode expressar um desejo mágico de estender o tempo de modo a fugir ou permitir elaborar um sentimento de culpa. Em 1986, o autor refere que a intrusão do futuro no presente refere-se essencialmente à premonição. Green, 2000 refere que o tempo vivido por um melancólico é petrificado (Minkowski, referido por Green). Arlow (1986) observou que nos estados alterados de consciência, o tempo é sentido como sendo distendido. Para Arlow (1986), o que se passa na depressão, onde o tempo parece não andar, é que estes evitam reconhecer que o tempo não anda para trás e que o passado não pode ser anulado ou apagado. Para Varvin (1997) na claustrofobia, a espacialidade cessa e há também um colapso na temporalidade.

### **3.2. O ESPAÇO MENTAL CONSTITUÍDO A PARTIR DA DOR DO TEMPO**

Nem todos os autores integram a ideia de espaço e tempo, exceptuando Varvin (1997) que refere que nós organizamos o mundo espaço-temporalmente e Carignani (2000) para quem o espaço e o tempo são supervisores da mente. Varvin (1997) como dissemos, é o que está mais próximo de afirmar que o tempo liga pensamento a acção. Mas é na mente que esta ligação é feita. Para ele o mundo é interessante pelas suas relações complexas, onde se procuram regularidades, ou antes “padrões em processos”. Esta complexidade de relações é encontrada em Freud na sua visão “super-determinista”, isto é, que um determinado fenómeno mental ou fenómeno derivado tem várias determinações. Porque para Freud um sintoma já por si é resultado de uma série de conexões e para além disto, a forma como é interpretado pode ser feita em vários níveis de significância, narrativa, representação, etc. Ideia que o psicanalista também encontra em Ricouer (1970, citado por Varvin, 1997).

Mas como é que o tempo e o espaço, dotados até aqui de qualidades diferentes contribuem para a organização da mente? A primeira pessoa a relacioná-los de modo diferente, embora ainda de forma comparativa foi Bonaparte, em 1940. Para ela o espaço não nos destrói como o tempo. Pelo contrário, é a “atmosfera na qual respiramos, nos movemos, o lugar da nossa jornada, ... um lugar que se estende para longe e com amplitude. Se nos é negado o espaço que precisamos, sofremos”. Ela salienta que todo o ser vivo que precisa de respirar, anexa a si mesmo o maior espaço possível. Por isso a luta pela existência; tal como o carvalho amplia a sua copa e vai matando a relva por baixo dele, porque lhe retira o sol. Ela exemplifica com aquilo que em 1940 se lhe apresentava: “o Homem moderno através das suas máquinas também impõe a expansão do espaço, e até invadiu o ar”.

Ela revela ainda uma outra ideia; para apreciar o espaço, o homem não precisa de o possuir num sentido material: olhar é equivalente a tocar. Se incluirmos

Bion e Matte-Blanco, podemos acrescentar que se passa assim porque o que nos chega sensorialmente é apropriado na forma de vivência beta ou simétrica. Não é necessária uma apropriação objectal, a apropriação narcísica postulada no sensorial é suficiente. Ela explica que isto só acontece no espaço concreto, porque no espaço abstracto (o espaço da representação, o espaço da ausência do objecto concreto, e acessível apenas pelas suas qualidades) o sujeito sente o horror da sua imensidão, que ela implica pela ausência de fronteiras. A terra representa uma segurança e protecção contra a infinidade do espaço. O tempo é diferente: “o tempo mantém as suas qualidades assustadoras, e vai passando mais depressa a cada dia, conforme vamos crescendo. Nós não podemos fazer um jardim no quintal e nos protegermos contra a infinidade do tempo. Nós destruimos o tempo a partir do momento em que o usamos. Não o podemos usufruir a não ser que o destruamos. Ser dono do nosso próprio tempo só se pode referir ao tempo que se nos apresenta directamente, que é o tempo que não nos prestou nenhum serviço – porque ao vivermos no tempo, nós morremos dele. O individuo não consegue desenvolver nenhuma resistência efectiva na luta contra o tempo. Minuto após minuto, ano após ano – ele passa e aproximamos cada vez mais da morte. Na luta contra o tempo, o homem explora em primeiro lugar o poder da ilusão, porque o princípio do prazer não conhece o tempo. Todas as noites perdemos a noção consciente da passagem do tempo – no sono, e mesmo que a mente se manifeste – no sonho, não contempla a temporalidade sequencial. Aquela que temos vindo a referir da lógica simétrica” Bonaparte, 1940.

Há também quem conceptualize o espaço e tempo tratando-os com a mesma importância para a organização da mente – Freud e Bion. Segundo Carignani (2000) em Freud encontramos a noção de que o espaço e tempo são acessíveis pela percepção e logo pertencem ao sistema percepção-consciência, predominante no Ego, que “se dispõe em conformidade com as noções espaço-temporais”. Em Bion, acrescenta-se uma noção importante: a ideia de que é da ordem da frustração pensar no espaço e tempo como uma representação e não como uma coisa-em-si. Ele diz-lo quando Bion explica o funcionamento da parte psicótica da personalidade: “por isso, na psicose, os pensamentos são experienciados (como consequência do domínio da posição esquizo-paranóide) como sendo espaço (real) ocupado por não-coisas e assim a interpretação (interpretação adequada nas concepções bionianas) é sentida como ocupando o lugar que pertenceria ao objecto perdido, ou seja, à coisa-em-si

mesma, que é sentida pelo paciente como sendo sua. É também com esta luta que se depara o adolescente. O autor refere a forma como Bion diferencia o espaço e o tempo: “Bion considera o espaço, como medida da distância dos objectos fragmentados, e dos lugares não ocupados pelo objecto, sendo o tempo a medida da ausência do objecto”. Esta complexa ideia estava implícita na forma como o sujeito humano necessita de se realizar: o espaço é sempre uma qualidade atribuída aos objectos ausentes da representação (os objectos mentais) postos em relação uns com outros. Eles implicam que sejam reconhecidos como ausência na mente, o que é feito pelo tempo na sua qualidade de realização negativa.

Através da teoria continente-conteúdo, podemos também derivar a integração entre espaço e tempo: o espaço como continente (continente da relação caracterizado pela distância) e o tempo como conteúdo que o significa e o delimita, e que o obriga a realizar transformações – representação. Esta ideia está na continuidade da de Varvin (1997), que integra desta forma o espaço e o tempo: todas as organizações mentais processam-se em relação, desde o início da vida intra-uterina. Mas é o terceiro elemento desta relação – o tempo - que o pode organizar, em níveis diferentes do desenvolvimento.

Através da integração dos modelos teóricos de Freud e Bion a outras áreas do saber, Amaral Dias conceptualizou (98, 99 e outros) uma temporalidade que implica o espaço mental, considerado como local gerador de sentido como forma de resolução da terrível e cruel consciente de morte. O espaço mental, é o lugar onde se experimenta a angústia e a dupla temporalidade, o lugar que obriga o sujeito a perder a continuidade e contiguidade temporal, em angústias derivadas do desamparo originário, que só pela relação com o outro podem ser complexificadas, simbolizadas e continuamente ressignificadas. O tempo é imposto pela experiência/consciência da morte que, através da relação com o outro torna-se consciência do desamparo, fragmentação, separação, castração. Para este autor, o ser é um *ser-para-a-morte* (Heidegger). O ser relaciona-se para não morrer – no início – e para poder resolver esta angústia. Assim, o sofrimento humano é considerado como a própria condição da espécie que, ao perceber a sua própria morte vai angustiar-se, frustrar-se e procurar mecanismos para os resolver. A consciência de morte gera assim uma angústia que mobiliza o Homem à significação (pela relação) para dar sentido ao que não tem sentido – o Nada (filosófico e psicanalítico) – que se deve ao facto de nada

saberemos porque nascemos nem porque morremos. O símbolo é para o autor “uma ponte sobre o Nada” (Amaral Dias, 1999), sendo este Nada o profundo e angustiante desconhecimento sobre a morte e da própria vida, ligada ao tempo, isto é, a angústia do *tempo-que-vem*, e o aparelho mental, o simbolizador, o lugar da simbolização. A temporalidade *obriga o ser* a criar um espaço para lidar com a angústia de morte. Embora o autor não relacione entre si as conceptualizações do espaço e tempo, elas são evidentes. E é por isso que consideramos que o espaço psíquico é criado para lidar com a frustração do tempo.

Resta ainda referir que, para o autor, o sujeito é aquele que se constrói entre dois Nadas: o nascimento e a morte. Acrescentando a noção de Bion da concepção parental, de Matte-blanco e o objecto multidimensional que é a cena primitiva, e a impossibilidade de saber acerca da morte, podemos acrescentar que os dois Nadas, estes dois conhecimentos são lugares sem realização mental possível. Tal como o próprio autor salienta, ninguém consegue ter uma realização da sua própria geração, concepção, nem da sua morte. Pode realizar um tempo antes da sua vida e depois da sua morte, mas não estes dois momentos na experiência de si. Apesar disso, o facto de termos nascido e de irmos um dia morrer, são as nossas únicas certezas. Certezas mas experiências irrealizáveis, que podem contudo ser simbolizadas.

### **3.3. INOVAÇÕES E PROBLEMAS ENCONTRADOS PELO ESTUDO DO ESPAÇO E TEMPO NA TEORIA E PRÁTICA PSICANALÍTICA**

Em termos teóricos, e tal como referido por Linda Brakel (1994), Matte-Blanco, e Bion (indirectamente) o estudo do espaço permite enquadrar o paradigma psicanalítico no contexto de outras ciências, e respeitando os princípios de Grünbaum, de que para demonstrar qualquer coisa, é necessário ir buscá-la fora do próprio método onde se encontra. Permite também completar (para uns) ou negar (para outros), a teoria de Kant. Segundo ela, o espaço concebido por Kant refere-se ao processo secundário tal como concebido por Freud em 1915. Ela conclui que, quer o inconsciente, quer a geometria não euclidiana (uma geometria que implica múltiplas dimensões, descoberta no início do século XX, por Gauss), quer os processos primários, localizam-se fora das categorias analisadas por Kant. E assim, ela propõe um modelo similar ao encontrado pela geometria não-euclidiana (cuja

veracidade foi demonstrada por Poincaré), que é o modelo das transformações. Nesta geometria planos geométricos diferentes são equiparados por operações de transformação constante. O mesmo devia ser considerado quando se estudo processo primário e secundário. Se se souber como operam as transformações, descobre-se a parte original que deu origem ao produto transformado, ou, de outra forma, sabendo qual a função, proposição, regra aplicada, etc., que foi processada na transformação, consegue-se encontrar a origem (modelo das transformações de Bion). E assim se pode conhecer o inconsciente e ainda resolver as críticas à psicanálise feitas por Popper (1963) e Grünbaum (1984) sobre o conceito de inconsciente (ambos citados por Brakel, 1994). Tudo isto foi realizado por Matte-Blanco nas suas obras e teorizado por Bion, quando faz implicar na mente processos de transformação, e quando procurou fórmulas para que os processos de transformação pudessem ser anotados e sistematizados numa tabela (Bion, 1963).

A importância da espacialidade como partindo do corpo e a sua correlação com a realidade externa (física e natural), bem como da regularidade temporal, faz igualmente levantar a questão da importância da concretude nos cuidados parentais a uma criança. Principalmente nas crianças mais novas onde podem equacionar proximidade corporal a proximidade relacional, por exemplo, e a presença com satisfação. Os espaço e os tempos onde se desenvolvem e experimentam as primeiras relações deve ser assim uma fonte importante para a atribuição de sentido. Nas terapias infantis, no *setting* analítico, tudo isto é explorado como fonte de compreensão e conhecimento. Contudo, sentimos necessidade de reforçar esta ideia, nas infinitas formas com que se pode manifestar.

Relativamente ao tempo, podemos encontrar também uma posição paradigmática em Green (2000), quando ele considera que o estudo do tempo deve ser o objecto da psicanálise. Arlow (1984) salienta também a importância do estudo do tempo pela psicanálise, mas evidenciando o facto de a psicanálise ser a única disciplina que permite compreender a experiência de tempo. Para ambos, Freud falava de várias experiências de tempo, e Green denomina-a de *heterocronia* do tempo. A partir desta heterocronia, vai constituir um modelo de experiência de tempo a que denominou de “tempo explodido” (*temp éclaté*, no original). Este conceito, embora simples na sua essência, implica a defesa de uma nova postura epistemológica na psicanálise, quer em termos teóricos (duplo foco em pulsão e

objecto) e uma técnica interpretativa que inclua as várias relações com o tempo que se passam no psiquismo humano, entre as quais se incluem a ausência de relação ao tempo (ou sem tempo, ou ainda temporalidade ausente). Contudo, conforme lamenta Green (2005), o estudo do tempo perdeu importância, em nome do aqui-e-agora daquilo que denomina Escola Inglesa, por oposição à Escola Francesa. Ou então tem sido estudado principalmente no *setting* analítico, pelos efeitos que provoca no paciente e também analista.

O que muito autores referem é que o *setting* é um apelo a duas vivências temporais: uma sem-tempo pela ligação ao analista (transferencial ou intersubjectiva). Outra é o tempo cronológico que se impõe nos encontros, datas, horas, início e fim da sessão, que Sabbadini (1989) denomina-as de temporalidades contrastantes, que são na realidade o tempo objectivo e o tempo subjectivo. Namnum (1972, citado por Priel, 1997) comenta que estas duas posições facilitam a interacção entre passado e presente. Kafka (1977, citado por Arlow 1986) refere que esta temporalidade está também contida na selecção do conteúdo para interpretar, uma vez que por vezes o analista cria descontinuidade entre conteúdos sequenciais e outras, cria contiguidade em conteúdos desfasados no tempo. Estes contextos criam o enquadramento do significado que vai ser extraído, sendo que a pedra base da experiência de tempo em análise é sucessão dos elementos recordados, o lugar onde se corta e onde se costura.

Na opinião de Green (2000, 2005) deve-se alternar interpretações do presente com o passado, pois a análise obriga a estes movimentos no tempo, para trás e para frente, entre o que acontece no aqui-e-agora da sessão e aquilo que se supõe que tivesse acontecido num outro tempo e num outro lugar. Todo o material, qualquer que seja, contém diferentes camadas de passado interligadas e remodeladas pela elaboração secundária. É a presença de muitas estruturas não neuróticas de funcionamento que faz com o analista tenha de se situar num modo polimórfico de intervenção. Esta mudança de paradigma nas teorias psicanalíticas deve-se às patologias estado-limite, cujos disfuncionamentos do Eu são mais globais, menos sexuais e caracterizam-se mais pela ausência de resposta do Eu do que pelo efeito directo da sua elaboração, levando a uma repetição das angústias sem remédio, repetições mortíferas pondo à prova a contra-transferência do analista e que obrigam à modificação à técnica. O autor defende a posição dupla: o jogo pulsão-objecto. Se

depende somente do intrapsíquico torna-se aleatório, precário, solipsista. Se é a intersubjectividade que predomina, a resistência leva à imobilidade. Somente com o par intrapsíquico e intersubjectivo podemos dar ao *insight* o valor de uma ligação. É unindo o paradigma da pulsão ao paradigma da relação objectal que se explicam as diferentes temporalidades da mente humana.

De acordo com o exposto sobre o tempo e o que assinalámos sobre a vivência do presente, é preciso não confundir o tempo presente com a técnica de aqui-e-agora defendida pela escola inglesa. Técnica esta que como referimos dividiu a psicanálise, de acordo com Green (2000). Também não se pode confundir a importância dada ao tempo presente que se evidenciou na revisão bibliográfica, com a urgência do presente que predomina no mundo contemporâneo. Segundo Bergler (1946) a sobreavaliação obsessiva do tempo nos nossos dias, aparece na nossa cultura como uma estratégia de domínio dos desapontamentos infantis. Determinantes anais proeminentes (“o tempo é dinheiro”) derivam da fantasia infantil de poder, por deter ou reter o conteúdo do recto. Green (2000, 2005) fala de uma vivência temporal no eterno presente, um mundo border-line, onde o tempo é o do acto que destrói a possibilidade da sua representação. Para Carneiro (2002) existe uma modificação no mundo contemporâneo entre o humano e o tempo; devido à velocidade de novas tecnologias, e o acelerado ritmo da mudança, actualmente vivemos em maior instabilidade, depreciamos o passado como guia das nossas acções e não consideramos o futuro num contexto pessoal. Aquilo que fazemos sobretudo é sobrevalorizar o presente, e assim perdemos a articulação entre passado-presente-futuro, que a psicanalista faz derivar de uma função ideal narcísica infantil, que teria a capacidade de articular os três momentos temporais, protegendo-se da mortalidade. Através desta concepção podemos concluir que existe uma maior espacialização do presente, presente esse que é sobrevalorizado, pelo agir, fazer, ocupar, pela fuga do tempo que em última instância remete para uma concepção impossível no inconsciente (de acordo com Freud) – a mortalidade.

Em termos de técnica, o espaço também pode criar novidades paradigmáticas, isto é, e segundo Poland (1992), modificar os modelos de observação, na linha intersubjectiva ou teoria de campo. Sendo a superfície analítica o inconsciente do paciente tal como se apresenta (conteúdo manifesto) ao analista (e está dependente da sua observação, o que implica que diferentes analistas procuram manifestações do

inconsciente diferentes), aquilo que está abaixo da superfície – o conteúdo manifesto -, isto é, a parte excluída, é aquilo que o analista procura pela atenção livre e flutuante, que influencia a superfície. Para ele, o analista deve mover-se alternando as duas posições, porque, o mecanismo que circunscreve uma superfície é novamente assimilado à experiência do paciente do espaço analítico.

Bion através do estudo do espaço e tempo, incluiu-os na “boa interpretação”. Ele refere que esta deve contemplar três dimensões: sentidos, mitos e paixões e só assim uma interpretação é satisfatória. A primeira é a sua extensão ao território dos sentidos, que remete necessariamente para uma convenção - o senso comum. Bion toma uma convenção comum como exemplo – “uma pedra é dura”. O “objecto psicanalítico é sensível quando satisfaz condições análogas àquelas em que a sua presença física se confirma pela sua evidência em um ou mais sentidos”. As outras duas são, por ordem, a sua extensão ao território dos mitos e das paixões, respectivamente. Em nenhuma destas duas se afirmam factos observados nem os sentidos, enquanto que na primeira há um recurso ao espaço (ou tempo sensível) como modo de a tornar algo que; quer o analista, quer o analisando representem como visível, audível, palpável ou cheirável. Por outras palavras, Bion considera que a interpretação tem de ser dimensionalizada espacialmente e, porque não, temporalmente, já que pode implicar um comportamento que se desenrola não apenas no espaço, mas também no tempo.

Arlow refere aqui (trabalho de 1979, citado em 1984) que as metáforas que usamos empregando o tempo (e o espaço, embora o autor não o refira) representam o modo de organizar e conceptualizar a experiência e fantasia em relação ao tempo. Os quatro determinantes da experiência de tempo: percepção, memória, consciência de si e influência das fantasias inconscientes, têm de ser observados por um observador participante - o analista – que monitoriza a sucessão de apresentações da mente e que facilita a alternância entre percepção e consciência de si.

### **3.3.1. PERSPECTIVA DIMENSIONAL DA ORGANIZAÇÃO ESPÁCIO-TEMPORAL**

Pela nossa parte, ao realizarmos este trabalho, procurando uma perspectiva dimensional da mente, a partir do espaço e tempo como organizadores mentais, deparámo-nos com muitos problemas. Alguns deles levaram-nos a escolher determinado ponto de vista teórico em detrimento de outro, outros levaram-nos a integrar concepções oriundas de pontos de vista diferentes. Um deles é a não consideração do Édipo por alguns autores nos processos de espacialização e temporalização que formatam e impõe a representação. Algumas teorias, essenciais para o espaço e tempo, e que encontram no paradigma da satisfação-frustração o seu desenvolvimento (de espaço e de tempo), terminam “demasiado cedo”, isto é, não permitindo considerar o Édipo e a importância da adolescência e suas conquistas da realização e do verdadeiro pensamento simbólico-abstracto, fundamentais para a consciência de tempo, e sua resolução através da tripartição temporal, embora de modos diferentes. Assim, tivemos de pressupor a ideia de que o tempo faz com que a satisfação se torne em frustração pelo Édipo (embora sentida a partir de fora, ou seja, a criança explica a sua impotência pelo tempo) e que a adolescência, após a puberdade, é a única altura em que se pode constituir um sujeito histórico, intersubjectivo, o sujeito que procura no mundo a sua própria realização, o sujeito integrador de inconsciente-consciente, virado para o Outro dotado das mesmas potencialidades (inconsciente-consciente). Isto porque só nesta idade é que o pensamento ganha a sua maior competência – a abstracção e a manipulação de ideias em si mesmas, possibilitando a mais simbólica ou maior densidade simbólica na transformação da frustração, e permitindo a ressignificação constante que irá dinamizar o resto da vida.

Outro problema com que nos deparámos foi o termo regressão e o problema da procura de realização na compulsão à repetição. Sobre o primeiro, a regressão, considerada como o sujeito recuperar no presente um dado modo de funcionar, que predominou anteriormente na resolução de problemas com angústias semelhantes à actual, trata-se mais de espacialidade do que de temporalidade. O sistema de relação utilizado é o modo do espaço psíquico no presente, mas foi contudo, aprendido e constituído o seu modo relacionador no passado. Também a compulsão à repetição sofre de problema semelhante; o sujeito recupera uma vivência anterior. A diferença

é que o sujeito recupera um estado emocional e não um verdadeiro modo de relacionar (sistema de funcionar, espaço mental). Poderá ser por se associar a um recalçamento originário (lugar sem a mínima significação), que irá atrair e destruir, tal como um buraco negro atrai e destrói (até a própria luz), os processos de relacionar que poderiam significar um dado acontecimento doloroso (e assim elaborar), no sentido em que Amaral Dias refere (2000 e 2009), a partir de Freud, ou poderá ser pela função de eliminação de qualquer sentido, como o que Green postula. Contudo, com Bion a mente procura a realização, na relação com o meio e a partir de dentro. Logo a compulsão à repetição como um ataque tão forte ao tempo que nega a própria negação do tempo, necessita de estar incluída na procura de realização; positiva ou negativa, mas sempre procurar uma forma de se manifestar, tal como tão claramente referido por Pedinielli (2004). Também com Matte-blanco, poderíamos dizer que a compulsão à repetição é um objecto multidimensional que procura uma manifestação.

Na nossa experiência clínica deparámos com sujeitos que propositadamente conduziam alcoolizados nas estradas onde sabiam que iria estar um controlo policial. Assim faz sentido questionar: procuram uma contenção? Ou procuram uma manifestação, uma repetição de algo cuja carga emocional e/ou representacional não foi possível ser manifestada no espaço mental, e têm de recorrer a uma acção, inscrita de dentro para fora e forçando, criando um fora igual ao dentro? Fica a pergunta. Também nos deparámos com sujeito que pareciam nem sequer ter representação de algo, no momento da condução: o espaço onde circulavam era atacado pelo tempo-velocidade: a mente só permite o lugar de partida e o lugar de chegada. Aqui a negação é a da passagem do tempo. E alguns pareciam nem saber que negavam a passagem do tempo, no sentido que Green refere acerca da compulsão à repetição, enquanto a parte destrutiva da pulsão de morte. Em termos teóricos, esta é um discussão antiga, que merece também maior investigação, através da inclusão do estudo do espaço e não só, também através de Bion, que considerava a mente como um espaço que procura realização (positiva ou negativa), um espaço que procura e cria significação sempre em modo de ressignificação.

A importância do espaço e tempo para a organização dos processos mentais é verificada nos modos como os autores concebem o desenvolvimento, a maior parte deles incluindo a espacialidade e temporalidade. Anteriormente definimos as teorias que concebem o desenvolvimento considerando-o a partir do espaço e tempo, mas

sabemos que estas se apoiam em outras que não utilizam as noções de espaço e tempo. Alguns autores contudo, basearam-se no espaço e tempo para constituir o modo como a mente se processa em relação com o outro, com o mundo, são eles Grotstein (2003) e Meltzer (1976). Meltzer apoiou-se na ideia de geografia da mente, onde está implícita a noção de que a mente se processa a partir de vários espaços cuja relação entre si possibilita o desenvolvimento. Grotstein parte da noção de correlação entre os processos mentais e as suas relações com o externo. Ambos constituíram um modelo de desenvolvimento da mente através da criação de analogias dimensionais, isto é, com a geometria. Com Matte-Blanco vimos que a mente é um sistema de relacionar. Mas ele vai ainda mais longe quando diz que tudo o que nós conhecemos, tudo o que nós entramos em contacto com, vai reflectir as mesmas operações mentais que a mente realiza. Mais do que uma correlação é uma correspondência bi-univocal, ou seja, uma correspondência onde a cada elemento de um conjunto (mental) existe um e só um elemento de outro conjunto (real) que lhe corresponde através de uma função: a relação que é estabelecida entre os dois.

Temos ainda de assinalar a diferença entre a concepção de mente dimensional de Meltzer e Grotstein e a concepção de Matte-Blanco, de mente multidimensional no inconsciente das vivências que é submetida a uma tridimensionalização da experiência pelo consciente. Matte-blanco incidiu sobre os processos intrapsíquicos. Meltzer e Grotstein incidem nos modos interpessoais que permitem o desenvolvimento: incluem o Outro, mesmo que este Outro seja referenciado à própria mente (é-o pela introjecção, projecção, identificação projectiva, adesiva, introjectiva, sustentadas pelo nível da representação e significação, etc.). Assim, podemos constituir uma continuidade entre estas teorias. Os três procuram entender a mente a partir dos espaços criados para presidir ao acto de relacionar: mas um incide sobre o processo interno, Matte-Blanco, o intrapsíquico em exclusivo, e os outros (Grotstein e Meltzer) incidem nos modos como esses processos se constituem a partir da relação.

É aqui que temos de referir que a intersubjectividade, presente em qualquer relação é uma teoria extremamente reforçada com este estudo, porque esta teoria concebe os modos de relação bi-lógicos (embora não o refira sob uma designação única): a mente que integra consciente e inconsciente, o modo de funcionar que se localiza no tempo sequencial, e que constitui o sujeito histórico e o sujeito narrativo. Assim, temos como objectivo neste trabalho sistematizar os modos como o espaço e

o tempo organiza a mente ao longo do desenvolvimento da mente enquanto espaço *relacionador* constituído através da necessidade de resolver a frustração do tempo. Para isso constituiremos uma outra concepção de dimensionalidade psíquica, mas que consideramos totalmente inscrita nestes autores que acabámos de referir e nos que ao longo da parte teórica demos mais importância, através do um processo de selecção e integração teórica.

A nossa concepção da mente recorrendo à analogia geométrica, é justificada nas teorias de Bion, Matte-Blanco, Grotstein e Meltzer (e outros) que definiram ou partiram desse princípio, o princípio de que as relações que encontramos no meio, os conhecimentos, as percepções, etc., sejam elas científicas, culturais, ou de outro âmbito, deve-se ao facto de a mente as relacionar desta maneira. A natureza ou a ciência nunca reflecte relações (princípios ou teorias) que não estejam previamente estabelecidas na mente. Matte-blanco reforça muito esta ideia: a natureza e as relações que nelas encontramos, a matemática, física, etc., reflectem os mesmo tipo de relações que a mente realiza por si mesma, em correlação com a natureza, que a ciência procura descrever.

Nós iremos estabelecer um modo adimensional, unidimensional, bidimensional e tridimensional, proporemos sobre a existência de uma quarta-dimensão, por comparação às relações encontradas na geometria que caracterizam cada um destes modos. Partiremos de fora da psicanálise, e integraremos nas teorias psicanalíticas aqui revisadas para os inscrever na mente. Assim, a solução que encontramos para compreender o modo como se mente organiza espaço-temporalmente ao longo da vida, é postular a existência de uma ausência de dimensão, um modo unidimensional, bidimensional, tridimensional e quadridimensional. Assim pensamos conseguir integrar as conquistas edipianas, as da adolescência, e o que acontece no adulto. Além disso, estas ideias também integrariam as de Piaget sobre a adolescência e o adulto (no adulto inclui-se Erickson, citado por Colarusso, 1979). As de Piaget (Wadsworth, 2002) são baseadas em estudos experimentais desde a sua concepção teórica. Segundo estas teorias na adolescência é descoberta a lógica e a manipulação do pensamento, que aprende na escola e onde vai experimentar no novo mundo que se lhe apresenta — a lógica aristotélica, a lógica que Matte-blanco inclui e localiza no consciente. O adulto por seu lado preocupa-se em realizar efectivamente pela via dos derivados simbólicos dos desejos infantis, isto é, ele produz, reproduz e reproduz-se. Sente satisfação na

procura de pensar a partir do outro, consegue empatizar (sentir) o outro e ter prazer nisso. Quer cuidar, responsabilizar-se e assegurar um futuro. Só na velhice conclui que o projecto edipiano tem de continuar derivando-se agora pelo desvio cómico-trágico, como considera Green (2000), para os filhos ou das suas produções. Sem considerar a (re)transformação patente na adolescência não poderíamos considerar esta divisão dimensional. Também o conhecimento dos modos de funcionar mentais que é permitido pelo método de Rorschach contribuiu em muito; não só porque é uma forma que há muito tempo permite uma manifestar mais concreta das teorias psicanalíticas (um instrumento de investigação) mas também porque inclui directamente o espaço e o tempo, nos processos mentais que o sujeito vai realizar para responder ao pedido. Desta forma está apto a estudar todas as dimensionalidades que aqui concebemos, bem como a quarta, aquela que é de mais difícil manifestação. Em termos de faseamento dimensional, concebemos aqui a analogia entre processos mentais espaço-temporais e a mente (pelos enquadramentos teóricos anteriormente referidos e sintetizados) da seguinte forma:

No início da vida a criança poderia experienciar o mundo como sendo inicialmente adimensional, como um ponto, um ponto fechado de onde tudo parte e aonde tudo chega; um ponto de vivência infinita e totalmente atemporal. Este é um lugar adimensional, porque não há estabelecimento de nenhuma relação com o mundo. Este seria o lugar onde poderíamos colocar o indivisível, uma total simetria tal como refere Matte-Blanco, o lugar da vivência multidimensional, completamente inacessível à nossa mente. Depois o ponto é “esticado em dor” para comportar as relações com o mundo, com o Outro, com a relação que vai constituindo uma noção de contiguidade e continuidade, mas como parte de si próprio – uma recta, uma linha. A recta é o lugar geométrico (geometria analítica) da primeira dimensão – unidimensionalidade da experiência. As rectas implicam uma relação de distância, (tal como Bion refere, o espaço é a distância entre os objectos fragmentados) em termos quantitativos. Pode-se calcular também as suas direccionalidades, através de uma função proposicional ou equação. Mas o resultado é sempre o possibilitar determinar o valor a cada ponto da recta sucessivamente, e portanto é sempre cumulativa: uma sequencia de elementos estáticos. Aqui todos os acontecimentos, todas as vivências são de contiguidade (e implicitamente de continuidade), como uma linha. A perda desta continuidade e contiguidade levaria à fragmentação da linha, levaria a uma mente onde coexistem vários pontos desconectados e cada um

com um potencial adimensional em si mesmo, em termos da sua vivência interna. Podemos assim inserir aqui a teoria de Bion e Matte-blanc: uma experiência vivencial concreta, infinita, personificada onde tudo está em tudo, mas de modo disperso. O esforço do sujeito realizar a experiência (tridimensionalá-la através da falar, que não é bem uma “fala”) revelaria assim palavras como coisas, acções, pessoas, com uma intensidade emocional exponencial e extremamente perturbadora.

Com a consolidação da contiguidade e continuidade é possível constituir uma área, uma área superficial possibilitada pela capacidade progressiva consciencializar a relação ao não-Eu, ao Outro, ao ausente, pela frustração do tempo. A área reflecte-se em geometria por figuras, figuras geométricas, que se representam num plano, num plano bidimensional. Sabe-se que o cálculo da área se faz através da sobreposição dos lados (caso do quadrado que se calcula pela multiplicação de lado, mais lado), ou da base (caso do triângulo que se calcula multiplicando a sua base pela altura e dividindo por dois) ou ainda outras, tendo em conta o tipo de figura. As relações que se podem encontrar nas figuras geométricas caracterizam-se assim pelo cálculo do perímetro, da área, e do seu formato. Poderíamos assim dizer que o plano bidimensional é o sujeito que estabelece as suas relações em termos da superfície, em termos do contorno, em termos do formato, tal como é tão evidente no Rorschach (Chabert, 2000). É um sujeito que procura expandir-se no espaço pela superfície, ampliando o seu limite e não sabendo lidar com o seu fim – o outro separado de si mesmo, o outro que o delimita, o outro que nomeia, o outro que lhe dá existência, o outro que lhe impõe o tempo, e o tempo é o seu fim, tempo da frustração perante a sua finitude e eternidade. Este sujeito também assume diferentes formas de perturbação: ele pode perder a contiguidade e continuidade de “uma” ou mais “rectas” que o compõem (e assim entraria numa vivência adimensional, mas teria de ser sempre limitada a uma determinada área), pode perder a delimitação, o perímetro (que é uma excelente metáfora do envelope psíquico ou pele psíquica) e assim pode ser invadido pelo que está para além dele, o não-Eu, o Outro (criando uma espécie de buracos da superfície mental) ou pode ainda perder a sua formatação, tornando-se indefinido e difuso e procurando uma sistematização. É um sujeito ainda cumulativo, apesar de conseguir relações mais complexas que o cálculo da distâncias, do fim e do início da recta, que estão presentes no mundo unidimensional. Há ainda uma característica fundamental e que é sempre falada em psicanálise: o sujeito é dependente do outro para a sua própria delimitação, significação, é o outro que o

representa, o outro que lhe dá sentido e manifestação. Ou seja, só incidindo no lugar que delimita, é que a área pode ganhar um sentido, um nome, uma conjunção constante: Estado-limite é uma psicopatologia que poderíamos inscrever aqui.

Um outro modo de organizar o espaço e o tempo é adquirido quando o sujeito se permite a encontrar um espaço (não uma área) onde pode ele próprio conter o seu fim. A tridimensionalização da experiência é representada pela geometria como um sólido, um sólido que muito mais que delimitar, contém coisas. Em geometria há o cálculo do volume (o volume é a quantidade de espaço ocupado por um corpo) é realizado de modo mais complexo, que pode ser quantificado mas não é necessariamente cumulativo. O que se faz é, no exemplo do cubo, multiplicar três vezes o lado (porque todos os lados são iguais), e outros sólidos assumem outros cálculos, que são sempre realizados a três, porque é necessário incluir a medida do seu interior, da profundidade. Aqui podemos inscrever aquilo que os vários autores da psicanálise incluem para a triangulação edipiana (sujeito em relação com a mãe e pai; em relação com o desejo, impedimento do desejo e um regulador entre os dois) ou a triangulação que as relações de objecto explicam pelo símbolo: sujeito-símbolo-objecto, ou ainda os intersubjectivistas: sujeito-espaço potencial (capacidade de estar só)-objecto ou ainda a original concepção de Bion, em que a mente tem uma pré-concepção da relação de casal: sujeito x pré-concepção de casal (pai x mãe). Poderíamos ainda inscrever de modo menos evidente, a teoria bioniana das concepções/conceitos: “expectativa x realização positiva” cuja frequência permite a “expectativa x realização negativa” que segue para os “conceitos e mais complexas abstracções do símbolo”. Seja como for, a organização a partir daqui é sempre tripartida se agregarmos a geometria às concepções psicanalíticas.

Aqui a experiência pode ser submetida a vários pontos de vista, mas em todos eles há duas incidências específicas: ou focam naquilo que compõem e caracteriza o seu interior, ou focam naquilo que o delimita, na área onde este interior está inserido, o que nos remete também para a relação continente-conteúdo, pois nenhum pode ser pensado sem ser em relação com o outro. Esta última incidência seria o ponto de vista do exterior, o ponto de vista do observador, a acção do sistema percepção-consciência, aquele que se vê a si próprio a partir de fora de si mesmo. O primeiro, o ponto de vista interior, assume também várias qualidades em geometria: densidade, massa, etc.. Podemos também com alguma facilidade calcular um “ponto” interior central do qual o sólido se constituiria (inconsciente submetido depois a relações

assimetrizadoras da experiência). Além disso, os sólidos podem ser definidos matematicamente de várias formas extremamente complexas (exemplo; cálculo integral). Aqui o lugar da perturbação será principalmente no dentro, uma vez que a estrutura do sólido dificilmente é abalada se contiver falhas no seu perímetro – a castração -, ou pelo menos teriam de ser falhas muito massivas, para que este objecto perdesse a sua integridade, e esta é outra característica atribuída à neurose, a sua identidade mantém-se estável. Mas ela também é melhor definida no método de Rorschach (Chabert, 2000, refere que a integridade dos objectos nunca é danificada). É no dentro que o sujeito imprime os seus conflitos, visto através da relações entre várias partes que se constituem para a caracterizar. Ou seja, nunca é só desejo, ou só castração, no exemplo da concepção edipiana, mas é o modo como a relação entre desejo e castração se manifestam.

A partir desta caracterização dimensional do modo como o espaço e tempo organizam a mente, nós iremos questionar acerca da existência de modo de funcionar quadridimensional, o objectivo principal da investigação deste trabalho: existirá uma quarta-dimensão no modo da mente se organizar espaço-temporalmente?

Uma quarta-dimensão da mente pelo facto de incluir a espacialização do tempo, permite, em termos lógicos fundamentar o sujeito que se inscreve mentalmente e inscreve o mundo num modo narrativo, sequencial, histórico, numa inter-relação constante entre inconsciente e consciente, da forma como é concebido pelas teorias da intersubjectividade.

Mas iremos incluí-la nas ideias de Blanco, como o sujeito que mais inter-relaciona os seus dois modos de ser, as suas duas lógicas. Os processos inconscientes e conscientes interligados com uma relação espacial de grande espessura simbólica, totalmente inscrita no tempo tripartido e sequencial cujas relações entre si só são acessíveis pela imaginação, tal como o hipercubo. São também os modos pelos quais podemos viver a experiência do outro. Mas tudo isto tem de ser questionado em termos de espaço-temporalização da mente, porque Matte-blanco também nos diz que o símbolo é aquilo que permite a realização do desejo, na sua forma transformada, sublimada e por isso interliga os dois modos de ser. E comunicar, falar, pensar é uma experiência da tridimensionalização da mente, integrada no tempo, mas num tempo como ligação (ou não), como criador de simultaneidade ou *dessimultaneidades*, dessimultaneidades estas que o sujeito está apto a realizar por si, através da sua tripartição temporal: desejo remetido para o passado, presente de

restrição e limitação e o futuro como promessa de realização. Portanto é na actividade mental, no espaço psíquico que irão ser criadas conexões que comportam a narrativa e a história, o que implica que seja no modo consciente, no modo tridimensional.

A intersubjectividade será aqui entendida na componente semelhante que tem com a dupla modalidade de ser do Homem, mas não podemos igualmente esquecer que as funções do Ego, segundo Matte-Blanco são constituídas em forma de acontecimentos, isto é, situações que decorrem num espaço e tempo. São elas que vestem o modo indivisível de acontecimentos, cobrem ou substituem o todo pela parte acessível a essa função egóica (parte que pode ser pensada ou tratada tridimensionalmente). Quanto mais densidade simbólica, mais o sujeito se pode manter na tridimensionalização.

Apesar da dificuldade da analogia com uma dimensão quadridimensional, e salientando que as relações que nela encontrámos podem ser visíveis pela decomposição geométrica a uma dimensão imediatamente inferior, cujas relações já estão definidas: tridimensionalidade, bidimensionalidade e unidimensionalidade, pensamos ser útil considerar a possibilidade deste modo de organizar o espaço e o tempo. Porque possibilitaria o movimento, o dinamismo relacional, o outro considerado como sujeito com interior em si mesmo, porque estaria contido no seu interior como uma das várias pirâmides que comporiam a figura triângulo na quarta-dimensão, seria assim o lugar da intersubjectividade. Um espaço quadri-dimensional, que se nos apresenta de modo confuso e apenas por movimento (tal como a única forma de ver o hipercubo como inteiro e uno é em movimento). Se considerássemos esta metáfora adequada, a ideia de Bion e Matte-Blanco seria reforçada: a tridimensionalização é de facto limitante. Acima de tudo, ao espacializar o tempo, podíamos concebê-lo como uma dimensão da mente consciente em total interacção com a mente inconsciente (o hipercubo é uma representação simultaneamente objectiva e subjectiva, pois só é acessível pela imaginação). A concepção de Meltzer e Priel e do sujeito histórico e o sujeito subjectivo de Ogden é a mais próxima a esta.

Mas temos que nos impor uma questão: postular a existência de um modo quadridimensional de funcionamento, seria aproximar do caminho da psicose (reino do processo primário). Matte-blanco diz e demonstra que o inconsciente é multidimensional. Mas ele também refere que interagimos constantemente

consciente e inconsciente. Geometricamente a quarta-dimensão contém uma metáfora adequada para as relações consciente-inconsciente num modo que, apesar de muito invadido de simetria ou de emoção (a emoção é bi-lógica) é ainda acessível à nossa mente tridimensional se espacializarmos o tempo, isto é, se constituirmos sistemas de relações que contêm outros sistemas de relações cuja passagem de um para o outro é que o caracterizaria. Sabemos contudo que intersubjectividade não é psicose, pelo contrário parece ser o nosso melhor lugar de funcionamento, pela possibilidade de criar novas relações, novas compreensões. Também referimos anteriormente que a unidimensionalidade, a existir, reflecte um processo (quase) sem relação. Aqui questionamos; é o inconsciente multidimensional ou unidimensional ou ainda adimensional? Ou ainda quadridimensional? Há mais dimensões que a quarta, dizem-nos os físicos, que são muito mais difíceis de conceber. Podíamos simplesmente propor a seguinte ideia: uma coisa é aquilo que se passa na mente em processo inconsciente, outra é a forma como a mente delimita o inconsciente, para o poder pensar, tornar linguagem, cultura símbolo, isto é, uma coisa é a mente, outra a forma como a mente se manifesta com o outro, na vida. E é da mente em manifestação que procurámos caracterizar as suas diferentes dimensões.

Assim, a adimensionalidade teria de ser considerada a multidimensionalidade, o protótipo do inconsciente puro, do indivisível, da total simetria, o ponto de Aleph (Borges, 1998) que fez com que aquele que por este ponto viu a indivisibilidade do mundo, perder a vontade de conhecer.

#### 4. OBJECTIVO DO ESTUDO

O Homem, desde que existe enquanto tal, sempre se preocupou com o espaço e tempo. Mas só em 1781, com Kant a ideia de tempo e espaço foi desenvolvida como uma espécie de intuição obrigatória, uma formatação da mente, que condiciona toda a forma de experienciar e pensar humana. Com a Relatividade de Einstein, o tempo é introduzido nos estudos científicos revolucionando a ciência. Na mesma altura, Freud revolucionou silenciosamente a direcionalidade do tempo. Apresentámos até aqui a forma como a psicanálise tem explorado o tema do espaço e tempo. Alguns autores que estudaram o espaço, realizaram analogias entre o mundo dimensional da geometria e o funcionamento mental, à forma como a mente se relaciona com o mundo, e com o outro.

Estas concepções partiram de analogias mais simples ou mais complexas, mas nunca foram anteriormente operacionalizadas através de um método de estudo apropriado. Consideramos que o método de estudo mais apropriado é o método de Rorschach, principalmente tomando-o como um método que obriga o sujeito a realizar as mesmas transformações, os mesmos processos mentais, que habitualmente usa quando confrontado com situações de âmbito relacional, emocional, pulsional, tal como as que este método, amplamente estudado, possibilita (Chabert, 1997, 2000, e Marques, 1999). Temos como primeiro objectivo explorar a forma como se pode encontrar no Rorschach as dimensões no âmbito da geometria euclidiana: adimensional; unidimensional; bidimensional e tridimensional, de modo a contribuir para operacionalizar os modos como o espaço e o tempo organizam a mente em diferentes etapas de constituição do aparelho psíquico. Diferentes autores consideraram estes modos de âmbito espacial e adaptaram-nos ao tempo, fazendo-o equivaler às diferentes dimensões espaciais, ou vice-versa. Mas as dimensões euclidianas não incluem *per si* o tempo; são os conhecimentos aprofundados dos

autores acerca do funcionamento mental intra-psíquico que presidiram à sua inscrição nas dimensões espaciais.

Além disso psicanálise tem vindo a direccionar-se para uma concepção de sujeito em relação, isto é, um sujeito intersubjectivo, um sujeito que comunica a partir de dois modos diferentes de funcionar: consciente e inconsciente, num sistema de troca mútua. O foco deixa de ser o sujeito como entidade estanque, em relação com o mundo, mas o lugar em que o sujeito se relaciona sob o modelo continente-conteúdo, trocando-se, influenciando-se mutuamente, e principalmente, com a teoria da transformação e identificação projectiva como forma de comunicação, pelo facto de ser através da relação com o outro que o sujeito significa, se significa, e se reconstrói ou se representa a cada momento, ressignificando-se (Marques, 1999) e criando algo que só naquele âmbito relacional e contextual podia ser criado. Em Marques (1999), encontra-se a forma como o sujeito realiza estes movimentos interactivos e como estes estão também presente no processo resposta Rorschach. Através do estudo do espaço e tempo podemos considerar que estão presentes em todas as formas de manifestação, em todos os acontecimentos, em todas as suas realizações. Realizar é espaço-temporalizar, tanto no quotidiano, como no extraordinário, como no Rorschach. E por isso esperamos que no Rorschach o sujeito se revele nos seus padrões regulares de espaço-temporalizar, de pensar, de falar. E é assim que iremos explorar esta dinâmica mental no método de Rorschach.

Acresce que à excepção de Meltzer (1975), a quarta-dimensão da mente, aquela que em termos de geometria inclui o tempo (numa outra geometria, uma geometria não euclidiana, uma geometria projectiva, pois só se acede por projecção), nenhum outro autor incluiu esta dimensão na mente. O nosso objectivo é o de estabelecer não só uma analogia da geometria euclidiana ao funcionamento mental, através do espaço e tempo considerados como organizadores mentais, mas também explorar uma quarta-dimensão do funcionamento mental, associando-a ao sujeito intersubjectivo, ao sujeito histórico, ao sujeito que triparte o tempo e vive num tempo consciente que é determinado por factores inconscientes. E é com este último objectivo que procuraremos estudar um protocolo.

## 5. MODELO DO ESTUDO

Este estudo fundamenta-se no paradigma de investigação do sujeito individual, intersubjectivo e significador a partir do contexto em que está implicado, tal como desenvolvido na obra de Marques (1999). Este é um sujeito considerado como ser subjectivo e não objectivo, porque é um sujeito que interpreta e significa o real e a si próprio em interacção participante, activa. E fá-lo a partir do que conhece de si e do que desconhece, ou que não pode conhecer – é um sujeito com conhecimento e que conhece. O processo de conhecimento que é assim definido, permite encontrar uma via interpretativa, de base hermenêutica, dos processos de simbolização contidos no discurso. Contudo salienta-se uma diferença: “não são os fenómenos que interessam mas a explicação que neles está oculta” (Marques, 1999).

Este é também um sujeito considerado único e singular e não como sujeito que tem ou não sintomas-sinal, cujo carácter objectivo só é possível aceder através da comparação. Comparação com um grupo cujo critério normativo é conferido a partir de estudos estatísticos (quantitativos). Neste paradigma o sujeito não pode ser apenas descrito, ele tem de ser compreendido a partir do seu contexto, das suas significações, dos significados que ele próprio confere a si mesmo no seu discurso. É um sujeito que só pode ser conhecido, e nunca descrito objectivamente, pois é impossível descrever todas as variáveis envolvidas nos processos mentais (Marques, 1999). Mas além das várias variáveis que interactuam a cada acontecimento físico e mental, este sujeito cujo paradigma de investigação estamos aqui a descrever, é um sujeito dotado de modos próprio de pensar e relacionar, modos próprios de atribuição de sentido, e que tem uma compreensão de si mesmo prévia e que se transforma pelo conhecimento: “o paradigma do conhecimento de objectos tem de ser substituído pelo paradigma da compreensão mútua entre sujeitos capazes de falar e de agir” Habermas (1985, citado por Marques, 1999).

Tal como referido por Marques (1999), os “fenómenos e o material com o qual lidamos em psicologia clínica são, predominantemente, simbólicos e verbais e emanam no seio de uma relação e num contexto que condiciona e determina a sua expressão e comunicação”. Acresce ainda (Marques, 1999) que: “conhecer é sempre função de um contexto, de uma situação que condiciona e determina a expressão” expressão que se “apura através do diálogo entre os intervenientes no processo de conhecimento”. Dialogar é significar, mas não é um significado absoluto, é um significado constantemente reconstruído pelo significado atribuído por outros. É um sujeito em relação com outro. O modelo psicanalítico de conhecimento é aquele que está mais apto a esta concepção do sujeito: é um modelo que constrói os seus enquadramentos teóricos a partir do sujeito em estudo, estudando a relação com esse sujeito, através do seu discurso e na relação com investigador. A psicanálise é a disciplina que procura o conhecimento do sujeito através da sua subjectividade e também através da subjectividade do investigador (implícita nos conceitos de transferência, contra-trânsferência, identificação projectiva ou intersubjectividade). Mas o olhar do investigador é conceptualizado por teorias que ajudam a conferir sentido à inter-comunicação. E o sentido encontrado é sempre determinado a partir da relação intersubjectiva que se constrói por ambos e o ambiente, circunstâncias espaço-temporais que determinaram a relação: “no interior de cada sujeito agem dinamicamente, e em permanência, forças, fenómenos, processos, que se criam e recriam sempre nas relações com o exterior para, de novo, após interiorização e introjecção, possibilitarem a emergência de novas formas de significação” (Marques, 1999).

A cada palavra, cada gesto, o sujeito revela-se e esconde-se, pensa sobre o que revela ou não revela, imagina ou inscreve um efeito no investigador, confere nele a qualidade de escuta tal como ele a concebe, e também escuta, pensa e sente sobre o que ouve e retoma-se a si próprio a partir do que ouviu, encontrando novas ideias, novos sentimentos e procurando novos significados ou solicitando novas compreensões. O método psicanálise é que mais adequado está à complexidade simbólica e dinâmica do sujeito. É um método cuja veracidade (ou aproximação à verdade) deve ser encontrada no consenso e na relação entre teoria e sujeito (objecto) do conhecimento, a partir da compreensão e interpretação, que se refere a encontrar novos sentidos. É o paradigma do objecto-sujeito, estudado por um sujeito também objecto. Mais, o sujeito é também objecto de si próprio.

## 6. O INSTRUMENTO RORSCHACH

O Rorschach, sendo considerado a partir do paradigma psicanalítico, é um método de estudo do funcionamento mental que se baseia na apresentação de imagens sem figuração, sem significado, e de aparência simétrica. Criado no ano de 1921, o teste de Rorschach foi inicialmente um instrumento utilizado para determinação mais precisa do diagnóstico psicopatológico, baseando-se no paradigma da relação entre percepção e ideia. Foi o próprio Hermann Rorschach (referido por Chabert, 2000), que o introduziu no enquadramento psicanalítico, associando-o a concepções do momento sobre o funcionamento normal e patológico da mente (principalmente na diferenciação entre psicose e neurose, e também como prognóstico para a cura-tipo). Com os desenvolvimentos da psicanálise, e principalmente com a escola francesa este método de aceder ao modo de funcionamento do sujeito foi-se apurando, sempre inscrito numa lógica diferenciadora entre o normal e o patológico, mas ganhando referenciais teóricos mais complexos, o paradigma de projecção, introjecção, o envelope psíquico, a identificação projectiva, entre outros que se encontram em Chabert (2000) e Marques (1999). Contudo, nesta escola, o Rorschach foi sempre utilizado a partir da noção de interpretação. Pela sua interpretação, estavam contemplados os mecanismos internos conceptualizados por percepção, representação, fantasma, vivência, afectividade, pensamento, relação. Por sua vez sustentados pelos fenómenos e mecanismos de defesa implícitos na projecção, que se conjugam por forma a realizar uma compreensão subjectiva da dinâmica consciente e inconsciente, do psiquismo do sujeito.

Mais recentemente, com Marques (1999), este método foi adaptado às teorias de relações objectais e os modelos de transformação Bionianos. Desta forma, este método foi enquadrado numa “lógica que permite testemunhar as possibilidades de crescimento e expansão do sujeito”. A autora (Marques, 1999) continua referindo que: “Tais teorias implicam o recurso aos conceitos de ligação, transformação e recriação, sustentada pela relação, pela intersubjectividade”.

E é a partir daqui que existe possibilidade inscrever o Rorschach como um método de conhecimento do funcionamento mental do sujeito através do espaço e tempo, enquanto organizadores mentais. Esta no entanto não implica um apagar dos aprofundados conhecimentos da escola francesa de interpretação, principalmente da forma como são dinamicamente apresentados por Catherine Chabert (onde realiza uma revisão das várias formas de conceber e analisar o Rorschach em 1997 e 2000). Mas são sobretudo os de Marques (1999), aqueles que fundamentam a possibilidade de criar neste método outras formas de análise, relacionados com sistemas teóricos que acrescentem às metodologias anteriores outras modalidades de observação. E assim o continuam a expandir em termos de significado, mas principalmente a permitir encontrar uma forma mais aprofundada de conhecimento do sujeito, considerado como sujeito do conhecimento em si mesmo e de si mesmo, através do outro, também ele sujeito subjectivo, também ele sujeito do discurso interactivo e sujeito do e pelo conhecimento.

Esta autora consolidou uma forma de compreender o Rorschach como muito mais do que um método de conhecimento das formas como o sujeito se defende de angústias mobilizadas pelas manchas: o sujeito passa a ser considerado como um sujeito criador da resposta, um criador activo que transforma imagens em símbolo a partir de um jogo de encontro entre si e a realidade-mancha, no qual está totalmente inscrito interactivamente o contexto relacional criado com o clínico que o apresenta. Assim, são respeitados os modos individuais, singulares, intersubjectivos, interpretativos, em complexa significação num contexto espaço-temporal preciso, que referíamos anteriormente sobre o paradigma que possibilita conhecer um sujeito subjectivo, um sujeito activo e conhecedor de si mesmo no jogo duplo do inconsciente-consciente. Este é o sujeito que a psicanálise estuda, quando se fundamenta nos modelos que consideram que a actividade mental é resultado de uma transformação. O Rorschach passa a ser um método operativo que permite estudar de forma participante activa os modos de funcionamento, as transformações do sujeito.

O sujeito vai fazê-lo, segundo a autora, nomeando, criando e recriando uma imagem-conceito-símbolo, comunicando-se com a imagem a partir de dentro e fora de si, da dispersão à integração, isto é, fazendo um trabalho de reunião, união e integração entre elementos internos e externos (Marques, 1999). As imagens sem sentido e sem figuração, vão assim ser dotadas de qualidades psíquicas, convertidas

em pensamentos utilizando-as e comunicando-as em palavras, isto é, dando-lhes uma significação.

Os conflitos, os sintomas as “perturbações” mentais passam a ser tomados como processos obrigatórios e constantes (e recorrentes) utilizados pelo sujeito para o desenvolvimento e para o conhecimento. Aliás com Bion referiu e que é salientado pela autora o conhecimento ganha uma qualidade vincular (vínculo K), uma capacidade de integração, pela unidade depressiva de significação, que se constitui pelo facto seleccionado, agregação da dispersão segundo esse facto que possibilita atribuir um nome, nome esse inscrito sob o modelo continente-conteúdo, na conjugação constante de personalidade.

## **7. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE**

Na exposição teórica, apresentámos as teorias que considerámos mais significativas para teorizar o espaço e o tempo como organizadores mentais. Segue-se a forma como iremos procurar analogias entre a mente e a geometria euclidiana e projectiva. Para isso estabelecemos parâmetros de análise. Estes parâmetros servem como guias para a exploração dos modos como o sujeito inscreve na sua resposta o espaço e o tempo, ou então não consegue aceder a uma verdadeira representação, ou seja, o lugar onde o espaço e tempo estão inscritos.

Tendo em conta o que neste trabalho dissemos sobre o como é que a mente se organiza através do espaço e tempo e, sendo o espaço e o tempo produtos da mente que estabelece relações sistemáticas e regulares, podemos inscrevê-lo na concepção de sujeito intersubjectivo, tal como referido no modelo do estudo que iremos utilizar, e fundamentado na obra de Marques (1999). Desta obra, salientamos a ideia de que o sujeito procura realização, porque a realização remete para o espaço e tempo: o sujeito subjectivo e intersubjecto procura encontrar um modo de manifestação espaço-temporal das suas expectativas ou pré-concepções no contexto que o envolve, na relação que estabelece, nas formas como a interpreta e se interpreta. Cada palavra é assim o lugar de uma manifestação, de uma realização, sob a qual se pode detectar o sistema de relacionar activo, que reflecte determinado resultado, o resultado da transformação do sujeito nessa realização. Pelas teorias, através de uma formulação e procedimento teórico e metodológico consistente e solidamente constituído, que inclui o contexto que levou aos resultados, podemos encontrar os padrões regulares, podemos encontrar os processos envolvidos nesse estabelecimento de relações. Sendo a forma mais apropriada para o conhecimento do sujeito que contempla o sua subjectividade e suas significações, seus modos de relação e de relacionar, suas regularidades e padrões, respeitando o âmbito inter-relacional, intersubjectivo em que foram reconstruídos, o estudo de caso, tal como salientado por Marques (1999). Desta forma será realizado o estudo de um protocolo, que nos permite verificar se o

modelo dimensional de conceber a mente que aqui concebemos é um modelo adequado às teorias seleccionadas.

Ora não é difícil considerar que as 10 manchas apresentadas sequencialmente, apelam à constituição de coordenadas temporais e espaciais. Além desta componente espaço-temporal óbvia, o Rorschach tem especificidades na sua estrutura espacial que permitem considerar que a espacialidade ali contida remete para o sistema de relacionar da mente do sujeito em estudo.

Pelo facto de não existirem categorias ou concepções teóricas sobre o espaço e o tempo como organizadores mentais adaptados ao Rorschach, este será um estudo exploratório. Este estudo exploratório tem como objectivo encontrar novas ideias e propor uma forma de estas poderem ser analisadas. Em seguida, referiremos como é que o instrumento escolhido possibilita encontrar o modo de organização da mente através do espaço e do tempo, numa perspectiva dimensional.

Incidiremos sobretudo no processo de transformação. Porque neste trabalho procuramos as formas pelas quais a mente espaço-temporaliza a relação com o que a envolve, e este é um processo de transformação em si mesmo, tal como aquele que Marques (1999) evidencia a partir das teorias que consideram a mente em transformação, e que nós fizemos equivaler anteriormente a um processo de mentalização, representação, espaço-temporalização, em todas as manifestações do sujeito. Desta forma, podemos tomar este instrumento como apto a operacionalizar os processos de espaço-temporalização da mente. Aliás quando a autora refere que com Bion, o Rorschach amplia as suas potencialidades como método de investigação, ao considerar o sujeito que procura ligar a experiência emocional através de uma função integradora que cria símbolos, o que faz transformando as experiências emocionais, caóticas e desordenadas em pensamentos, está a permitir incluir o modo como a mente se organiza espaço-temporalmente, na medida em que o símbolo, o pensamento é o lugar que contém espacialidade e temporalidade, limitação da experiência emocional pela sua transformação em símbolo.

Pela sua natureza não figurativa, construída a partir de um eixo simétrico, bidimensional, e sabendo que a mente “vê” a duas dimensões mas converte a três (por um processo de interpretação da percepção), este método permite que o sujeito mergulhe e represente o mergulho espaço-temporalmente de modo natural no humano, porque este já é o seu modo de proceder.

Gostaríamos ainda de explorar as potencialidades dos cartões em termos de espaço e tempo classificando-os a partir de características comuns e diferenciadoras. Em primeiro lugar é de referir que a sua estrutura se baseia geralmente num eixo central que se estende simetricamente lateralmente; conferindo-lhe a possibilidade dos sujeitos realizarem apreensões globais, relacionais (apoiadas na componente simétrica) e tripartidas, apoiadas na componente simétrica e diferenciado-as da parte central. Um sujeito que nele é convidado a manifestar-se pode recorrer a três modalidades de visão do mundo, consistentes com as dimensões espaciais que encontramos subentendidas pela geometria euclidiana: unidimensional – global, bidimensional – bilateral, e tridimensional – tripartido. Mas é no significado atribuído que são reflectidos os modos da relação Eu-Outro, consciente-inconsciente, simetrização e assimetização da experiência, etc., e que se podem conferir as qualidades dimensionais, não fosse o Homem o sujeito da significação e do discurso simbólico. Assim, um objecto-símbolo unitário pode reflectir uma tridimensionalização, dois objectos símbolos em relação podem conferir uma tridimensionalização pela sua inscrição relacional, e, do mesmo modo, uma resposta pode ser tripartida, por necessidade de dessignificar, entre vários exemplos. A “única” coisa que podemos salientar daqui é que a elaboração espacial das imagens é totalmente reflexo de uma organização espaço-temporal da mente totalmente simbólica e recriada, reconstruída.

Tendo o nosso trabalho um carácter exploratório, gostaríamos contudo de salientar que, nos protocolos que estudámos, alguns deles apresentados em seguida como modo de compreensão dos modos como a mente organiza espaço-temporalmente o mundo, a probabilidade da dimensão espacial tripartida, muito evidenciada no cartão I e muito pouco evidenciada no cartão X, enquanto resposta que reflecte um trabalho de simbolização, será mais frequente do mundo que funciona tridimensionalmente. Porque é fácil conferir parâmetros de dualidade conflitual nas partes simétricas laterais em confronto com a parte central, que é frequentemente tratada nas neuroses como lugar que organiza o mundo tripartidamente (presente da restrição, passado do desejo, futuro da esperança; ou ainda pai-mãe-filho, ou ainda, sujeito-símbolo-objecto, como anteriormente referido). Consideramos que na análise do Rorschach deve ser reforçada a importância dada à tripartição do cartão, graças aos estudos que revisámos e integramos anteriormente.

As partes onde se reflecte o lugar que mais necessita de transformação, na neurose, isto é, o lugar da experiência emocional mais intensa, que urge representação, podem ser consideradas em termos de analogia dimensional.

Assim, o sujeito que organiza o modo de se manifestar no mundo unidimensionalmente irá ter dificuldade com a componente unitária do cartão, porque esta apela uma representação de si unida, integrada, dotada de sentido, que este sujeito não consegue, pois está mais preocupado em encontrar-se em continuidade e contiguidade, em manter-se na simetria infinita e atemporal.

O sujeito que organiza o mundo bidimensionalmente terá maior dificuldade na evocação bilateral, porque esta apela à relação, e a relação apela à sua separação no espaço (constituído) promovida pelo tempo (ausência, falta); que o remete para o seu fim.

O sujeito que organiza o mundo tripartidamente terá mais dificuldade com aquilo que se passa entre os dois, com o meio das coisas, quer uma ou desuna, quer produza algo quer seja o lugar onde a competição entre dois se dá, este lugar do entre pessoas investidas ambivalentemente (neurose): o problema é se aquilo que é evocado é ou não uma realização do desejo, se é possível ou não a sua castração e desistência “formal” do projecto edipiano, convertido numa existência temporal no mundo de fora em jogo interactivo simbólico com o dentro. Um exemplo disso é o cartão III onde as relações entre as pessoas costumam ser representadas através de uma actividade que tem origem na representação do centro inferior, e na integração dos movimento pulsionais ambivalentes (vermelhos) na resposta. Mesmo que não seja referida directamente há uma “outra cena” (Chabert, 2000).

Um espaço quadridimensional seria um espaço em que o interior da relação não está solidamente apoiado pela formação de compromisso ou sublimação, porque a evocação emocional abrange vários conjuntos, várias classes, vários sistemas de relação, e então o sujeito terá necessidade de introduzir movimento nestes três espaços tripartidos, incluir ou não mais espaços (há um ponto a partir do qual nem um enorme esforço de imaginação consegue aceder a tanta complexidade, partindo obviamente do ponto de vista tridimensional) e falar de várias relações entre eles. A sua qualidade de sucesso ou fracasso seria assim determinada pela maior ou menor envolvimento simétrica. Aqui o sujeito procura essencialmente dar sentido único a vários movimentos relacionais que são impossíveis de conceber tridimensionalmente, pela sua componente contraditória, pois, tal como Matte-

Blanco afirma, o consciente não consegue lidar com a contradição, a não ser que rompa a película assimétrica da lógica aristotélica.

Podemos explorar também a ideia de que com a entrada dos elementos coloridos, em contexto afectivo e em convite à relação interpessoal, mas que solicitam o mundo intrapsíquico num jogo interactivo muito complexo, mais complexo que os cartões cromáticos, facilitará o recurso a imagens que procurem reflectir relações não só complexas mas potencialmente contraditórias. A própria cor assume um carácter translúcido nos lugares da sua interpenetração.

Em termos de tempo, no Rorschach, o método implica o tempo da experiência de cada apresentação sucessiva no presente, pelo que só poderá estar inscrito quando se aceita a ausência da objecto, isto é, a conversão da experiência emocional viva em pensamento criativo (mas que reflecte a ausência). Os movimentos progredientes e regredientes constantes e que são a base do próprio processo-resposta-Rorschach, tal como referimos anteriormente, subentendem principalmente o recurso a diferentes modos de relacionar, e portanto, diferentes sistemas espaciais de relação. O tempo que lhes está implícito vê-se na outra cena, no lugar que se constrói porque a mente temporaliza a experiência – mundo tridimensional. No mundo tridimensional o tempo vai estar contido no modo de correspondência simbólica: por exemplo, “animais primitivos”, “antigo”, etc..

No mundo quadridimensional esta modalidade – o tempo - é o recurso principal, pois o sujeito procura recorrer ao tempo para encontrar uma transformação em símbolo que represente uma significação única, das múltiplas a que é convidado e não consegue tridimensionalizar, isto é, libertar-se da experiência emocional demasiado viva e dolorosa num símbolo-imagem-conceito (tal como referido por Marques, 1999).

O jogo entre conteúdo latente-conteúdo manifesto do cartão, deverá também ser inscrito, principalmente a nível da qualidade da representação. Ou seja, não só tem de haver uma correlação espacial entre mente (interactiva entre consciente e inconsciente) e imagem real, mas também a partir das convenções simbólicas entretanto desenvolvidas a partir das quais a imagem apela, ela própria a um conteúdo inconsciente e um conteúdo consciente. Estas estão contudo totalmente inscritas nos modos e qualidade da representação, que pode ser encontrada em todas as análises psicanalíticas do processo-resposta-Rorschach.

Pensamos que muitas mais formas de pensar este instrumento, tão rico em potencialidades, são possíveis. Neste trabalho procurámos uma forma que permite constituir uma mente em funcionamento unidimensional, bidimensional e tridimensional, à qual acrescentámos uma modo de organizar a mente quadridimensional. Contudo, parece-nos importante realizar uma adaptação das teorias anteriormente apresentadas ao método de Rorschach, principalmente naquelas cuja importância para o espaço e tempo, permitem demonstrar como este método está apto a demonstrar o modo como a mente se organiza em termos espaciais e temporais.

### **7.1. QUALIDADES DA MENTE**

A primeira refere-se à importância do corpo para estruturar as relações espaciais entre corpo-mente exterior e os sistemas de relação na própria mente. Todos os autores anteriormente referidos consideram (e que foi demonstrado pelos estudos de Piaget e seus seguidores) que o espaço é a primeira apreensão mental da criança, e o lugar da primeira intencionalidade, primeira manipulação; o que significa psicanaliticamente que é o lugar físico onde se experimenta a primeira relação significativa. Mas o corpo também é influenciado pelo tempo. No início não o é sob o prisma de uma manipulação nem intencionalidade, mas num prisma de experiência “pura”, enquanto lugar onde se sentem as primeiras regularidades a nível fisiológico. A primeira experiência de tempo é fundada no funcionamento regular do organismo, que sabemos por Freud (e Atkins) que é devida à percepção da descontinuidade no interior dirigido ao exterior. Quer seja inicialmente o corpo enquanto lugar de sensações, uma superfície (cuja melhor definição é a de pele psíquica de Anzieu) ou ainda um lugar com interior (o interior aqui está ligado ao funcionamento fisiológico), esta primeira apreensão irá fundar toda a linguagem, cultura, pensamento, metáfora, etc. Estamos sempre e iremos sempre encontrar no nosso corpo uma fonte para estruturação espacial à nossa volta. As relações entre o corpo, o outro, o outro com outro (desde objecto abstracto, ou pessoa concreta), etc., serão sempre baseadas nos mesmos padrões de relação. É assim que podemos com o espaço e tempo dizer melhor acerca de ideias já conhecidas: por exemplo, que a casa de um sujeito é investida de acordo com os mesmos sistemas de relacionar que a sua

própria mente: mudam as variáveis, mas não muda a função. Portanto qualquer estruturação exterior implica uma relação espacial estruturada nos padrões internos. O mesmo se passa no objecto mancha, que tal como uma casa, vai reflectir os sistemas de relação do sujeito, os lugares com regularidade e os lugares descontínuos. O espaço e o tempo está para o Rorschach como o analisando para o analista, como uma casa para o seu morador, numa relação continente-conteúdo.

Sabemos também por Matte-Blanco que temos dois modos de funcionar que determinam dois modos de conhecer: *simetria-assimetria*. Considerámos também a mente um lugar em que dois modos de funcionar se inter-relacionam: simétrico-assimétrico, tempo subjectivo-tempo objectivo, inconsciente-consciente, etc.. Referimos também que optámos por um referencial teórico, em que no inconsciente se encontram os significantes semióticos, ou o potencial que cria ligações entre objectos (sejam internos, externos, concretos, abstractos), transformando-os entre si. Em termos espaço-temporais referenciámos, por uma questão epistemológica, um mundo inicial sem actividades de ligação, sem espacialidade e temporalidade sentida, ou apreendida sensorialmente. Referimo-los por pressuposto teórico, uma vez que o nascimento foi considerado o nascimento para o espaço e tempo. O nascimento será assim um gerador metafórico de relações, pela abrupta separação que cria. A procura, na ausência de processos de representação mental, será a de contiguidade e continuidade, um mundo onde espaço e tempo não exercem conflito para o sujeito, onde Eu ou e Outro podem ser sentidos como o mesmo, ocupar o mesmo espaço, investido ou não de proto-representação.

O espaço e tempo, na única forma que podem ser considerados em termos de relação e ligação foram demonstrados como construídos a partir da mente sob a fórmula de pôr em relação objectos internos ou externos, a partir da sua ausência. Isto é, a partir que une virtualmente dois espaços diferenciados, ou dois momentos temporais. Foi referido também que isto é feito sob o processo simbólico, resultante de uma actividade mental apta a pensar verbalmente (simbolicamente) a experiência emocional. Isto é, o tratamento do inconsciente pela lógica espaço temporal do consciente. E isto é feito na vida e também no Rorschach.

Mas também referimos que a vivência de continuidade e contiguidade é importante, aliás é fundamental à vida vivente e pensante pois a mente irá sempre procurá-la, quer seja na vivência, quer seja no pensamento, onde a continuidade e

contiguidade é feita pela representação simbólica. Para lidar com a separação dos objectos entre si, para lidar com a sua ausência, é criada uma contiguidade e continuidade sob o prisma da representação, um lugar virtual, um lugar não actual.

Este funcionamento delimita, separa os elementos sequenciais, opera por classes, que incluem um conjunto de elementos congregados pelas mesmas características, isto é, pela sua representação que é em si mesma uma característica (relação constante) comum. Por exemplo, uma resposta de um objecto concreto – bola de futebol, por exemplo, pertencerá a uma classe de elementos que contenham o mesmo tipo de características – redondo – e assim conterá potencialmente infinitos elementos, todos subordinados à mesma relação: seios, gravidez, útero, feminino, vaso, cabeça, roda, planeta, etc.. É assim que podemos detectar um útero numa cave, no discurso ou protocolo, sonho, ou qualquer outra manifestação de uma pessoa. Qualquer evocação reflectirá uma relação comum com elementos inconscientes. Quanto menor a tridimensionalização mais características em comum terá e mais confusa e difícil é a sua delimitação, porque mais características contraditórias se misturam. A resposta útero pode assim conter em si mesma nascimento, geração, penetração, invasão, ou buraco, ausência, vazio, nada. Quanto maior, mais reflecte uma única relação em comum, porque outras são contraditórias e por isso pertencem a outros conjuntos de elementos reunidos por outra relação. A bola de futebol poderá assim ser associada a um elemento do conjunto onde estão vários desportos, e assim levar o sujeito a uma outra classe, a da competição que, se devidamente tridimensionalizada, substitui a classe da agressividade, que contém certamente memórias mais dolorosas. Se há excesso de agressividade ou uma agressividade mal tridimensionalizada (o que implica que a agressividade será uma vivência emocional presente em muitas classes, e mais dificilmente representável), ou ainda muito poderosa emocionalmente, irá levar o indivíduo a ser obrigado a tridimensionalizar uma outra experiência em seguida, e procurar no encontro entre o objecto mancha e a mente uma nova classe mais delimitada (caso do obsessivo).

Pode ainda não conseguir fazê-lo e reflectir uma maior simetria: quer manifestando uma confusão entre a destruição sentida na mente e a destruição da imagem, ou resultar na substituição da realidade da mancha pela única classe possível de encontrar internamente – a classe que contém os elementos agressivos, ou ainda dar um elemento dessa classe, situação muito comum nos protocolos *border*, onde os objectos agressivos estão associados a uma diferenciação-separação

entre sujeito e objecto ou objecto ausente. O sujeito não consegue delimitar o mergulho, circunscrevendo-o numa outra classe, em que a relação patente é mais sublimada, transformada, socializada e por isso pensável. Se o objecto bola evocar um prazer na infância por exemplo, poderá evocar desejo de ligação, que por sua vez evoca desejo de sexualidade, que, associada ao Édipo é perigoso e irá remeter para a tripartição temporal da mente, tal como acontece no Édipo: remeter o desejo para o passado, com promessas de futuro e a resposta irá reflectir a necessidade de restrição da experiência emocional presente, quer seja no espaço, quer seja no conteúdo. Esperamos também que com estes exemplos que acabámos de dar, seja mais fácil compreender a importância da teoria de Matte-blanco para o Rorschach (e para análise do sonho, até mesmo do discurso mais confusional).

Deve-se contudo salientar a ideia da simetria. A simetria enquanto processo inconsciente da vivência, da coisa-em-si está em correlação com a simetria que estrutura a mancha Rorschach? Sabemos que com Matte-Blanco a simetria faz com “-1” e “1” sejam tratados da mesma forma, submetidos ao mesmo sistema de relações, tal como masculino-feminino, vida ou morte, por exemplo. Curiosamente, no Rorschach (tal como se verifica em Chabert, 1997, 2000), o sujeito que evidencia o aspecto simétrico, não está a realizar um verdadeiro processo de representação. Assim, com Matte-Blanco é reforçada a ideia antiga de que o Rorschach é um mergulho no caos, no inconsciente, no oceano profundo simétrico, pela sua própria simetria.

Também estudámos por Matte-Blanco, que em qualquer conhecimento está implícita a identificação e que, num nível profundo, não é identificação, é igualdade. Ao “identificar-se” o sujeito está a encontrar-se: ele e a mancha são uma mesma e só coisa. A segunda qualidade da mente em termos de espaço e tempo, implicará esta componente, o Rorschach é um encontro seguido de desencontro (uma vivência seguida de representação). I

Iremos apresentar em seguida qualidades da mente quando se analisa através do espaço e do tempo, com exemplos de respostas Rorschach, de modo a ser compreensível aquilo que iremos procurar para caracterizar a dimensionalidade psíquica.

### **7.1.1. CONTIGUIDADE E CONTINUIDADE VS DESCONTIGUIDADE E DESCONTINUIDADE**

O ser humano precisa de padrões e regularidades e é assim que irá intersubjectivamente conhecer-se a si próprio e ao mundo que o rodeia. Será um sujeito que precisa de encontrar uma contiguidade e continuidade de modo vivencial, experiencial, ou será um sujeito que aceita a experiência de descontiguidade promovida pela descontinuidade temporal? Neste caso ele tem uma solução, a continuidade e contiguidade é estabelecida virtualmente, pelo símbolo. No primeiro caso o sujeito sente uma necessidade de encontrar e manter o objecto como uma experiência emocional sem delimitação espacial e sequenciação temporal, ou seja, uma vivência de contiguidade (espacial) e continuidade (temporal), procura uma satisfação, uma realização positiva ou uma concepção. Ou será um sujeito que aceita e elabora a vivência de descontinuidade e descontiguidade e esta será inscrita na resposta, com separação clara dos objectos entre si, mas submetendo-os a um processo de relação, isto é, uma simbolização. O sujeito ao pensar liga e desliga, une-se e identifica-se e depois separa e elabora, e esta actividade, tal como todas as outras actividades mentais estará reflectida no objecto-representação pronunciado; no processo-resposta-Rorschach.

A procura da satisfação, a procura da contiguidade maior manifestar-se-ia na confusão figura-fundo, ou ainda os elementos mais patológicos encontrados nos modos de apreensão; os G's sincréticos (aqueles em os perceptos contêm duas localizações investidas de diferentes modos; contaminados, aquelas em que a resposta parte de um dado elemento para definir o todo, confabulados e aqueles que cujas partes da mancha são enunciadas à vez, apelando a um mesmo objecto, mas o sujeito não as conjugadas num todo). Aqui trata-se do continente mental subjacente à imagem objecto que prejudica o facto seleccionado, nome com significado a dar à experiência, implicando a ausência ou perda de um continente de pensar, de um continente de relacionar. Ou então evidenciam um continente cujo conteúdo destrói o continente de significação: exº. IV: “um monstro negro muito simétrico que tem uma cauda em cacto, depois mãos que são pinças. Que é um monstro um pouco picante, também”, (Chabert, 2000, pps. 235). Aqui é reflectido o movimento simétrico pois a agressividade ou destrutividade aplicada às partes da mente, procurando a sua contenção é perdida. O sujeito não aguentou o modo de apreensão total (G), tentando

fazer conter a destrutividade em diferentes partes mais pequenas, mas cuja invasão de simetria de experiência emocional destrutiva, tornou o significado impossível de manter.

No seguinte exemplo verificamos a necessidade de submeter ao tempo, descontinuando: IX: “Manchas de tinta que estiveram sobre um papel, um papel dobrado ao meio” (pps 245, em Chabert, 2000). Aqui o sujeito está a recusar a experiência emocional desencadeado, perdendo a sua significação, o seu valor, e assim protegendo a mente da destrutividade desencadeada. O sujeito dá um movimento temporal anterior ao percepto, que contudo anula a sua significação, e por isso parece mais retirá-lo do tempo que o inscrever no tempo. A descontinuidade temporal é utilizada com função de dessignificação.

Por vezes vê-se o esforço de descontinuar a imagem: “IV: Depois, em transparência vê-se o seu... a sua traqueia... como é que isso se chama, a sua traqueia artéria. Depois, que tem ventosas nos pés que colam bastante. Isto não existe. Seria talvez interessante se isto existisse, mas mais vale que não exista.” (pps235), para aliviar o sofrimento; introduzindo uma não simultaneidade temporal mas a nível do significado – inexistindo. Mas o sujeito (Régis, 24 anos, Chabert, 2000) hesita entre assumir a inexistência da representação ou procurar a satisfação do objecto concreto, que obviamente não satisfaz. A análise dos conteúdo revela por exemplo que traqueia e artéria pertence à mesma classe, classe de canais por onde a vida passa, provavelmente evocando a sua tragédia do nascimento para o tempo. Existir ou não existir eis a questão!

A procura de unidade no global (G associado a um substantivo) pode referir-se também a esta procura, mas geralmente o sujeito após se equilibrar permite-se investigar os aspectos que o mobilizaram emocionalmente (Detalhes – D’s - e/ou movimentos relacionais – K’s). Quando esta procura for constante e exclusiva, poderá remeter para uma procura de ritmo também, uma segurança primitiva. A procura pode ser feita também através de um nome que implique contiguidade (exº. Paisagem, quadro), ou no esforço de integrar elementos espaciais diferentes, habitualmente conotadas com respostas elaboradas (exº.fogo de artifício, no cartão X ou um homem a elevar duas bailarinas no cartão I). Aqui a continuidade entre espaços e tempo coexiste no tempo presente e pode remeter para uma densidade

simbólica, com tempo tripartido: o consciente conseguiu pensar, conter, limitar e sequenciar a experiência inconsciente.

Outra forma de procurar a contiguidade é atribuindo qualidades espaciais de distância ou proximidade (continente ou conteúdo), por exemplo estão juntos ou separados, facilitada nos cartões bilateralmente organizados, ou ainda o sobreinvestimento nos lugares de entrada e saída (que reflectiriam desde invasão identitária à procura objectal; numa haveria dor evacuada e na outra excitação pulsional mal elaborada). A contiguidade pode ser encontrada também nas verbalizações directas ou indirectas de simetria, mas esta assume uma qualidade diferente, uma vez que procura anular a diferença, que é um factor introduzido pelo tempo, pela separação. O nível da simetria irá ser encontrado na classe em que é evocada, isto é, se é o conjunto das relações humanas, ou se os humanos estão misturados com o animal ou inanimado (caso anterior) ou ainda, se procura anular a evidência da relação humana na respostas. Há muitos exemplos possíveis aqui, mas o melhor encontra-se em Chabert, 2000, pps. 123: Cartão X: “Todos estes desenhos me deram a impressão de sonho estranho e de prisão, por causa da simetria”.

A continuidade em exclusivo pode estar também presente através da repetição, qualquer que seja (tema, localização, verbalização, determinante, conteúdo, etc.). Sabemos com Matte-Blanco que os lugares da repetição se referem a um objecto inconsciente multidimensional que tenta a todo o custo uma manifestação tridimensional (ainda não sofreu um processo de espaço-temporalização suficientemente simbólico da experiência). Somos também obrigados a convocar a compulsão à repetição, que se refere a algo não mentalizado mas que pelo Rorschach podemos afirmar que procura uma manifestação (não necessariamente elaboração). Em ambos os casos há uma infiltração do psíquico no externo, que força a continuidade pela sua repetição forçada.

Pelo contrário, a descontinuidade e descontiguidade evidencia a possibilidade de representação: é reconhecida a ausência e separação do objecto, pelo que o sujeito sabe que o significado que atribuiu é uma interpretação, está na sua mente e não no objecto. Mas a necessidade de reforçar a descontiguidade ou descontinuidade, remete para uma ainda insuficiente tridimensionalização e temporalização, num sujeito que aprendeu a representar e que sabe que elaborar é a melhor solução, mas que a emoção ou pulsão ainda não está suficientemente sublimada, e o sujeito vive no

perigo da sua infiltração. Pelo facto da espacialidade ser a primeira apreensão mental, o afastamento espacial será sempre mais regressivo que o temporal.

### **7.1.2. COERÊNCIA INTERNA E EXTERNA (MENTALIZAÇÃO VS EVACUAÇÃO)**

O Rorschach tem ainda uma outra característica: a imagem não tem figuração. Logo, tudo o que sujeito vai encontrar tem necessariamente de ter origem em si próprio. Isto leva-nos a considerar que pré-concepção encontra correspondente na realidade a meio caminho, isto é, concepção. Podemos assim dizer que o Rorschach implica uma realização positiva. Mas tudo isto termina (ou tem que terminar) quando é solicitado que o sujeito verbalize. Como se não bastasse verbalizar (a linguagem é uma tridimensionalização da experiência e sabemos que isto é sentido como uma limitação deste inconsciente onde tudo pode ser tudo), ao ver o clínico escrever, o sujeito verifica que fica escrito, inscrito, no Outro e na história, pois introduz a passagem do tempo, tal como a escrita contribuiu para a passagem do Homem Primitivo ao Homem reflexivo e individual. O que nos leva a concluir que o pedido, definido até aqui como paradoxal, implica uma realização negativa, logo após uma realização positiva. O sujeito encontra-se e logo se desencontra. Claro que isto não acontece apenas no Rorschach, mas aqui a proximidade temporal entre satisfação e frustração (realização positiva e negativa) é muita.

Apresentamos em seguida uma outra qualidade da mente nos modos como o sujeito se organiza espaço-temporalmente no processo-resposta-Rorschach, constante em todos os estudos do Rorschach, demarcado e demonstrado principalmente por Marques (1999) - o nível de simbolização da resposta corresponde ao nível de elaboração mental. Ora sabemos que a elaboração mental implica espaço-temporalizar uma experiência sensorial e emocional (amor, ódio e conhecimento patentes em qualquer ligação e é aqui de não esquecer que uma pessoa não está efectivamente ligada a outra, mas estabelece uma relação mental constante entre ela e outra, ou entre características de si e partes de outros, sob a formula de continente-conteúdo (tal como os gémeos colados são uma excelente metáfora da fusão e não da ligação que implica separação). Esta é uma experiência de natureza

vivencial e individual mas que, ao ser *linguajada*, pensada, tem de ser inscrita em convenções sociais, culturais e simbólicas transgeracionais, o que só acontece recorrendo aos sistemas de relacionar e assim permitiria tripartir em experiência actual e passada e expectativas futuras.

Quanto mais uma resposta for passível de ser entendida, quanto mais coerência manifestar entre convenção linguística e cultural e a formatação espacial e temporal (sendo original ou não) maior a coerência externa (coerência entre mente e representação da relação com o outro na mente). A coerência externa, se bem que criada a nível interno refere-se mais à realização, ao lugar em que expectativa interna e acontecimento externo se encontram e logo a seguir se desencontram, numa realização negativa, para sustentar uma representação. Ela é mais facilmente visível nas respostas de boa qualidade formal (F+), ou respostas dinâmicas (K's) ou até sensoriais (E's) cujo objecto-representado é sustentado por uma boa forma, que, mesmo que estejam submetidas a um critério estatístico, elas salientam o lugar simbólico, convenções linguísticas e culturais. Mesmo quando não submetidas a um critério estatístico, a sua interpretação pelo clínico poderá realizar uma identificação entre conteúdo e localização espacial e determinante. Esta coerência reflecte também uma boa correlação entre sistema de relacionar e a realidade correspondente.

A coerência interna refere-se à mentalização da experiência. Quanto mais integrada for uma respostas nos padrões constantes de personalidade, maior será a coerência ou correlação entre espacialidade, temporalidade e o objecto em si mesmo. Porque quanto mais o sujeito se apodera do objecto e aceita a sua perda, sendo que esta aceitação só é possível porque o sujeito inclui este novo objecto na sua estrutura de funcionar, quer seja expandindo o continente para incluir novo conteúdo, quer seja criando novo continente para incluir aquele e outros conteúdos - tudo isto através de vínculos emocionais associados ao conhecimento de si e dos objectos - , maior a coerência interna. Isto obriga o clínico a encontrar nas respostas os modos de relacionar do sujeito, através da correlação entre disposição espacial e atribuição de significado (continente-conteúdo) e as regularidades temporais. Esta ideia não significa que um protocolo diversificado (heterogéneo) seja um protocolo caótico, porque tal como referido por Chabert (1997, 2000), quanto maior o numero de mecanismos mentais que o sujeito tem para recorrer, melhor será a sua eficácia elaborativa. Se bem que não contenha um parâmetro de análise pré-definido, esta competência pode ser procurada nos padrões de relacionar regulares. Estes podem

ser deduzíveis da resposta, assim como a área de qualquer quadrado pode ser encontrada através da “fórmula”  $a(\text{área})=l(\text{lado}) \times l(\text{lado})$ . Isto pode parecer complicado mas não é, porque a nossa mente procura regularidade e padrões, naturalmente. É importante procurar as “fórmulas” do sujeito no Rorschach, para o que o espaço e o tempo são excelentes contributos. Quanto mais constante, maior a estabilidade identitária. Além disso, a identidade é por si mesma uma coerência entre descontinuidades, uma continuidade constituída pela integração coerente de descontinuidades. Só precisamos de incluir na análise as relações entre espaço e significado da resposta ao longo das várias respostas (tempo).

Por exemplo Martine (18 anos, em Chabert, 2000, pps.66-68), começa a maior parte das respostas por um determinante (A ou Ao), cuja função parece ser a de ligar o pedido (imaginar) à sua resposta, não temos a certeza, mas que está implícito um padrão regular, está. O afecto medo, que Martine tanto evoca, desencadeado pelo escuro interpretado, quando é constante (reflecte mentes que recalcam) elucida o padrão regular de funcionamento (recalcar – mecanismo chave, no negro não se vê nada). O mesmo se pode passar nos obsessivos em que se substitui o recalçamento (que tem um âmbito mais temporal: “não se vê bem”, ou expressões de angustia que implica a remissão do prazer para o passado) por uma conduta espacial – o isolamento perceptivo, embora sirva o mesmo fim; não consciencializar um desejo, mas mantendo a sua devida espácio-temporalização. Em ambos os casos é necessário encontrar uma correlação entre espaço e tema manifesta e latente. Por exemplo: no cartão I a resposta mais ou menos frequente: “um Homem a levantar duas bailarinas” configura a tripartição espacial edipiana suscitada pela disposição gráfica da imagem. Esta tem contudo de estar em coerência com o restante protocolo, mas sob uma formulação diferente. Ver fogo ou sangue nos vermelhos envolve uma coerência entre imagem (afecto) e sua representação, mas mais do que isso, envolve uma emoção (ou pulsão) que o sujeito se vê obrigado a manifestar tridimensionalmente. Sempre que está integrado no conjunto da resposta; por exemplo: Martine, “A um casal, quando duas pessoas não se entendem... a discórdia, mas que há uma tentativa de ... talvez à dificuldade de relação.”, é revelado um processo de simbolização-sublimação. Neste caso, Martine consegue lidar com as lutas de casal, mas não com a libido, tridimensionalizada com esforço na resposta “depois a ... fogo, não, há...” (em Chabert, 2000). Ora aqui a coerência manifesta-se em continuidade com a resposta anterior, cuja evocação do vermelho

pulsional num contexto de proximidade (os laterais estão muito próximos) desencadeou uma necessidade de procurar a continuidade, após duas tentativas falhadas: Cartão II: “Ao sol que se põe.”//”Também a um animal”//(<)”A um buraco, um precipício, não sei, é bastante horrível! Parece mesmo, dá a impressão de angústia, de simetria também, é isso”. Embora só na resposta adicional o “fogo” seja identificado. Mais tarde se verá um padrão espacial (de relacionar) nos cartões que evocam o materno e o paterno isoladamente, que evidenciam a perigosidade do projecto edipiano, de diferentes modos. A coerência espacial e temporal (recalcamento) reflecte o esforço de integrar numa representação mental bem sustentada, um mundo visto a três termos. A temporalidade, reflecte-se numa resposta em acção no presente, mas que quer atingir um futuro e não ver o passado, no caso de Martine e noutros onde o Édipo foi constituído. Também existe coerência entre o tema: impossibilidade do projecto edipiano e a tonalidade disfórica (triste, angustiante, etc.), e os elementos espaciais nomeados. A contiguidade espacial reflecte-se na possibilidade de evocar um espaço dividido em três padronizadamente: o espaço do desejo inacessível, o espaço da luta pela não inscrição total da sua impossibilidade (a saída para fora e pela sublimação), e o espaço de observação e de interpretação de cenas.

Frédéric, 22 anos (pps. 79-81, em Chabert, 2000) revela a mesma coerência mas fá-la incidir mais no espaço do que no tempo, isto é, Frédéric utiliza o mesmo espaço como forma de expressar a sua ambivalência: um espaço serve para dois fins: o desejo ou a defesa, quer seja por interpretações diferentes (IV: “Aqui ainda, pode-se distinguir um morcego, visto do alto e em voo” //Ou ainda uma pele de animal curtida e achatada...”), quer seja porque o tema contém a ambivalência (III: “Vejo essencialmente uma imagem, duas personagens que se enfrentam, jovens africanas a amassar qualquer coisa num recipiente.” Ou V: “ainda de novo uma pele de animal curtida. Animal como um lobo, é a cabeça que me fez pensar nisso”). Hesitação e alternância é o padrão de relacionar, num espaço pouco tripartido como organização mental, mas espaço-temporalizado e coerente, uma vez que os mecanismos estão em correlação com o conteúdo latente, os afectos sempre alternantes, a separação e a relação de casal contém sempre partes de si mesmo em luta e prazer. Na realidade o sujeito não quer prescindir do seu desejo e por isso a tripartição temporal não é tão utilizada, como por Martine, que se condena à angústia do não entendimento. Há um

espaço de interpretação, um espaço em relação com o desejo ou contra o impedimento, contra a impotência.

Ora por esta mesma razão (a procura de padrões e regularidades) a ausência de coerência interna ou externa reflecte deficiente processo de espaço-temporalização, de mentalização e diz-nos que o sujeito ainda está submergido no inconsciente mais profundo onde não há contradição e logo não sente a incoerência. Aqui o sujeito não têm espaço de observação, ou melhor, o clínico é que tem o espaço de observação de um espaço contíguo e destemporalizado, contínuo, se a resposta reflectir o processo primário. Mas a coerência também pode ser encontrada na forma como o espaço mancha é utilizado; utilizado para a realização positiva, isto é, o sujeito procura encontrar na imagem uma manifestação de si (concepção, derivada da realização positiva, e não como algo agradável). Ou, de outra forma, o sujeito procura uma imagem quase real na representação de si, por exemplo: Renaud, 37 anos, em Chabert, 2000: “IV: O Rei dos Álamos”//”Um carneiro”//”A noite... a fatalidade”. Esta resposta é muito interessante por que refere um sujeito que é (ou sente que é) o que diz do cartão: um Rei ou um Carneiro (seguidor sem individualidade). É uma correlação directa entre conteúdo e sujeito. Aqui o sujeito procura no exterior uma concepção de si tridimensionalizada e encontra-se ou força-se a se encontrar. O que acontece no caso de Renaud sempre que é confrontado com o dois (VIII: “Duas ratazanas que tentam trepar a uma árvore” e IX: “Dois veados em apuros” e muitas outras respostas). Para além da contiguidade, o espaço da imagem é aquele que contém a observação de si. É a mancha que observa Renaud e não Renaud a mancha. O espaço do Eu está assim claramente no Outro, o que é sempre assustador, principalmente quando o outro não é tratado como sujeito próprio e diferente, com vitalidade. Neste protocolo, que reflecte o narcisismo patológico (o protocolo foi escolhido no âmbito de “reflexos de narcisismo” por Chabert, 2000), a coerência é forçada na realidade quer pelo desprezo ou idealização no mesmo espaço, quer pela evocação da relação desprezada ou “em apuros”, quer pelos perceptos alternados entre potencia e impotência. O sujeito refere no final uma verbalização que explica o porquê do reforço da tridimensionalização como realização positiva: X: “... Todas estas cores me deram a impressão não de fantasia mas de intencional”. Assim o sujeito não pode mergulhar no caos e organizá-lo a partir dos seus padrões de relacionar (não pode mentalizar), mas os seus padrões de

fugir à relação (por vezes de anular a relação) podem encontrar na mancha a sua manifestação.

Noutros casos a coerência não é procurada e a mancha ou reflecte a destruição pela intolerância à frustração que determinado elemento do cartão evocou, por exemplo; VIII “Um animal esquartejado”, protocolo nosso de Rui, 30 anos, que dá esta resposta em seguida à evocação da relação de dois animais no mesmo cartão. Rui evoca uma relação, bem sustentada tridimensionalmente, aparentemente, mas que não aguenta a sua representação. Porque, como temos vindo a referir através de Bion, a representação implica o reconhecimento da ausência da realização positiva, a perda da experiência emocional ilimitada e viva, e por isso se segue um conteúdo que nomeia um espaço fragmentado, pela intolerância ao tempo. Apesar desta dificuldade, aqui encontra-se alguma circunscrição, mas será o nível de qualidade da assimetria, ou dos processos de simbolização que determina a sua gravidade. Na neurose espera-se muito simbólica e coerente (muito limitada e salientando o significado e relação).

Na patologia border-line poder-se-ão encontrar muitas formas pelas quais a representação negativa da imagem é difícil, mas mesmo assim procurada. No protocolo de Etienne (20 anos, em Chabert, 2000) encontra-se uma procura exaustiva de encontrar uma classe de elementos cuja relação impeça a confusão mental. Etienne dá vários elementos, várias associações do mesmo local espacial, por exemplo; Cartão I: “Isto parece um insecto, borboleta ou escaravelho.” // ”Ou um morcego também, É tudo”. A classe é a dos animais, coerente, mas ele não encontra um em específico, porque não parece ter a noção que todos eles têm a mesma semelhança espacial-relacional. A semelhança espacial – a forma – não inclui a noção de que há uma relação constante nestes elementos. E o sujeito dispersa-se. Além disso, o apelo ao mergulho que mistura as classes é realizado através de uma centração nos elementos que compõem a classe, evitando a sua interligação simbólica com outros, por exemplo: a nível simbólico a borboleta é bela e escaravelho é sujo ou rastejante. A parte associativa do sujeito, a parte mentalizada é eliminada no esforço de nomear os elementos do conjunto: não há facto seleccionado, não há representação. Mas o sujeito procura na imagem – no Outro – dar os conteúdos, para serem no objecto mancha contidos. E este é o seu padrão de relacionar: dar os elementos para o outro os significar, neste caso o clínico.

A patologia Border-line parece ter contido outros padrões de relacionar. No Rorschach são conhecidas respostas frequentes nestas pessoas onde, utilizando o espaço, há a luta contra o dois ou pelo um, pela indiferenciação (Etienne, Cartão VIII: “Como dois animais” logo seguido “um brasão de cor, com dois animais de cada lado”, mas no inquérito o problema repete-se mais livremente, em que uma resposta em relação desencadeia uma explosão: (“dois animais que podem escalar uma árvore”, isto é partilhar algo, mas sua partilha provoca a necessidade de manifestar a intolerância à frustração: “No outro sentido, é como qualquer coisa que teria explodido e que teria sido retalhado”. O sujeito luta pela relação, mas o reconhecimento da ausência do objecto na representação (a falha da continuidade temporal) desencadeia uma fragmentação espacial e um “tempo explodido” (Green, 2000). Há ainda uma curiosa resposta neste protocolo, que reflecte a correlação entre os elementos espaciais e o seu significado: “VII: “Isto, duas cabeças de coelho que se olham.” // (V) “Ou então uma espécie de ... uma gruta... a abertura de uma gruta.”. O dois relembra o um da origem do nascimento, no lugar espacial do vazio, associando no inquérito ao nascimento. Isto é, há um espaço vazio entre os dois, não preenchido pelo símbolo (significado: “o símbolo é a ponte sobre o nada”, Amaral Dias), mas que procura um símbolo, o nascer para o espaço e tempo, tão difícil encontrar em si próprio.

Outros protocolos referem uma constante invasão de um elemento altamente saturado, como no caso de Rui, que sempre que se depara com o simbólico e unitário (por exemplo no Cartão VI: “Totem”) tem necessidade de evocar a “extremidade de um insecto”, nas partes pontiagudas da imagem. A tridimensionalização não é sustentável, pelo que o sujeito tem de bidimensionalizar como única forma de manifestar o corte que sente pelo símbolo (representação da ausência da coisa). A bidimensionalidade, pode estar também presente na sensibilidade ao “dois”, que geralmente arrasta as suas destrutivas consequências. No caso de Rui há ainda uma outra forma de procurar a contiguidade: sempre que ele evoca o dois em relação no cartão, ele evoca também a sua relação com o clínico; quer demonstrando o local no cartão pelo ponto de vista do Outro (aponta a partir do Outro e não a partir de si, como sujeito observador), quer dizendo: Cartão VII: “Duas pessoas frente-a-frente. Depois vai perguntar-me onde é que eu vejo as coisas”, o que revela que é impossível evocar dois sem uma contiguidade espacial concreta, entre objecto-

mancha e objecto-clínico que o apresenta, o que implica que não há representação tridimensional do dois, apenas bidimensional.

A extremidade é a parte do plano, da superfície da imagem. O tempo é o da separação, da ausência pura, sem símbolo, por isso tem de ser abolido. Há ainda as respostas a nível de conteúdo bidimensional: carapaça, evocações sensoriais (são a parte do Ego que percepção a realidade externa; desde as tácteis, às visuais, como paisagens), as já referidas extremidades (a parte da realidade externa que toca furando, esburacando) e a referência a objectos bidimensionais que simbolizem (brasão) ou não (desenhos, pinturas, abstracções) a instabilidade identitária (ausência de coerência do Eu, pela dificuldade em representar os elementos da realidade na mente, isto é, na sua ausência).

### **7.1.3. EXPERIÊNCIA EMOCIONAL VS TEMPO CONSCIENCIALIZADO E TRIPARTIDO:**

Se tomarmos o tempo como o factor que permite a ligação, ou mesmo só o tempo, tal como o revemos anteriormente, verificamos algumas especificidades. Em primeiro lugar, o tempo não tem correlação nenhuma com a imagem apresentada ao sujeito, aliás tal como Bóris (1994) salienta - a realização do tempo é muito difícil. Como ver a forma como o tempo contribui para organizar a mente no Rorschach? Já falámos na regularidade que o sujeito implica (ou não) no protocolo. Já falamos também que a escrita da resposta a par da relação com o clínico impõe o tempo tripartido, isto é, a sua passagem. O mesmo podemos dizer da sucessão das 10 imagens. Estudámos o tempo através da sua qualidade de ligação pela simultaneidade que cria entre expectativa e realização, no pôr em relações representações mentais e ainda do pensamento à acção. Este é o tempo enquanto ligação, enquanto “criador” de simultaneidade entre mente e imagem, entre expectativa e realização. Já sabemos que esta pode leva sempre a uma continuidade – ou é pela satisfação (retira o sujeito do espaço e do tempo) ou pela frustração, que impõe o sujeito o espaço e tempo da representação (se a elaborar). Há uma descontinuidade aqui que, pela sua transformação em símbolo mantém de certo modo a continuidade. Assim, é no nível da simbolização da resposta, amplamente estudada em investigações anteriores (Chabert, 1997, 2000, Marques, 1999), que se

verifica a capacidade de realização negativa, pela conexão simbólica (símbolo apto em si mesmo a simbolizar) e distância, principalmente, entre o símbolo encontrado e a mente que o simbolizou. Aqui estão implicados dois eixos temporais para análise do Rorschach.

Incide-se na procura dos processos de ligação e desligamento da imagem, que já referimos anteriormente, na coerência que definimos interna e externa, e que a partir da conjugação de Bion e Matte-Blanco podemos dizer que o sujeito se encontra e logo a seguir desencontra, isto é, reconhecer a ausência de um objecto ao assumi-lo como representação mental e não como um elemento sensorial (beta) vivido como real. Ou seja, estamos-nos a referir à possibilidade do tempo ser experienciado no presente da experiência, que o Rorschach naturalmente impõe, e pensado no tempo da separação, da ausência, que a representação impõe. A segunda parte do processo nem sempre é possível e já referimos esses casos, que estamos aqui a postular num processo psicótico ou limite, sempre que o sujeito faz da mancha um depósito de evacuações (psicoses), mais ou menos contido, isto é, limitado espaço-temporalmente. Mas pode também reconhecer a ausência em sofrimento, ou ainda como uma expectativa que não pode ser satisfeita, e aqui só o desamparo se manifesta, manifestado nas respostas de queda, abandono, ou sem uma base ou ainda uma base frágil. O recurso ao eixo central da imagem, pode ser assim uma mão-mãe que se estende e impede a queda. Contudo o eixo central pode ter outras manifestações: fálicas ou reflectir uma tripartição espacial da imagem.

Entrando no funcionamento que representa a ausência deve-se, em primeiro lugar, salientar aqueles movimentos mentais que acentuam a representação negativa, ou a descontinuidade entre percepto e representação mental, o que implica um desligamento entre sujeito e imagem. Estamos a referir-nos às respostas que reforçam o seu aspecto irreal e assim é cortado (aparentemente) o vínculo entre expectativa e realização. Aqui algures o encontro que houve entre expectativa e realização é um encontro ansiogénico pelo que o presente só pode ser sentido como perigoso. Este movimento pode ser realizado a nível de conteúdo (significado), por exemplo mítico ou sobrenatural (o tempo primordial) como “duendes”, “abominável homem das neves” ou do continente, por exemplo antigo, ou pequeno e infantil (impotente), ou ainda animal, na medida em que não têm consciente, ou ainda animal primitivo, todo-poderoso pulsionalmente etc.. Pode ainda haver uma desistência de satisfação de forma mais espacializada, reforçando a separação das imagens: “estão

afastados” (é de referir que o afastamento pode estar também implicado na impossibilidade de representar a relação), “zangados”, ou de “costas um para o outro”) ou *tapando* a coerência (significado): “... mas não é um animal preciso”, “por de trás de uma nuvem”, é “apenas uma impressão”, “parece-me” ou talvez”, mas sempre impondo o tempo, pois a resposta ou é remetida para o passado, ou é sujeita directamente ao recalçamento.

Terá necessariamente de haver restrição na resposta, cujos movimentos seguintes determinam a sua qualidade. É no entanto de considerar que o Rorschach é um método de conhecimento feito no presente, ou melhor, é uma sucessão de presentes tal como a vida. É na mente do sujeito que estes se ligam ou desligam (só se pode desligar o que estava ligado) numa sequência, numa narrativa. As respostas onde numa única resposta se vê a tripartição espacial e temporal, o que é feito inter-relacionando espaço e temas (narrativas) podem ser exemplificadas por Martine (18 anos), no cartão III: “A um casal, quando duas pessoas não se entendem... a discórdia, mas que há uma tentativa de... talvez à dificuldade de relação” ou ainda Cartão VII: “A crianças sentadas sobre rochas... a uma divisão, quer-se alguma coisa, depois não se consegue obtê-la”. O que está implícito é que se quer alguma coisa a que se está solidamente agarrado mas não se consegue obtê-la no presente, pela ligação a um terceiro com quem se compete. O passado em Martine só pode ser evocado posteriormente no constante “não ver”.

Através destes três parâmetros de análise, tão interligados entre si como o tempo e o espaço, mas que tivemos que tentar isolar, iremos agora procurar os modos pelos quais se pode correlacionar as dimensões espaciais (e temporais) e o funcionamento mental no Rorschach, enquanto instrumento que reflecte os modos como a mente se manifesta, ou o como é que ela se transforma (ou não) no contacto com a realidade, estudando a quarta-dimensão, aquela que concebemos para incluir uma interrelação entre inconsciente-consciente.

## **7.2. DIMENSIONALIDADE PSÍQUICA**

### **7.2.1. ADIMENSIONALIDADE**

O mundo sem espaço e sem tempo é impossível de se manifestar no Rorschach porque aqui não haveria manchas, nem cartões, muito menos verbalização de resposta. Um lugar que só se pode conceber miticamente ou imaginariamente. Mas temos de postular a sua existência na medida em que o inconsciente de total simetria é a origem dos nossos processos mentais, cuja evolução se pressupõe em seguida. O nascimento introduz o sujeito no espaço e tempo, apreendido ou não.

Porém, o sujeito que funciona na fase seguinte – a unidimensional – quando perde a sua competência para organizar a sua experiência emocional desse modo, retomaria este estado, não como um ponto único, tal como se representa a ausência de dimensões em termos de geometria, mas como vários pontos dispersos; aqueles que conjugados de modo contínuo constituiriam uma linha, uma recta – a unidimensionalidade.

### **7.2.2. UNIDIMENSIONALIDADE**

A unidimensionalidade é o mundo da recta, da linha, e portanto muito simétrica e tendente ao infinito (continuidade, contiguidade). Aqui consideraríamos as respostas em que haveria grande continuidade e contiguidade sujeito-imagem, pelo ataque ao espaço e ao tempo (mais próxima da identificação adesiva, mimética, que Meltzer fala no autismo e que é localizada histórica e antropológicamente no Homem Primitivo). A continuidade e contiguidade serve vários propósitos; em todos é necessário o reencontro do sujeito consigo mesmo, num mundo não conflitual (sem tensões). Neste mundo, tudo está dirigido a si mesmo, e tudo parte de si mesmo, porque já existe intenção, mas intenção de manter a indiferença para estabilizar o equilíbrio muito primitivo ainda. Por exemplo, o protocolo de Laure, 18 anos, no cartão V (unitário e sólido de essência e portanto facilita a experiência de contiguidade): “Isto faz-me pensar num morcego. Ele está completamente no meio do desenho, ele impede-nos de ver outra coisa. Ele é muito fino e tem um interior muito confortável. Ele é muito leve” (Chabert, 2000, pp 206), tão fino e leve como uma linha. Esta confusa resposta reflecte o sentimento de intencionalidade em

relação às coisas do exterior, que existem para o sujeito, já que ele não existe por si mesmo. Aliás, aqui salienta-se a (quase) exclusividade da experiência emocional, na medida em que a impressão sensorial é tão forte que não dá lugar nenhum ao pensamento, nem à noção de um sujeito que observe (“ela impede-nos de ver outra coisa”). Aqui o sujeito é a sua própria manifestação no real. Laure parece estar a falar de um continente: “fino”, “muito leve”, isto é, mal se sustenta, mas que procura que tenha “um interior confortável”, precisamente aquilo que na finura não existe. Laure parece falar de um recta, curiosamente.

Nas respostas seguintes do mesmo cartão ela vai derrapando para uma alma onipotente, onisciente e que tudo protege, a mãe, a sua fragilidade, incompreensão e o horror à simetria. Podemos assim aqui definir que Laure perdeu a contiguidade (e continuidade) e fragmentou-se em vários pontos infinitos em vivência emocional, mas dispersos e desconectados; transformando assim um “objecto” unitário – a linha – nos vários pontos dispersos que a constituem quando conectados em contiguidade. Desta forma Laure revela que a contiguidade suscitada pela imagem a remete para um lugar horrível – a relação e conseqüentemente sua representação (a ausência). Ela está presa: se procurar a contiguidade encontra o mau objecto (porque é objecto ausente); se procurar a diferença, não existe, porque não há continente de pensar (ausência). Aliás, os conteúdos, são muitas vezes associados a objectos mortos ou destruídos nos protocolos psicóticos, pois a mente, a mentalização foi destruída e é só isso que o psicótico pode manifestar, um depósito de destruição (evacuação), onde cada palavra ou até letra na palavra se dispersam e perdem a sua integração.

Mas nem em todos os protocolos psicóticos se encontra uma descompensação tão grande e o sujeito não deixa de manifestar os mesmo sistemas de relação, ou melhor, o esforço de não relacionar nada (na mente), de manter a simetria a contiguidade não conflitual. O que nos faz lembrar uma situação de uma paciente (de uma colega) que faz um esforço enorme para não ter nenhum pensamento quando come. Aqui a luta é entre comer apenas, e só assim encontrar a satisfação da continuidade e contiguidade. Qualquer ideia que implique o pensar na comida ou em comer, remete para sua ausência, e essa é intolerável. Comer associa-se certamente à satisfação mais precoce de todas.

Estes pacientes reflectem-se sobretudo em termos espaciais, a primeira apreensão mental: quer pela invasão de simetria das respostas, quer pelas contiguidades entre elementos que assimetricamente não seriam considerados como pertencentes à mesma classe, quer evidenciando elementos inconscientes e multidimensionais a forçarem-se à tridimensionalidade (quando pretendem manifestar-se pela fala), de modo mal sucedido. A luta é contra a descontiguidade da separação (e por isso também continuidade), pela frustração mental causada pela ausência do objecto da sua mente, ou por este implicar uma limitação da vivência sob o modo da representação. Laure, por exemplo, não tem noção no momento contextual em que este método lhe foi apresentado, de que há um lugar de observação: ela e a observação são uma e só coisa e, conseqüentemente não há observação.

A unidimensionalidade implica que tudo está em contiguidade com tudo, e que não há temporalidade, tudo se constitui por sucessivos eternos da experiência emocional. E por isso estas respostas são tão confusionais, e havendo fragmentação, elas reflectem um conjunto de pontos dispersos, cada um com vivências multidimensionais do inconsciente do sujeito. Terá como características principais a procura da contiguidade espacial e continuidade temporal, impedindo assim qualquer reconhecimento da ausência, da falta, da separação, enfim, da dor da frustração. Manifestar-se-á sobretudo espacialmente, como referido, e terá horror a tudo o que no espaço evoque o tempo, destruindo por consequência o continente – já de si muito frágil – a recta. No modo de funcionamento unidimensional, o grande problema é a dificuldade de coerência, entre o conteúdo mental e lugar espacial escolhido, impossibilidade de correlação entre objecto e sua natureza material evocada na respostas, entre outras. O tempo é do presente da experiência, sem duração, sem sequência, sem passagem.

Neste mundo unidimensional encontramos as características evocadas por Chabert, 2000, naquilo que esta autora designa de “Deserto Psicótico”. De facto esta autora refere muitas características que poderíamos denominar pela espacialidade; baixa percentagem de F+ (respostas mal organizadas espacialmente), respostas que revelam um modo de apreensão confuso, conteúdos com nível de abstracção e desligados de uma estrutura espacial que lhes serviria de continente, de contiguidade. Aqui também é referido o âmbito da incoerência, sob o termos desconexão, como

estando extremamente presente. Aquilo que a autora refere como ausência de processos de fantasmática, e de interiorização, revela também a ideia de que o sujeito não integra a experiência emocional nos seus próprios sistemas de relacionar, aliás, a experiência emocional é excessiva e só pode ser evacuada através da perda do continente, ou da referencia a objectos destruídos, fragmentados decorrentes dessa destruição. Estes são considerados por ela os protocolos com ausência de delírio e a luta contra a invasão interna.

Num outro tipo de protocolos o sujeito reflecte a necessidade de descontinuidade, que a autoria salienta que aparece sem surpresa e sem desespero, reflectindo a imersão do sujeito num mundo muito simétrico onde não existem contradições. Mais uma vez é de âmbito espacial que a perturbação se manifesta: privilégio à abordagem global, recortes em pormenores muito pequenos que podem ser dotado de valor significativo arbitrário, tratando-os como objectos reais, a indiferenciação figura-fundo, que a autora refere tomar uma significação anti-narcísica. A autora também refere a distância do objecto-mancha, o objecto a ser representado, e portanto em todas estas ideias salientam a invasão de simetria, de vivência emocional que é de difícil representação.

Para Chabert (2000), é a ameaça de perda de identidade que provoca o desaparecimento dos limites espaciais e temporais, que nós referimos como a perda da contiguidade que leva a vários pontos dispersos. Também refere a existência de perseveração, que nós consideramos como um ataque ao tempo da separação, ao tempo da ausência da *coisa*. Salienta também a incoerência e o revelar da imagem do corpo fragmentado, destruído, pois este, podemos dizer nós, não foi constituído inicialmente como a base unitária da qual tudo parte, isto é, da qual os sistemas de representações se vão realizar e correlacionar com o Real, com o Outro. A autora também refere que não há integração de elementos corporais, não há separação entre dentro e fora, e as suas “partes isoladas falam”, são quase personificadas.

### **7.2.3. BIDIMENSIONALIDADE**

Aqui consideraríamos o que já é habitualmente considerado para as patologias border-line: o problema é o da área que separa o sujeito do objecto e essa

área é a sua delimitação. O sujeito luta contra a separação do objecto e procura expandir-se como se houvesse uma linha-perímetro virtual muito frágil que, em vez de se constituir com uma identidade única, se confunde com o que está para além de si, o não-Eu. É um sujeito que procura a satisfação, que é uma superfície onde processa os estímulos (percepção), negando o tempo, aquele que introduz o seu fim através do outro.

Em termos de Rorschach isto pode ser feito tornando igual a si próprio – imposição da simetria – ou centrando no espaço entre os dois elementos encontrados (o espaço onde o Eu e o não-Eu se mistura pela fragilidade do perímetro), ou centrando-se na procura do reforço de um perímetro delimitante, ou ainda focando a parte que liga ou desliga (os lugares de contacto entre o Eu e o Outro), ou ainda reforçando um eixo central (constituindo uma continuidade para se equilibrar e definir). Encontramos duas formas do sujeito proceder em termos do encontro entre mente e mancha. Uma onde o sujeito parece acima de tudo procurar no objecto-mancha-clínico (geralmente em contiguidade) uma realização negativa, isto é, um continente para pensar os próprios pensamentos, conjugá-los, atribuir-lhes uma significação e assim libertar a frustração. Esta é uma situação frequente nos protocolos de Etienne e Renaud (Chabert, 2000, pps 121-123 e 167-169), na apresentação de manchas-objecto concretos, sucessivos e dados “a seco” (sem subjectivação), que parecem procurar ser significados pelo outro, uma vez que o sujeito não o faz e não sabe fazer: é como se fosse uma resposta incompleta. Principalmente no protocolo de Renaud, em que o sujeito parece não estar implicado na resposta, porque estas não correspondem a um verdadeiro processo de mentalização, de integração nos padrões constantes de personalidade.

O problema é que é difícil encontrar o que procuram – a representação, porque há sempre a obrigatoriedade de confronto com o sofrimento pela separação e limitação do tempo. Também as próprias características perceptivas da imagem facilitam este confronto com a frustração e assim segue-se um outro tipo de respostas, aquelas que implicam uma continuidade imposta entre mente e imagem, que frequentemente reflectem o abandono ou desamparo, ou a destrutividade do objecto-mancha-clínico, pela intolerância à frustração. A procura de manifestação do mundo interno é sobretudo espacial e muito mais apoiada nas características perceptivas da imagem. É assim que podemos encontrar alguma coerência, entre

sujeito-“tema interno”-“mancha externa”/clínico: o sujeito expande-se e “enfia-se” no outro. No entanto é um nível concreto e muito experiencial, isto é, geralmente é uma manifestação directa da angústia, num eterno presente, e não na temporalidade que o símbolo em si contém. Como se entre e si e a mancha só as falhas do processo do pensamento pudessem ser representadas e deste modo reflectir a sua subjectividade, o seu interior. Portanto, o sujeito detecta o tempo, o tempo da separação, o tempo da ausência do objecto como real. Mas não o suporta e; ou procura uma realização positiva correspondente, uma concepção de si, ou fica preso num eterno presente, numa eterna duração de angústia do desamparo.

Curiosamente, isto acontece (principalmente) quer quando se evoca directamente o dois (símbolo da relação e imposição de delimitação), quer quando se evoca um símbolo verdadeiro (com a devida implicação subjectiva do sujeito) ou ambos. Estas respostas contém assim uma concretude, pois só a concretude satisfaz. Podemos ainda encontrar uma resposta idealizada, uma representação idealizada, mas neste caso, desimplicada da subjectividade do sujeito. A bidimensionalidade pode ser vista na superficialidade e dependência do outro, como referido antes; quer a nível de conteúdo, quer a nível de continente, onde se acrescenta o assinalar dos limites e dos contornos (Chabert, 2000), garantindo a não existência de interior, de subjectividade, emoções sujeitas a processos inconscientes ilógicos, que o sujeito border-line tenta a todo o custo controlar. Salienta-se também que a desimplicação pode ser tal que o sujeito, em vez de recorrer às suas formas padronizadas de relacionar, recorre ao objecto concreto para explicar a sua interpretação, é nele que o sujeito se encontra e se conhece. Caso de Ilda (21 anos), no Cartão III: “Duas pessoas a jantar, os sapatos, uma mesa”. Aqui, os sapatos e a mesa são equivalentes a “jantar”. Mas mesmo assim a implicação da relação é emocionalmente excessiva para ser elaborada, no convite pulsional do cartão, e ela continua “Parece que estão ou de mão dada ou é qualquer coisa em cima da mesa.” // “Esta parte parece-me um laço”. Continua posteriormente, encontrando uma outra forma de sobreviver às dificuldades da relação a dois, isto é, forçando uma diferença: “Este lado parece mais feminino do que este. Até parecem ser iguais mas não são. Não sei se as pessoas estão próximas para jantar mas parece que está aqui alguma coisa no meio, não sei talvez a curvatura, parecem que querem estar juntos mas não estão juntos”. Este problema é devida a uma experiência terrível no mundo da relação a dois, e assim as

duas personagens são em demasia a relação entre ela e o objecto da contenção, provavelmente materno – que têm de ser separadas a todo o custo. O mesmo acontece com Daniela, 15 anos, que de uma forma muito mais dinâmica, no cartão que convida à socialização (VIII), à viragem para fora, uma necessidade natural nesta idade, responde: “Dois animais tigres ou assim. Um corredor, passar de um sítio mais claro para um sítio mais escuro. (Inq: Rosa lateral pontinhos cara e corpo, parece mesmo. Aqui parece um corredor na fenda do rosa inferior (parte mais clara e central) e parece que estão a sair daqui para irem para aqui. (debaixo para cima)” e cartão é posteriormente associado à tristeza. A passagem para a autonomia é sentida com uma dor tão grande, e um desconhecimento tal que a única representação possível é o escuro. A passagem é demasiado estreita (e pequena) para o permitir e sustentar uma verdadeira continuidade pelo símbolo. O tempo da separação e autonomia, apresentado através de uma passagem espaço-temporal gera-lhe um grande medo, um grande desconhecido, sem verdadeira representação e cheio de tristeza. Mas Daniela parece saber qual o caminho que tem a fazer e inscreve-o no cartão de forma coerente.

Maria, com 46 anos, e no cartão VI (sexualidade no sentido de poder) evoca um movimento temporal, espacialmente manifestado, com melhor representação: “Estas são tão parecidas que já nem sei o que hei-de dizer. Parece-me um mapa dividido ao meio por uma zona atravessada por um pequeno riacho”. (Inq: o mapa é no todo o riacho é a parte branca que se vai vendo até ao fim e a montanha as zonas mais escuras). Apesar da qualidade da resposta, a bidimensionalidade mantém-se, não só pela evocação mapa (bidimensional) mas também porque aquilo que determina os lugares de onde se sai e para onde se vai, são sustentados não pelo recalçamento (escondido e remetido para o passado) mas pela componente perceptiva do real (a superfície, o perímetro percepcionável) – escuro/claro. Sendo o escuro aqui representação do irrepresentável (ou pelo menos pouco representável). Mas Maria procura de facto uma representação para o tempo da separação. No cartão II, ela consegue relacionar o lugar da falta (o espaço branco-vazio central) à passagem do tempo, tempo contudo de duração, o tempo entre acontecimentos: “Talvez uma borboleta. Há aqui uma coisa... tanto uma borboleta como um frasco em cima com um pozinho branco, um saco em cima com um pozinho branco”. INQ: “Duas hastes (vermelho inferior), o corpo no negro, e corpo no vermelho (superior).

Se vir só o frasco é tipo ampulheta com o pó a cair”. Apesar do esforço de tridimensionalização, esta resposta continua contudo a manter o sujeito na bidimensionalidade psíquica, porque não há resolução através do objecto, porque a mancha representa a dor do tempo e não o resultado de uma transformação dessa dor. Que nos parece presente em muitos protocolos: o objecto permite a concepção da dor (a realização positiva, em boa correlação com o espaço), mas não a sua transformação.

Por exemplo, no protocolo de Cyril, 20 anos (Chabert, 2000), em que após uma resposta de procura de reforço da componente bidimensional do cartão (VII: “Isto poderia fazer pensar ao mapa de um país com contornos bastantes bem recortados”), ele pode representar uma relação: “Ou então duas cabeças de índios que gritam”; mas evidencia-se subjectivamente sobretudo a impossibilidade dessa relação.

Nestes protocolos o espaço, se não for despedaçado pela intolerância à frustração, é relativamente estável, e é nele que o sujeito se baseia para se manifestar, pois permite uma representação mais concreta e segura. É o tempo que é sentido como insuportável, o tempo da separação, o tempo do fim, o tempo do seu fim. E o sujeito está muito dependente do objecto; não só para manifestar a dor que não consegue por si mesmo (e por isso tanta procura de situações sensorialmente fortes), como também é no objecto que o sujeito procura a sua própria subjectividade, o seu próprio ser. É o objecto que observa e pensa o sujeito. Mais, é o objecto que possibilita a sua manifestação.

#### **7.2.4. TRIDIMENSIONALIDADE:**

A tridimensionalidade é associada por nós aos problemas edipianos. Em geometria reflecte um objecto com interior e exterior em que mutuamente se definem. A continuidade e contiguidade é realizada negativamente, isto é, há representação simbólica, o que implica que a mente ligue, mas a imagem e o sujeito são separados após o mergulho na simetria inconsciente. Aqui, de algum modo a satisfação transforma-se em frustração, mas cria um projecto, o projecto edipiano e a frustração torna-se castração. Assim, a apreensão de relações humanas, ou relações

com qualidades humanas é muito provável, pois a mente reconstruiu-se a partir dos afectos de amor e agressividade, consegue encontrar classes que representam os humanos e suas relações e ligações. O sujeito está ligado a ambos os movimentos, desejo e castração, pois contém em si mesmo sentimentos ambivalentes e a sua mente é um lugar de relacionar, o desejo à realidade sublimada, e o impedimento ao desejo, a castração. Esta última é muito interessante de observar no Rorschach: personagens sem cabeça, sem pernas, animais sem rabo, sem orelhas, com “cornichos”, denegação ou escotomia da parte inferior, geralmente em correspondência com o corpo sexuado, ou da parte superior onde a consciencialização não é possível (e o cimo é o da cabeça). Figuras deformadas, aumentadas ou diminuídas (em correspondência com as fantasias infantis); feridas, cortes, amputações, sangue, muito sangue resultante da castração, são formas de manifestação do impedimento do desejo (Chabert, 2000).

Isto porque o desejo é reacendido pela imagem, tal como é reacendido na vida, em todo lado pois o mundo passou a ser visto tripartidamente: regulador (temporal), desejo (intemporal) e defesa (sustentada na representação). E assim manifesta-se na resposta quer a nível do continente ou conteúdo: “gosto muito”, não gosto nada, “flor” ou a referência à cor, ou ainda os famosos conteúdos cujo nome pode ser facilmente associado a um significado sexual, sempre através de uma relação espacial bem correspondida.

Aqui não é a proximidade que é sentida como perigosa, mas a sexualidade detectada na proximidade: o que é importante é o tipo de relação. Então surgem os mecanismos de defesa: afastar no tempo ou espaço (já referidos), não ver o espaço do tempo presente, ou virar-se para o futuro (Martine: “...quer-se alguma coisa”), mas que nunca se pode alcançar, pelos menos sem ser de forma sublimada, pelo que na histeria, sofre-se intermináveis tormentos pelo simples querer. O obsessivo “resolve” o problema hesitando entre o querer e o não querer (ver protocolo de Frédéric, Chabert, 2000), bem como de grandes problemas de agressividade, que parece infiltrar-se constantemente, e mobiliza a sua hiper-esforçada procura de assimetria (controlo emocional): delimitar, isolar, dar nome, etc., tudo isto para impedir o surgimento de fantasias inconscientes.

Mais do que perceber objectos não danificados (e não o já referido resultado da castração), relações humanas, de forma clara e límpida pela

possibilidade da representação, os objectos encontrados reflectem sentimentos, ideias, sistemas padronizados e regulares, consistência e coerência. Geralmente o sujeito está completamente implicado na imagem e, mais do que os personagens humanos (ou seus equivalentes simbólicos) é evocada determinado tipo de relação entre humanos. Relação esta que vai reflectir quer as dificuldades, quer as “vontades”, ou os problemas consequentes. Mesmo que os objectos não contenham uma clara delimitação, eles são a fonte, a base do real da qual o sujeito parte para tridimensionalizar, isto é, representar a relação que o mergulho no inconsciente, que é aqui tomada como uma parte interior do sujeito, mais problematizou.

Mas para existir uma tridimensionalização consistente, o sujeito tem de se implicar (tal como salientado por Chabert, 2000), isto é, uma apropriação da imagem nas suas estruturas internas, sempre que houver correspondência entre objecto real e mundo interno manifestado, sempre que os elementos que se manifestem mais difíceis sejam aqueles que evoquem a relação ao desejo ou ao impedimento, estamos no âmbito de um funcionamento tridimensional. Aqui, existe inscrição no tempo, mas os processos defensivos são activados no presente da experiência emocional, um presente que obrigatoriamente contém restrição, contenção e limitação. O sujeito sabe que toda e qualquer resposta é “apenas” uma representação. O que é “apenas” o mecanismo humano mais saudável. O presente é restringido, o desejo remetido para o passado com a promessa de futuro.

A tridimensionalidade é o lugar onde o sujeito contém coisas, e contém um formato para a sua delimitação. Contém nome, conteúdo e continente mutuamente interactivo, elementos que estão mais próximas ou mais distantes do lugar que delimita – o exterior, o sistema percepção consciência. O sujeito pode fugir do seu interior evocando emoções (pelo recalçamento) e/ou sensorialidade (fugir para a sua parte bidimensional, superficial que é contudo sempre circunscrita, pois o sujeito é mais que a sua superfície) ou mergulhar no seu interior, tendo dificuldade e assimetrizá-lo, dar-lhe uma delimitação que possa ser comunicada. A representação simbólica será a resposta que contiver o lugar onde o sujeito toca no exterior (percepção) em jogo interactivo com o seu próprio interior (o inconsciente inacessível). Mas se o mergulho no interior for demasiado difícil de ser assimetrizado (tridimensionalizado), o sujeito pode ter necessidade de procurar vários sistemas de relação, que interliga pelo tempo, pela espacialização do tempo.

Aqui estaríamos já no âmbito de um modo de organização espaço-temporal da experiência. Mas sabemos que esta mente, a existir, contém alguma manifestação tridimensional que acabámos de referir. Qual a diferença e de que forma pode ser manifestada no processo-resposta-Rorschach?

#### **7.2.5. QUADRIDIMENSIONALIDADE:**

Para Meltzer (1975), o espaço quadridimensional, é um espaço que se vivencia quando se sai do narcisismo, e passando satisfatoriamente pela posição depressiva. Aqui o sujeito adquire uma discriminação do espaço e do tempo, reconhece a existência e a autonomia do outro, de modo que a mente encontra um espaço que lhe permita perceber, conhecer e pensar. É apenas quando a luta contra o narcisismo foi controlada e a onipotência através da qual a intrusão e o controle se impõe sobre os bons objectos, (quer no mundo interno, como no mundo externo), diminuiu, que a realização de um mundo quadridimensional pode começar. Esta dimensão é crucial para o autor, porque transporta consigo o acordar para a possibilidade do desenvolvimento. Para ele, quando “o ciúme e a inveja já não contribuem para o bem-estar, mas sim a afirmação da vontade, uma nova esperança pode emergir”. E esta nova esperança inspira o processo de um novo tipo de identificação – a identificação introjectiva. Neste mundo: o “abandono é a sua pré-condição, tempo é seu amigo e esperança a sua grande meta”. Meltzer (1975) apresenta este mundo como um mundo maduro, sábio, altruísta quase, onde a reflexão de âmbito introspectivo permite “sair” do narcisismo que ele associou primeiro a uma identificação mimética, e depois adesiva, depois projectiva tornando-se agora introjectiva, e portanto o sujeito da consciência. E inclui o tempo como salvaguarda. Nós temos muitas metáforas para um “tempo amigo”: “não há fome que não dê em fartura”, “a seguir à tempestade vem a bonança” e muitos outros.

Para Matte-Blanco (1975 e 1988) qualquer mundo quadridimensional não contém a tridimensionalidade: pelo contrário, a quadridimensionalidade e dimensionalidades superiores são reflexos do modo simétrico. Mas o autor fala também de dois modos de ser, em que ambos têm capacidade para conhecer. O primeiro é limitado espacial e temporalmente, o segundo é infinito. O primeiro

separa, o segundo reúne e liga. No primeiro os acontecimentos seguem uma ordem espacial e temporal, no segundo não há acontecimentos, é-se aquilo que se vive e “pensa”.

Para Bion o mundo das impressões sensoriais, um mundo principalmente de imagens concretas e quase dotadas de características humanas (substituição da realidade física pela psíquica), é um mundo que é experienciado mentalmente como a coisa-em-si. É um mundo que se tem de manifestar, realizar de forma a ser mentalizado e tornar-se um pensamento ou tornado uma acção, que é também um lugar que une mente (pensamento) e actividade, pelo tempo. Amaral Dias (2004) fala-nos de uma *pool* Beta-Alfa, um modo constante entre a dispersão saturada de energia (percepção) e um processo de transformação pelo pensamento em energia zero. Aqui o pensamento é considerado como um mundo não perceptivo, não energético, não tensional, porque foi submetido a uma transformação, isto é, pensando, simbolizado, e que permite a constante recriação do sujeito: PS<->D que o autor recupera de Bion. Os intersubjectivistas cuja revisão teórica foi realizada por Priel (1997) consideram que a última aquisição em termos de espaço e tempo é a do sujeito intersubjectivo, o sujeito narrativo, o sujeito histórico.

Verificámos também anteriormente que a analogia entre quarta-dimensão e a mente, a existir, se caracterizaria por: uma mente que tem interiores dentro de interiores, que podem ocupar o mesmo espaço (isto é, ser submetidos ao mesmo sistema de relações) mas diferenciado no tempo, e este será tratado por nós como um factor fundamental, pois a sua diferenciação é realizada por uma espécie de espacialização do tempo. Este é também um mundo só acessível pelo recurso à imaginação, o que implica que não seja um objecto tridimensional, com as suas características de delimitação, limitação, sequenciação e circunscrição. O objecto tridimensional é aquele que se apresenta sucessivamente no tempo, mas num tempo de cada vez. Com os estudo do Édipo em relação com o tempo, compreendemos que é pelo Édipo, que o passado se associa ao desejo, o presente à restrição – aquele que é submetido ao processo que assimetização que Matte-Blanco fala, e o futuro uma promessa realização. Mas tudo isto é dado em separado. No processo de assimetização a mente procede por categorização, classificação, que é estabelecido pelo encontrar de uma relação entre objectos, e é nessa relação que o sujeito procede, e conecta pensamentos entre si, símbolos. Mas os símbolos partem de uma forma assimetrizada (sublimada) de realização de fantasias. As metáforas, por sua vez,

implicam a criação de analogias entre processos em relação físicos (realizáveis) e processos mentais (também em relação) apenas representáveis. Não há fome que não dê em fartura é um processo que associa um espaço vazio que urge preencher, a uma relação temporal, onde esse espaço será preenchido. Aqui estamos a falar de fome: estômago-vazio e estômago-cheio, como a base perceptiva real da metáfora. Todos nós conseguimos imaginar um estômago vazio e um estômago cheio. Com esta base sensorial temos a possibilidade de colocar ali uma imensidão de relações que permitem dar uma manifestação de vários sentimentos, não realizáveis fisicamente e apenas vivenciáveis: falta-preenchimento; castração-realização; ausência-presença, frustração-satisfação, saturado-insaturado, enfim...

Observámos que com as teorias intersubjectivas da constituição da mente, o sujeito histórico, o sujeito que procede na vida intersubjectivamente, o sujeito histórico, tem uma consciência de si através do tempo. É sujeito que integra sempre inconsciente e consciente como fonte dos seus processos de conhecimento, da mesma forma que o referimos no paradigma da psicologia, o paradigma psicanalítico, onde nos baseamos metodologicamente (Marques, 1999), que seria o sujeito bi-lógico de Matte-Blanco. Mas sabemos que este sujeito, para encontrar manifestação de si e realização tem de se comunicar simbolicamente, como amplamente desenvolvido por Marques em 1999. Este é um sujeito do discurso (Ricouer, citado por Marques, 1999), é um sujeito que no seu próprio discurso se inscreve, cuja manifestação depende do contexto interactivo em que se encontra, que se reconstrói, reconfigura, ressignifica. Portanto, independentemente de se fundar num mundo inconsciente como forma de conhecer, a si e ao outro, o que mais importa é que ele tenha de se comunicar, pois é precisamente por essa comunicação que a transformação, reconhecimento e conhecimento está implícita.

Ora este é um sujeito que assimetriza, que delimita e se circunscreve espaço-temporalmente. Porque só pelo pensamento e fala é que o sujeito tem possibilidade de aceder a si próprio, o que é feito sempre através do outro. Aliás, a fala é o lugar da manifestação que impõe até fisicamente o outro. Mas o sujeito pode interiorizar esta fala e este outro, e assim a sua base sensorial não é necessária, ela fica subentendida mentalmente, na mente que representa e procede a partir da ausência, a partir do negativo da experiência.

Passemos agora à sua operacionalização para este método que em si mesmo possibilita criar o chão físico (sua sensorialidade) para o estabelecimento de novas

relações físicas-mentais, e portanto metafóricas. No Rorschach, nos protocolos de neuróticos, aqueles que estão inscrito na tridimensionalidade, não encontramos com facilidade vivências emocionais muito intensas. Estas são sempre submetidas a uma restrição temporal no presente. Mesmo que não seja na própria resposta, são-no no processo seguintes. E segundo Chabert (2000): o conflito em jogo na neurose é sempre remetido a uma outra cena, cena dramatizada, deslocada, sublimada, figurada, condensada, etc., mas sempre “numa outra cena, que não a da confrontação realista e pontual”. A realidade será de apoio, mas um apoio discreto, que se investe sempre duplamente: no perceptivo do material e no projectivo do sujeito. Além disso há uma ligação entre este lugar perceptivo – material; conteúdo manifestado – e o conteúdo latente. As manifestações inconscientes e o processo primário nunca aparece como tal. O sujeito delimita, circunscreve e submete à sequenciação temporal e por isso não se espera que surja com frequência introdução de temporalização, na medida em que na resposta está contida a actividade mental sequenciada tripartida, mas reflectida em tempo presente, e não através do tempo, porque a experiência a organizar é a do presente a que foi convidado pelo cartão e clínico. E, de acordo com o que acabámos de referir por Chabert, o movimento temporal, a surgir está sujeito à forma como sujeito o simbolizou, geralmente através dos princípios edipianos.

Tal como referido e sentimos necessidade de reforçar, tal como na física, a quadridimensionalidade tem de ser procurada pela espacialização do tempo e assim enquadramos, tal como já explicado, no sujeito histórico, o sujeito que procura encontrar os seus limites e a sua mortalidade, sobreviver à mortalidade mergulhando no inconsciente e dando-lhe uma envolvimento consciente, cuja maior ou menor inscrição na tridimensionalidade, determinará o seu melhor ou pior sucesso. Aqui parece-nos que é um problema do tempo presente ou tempo sequencial. Sabemos que a solução para o problema do tempo é o símbolo. Postulamos aqui a origem edipiana dos processos simbólicos, reorganizada com os anteriores processos de elaboração da frustração (possíveis graças aos ainda mais anteriores sentimentos de continuidade e contiguidade). Referimos também que a partir do Édipo o sujeito tem de se manter ligado representacionalmente com a figura parental de competição, com o tempo, aquele que na infância é o “culpado” da não realização edipiana. Referimos que na adolescência o projecto é tornado possível e, porque se tem de manter

impossível, obriga o sujeito a virar-se para fora e ampliar o nível de abstracção e simbolização dos processos mentais. E vai ser retomado o tempo, assim que se conseguir lidar com a urgência (presente imediato) da satisfação instintual fortíssima que dá uma vivência de tempo difuso (puberdade). Após tudo isto o sujeito pode realizar a adaptação psicotemporal e ter na sua mente a ideia de sequência entre passado, presente e futuro e assim pensar-se a si próprio e ao mundo que o rodeia. Esta competência é um poderoso instrumento para a elaboração da frustração. Um sujeito que sofreu uma perda amorosa sabe assim que vai passar, mesmo que não deixe de a sofrer durante uma determinada duração, isto é, durante um dado período de tempo, cuja duração o próprio sujeito vai inscrever à partida quando confrontado com acontecimentos dolorosos. Sabe que pode aceitar a morte do outro, com o devido tempo, porque a sua mente está apta a lidar com a ausência e solidão. Mais, até precisa da solidão (capacidade de estar só) para se encontrar num espaço recriador e não para fugir do outro ou da estimulação exterior. Mas tudo isto pertence ao mundo tridimensional. Iremos procurar em seguida a diferença.

Por exemplo, Martine (Chabert, 2000) temporaliza a resposta e se submete ao reenvio para o passado: mas esta é uma interpretação nossa: na realidade sabemos-lo graças ao enquadramento teórico psicanalítico: ela “não vendo” está a reforçar – no presente, o processo de recalçamento. Quando ela evoca o futuro, é o da impossibilidade “quer alcançar mas não alcança”, há sempre uma “divisão”, um lugar que separa (coerente entre mente e imagem) e que não permite a união do projecto edipiano. Martine parece estar sempre a deparar-se com a impossibilidade (o pai dela tinha morrido à pouco), mas inclui as respostas no tempo, naturalmente com um futuro muito difícil para ela. Mas esta resposta, o “alcançar qualquer coisa” não é submetida a uma verdadeira tridimensionalização da experiência porque a divisão; o alcançar algo, não se baseiam totalmente num elemento espacialmente e simbolicamente referido. Martine precisa de evidenciar a relação entre desejo e sua não realização, relação esta que está a sofrer rearranjos e ainda não foi devidamente tridimensionalizada e simbolizada. Contudo, grande parte dos cenários ou resposta-conceito-símbolo evocados no seu protocolo, como se pode ver em Chabert (2000) incluem a capacidade de um verdadeiro processo de simbolização. É o lugar que lhe é problemático que tem de ser inscrito no tempo sequencial.

Frédéric (Chabert, 2000) hesita, como já referido, entre o prazer da luta competitiva e o ganho do troféu (a realização do desejo) que ele consegue referir muito bem no cartão IX: “Mais uma vez, duas personagens com boné, costas com costas, cabeça a mancha verde, boné constituído pela mancha laranja, o corpo a mancha rosa: nariz, olho // Pode-se igualmente ver uma flor, constituída pelo conjunto, não sei exactamente qual”; ou por se confrontar com a sua impossibilidade, representada discretamente através do movimento relacional “costas com costas”, principalmente, e que só surge de modo mais directo (mesmo assim sublimado) nos cartões IV e VI (cartões de essência masculina, fálica, no contexto de passividade-poder, respectivamente): “uma pele de animal que foi curtida”. Frédéric, teve longa hospitalização pelas suas condutas obsessivas muito invalidantes, segundo Chabert (2000). No seu protocolo salienta-se a sua excitação ao encontrar sempre lutas e a vitória, mais ou menos remetidas ao passado (duendes ou personagens imaginárias com cauda, que a partir do cartão VIII obtêm a vitória – flor, ). O que parece falhar em Frédéric é a capacidade de remeter para um passado, e assim libertar a carga emocional do presente, que tem de ser restrição. No entanto, a correspondência espacial entre dentro e fora é grande, dinâmica e de boa qualidade. Frédéric representa relações entre pessoas e não investe pessoas apenas. Além disso, a restrição que falha é a nível do conteúdo, também apenas esta. Frédéric parece viver num presente a vitória do projecto edipiano. Vê-se contudo demasiado a si próprio e não há aspectos que se salientam quadridimensionais directamente.

Sabemos também que a intersubjectividade, mais do que estar presente na constituição da mente (bebé-mãe) pode ser também tratada como um modo de estar na vida, que implica a bi-lógica de Matte-blanco. Processos regressivos e progressivos podem coexistir através do sentido, porque é do sentido da comunicação que se trata. Assim podemos conceber a hipótese do mundo quadridimensional como mundo metafórico, que se realiza através da procura não tridimensionalizada de encontrar um sistema de relações no real, que possa reflectir sentimentos não realizáveis de outro modo. Este é um modo que tem um suporte, uma formatação física, mas não tridimensional e por isso, dificilmente comunicável.

O mundo da metáfora, é um mundo que tem interiores dentro do seu interior, em que um elemento coexiste em várias classes (que conjuga os elementos através da relação) que vários elementos ocupam o mesmo espaço, mas separados no tempo (e

portanto transformados), e que, tal como o objecto hiper-cubo só nos é acessível unitariamente em movimento. É o sentido que os une. Será um modo de funcionar muito psicanalítico obrigatoriamente, um modo que fala do sistema de relações constante em metáfora: tal como Bion refere, que a interpretação tem de conter várias dimensões (sensorial, mítica e paixão; a primeira seria assim que permitiria que a interpretação fosse *manifestável* externamente, a segunda seria assim incluir o sistema de relação encontrado pelo analista do analisando e a última manter a qualidade de inconsciente, na ligação entre analisando e analista).

Tem de ser metafórica. Ora para Matte-blanco, biologia, neurofisiologia, etc., a mente vê a duas e interpreta a três. Então aqui será o lugar da imaginação, não só porque apenas com a imaginação é acessível a quarta dimensão, mas também porque a imaginação reflecte alguma assimetria da fantasia inconsciente, uma espécie de base sensorial para coisas de outro modo não representáveis pelo menos no momento da experiência. Mas a metáfora tem que ter uma correlação entre a relação evidenciada no espaço físico e relação mental que procura manifestação. Tem de conter de algum modo um processo de assimetria, um modo em que se confere uma lógica aristotélica a fantasias e emoções inconscientes, oriundas de outra lógica. A comunicação não pode deixar de reflectir a integração em boa correspondência com o real de inconsciente e consciente, mas tem de poder ser comunicada e portanto, garantir uma boa correspondência, entre resposta e movimento relacional evocado.

Em José (60 anos) encontramos respostas em constante movimento para trás e para a frente, revelando um sujeito completamente implicado nas respostas, dotando-as de expressão afectiva e ambiguidade, mas não deixa de ser um sujeito que atravessa na vida algumas dificuldades, no momento em que o método foi aplicado. No Cartão VII: “(riso) Duas fofoqueiras. Fins do século XIX”. Há um distanciamento temporal, de uma representação muito viva e carregada de afectos ambivalentes. Mas não é suficientemente virtual, isto é, está tão viva – tão submergida nas confusões dos afectos, que o sujeito procura torná-las um objecto tridimensional concreto em seguida: “Duas asas iguais mas em posição simétrica, de canecas, canecas de porcelana. Mas são nitidamente duas fofoqueiras, duas vizinhas, com 60 e tal anos”. O sujeito realizou o esforço mas a representação não foi suficiente para desencadear os movimentos internos da sua representação, que

deveriam remeter esta expressão tão viva, ao passado do desejo, e configurar o presente da restrição. Ele bem se esforça para retirar a emocionalidade múltipla contida nas fofoqueiras, mas é difícil para ele que elas sejam simbolizadas, representadas de forma límpida, circunscrita e simbólica. A resposta tem contudo uma correspondência com o real (conteúdo manifesto e latente). Continua a tentar encontrar uma resposta que inclua vitalidade e dinamismo, mas com distância dos afectos solicitados, certamente contraditórios: “Se quiser forçar muito podem ser duas sevilhanas. Mas já é força de muito imaginar. Mas as duas fofoqueiras não me saem: ‘Mas aquela anda com aquele!’”. Este esforço é (relativamente) mal sucedido, na medida em que a resposta que se segue evoca a base, como ponto de união, contiguidade procurada mas logo a seguir associada à união sexual e o sujeito restringe o presente desta imagem denegando a sua importância: “Mas a parte de baixo não interessa, são um suporte, uma base”.

No inquérito o sujeito vai fazer incidir a sua resposta primeiro nas fofoqueiras, cuja representação no presente, cheia de vivacidade, vai desencadear os mesmos processos transformativos: e ele inclui novamente um diálogo: “Já leste a nova gente?!”. Assim, segue-se as “bonecas de porcelana”, acentuação da representação tridimensional e distante do sujeito, e que permite integrar a base, transformando numa escultura, isto é, eliminando a parte sexual. Mas a base continua a ser de difícil tridimensionalização no tempo presente. Logo a seguir vê máscaras (1.terço), que já tinha referido no cartão 1 como escondendo uma cara, provavelmente escondendo uma parte de si com desejo sexual. E seguem-se novas respostas que evidenciam a necessidade de restrição no presente e reenvio para o passado, para o primitivo: “meio homem/meio animal” (2º.terço), “Mais animal que Homem”, condenado a ser castrado pois também o vê com “cabeça decapitada de um bicho estranho que podia ser um homem”. Continua: “Homem elefante na primeira fase de evolução. Um ser naturalmente feio”, e assim remete para o passado infantil e refere no fim que “estragou a graça que tinham as fofoqueiras. Até descobrir esta parte”. Foi com sofrimento que as “fofoqueiras foram estragadas”, mas tinham de o ser, porque não conseguiam ser restringidas numa verdadeira representação. Apesar do cartão ser feminino-materno, ele evoca no sujeito várias relações contidas no significado da expressão “fofoqueiras”. Uma delas é o projecto edipiano, pelo excesso de estimulação que a componente da imagem de ligação lhe

propõe a ele, no presente, pela homossexualidade latente, pelo lugar mais perverso (voyeurista) que contem. Pelo conteúdo segue para o passado, tratado como ser primitivo, mas não liberta o sujeito, pelo que ele não consegue virar-se para o futuro da satisfação. Talvez pela sua idade, talvez simplesmente pelo Édipo muito forte e portanto de difícil aceitação, o futuro parece de mais difícil representação que o passado. E o sujeito aqui sofre por evocar em si um passado com fantasias impossíveis. Alternando entre respostas que estamos a postular como quadridimensionais e as tridimensionais, aquelas que securizam de facto o sujeito, porque mantêm a noção de representação bem delimitada, o sujeito realizou um grande esforço de representar, com as fofoqueiras uma espécie de hipercubo: as fofoqueiras são duas pessoas diferentes, mas do mesmo sexo, que conferem na relação com o materno uma componente que transforma ligação em sexualidade, unidas pelo prazer *voyeur* de penetrar no mundo sexual dos outros, outros estes de quem está a ser contada uma história. Além disso, o mundo sexual dos outros “invadido” pela curiosidade é também o dele próprio, e certamente inclui aqui a relação estabelecida com a psicóloga, em que, inconscientemente saber dele, é saber da sua sexualidade. Mas ainda há mais relações, porque as fofoqueiras contêm em si mesmas aspectos ambivalentes porque criticam o que desejam, e assim elas próprias restringem o seu presente, procuram o prazer através do outro que pode, e criticam-no. Estamos aqui a falar de relações complexas dentro de objectos que representam relações complexas. “Gostar” tanto de “fofoqueiras” só pode ser entender as contradições entre consciente e inconsciente. Há ainda a referir que José estava a ser muito criticado na altura pela sua vivência sexual, pelo que encontramos uma fantasia pessoal no cartão, uma fantasia extrema ou melhor demasiado pessoal no cartão, e assim dificultar uma boa tridimensionalização da experiência pelo excesso de identificação entre sujeito e objecto encontrado. Mas as “fofoqueiras”, que não servem de metáfora social e convencional, servem porém de metáfora para as várias relações que elas contêm em dentro de si mesmas. Um mergulho no inconsciente, na experiência emocional que é dificilmente representada (tridimensionalizada, principalmente em relação com o conteúdo latente, o materno-feminino), mas que possibilita o confronto com a restrição do presente, a castração, se bem que com esforço e dificuldade.

Por outro lado, e numa das muitas respostas, a dada altura procura encontrar um plano de observação comum, uma regularidade e padrão, quando o estímulo muda pela introdução da cor (VIII) e conseqüentemente da socialização (afecto): “Portanto é um desenho com 4 elementos. Se quisermos olhar para isto como um desenho construído, mas também podia não passar de uma mera obra do acaso. //O que mais salta à vista são os ratos, um de cada lado como primeira impressão. //O que é curioso nestas manchas é que podem haver 3 planos de observação. Uma de unidade que está representada para além da simetria, outro plano é a simetria. O terceiro plano é o conjunto. A realidade é muito complexa. Os erros que nós cometemos a olhar só para o conjunto. No conjunto aqui não consigo definir nada, ou é um espelho”. Ele aqui revela um querer ver a quatro, mas quatro planos de visão são muito difíceis de explicar. José que vive prisioneiro do seu medo de errar (falhar), que ameaçam a sua “pureza” e por isso a evocação do espelho, um espelho em que há um duplo de si crítico, mas muito ligado ao narcisismo (não ao objectal) em todo o seu protocolo vê a mancha através da sua tripartição, do qual parece por vezes querer fugir. E é geralmente o que vê no meio que lhe causa incómodo (como quem se põe ou impõe no casal, como quem se quer integrar/separando), que evocam afectos erotizados. Por vezes tenta ver um plano a quatro, como quem vê a partir de vários lugares dentro de si ao mesmo tempo. Mas não consegue sustentar esta visão - a mente vê a duas e interpreta a três: o Rorschach é um instrumento bidimensional que é tridimensionalizado quando é submetido a uma interpretação do sujeito, a uma representação.

Os quatro planos estão representados no protocolo de Cândida, 25 anos. No primeiro cartão a sua resposta reparte o cartão em 4 partes, de modo a incluir 4 pessoas em relação de casal: “Pessoas a dançar. Dois rapazes e duas raparigas. Aqui mãos, aqui cabeça (Dd superior central). É tipo saltos apoiados nas raparigas. Estão a saltar. As raparigas estão encostadas uma à outra (parte central, a linha central divide as raparigas, que estão de perfil, viradas para os rapazes)”. Nesta resposta o esforço de repartição levanta a questão de impossibilidade de constituição de um mundo competitivo – o mundo a três. Ela preocupa-se em dar a cada rapariga um rapaz. Mas é de uma cena amorosa que se trata, simbolizado no movimento de saltar, que mesmo assim pode ser questionado, pois é extremamente infantil. O plano a quatro é construído por defesa, isto é, o amor é possível de representar simbolicamente, mas

é-lhe retirado o perigo. Contém intersubjectividade, e contém o sujeito histórico porque resolve o perigo do projecto edipiano: dá-se um outro homem à figura da competição. Mas tal como a correspondência espacial não está muito consolidada (não é uma forma clara e facilmente reconhecível), também a solução é impossível. No cartão III ela evoca também uma resposta de âmbito quadridimensional: “Parece duas pessoas a mexer num lago, rio, ribeira, lagoa (parte central inferior mais clara) e com arbustos (parte central inferior mais escura). Tudo a preto e branco. Sim. É obvio, um laço (vermelho central) e isto não consigo identificar. Isto são (vermelho superior) coisas.” A tripartição aqui é feita, mas o plano central, o plano que no Rorschach contém a ligação (neste caso sexual), é um plano em movimento sem delimitação, e mais simetrizado (rio=lagoa=ribeira). Assim, o lugar da união sexual é de difícil tridimensionalização, pelo perigo de perder a figura com quem (inconscientemente) compete (as águas do espaço da origem). A partir do cartão IV, onde a evocação de um “monstro” é extraordinariamente angustiante, o protocolo apenas encontra uma leve manifestação da experiência, salientando muito mais a angústia aí desencadeada, do que os resultados da sua transformação. Não ver é também recalcar, esquecer, por no passado distante da infância.

No protocolo que iremos estudar, encontramos uma resposta que aqui adiantamos, que reflecte um movimento quadridimensional da mente, feito por Sónia (26 anos), no cartão VIII: “Isto assim transmite-me um animal. Um tigre ou um urso. Só estas duas figuras”. // “Isto (central) transmite-me uma ligação de qualquer coisa ou várias coisas porque os tons são diferentes ou então é qualquer coisa que muda de conteúdo, muda de cor. Pode ser os passos por onde este animal vai passando, que vai mudando de cor. Um terreno é o que me transmite”. Sónia é sensível à cor, e num protocolo com muitos movimentos progredientes e regredientes, cheio de simbolismo sexual transparente (no cartão II cru e associado a uma violação), com uma procura de integrar os elementos, reflecte neste cartão uma imagem não tridimensionalizada, confusa, mas parece falar de um objecto quadridimensional, tridimensional com inclusão de tempo. Ela vê uma coisa que muda de conteúdo, no mesmo local, efeito de um animal que passa, isto é, a passagem do tempo. É difícil não considerar aqui um lugar confuso, mobilizado pelo afecto, pela ligação, pelo tempo, mas não tridimensionalizado de modo suficiente.

Vasco, de 62 anos, evoca no primeiro cartão uma representação tripartida e em movimento, após uma representação unitária e com má correspondência mente-realidade ou, no enquadramento psicanalítico do Rorschach um jogo entre percepção-projecção: “Um cisne (INQ: por causa das asas)”, evoca “Uma bailarina com plumas. Assim uma senhora dançante com umas asas.” (INQ: lembrei-me do ballet do lago dos cisnes). A procura de uma representação de si estável e evocando a beleza e juventude (talvez), procura a satisfação de uma fantasia e assim, evoca uma mulher, em movimento, em dança. Apesar do movimento implícito, não há passagem entre objectos, entre tempos. O tempo é o do presente da satisfação. Uma satisfação que subentende movimento e tridimensionalização da experiência, mas não a restrição do presente, nem a implicação pessoal, na procura de resolução do problema que se detecta por trás da bailarina. O sujeito parece querer imobilizar o tempo e assim perder-se da noção da sua passagem. Sabemos que é um sujeito com uma doença crónica. Não é uma resposta que reflecta a quadridimensionalidade.

Assim, afirmamos acerca da existência de uma quarta-dimensão no modo de organizar a mente espaço-temporal, através da inclusão do tempo pelo dinamismo da passagem, com inclusão de afectos, com implicação do sujeito (mentalização), com respostas-metáfora, que integram completamente dois modos de funcionar: inconsciente e consciente, mas implicando de modo excessivo o inconsciente. Tudo isto causado pela impossibilidade de encontrar um modo de representação de si simbólico, suficientemente assimetrizado. Pressupomos, que a resposta narrativa, que inclui em si mesma diferentes momentos temporais, que reflectem um jogo consciente-inconsciente; a resposta metafórica, histórica é aquela que poderá “manifestar” as características presentes nesta dimensão da mente, que estamos aqui a pressupor. Mas que sabemos que existem naturalmente na terceira dimensão do modo de organizar espaço-temporalmente a experiência emocional com o mundo que o rodeia. Como se os sujeitos necessitassem de realizar um mergulho no oceano simétrico, de o assimetrizar um pouco de modo a conseguir sustentar uma representação que no momento da experiência é muito intensa. Mas não uma verdadeira resposta conceito-imagem-símbolo, tal como referido por Marques (1999).

## 8. CASO RORSCHACH

O protocolo que iremos apresentar será o de um adulto, mulher, com 26 anos de idade. Foi aplicado num contexto de grande sofrimento; a sua queixa é de uma grande angústia que só consegue referir de forma difusa, evocando uma violação (anal) por alguém que também não se percebe bem se é namorado. Tendo o 12º. ano de escolaridade, e trabalhado como administrativa, no momento está incapaz de fazer alguma coisa e é neste contexto que procura ajuda. Queixa-se que os outros não entendem ou não acreditam nela. Sente muita falta da sua mãe e pede para que venha ter com ela (a mãe estava no estrangeiro e tem origem africana). O clima emocional é de angústia, indefinição e de procura de compreensão e cumplicidade para com a sua queixa, num contexto de relação entre mulheres.

No *cartão I*, Sónia começa por salientar o tempo – “de repente” e volta a salientá-lo mais tarde: “de momento”. Pré-anuncia-se portanto outros “momentos” associativos subsequentes possíveis, mas não revelados. Houve necessidade de circunscrever no tempo presente. Mas a resposta tridimensionalizada, socializada, simbolizada, global e banal – “morcego” - não parece ser suficiente. Sónia precisa de comunicar mais, a razão porque vê – de momento – um morcego. Essa razão precisa de ser manifestada. O que faz através do reforço de uma correspondência espacial-mental culturalmente representativa: escuro=morcego. Aqui há necessidade de evidenciar uma relação, a relação entre morcego, escuro, noite e invisível. Logo em seguida surge um tema seu, próprio, quase omnipresente nas suas queixas verbais que antes da aplicação procuraram a cumplicidade da clínica e, ainda salientando a sua circunscrição temporal em termos de duração (no momento): o tema do sadismo, repetido verbalmente: “sadismo, sadismo”. O sadismo, o prazer com o sofrimento do outro, é assim revelado como pertencente a um conjunto ou uma classe onde escuro, provavelmente escondido, perversão, sofrimento e prazer pelo sofrimento, estão incluídos. Isto causa-lhe horror, um equivalente de choque. E esse horror tem de ser

reforçado pela verbalização, como única forma de ser manifestado, e assim só ligeiramente libertado. Ligeiramente porque não foi limitado numa representação simbólica. A temática do escondido, faz detectar emoções inconscientes contraditórias, e que não podem ser submetidas à representação. Ou, de outro modo, revela a existência de uma experiência emocional muito massiva, que podemos exemplificar através do inquérito onde Sónia refere que “o morcego está automaticamente ligado ao escuro”, que não consegue ser devidamente representada e com isso limitada espaço-temporalmente. O esforço de manter num presente de curta duração, revela um movimento de restrição do tempo presente. Este contudo manifesta-se insuficiente, para subentender a tripartição temporal contida na representação. Além disso, evidenciam-se os mecanismos da substituição da realidade física pela realidade psíquica, mas a nível da interpretação do sujeito e não do modo de apreensão. O sujeito faz incidir numa experiência emocional, desencadeada pela sensorialidade disfórica do cartão, uma interpretação que nada tem a ver com o estímulo em si mesmo.

Isto acontece porque o morcego inicial, figura do âmbito representativo, não conseguiu impor-se à experiência emocional que mobilizou o mergulho regressivo, a entrada na simetria. A resposta parte de uma tridimensionalização e externo é substituído pelo interno, apenas a nível da interpretação, ou seja, da fantasia inconsciente, com uma quase unidimensionalização da experiência emocional: a mancha é o sujeito. Apesar da violência do tema, o continente que presidiu à resposta não é destruído e além disso, uma coerência mantém-se a nível externo (e não interno), na associação entre escuro, sadismo, perversão, as partes escondidas da mente. A coerência interna, isto é, a fantasia inconsciente projectada na mancha não é baseada na realidade espacial do estímulo, pelo que a sua resposta não contém a devida correlação espacial entre inconsciente e significado atribuído. O reforço da restrição temporal (de momento, de repente), a noção de ser uma ideia que é transmitida, comunicada, e o revelar da associação entre morcego e escuro, também impedem que a resposta seja sustentada na unidimensionalidade.

Esta resposta reflecte uma frágil tridimensionalização da experiência que apela mais a um sistema de relação cujo objecto construído não pode ser delimitado, circunscrito, contido nem submetido ao tempo; e só a sua associação pode ser verbalizada (e não representada).

Na resposta unidimensional não há a possibilidade de representar relações, e, pelo seu carácter destrutivo ou maléfico leva à destruição do continente da significação. Este não é o caso. Esta é assim uma resposta que subentende uma experiência mais de âmbito quadridimensional, onde o inconsciente procura ser submetido a uma tridimensionalização mas não consegue.

Em termos do cartão em si, este é o primeiro a ser apresentado. Permite considerar não apenas a forma como o sujeito investe numa tarefa desconhecida, mas também apela a um feminino ou imago materna. A sua potencialidade tripartida, na sua estrutura espacial, nem sempre é considerada. Mas a sua tonalidade disfórica (o escuro) mobiliza com alguma frequência verbalizações de sensibilidade emocional. Quando isto acontece, as pessoas submetem ao recalçamento ou sustentam pela verbalização afectiva ou ainda apenas na representação. Sónia não parece conseguir fazê-lo devidamente (perde uma clara e circunscrita representação), mas é esta a tonalidade disfórica que sente e é a partir do escuro do sexual que as suas defesas são constituídas, embora não de um modo que reflecta as operações da transformação em símbolo.

No cartão seguinte, *cartão II*, surge uma óptima oportunidade de tridimensionalizar essa experiência muito vivencial: a introdução do vermelho que remete para um pulsional em contexto de relação (imagem frequentemente tomada bilateralmente) e de carga emocional ambivalente: amor e agressividade. Mas aquilo que acontece com Sónia não está submetido a uma verdadeira representação simbólica. Mais uma vez nos deparamos com a necessidade de procurar um plano unidimensional ou quadridimensional da experiência. O plano unidimensional seria encontrado na angústia implícita num conteúdo extraordinariamente violento – o tema da “violação”, no facto de substituir a realidade externa pela interna: “relacionado com o meu órgão sexual”, e uma vivência emocional muito intensa. A resposta “o meu órgão sexual que sangra, ferido, que sofre, pela violação”, revela uma ideia que lhe invade a mente de emoções dificilmente representáveis.

Contudo a circunscrição temporal inicial “de repente”, as precauções verbais, e a acentuação do plano fantasmático “estar relacionado” e ainda a correlação entre conteúdo latente e a resposta, desta vez revelando mais coerência interna do que externa (porque o conteúdo latente está completamente relacionada a um problema pessoal, sem grande respeito pelo conteúdo manifesto do cartão, que apela a uma

relação num contexto sexual agressivo e/ou libidinal), apesar de não existir verdadeiramente coerência interna, porque a resposta não é sujeita a uma representação: é uma cena em directo, não há outra cena, não há dramatização nem evocação sublimada do conflito. Mas há uma contradição. Não conflito mas uma contradição, ideia que se explica em seguida:

Podemos seguir três caminhos na interpretação da resposta. Ou a resposta reflecte uma perda da diferenciação e delimitação a nível dos processos mentais, reflectindo a impossibilidade de conter as moções pulsionais (um âmbito mais psicótico de resposta, ou pelo menos muito regressivo), ou, podemos ver sob o ponto de vista do espaço (e tempo) a partir da consideração que Matte-Blanco faz do processo secundário, enquanto incapaz de lidar com a contradição e quando uma experiência emocional, cuja vivência intensa a isso obriga, rompe com o sistema consciente de funcionamento, o processo secundário. Esta contradição é revelada no inquérito: do pulsional de violação, agressividade, invasão, no final da resposta espontânea (inquérito), e realizando uma pequena restrição perceptiva (elimina os dois elementos vermelhos que compõem a figura acima), a interpretação passa a ser de “paixão”, “fogo” e “sangue”. O sangue da violação, sangue de corpo e sangue da paixão; é uma ideia que se manifesta demasiado contraditória sangue de corpo, remete para conjuntos de relações diferentes. Neste sentido poderíamos verificar que o vermelho-sangue suscita uma vivência pulsional intensa, demasiado intrincada para suster à sua representação simbólica devida. Poderíamos ainda referir que o sangue, elemento comum, é o elemento que não pode ser devidamente representado por uma relação comum com outros elementos do conjunto (submetidos à mesma relação), e que por isso se infiltra, e repete.

Podemos ainda interpretar constituindo um quadro mais simbólico. É que de facto, quando há muita restrição, isto é, quando a experiência do desejo é muito forte e é difícil tolerar a sua restrição, a violação pode ser a única forma aceitável de penetração, porque compreende o seu horror. Neste caso o mesmo espaço muda, no registo associativo, pelo tempo imposto da restrição. No inquérito confirma-se o problema; Sónia tem de continuar a procurar uma forma de representação de um sentimento contraditório, e faz impor a ideia de não autorização: “rabo ferido, uma penetração anal algo forçado”, mas fá-lo contudo no mesmo espaço. Em seguida, realizando uma restrição perceptiva (excluindo “estas duas imagens” – as de “algo

forçado”) e dessignificando partes da imagem (“o resto são manchas”) ela consegue finalmente manifestar (e não representar) o escondido: “paixão, fogo, portanto sangue, fogo, paixão”. Esta última associação de ideias, evidenciada quase no mesmo espaço, não permite uma boa inclusão do tempo tripartido, embora o tempo esteja implícito na ideia dolorosa da castração, que ainda não consegue uma “boa” sublimação. Aliás parece estar dotada de uma qualidade quase “mortífera” dos processo de elaboração mental: “castração=morte da alma representadora”.

Mas Sónia em vez de destruir o continente que preside à resposta violenta, ela recorre a outros modos de funcionar, confusos e complexos, como se mais do que sentir algo de modo mais pensado, ela procurasse perceber o que é algo, e este algo implica uma dualidade de opostos: penetração entre homem-mulher, passivo-activo, paixão-castração. Há contudo um esforço de separar ideias contraditórias na mente, mas fá-lo através do espaço e pouco através do tempo. A resposta reflecte uma vivência emocional muito forte; que não é destrutiva, nem submetida a uma representação (a uma elaboração), é simplesmente manifestada através descrição da associação dos elementos: vermelho, ferida, menstruação, órgão sexual, violação, relação anal forçada, rabo ferido, é um conjunto de elementos e o outro contrário: vermelho, paixão, fogo, sangue. Há o esforço da mente em separá-los, através de uma operação espacial de restrição (retirar os vermelhos superiores, que nada têm a ver com a alteração do significado que confere). O registo associativo, apesar do seu carácter simbólico não é aqui utilizado através de uma representação simbólica, mas de uma manifestação concreta. Não pudemos classificar esta como uma resposta unidimensional. A resposta reflecte mais um modo quadridimensional de organizar a experiência de espaço e tempo, mas que mesmo assim, não é claramente sustentada. A quadridimensionalidade é deduzida nas várias relações que estes elementos contem entre si e o esforço de os separar é uma tentativa de tridimensionalização falhada.

Em seguida, vem o *cartão III*, cartão que também facilita o mergulho naquela que já sabemos ser a sua terrível contradição interna, porque este cartão remete para uma bilateralidade onde a representação da relação humana é frequente, subentendida por um espaço geralmente separado no interior dos dois, isto é, um espaço que facilmente pode ser tripartido e estimular o cenário edipiano, numa relação entre dois humanos, onde foi “produzido” um terceiro. A existência de três

elementos vermelhos, com conotações pulsionais, também ambivalentes, também é frequente neste cartão.

Neste cartão, Sónia evoca uma relação, cuja ideia principal não são os “personagens” identificados, mas aquilo que eles estão a fazer. O âmbito heterossexual, ou homossexual, não é tão significativo como a sua actividade. Esta parece subentender uma relação de natureza super-egóica, mas dada através de um conteúdo muito místico e muito pouco agradável: duas pessoas a fazerem um feitiço, ou quem sabe a ‘tirar o diabo do corpo’, e assim a exigir o “sacrifício da carne”, que ela tenta sustentar num cenário único (no inquérito, de âmbito mais espontâneo), mas que está carregado de relações complexas e difusas, e que, além disso, obrigam ao castigo dada em cenário directo – o sacrifício da carne. Esta resposta, assim como a anterior parece tratar-se de um sonho.

Contudo, o estímulo é tripartido (neste caso os personagens laterais são os que fazem, e o centro é o lugar onde acontece), o cenário contém em si mesmo uma actividade que contempla passado, presente e futuro, mas de modo não explícito (integrado, porque sustenta uma actividade que se desenrola no tempo, como no âmbito tridimensional). Sabemo-lo, porque só se sacrifica quem “pecou” (no passado) e quando se espera um futuro mais “limpo”. Há total inclusão de uma fantasia e problema inconsciente, que procurou e encontrou uma representação, em correspondência espacial, mas numa interpretação forçada pela invasão da realidade física pela psíquica. Além disso, esta representação de relação reflecte um castigo terrível. O sacrifício quase associado a morte. Ou seja, há um excesso de implicação da experiência emocional, que revela um conjunto de fantasias associadas à castração ou impotência libinal muito fortes, pouco claras e pouco seguras. Assim, somos confrontados com uma representação de si em relação, tremendamente castigadora ou potencialmente anuladora (da mente que representa). Como se o outro só pudesse ser evocado num contexto de impotência do mundo pulsional muito intenso, porque é mal sustentado na representação, na ausência da *coisa*.

Contudo, o cartão é em si mesmo uma narrativa, uma metáfora dos rituais da castração, o que podemos dizer pela imaginação. A diferença entre este cartão e o anterior poderá ser devido à separação espacial dos elementos bilaterais, que dá “mais espaço à mente” para elaborar (ou pelo menos permitir a descentração no centro vermelho, e no “buraco” acima que a faz evocar um movimento de

penetração). Ou, de outra forma, facilita a centração tripartida do estímulo que apoia melhor a introdução do tempo (de uma cena, de uma narrativa).

Neste cartão, como há a evocação directa de uma fantasia inconsciente, sustentada a partir da relação, por mais perigosa que esta seja, ele subentende uma coerência interna e externa da experiência emocional, fundamentada num estímulo tripartido, que subentende uma actividade que decorre no tempo, mas logo perdida pelo excesso de violência. Mas esta temática tão violenta não leva, mais uma vez, a uma destruição do continente do pensamento onde foi significada pelo conteúdo-imagem. Dificilmente poderemos, apesar da potencialidade perigosa da relação, considerar um âmbito unidimensional ou bidimensional da espaço-temporalização. A tridimensionalização também não parece bem sustentada, uma vez que, conforme Chabert (2000) salienta nas neuroses, uma verdadeira representação da relação contém em si mesma uma expressão de relações sem dano, relações de natureza sexual transparente. Mais facilmente a poderíamos supor num modo quadridimensional, apesar de a podermos sustentar mentalmente num cenário tridimensional. É a gravidade do tema (o excesso de emoção que contém e de simetria com a sua fantasia inconsciente, que força a imagem) que impede que seja uma verdadeira tridimensionalização da experiência, ou seja, que impede que esta resposta seja uma representação simbólica da castração.

Com o cenário anteriormente evocado, o cartão da autoridade (*Cartão IV*), não permite o acesso a uma representação mental de si em relação com a autoridade, nem sequer a uma simples manifestação da experiência emocional inconsciente. Apenas e só o mesmo escuro, desta vez mais obscuro (de difícil entendimento) do que escuro (recalcamento). São vários formatos, vários tons, múltiplas coisas que são impossíveis de representar tridimensionalmente através de uma imagem-conceito-símbolo (marques, 1999). Neste cartão onde a castração sob a ordem da passividade é facilmente evocada, revela que Sónia tem muita dificuldade em representar-se a si mesma em relação com a impotência, passividade.

Podemos realizar aqui duas considerações teóricas; ou é simplesmente a impotência (quer seja, tempo da castração ou simplesmente tempo do *não*), perante a confrontação com a não satisfação, que não pode ser assegurada representativamente, ou é o tempo=castração que não pode ser evocado, neste movimento que o Rorschach obriga entre identificação e representação. A justificação da

impossibilidade da resposta que é dada no inquérito é pelos vários tons e vários formatos, ou seja, é a multiplicidade de coisas que este mergulho evocou internamente que não podem ser conjugados, integrados na sua dispersão, numa única representação. Mais uma vez se considera a possibilidade de existência de contradição: passividade-atividade; sexualidade activa ou passiva, querer ou não querer, de um modo excessivamente intrincado, que não permite a sua secundarização. Neste cartão, o sujeito reflecte que o mergulho no seu oceano simétrico é demasiado vasto para poder ser sustentado espaço-temporalmente.

Ainda embalada pela obscuridade mental, o cartão seguinte, da identidade e representação de si mesma, o *cartão V*, remete inicialmente para uma indefinição, algo que não consegue atribuir significado no início, mas fá-lo em seguida, com a resposta banal, tridimensional, socializada, simbolizada - morcego. Mas não o suficiente porque é preciso salientar o seu carácter animal como forma de afastar esta representação de si, da sua mente, da parte humana socializada e “bem comportada”. A razão para isto tanto pode ser de alívio por ser animal e não uma “feiticeira”, por exemplo; como pode ser de apreensão, na medida em que o animal é livre na sua vivência sexual. Mas pode ainda, ser de alívio por não encontrar nenhum elemento que lhe suscite a sexualidade, o lugar mais difícil de organizar espaço-temporalmente em Sónia. Não foi evocada nenhuma relação para se poder dizer.

Aqui Sónia não consegue movimento, nem no mesmo espaço, nem em alternância de espaços. A resposta deste cartão subentende uma tridimensionalização da experiência emocional. Um morcego, resposta banal. O cartão apela à representação de si, que deve ser unitária, íntegra e estável. Sónia manifesta que o consegue fazer, com esta resposta. Neste cartão, também são facilmente evocados as componentes perceptivas da imagem que reflectem invasão agressiva, de âmbito mais obsessivo – fálico – ou de âmbito mais agressivo “elementos cortantes”. A sua não evocação acentua que Sónia não recorre, pelo menos até aqui a uma bidimensionalização da experiência, pelo menos de modo claro e evidente.

Até aqui encontramos lugares que procuram a tridimensionalização, mas que parecem ser mal sustentados e remetem ou para uma experiência mais unidimensional ou, segundo pensamos mais quadridimensional. A diferenciação entre ambas os modos dimensionais necessitará de uma explicação mais fundamentada. Este mantém-se na tridimensionalidade, mas é solidamente apoiado

na vertente real das características espaciais e sensórias (unitário e muito denso na cor constante – negro).

No cartão seguinte (*Cartão VI*), e sob queixa verbalizada, volta o assunto perigoso, mas que parece que, embora contenha origem num conflito com a sexualidade, ele é referido directamente: uma cena sexual “penetração em algo”, sem sublimação “penetração de um órgão no outro”, e só acessível a partir do imaginário, isto é, a partir do que se passa quando um homem e mulher, quando se unem num coito e concebem um bebé (“interior de algo que se expande”). Só que esta resposta, como ela própria verbaliza é “algo interno”, mas vista por alguém que pode ver dentro e fora do corpo – lugar confuso, lugar acessível apenas pela imaginação, impregnado, saturado de fantasia inconsciente. A única expressão afectiva que tem é inicialmente: “Ai meu deus que figuras! Sil. Esta parece difícil. Parece-me de repente, faz-me lembrar uma penetração em algo. Poderá ser a penetração de um órgão no outro. Agora, poderá ser um animal, independentemente de um homem ou mulher, poder ser um bicho qualquer. Parece ser mais interior de algo, que depois se expande”.

Esta é uma resposta só reconhecida pelo imaginário, mas em suficiente (suficiente e não boa) correlação com o espaço se incluirmos o tempo como lugar que modifica os lugares espaciais evocados no conteúdo e também podemos incluir uma sexualidade activa e passiva desencadeada pelo conteúdo latente. Mas tudo isto graças a um grande esforço nosso de tridimensionalização e não dela: é por isso uma resposta quadridimensional, no sentido em que as postulámos. Há movimento de entrada de um conteúdo poderíamos dizer, há um efeito no continente feminino que o recebe, que se expande, pela concepção criada, que é aqui quase tornada equivalente a uma gravidez, conseqüente, no futuro. A passagem do tempo está incluída na ideia de penetração com um resultado final.

Contudo, esta resposta revela que Sónia está saturada (excesso de percepção) de sexualidade, que é vivenciada na sua mente de modo muito perceptivo, e pouco submetido ao pensamento, embora ela procure uma concepção, procura uma concepção da pré-concepção do coito, da cena primitiva ou do casal parental (tal como Bion entende o Édipo). Ora a pré-concepção parental reflecte um lugar que permite unir e integrar diferentes, sob a fórmula continente-conteúdo, mas nunca será representável simbolicamente, tal como não o é a morte. Querer saber deste lugar é

querer o impossível; não há olhos para ver, não se pode ser o masculino e o feminino ao mesmo tempo. Só pela imaginação que implica tridimensionalização, representação. Mas pode revelar mais, pode revelar que a cena primitiva, a origem, a sua origem é um lugar de excessiva importância, um lugar que ainda procura uma concepção (realização positiva) e não uma realização negativa, um lugar primitivo e fundante do mundo humano. É que Sónia parece aqui procurar ser o homem e a mulher ao mesmo tempo, ter *falo* e ter a potencialidade de gerar, ser activa e passiva, penetrar e ser penetrada. Há uma história mítica, contado por Amaral Dias (2001) a propósito do Édipo, sobre Tiresias: este Sábio é aquele que viu uma cobra copular (têm os dois sexos) e foi castigado com a cegueira, porque viu o que não era permitido ver, soube o que não era permitido pelos deuses saber. Na interpretação do autor, ele sabe “como é que goza o homem e a mulher”.

O esforço que realiza para localizar nos animais, aqueles que podem realizar o coito em liberdade, falhada através de um lapso (animal independentemente de um homem ou uma mulher) elucidá-nos contudo que o que ela vê é o lugar onde o masculino e feminino se juntam, se completam e reproduzem. A resposta é muito quadridimensional, pouco sustentada por uma densidade simbólica, que seria aqui conseguida por uma melhor sublimação (tridimensionalização) da experiência emocional. As únicas restrições foram realizadas a nível da expressão verbal e a de remeter para o mundo dos animais, daqueles que são primitivos.

Mais uma vez salientamos que este cenário de cena primitiva ou de relação sexual, não desencadeia a destrutividade perante a evocação de um cenário tão originário. Isto é, numa vivência unidimensional, acarretaria sempre uma perda de continente, ou um conteúdo destruído, fragmentado, sem vida ou mortífero. Mais uma vez também salientamos uma vivência simbólica da sexualidade de modo primitivo, isto é mítico, em acção.

Neste cartão (*cartão VII*) Sónia não consegue aceder a uma resposta tridimensional, nem a uma representação de relação com o materno, sem evocar dentro de si a necessidade de apoio, sustentação. A resposta reflecte uma organização psicotemporal da experiência bidimensional. Talvez pela evocação exclusiva do feminino, ou seja, não integração de movimentos opostos, nem integração de masculino-feminino, nem actividade-passividade, talvez pela evocação do espaço vazio aberto, que medeia os dois personagens que apelam à relação materna, Sónia

não consegue ter uma verdadeira representação de si em relação com o materno feminino, num contexto de tão grande afastamento (separação). Pelo facto de os dois animais não estarem em relação entre si, pelo facto da preocupação ser a possibilidade de uma existência sem sustentação, a qualidade do suporte, remetida a um outro espaço – a base e ponto de ligação da imagem no contexto manifesta, esta é uma resposta de âmbito bidimensional.

Confere ainda um carácter bidimensional na organização espaço-temporal, o facto de Sónia se centrar nos lugares de contiguidade relacional acessíveis de modo perceptivo e não inclui outro tempo que não o presente duradouro do medo, do abandono. E ainda porque não há uma verdadeira relação representada, há uma necessidade, a de apoio, de segurança, manifestada directamente, sujeito e objecto são investidos da mesma experiência emocional, mas é o objecto que contém a experiência e a sua discriminação - estamos no âmbito bidimensional. A perda da qualidade de elaboração continua, e Sónia dá uma resposta em que a experiência podia ser organizada unidimensionalmente: “Parece-me uma cabeça, sei lá, poderá ser um coelho. Parecem-me dois animais. Agora aqui (3ºterço) não sei o que poderá ser. Eles não podem estar aqui sem nada para os segurar. Pedra de certeza que não é, coitados, se não já estavam a cair”. Apesar da expressão “coitados” revelar uma empatia (e não confusão entre sujeito e objecto), esta resposta está saturada da certeza, da realização positiva, de uma contiguidade espacial que nega o tempo, através de um elemento arbitrário e dado em simetria: a pedra é que seria aquilo que provocaria a queda, mas Sónia precisava a todo o custo dar uma manifestação para a queda. A queda é no abismo do caos, patente na relação com o materno, o abandono é pela impossibilidade de se confrontar a realidade da separação. Sónia salienta o aspecto continente, e não de conteúdo, e a representação de uma necessidade no inquérito: “tentarem equilibrar-se nalguma coisa”.

Neste cartão reflecte-se uma falha de continência na relação com o materno, um continente inseguro. Ela procura a sustentação, pois a representação mental de uma relação com o materno continente não está aqui suficientemente interiorizada. Contudo, no que diz respeito à experiência bidimensional do espaço e tempo, as palavras “parecem-me”, “coitados” e a “queda” e o abandono detectado, conferem contudo alguma integração de si, alguma coerência interna, alguma mentalização da experiência, não muito frequente, como verificámos em protocolos que reflectiam o

modo de organização bidimensional. Temos ainda de salientar que a evocação do cenário anterior, obrigaria certamente a um movimento regressivo. A cena primitiva, ou a concepção da relação sexual dada de um modo directo, só poderia obrigar a mente a ter de mobilizar um movimento regressivo, neste caso foi a perda da procura da tridimensionalização (que já de si tem sido tão mal sucedida e substituída por um modo quadridimensional), pelo facto de lhe ser difícil fazer conter uma experiência tão intensa no mundo tridimensional.

Vimos que o esforço é o de se organizar através daquilo que concebemos anteriormente como quarta-dimensão, onde se procuram os sentidos integrados e que incluem a contradição de vários sistemas de relação diferenciados. Poderá até ter partido de um cenário anterior que seria necessariamente submetido a uma castração, que Sónia já revelou antes ser difícil de representar. E assim, o confronto com o feminino pelo potencial mortífero da manifestação do desejo ou de competição, induzir terrivelmente a uma perda da capacidade de evocar objectos em relação, pelo sentimento de abandono, e assim o crime levaria ao abandono e solidão, mas sobretudo à carência (de interiorização de uma figura materna continente firme e sólida). Mas na realidade o que se trata é de um movimento regressivo que arrasta a perda do continente de organizar a experiência emocional. É sobretudo formal e portanto a nível do continente e não do conteúdo. Aqui também se encontra a grande dificuldade de tridimensionalizar, isto é, representar.

No *cartão VIII*, Sónia encontra de modo quadridimensional uma representação, também ela muito pouco apoiada na tridimensionalidade, embora a resposta contemple o estímulo tripartidamente. Aqui o problema é o centro, o lugar entre os animais, estes sim, claramente tridimensionalizados. Sónia triparte a imagem, e subentende no meio não uma relação, mas um caminho. O caminho de dois animais, e assim inscreve a resposta temporalmente, aliás para entender esta resposta somos obrigados a inscrevê-la no tempo, tal como no Cartão VI.

Este cartão (cartão VIII) convida ao afecto em contexto de socialização (que curiosamente foi realizado por alguém de fora, pela interrupção a pedido, para entregar algo essencial à consulta médica que sucederia), convida assim a uma saída do seu problema pela ligação e afecto. Mas a saída não é encontrada no mundo externo, mas é procurada mais uma vez nas suas fantasias internas, que se impõem, também mais uma vez à realidade do cartão.

Talvez porque a procura de contiguidade sob o tema do abandono do cartão anterior ainda precise ser manifestada, ainda procure um modo de representação, e essa vai ser procurado no espaço entre animais, através da sua inter-relação inscrita no tempo. E desta forma Sónia sai do oceano muito simétrico onde entrou, porque, sem que a resposta reflecta uma organização tridimensional da experiência (não é claramente delimitada, pelo contrário é inter-mutante), é apesar disso facilmente acessível mentalmente, pelo que revela uma metáfora, uma metáfora de passagem: um caminho, uma passagem. O problema é que o solo por onde estes animais caminham não fixo, não é estável e surge pela própria passagem, evidenciado algo que esteve presente em todas as respostas anteriores – um continente instável e mutante do pensamento, que surge e termina assim que é evocado – tocado pelos animais, e logo se torna outro.

Porém, a metáfora procurada não consegue realizar a sua verdadeira função: partir de relações com expressão física no real concreto e consensual e submetido às convenções sociais, para produzir uma relações entre sentimentos que de outra forma não poderiam ser manifestados. É que um caminho entre dois seres compreende tudo (simetria) e por isso não explica nada (assimetria). Assim esta é uma resposta que podemos inscrever no âmbito quadridimensional. O foco é na relação entre dois elementos claramente diferenciados, e o que acontece no espaço entre os dois. Ela encontra os efeitos das pegadas dos animais em deslocação. Aqui poderíamos incluir um objecto quadridimensional, tipo o hipercubo, onde vários cubos estão contidos, partilhando do mesmo espaço mas não do mesmo tempo. Metaforicamente poderíamos dizer que os dois animais seriam dois cubos no interior do hipercubo, e a sua preocupação é a de definir o modo como eles se relacionam um com o outro. Contudo, não é apresentada nenhum modo relacional entre um e outro animal, ou um e outro cubo - apenas o facto de caminharem.

No cartão seguinte, *cartão IX*, habitualmente tomado como um reenvio ao caos primitivo em relação com o materno, Sónia mantém o mergulho quadridimensional, mas afasta-se muito mais de uma delimitação, isto é, tridimensionalização. Aqui não há o apoio dos animais, não há um envelope bem circunscrito. A “ligação de campos”, é uma área de muito difícil de delimitação, mas que compreende apesar disso uma mudança, isto é, uma temporalidade espacializada. Quase parece aqui que ela está a falar da teoria do conhecimento (Heraclito): sujeito

e objecto ligam-se e depois desligam-se, transformando-se (mudando) como resultado dessa ligação. Mas a ausência de uma metáfora mais precisa e circunscrita, ausência de qualquer delimitação precisa nestes lugares que se ligam e desligam, a profundidade perdida, bem como o recurso ao interior-exterior, apenas separado pelo movimento permitido pelo tempo, remetem-na para um movimento regressivo, extremamente regressivo, a nível do conteúdo e da forma (continente). Ela reflecte um continente mutante, não apenas nos lugares de passagem temporal, como no cartão anterior, mas também nos lugares iniciais e finais. Porque ela parece pretender, sobretudo, evidenciar os aspectos de ligação e desligamento das relações entre coisas em que está implícita mudança, mas projectada numa superfície. Trata-se de “entes” e portanto totalmente indefinidos, sem uma identidade bem estabelecida, sem um interior em relação com o exterior, cuja resposta só compreende a sua ligação-criação-desligamento. Aliás tal como na resposta anterior, a própria verbalização implica uma confusão, pelo seu carácter vago, pouco explícito, que compreendem tudo e por isso não explicam nada, não tridimensionalizam nada. Esta resposta remete para um novo mergulho, porque o sentido da relação que é encontrado não inclui nenhuma representação (tridimensional) da experiência emocional. A interligação evocada por Sónia da relação primária é como ela diz: vaga, sobreposta ou interligada, misturada.

Esta resposta pode reflectir a nível dimensional uma relação com o externo inscrito no modo bidimensional de organização da experiência espaço-temporal: uma imagem projectado num plano em movimento contínuo, contíguo e sucessivo. Mas, a nível dos seus próprios processo mentais, ela parece reflectir um objecto mais complexo que um hipercubo, um objecto tão complexo, e tão simetrizado, tão inconsciente, que parece mais o âmbito multidimensional que Matte-Blanco fala. Tão complexo que a única forma de o manifestar é fazendo-o projectar num plano superficial, de natureza bidimensional, na comunicação com o outro, subentendendo mais do que o tempo, subentendo interpenetração e separação constante, de muito mais difícil apreensão.

É de referir que a natureza deste cartão apela a um mergulho no caos, precisamente pela interpenetração de cores, solicitações fantasmáticas primitivas de algumas formas, mas com um carácter translúcido. Mais uma vez Sónia é hipersensível ao estímulo e revela a dificuldade de se organizar perante experiências

emocionais que apelem a uma imago materna. Sónia contudo não revela as consequências nefastas que um mergulho tão primitivo subentenderia. Não há morte evocada, não há perda deste continente mutante, já por si tão fragilmente estabelecido ou quase inexistente: o continente que reflecte abstractamente as relações mentais integração-separação.

No *cartão X*, Sónia, ao não ser confrontada com a interpenetração das coisas, num cartão que convida a organizar a dispersão, a dar-lhe um sentido, dá uma imagem de âmbito bidimensional – mapa. Tal como referimos antes sobre o modo de organização da resposta bidimensional, aqui não é tanto o espaço que está em causa. O mesmo acontece com Sónia, ela acede a uma representação bidimensional da imagem global, procurando uma contiguidade espacial, mas através do sentido. A partir deste momento, progressivo em relação ao cartão anterior, ela evoca imagens em detalhe, explora a imagem e verbaliza conteúdos específicos, bem delimitados, e socialmente inscritos. Mas é feito com esforço, manifestado na verbalização, com precauções verbais, e salientando a cor, embora o determinante seja formal. E surge um reportório animal, com carácter ansiogénico: “aranhas”, “aranhas ou caranguejos”, “formigas ou baratas”. Este reportório surge inicialmente límpido, estável e por isso atribuível aos resultados de processos de elaboração mental – a aranha. Depois o mesmo animal é transportado para uma outra localização e Sónia opta por um outro animal, o caranguejo. Ambos têm carácter simbólico muito antigo e muito diversificado. O caranguejo é também um animal com carapaça, protegido do mundo exterior a nível da sua superfície, sem permitir grande comunicação. Pelo seu carácter fobogénico, potencialmente perigoso, compreende-se que o mundo representado através dos animais, desta vez de modo tridimensionalizado é um pouco assustador e difícil de manter sem um grande esforço mental.

Segue-se a hesitação entre formigas ou baratas. Esta hesitação dever-se-á, provavelmente, ao facto das primeiras não terem um potencial ansiogénico, são aliás até uns animais bem socializados, e com uma hierarquia bem definida, embora também muito pequenos e daqueles que “não queremos ter em casa”. Há também formigas destrutivas em África, mas não conhecemos o referencial simbólico cultural de Sónia. Além disso, as formigas parecem opor-se à barata, animal sujo, rastejante, animal dos submundos, escondido e curiosamente sobrevivente às catástrofes, segundo alguns estudos científicos bem conhecidos. A barata tem também um

simbolismo sexual transparente, costuma ser tomado como um animal fobogénico. Estes animais são contudo animais que reflectem alguma angústia, alguma perigosidade. E talvez por isso Sónia termina a resposta espontânea reforçando a ideia de um mapa, através de inclusão do fundo na resposta, o fundo sobre o qual as coisas estão: conotado como mar ou terra “por onde isto se passou” inscrevendo a resposta no tempo.

A não referência do que é que “se passou”, remete a sua resposta para um mundo animal primitivo, de difícil sustentação simbólica. E por isso a hesitação em encontrar um cenário firme sólido (terra) ou líquido (mar) e sem sustentação. Nesta resposta, mais do que a contiguidade espacial, é a integração dos elementos que procura. O problema é materno precoce – oriundo dos momentos em que a mente funcionava de modo disperso – que fazem com que Sónia oscile entre um materno caótico e regressivo ou um materno sólido e estável. No inquérito, após consolidar tridimensionalmente os animais anteriormente evocados: aranha, barata ou formiga, ela perde, momentaneamente, a competência da significação, reforçando a abstracção, o que lhe permite de algum modo “limpar” a mente do materno de apoio instável (mar). Isto acontece porque na resposta seguinte vai conceber vários terrenos, várias áreas, vários sistemas de relação: ilhas e que assim também ganham corpo e interioridade (perdem a bidimensionalidade, ganham profundidade a nível do conteúdo) e identidade (embora seja geográfica e portanto concreta).

No inquérito, após constituir o objecto tridimensional, se bem que num mundo perigoso, ela permite-se evocar uma relação de competição, pela primeira vez, onde a atracção pelo mesmo (figura edipiana do sexo oposto) é evidenciada (“disputar algo que conseguiram captar”), mas esta não tem apoio formal, isto é, espacial. Ela é simplesmente uma relação evocada entre dois que não podem ser incluídos de modo verdadeiramente tridimensionalizado.

E assim, apesar da evocação de um cenário potencialmente tridimensional, Sónia evoca uma resposta em relação, mas não se sabe que seres é que estão em relação. E parece-nos que é deste problema que ela se quer libertar, uma identificação estável, representativa de duas pessoas em relação de competição. Apesar de ser um movimento progressivo, muito apoiado pela estrutura dispersa do cartão (sem penetração ou inter-penetração), não consegue aceder a uma representação de si em relação de competição. Em vez de dizer que não percebe, ou de evidenciar algum outro mecanismo de recalçamento, Sónia evidencia a

impossibilidade de representar uma relação em contexto tridimensional, heterossexual, sem prejuízo da realidade, que é assim um pouco “apagada”. Se a resposta tivesse evocado a sua sustentação no real projectivo e perceptivo, seria uma resposta semelhante à de Martine: VII: “A crianças sentadas sobre rochas...a uma divisão, quer-se alguma coisa e depois não se consegue obtê-la” ou Frédéric, cartão VII: “Aqui pode ver-se dois coelhos, costas com costas e que se olham ao voltarem a cabeça”. Ambos salientam a relação, mas fazem-no sustentando bem o símbolo, a relação, a representação numa realidade física material concreta.

## 9. DISCUSSÃO DO PROTOCOLO

A discussão deste protocolo incidirá sobre a análise dos modos como o sujeito se organiza espaço-temporalmente. Estamos perante um protocolo que inclui todas as perspectiva dimensionais que postulamos anteriormente, inclusive o mundo interno multidimensional que Matte-Blanco refere. Exceptuando os cartões I, V e X, onde a estrutura do estímulo permite evocar respostas tridimensionalmente constituídas, embora a resposta banal do cartão V, não contenha coerência interna-externa suficiente, neste protocolo, ou falham os processos de mentalização e integração na conjunção constante de personalidade, ou falha a manutenção da representação (como algo ausente e simbólico).

Todos os outros cartões reflectem predominantemente a experiência quadridimensional no modo de organizar a experiência emocional, em termos de espaço e tempo. Nos outros cartões é revelada uma invasão emocional, em que a realidade psíquica se impõe à realidade física, não a nível espacial, não a nível do continente, mas a nível do significado atribuído, que dificilmente poderia representar uma violação, realização de um feitiço, um coito, um caminho entre dois animais que cujo solo se constitui conforme eles vão passando, e um campo de ligação-desligação, com criação de novas coisas, que ligam e desligam. Se no cartão II os processos mentais de Sónia pretendem separar o contraditório entre prazer-dor, pasividade-actividade, masculino-feminino, e este último também evidenciado no Cartão VI, em que o esforço mental é remeter para um cenário animal e portanto primitivo e distante, no cartão III e VIII, evidencia-se uma resposta quadridimensional com uma boa tridimensionalização. No caso do cartão III é o excesso de emoção que remete necessariamente para mais experiências ou sistemas de funcionar (que impliquem contradição), na única representação que dá. No cartão VIII a resposta é puramente quadridimensional porque impõe uma metáfora de um caminho, pouco representada mas que pode é possível imaginar, em que há mutação entre objectos claramente definidos.

É no cartão IX que encontramos uma resposta de uma complexidade dimensional quase irrealizável pela imaginação e por isso a considerámos em potência como uma experiência emocional de âmbito espaço temporal multidimensional, em termos da vivência interna. Porém, com esforço, consegue-se seguir a mente do sujeito, principalmente se projectarmos num plano bidimensional, tipo um desenho animado abstracto, ou uma pintura em movimento constante. Ou ainda a formação de células vistas a microscópio, cópia contínua do ADN, entre outras possibilidades. Mas esta é mais uma realização nossa que de Sónia. O seu objectivo parece ser de exclusivamente dar uma relação entre coisas, procurar uma relação única, mas que contém em si aspectos contraditórios, cuja intensidade emocional não permite consolidar no jogo da ambivalência pulsional que sustentaria uma representação pelo seu derivado simbólico.

Sónia também reflectiu a modalidade bidimensional de organizar espaço-temporalmente a experiência. Exclusiva quase no cartão VII, e dizemos quase porque a introdução da expressão emocional e expressão de fantasias inconscientes que esta resposta de Sónia contém, não acontece nas respostas bidimensionais. No cartão X há um jogo alternante entre bidimensionalidade e tridimensionalidade, relativamente bem sucedido.

Não pudemos nem pretendemos seguir uma lógica de diagnóstico, mas continuamos a considerar que no protocolo de Rorschach de Sónia não é revelada a possibilidade de um mundo tridimensional, edipianamente constituído sem dano, sem problematização, sem perda da competência melhor da mente: a capacidade de representação simbólica – a tridimensionalização. Podemos sim evocar a possibilidade deste contexto simbólico ter sido constituído num modo unidimensional de organizar a mente espaço-temporalmente. No entanto, a sua análise detalhada não o permite. Em seguida apresentaremos as ideias que fundamentam estas afirmações:

- A preocupação com a relação, com a interacção entre as diferentes partes da imagem; a procura constante de um sentido para o conteúdo latente que é evocado, como quem procura através de uma metáfora encontrar-se. É contudo uma metáfora que não pode ser comunicada e partilhada por um outro ser, sob um código linguístico e pensante. Também não compreende o devido respeito pelas características

perceptivas do material, embora apreenda as suas características manifestas. É ainda de referir que no cartão da representação de si em relação pulsionalmente mobilizada, a resposta integra as pessoas sem lhes que uma resposta destrutiva arbitrária surja. A feitiçaria, quase poderia ser tomada intersubjectivamente, como se duas mulheres unidas se vissem obrigadas ao “sacrifício da carne”. Estas ideias pertencem não à tridimensionalização da experiência, mas à quadridimensionalização.

- As respostas subentendem uma tripartição espacial frequente, geralmente no todo (G), embora no cartão X, seja dada em parte (D); pelo que remetem a um mundo onde dois são investidos da mesma forma a partir de elementos subjectivos, através da relação com o elemento espacial central, aquele que determina a actividade que sustenta a representação “simbólica” (não é verdadeiramente simbólica, como salientámos).
- Há emergência de temas crus, mas quase exclusivamente ligados à sexualidade (exceptua-se a ideia de queda, do cartão V) e, apesar de forçarem em muito a realidade manifesta, e em parte também latente, do cartão para poderem manifestar um problema inconsciente, regido pelas leis do processo primário, não contêm morte, destruição, mas principalmente não compreendem a ideia de fragmentação espacial, cuja primitividade do tema, principalmente de alguns temas que expressam directamente o coito ou a inter-penetração de lugares, implicaria uma espécie de explosão da mente, talvez até o tempo explodido que Green postula (2000). Não há portanto destruição do continente, mas antes a procura activa de encontrar um continente de significação.
- A única resposta que se mantém bidimensional – a do cartão VII – implica também um tema cru – o abandono, a queda, um potencial abismo. Mas Sónia revela a sua impossibilidade, curiosamente: “não é possível estarem aqui sem equilíbrio”, quase como que procurando confirmar uma representação interna de equilíbrio perante a relação com o materno primitivo. No entanto, e como não poderia deixar de

acontecer, na resposta é precisamente a ausência de equilíbrio a manifestação que o objecto–mancha (investido bidimensionalmente) permite encontrar, revelando a sua ausência (do equilíbrio), pela não tridimensionalização, pela não representação de um contexto relacional sem sentir o perigo da sua separação.

- Encontramos momentos que poderíamos integrar num modo unidimensional da experiência emocional, pela vivacidade, pelo excesso de vivência emocional e total ausência de diferenciação entre sujeito-mancha, por vezes até quase intencionalidade, mas esta passa-se a nível da sua interpretação, submetida a expressões verbalizadas que evidenciam o “parecer” e não o “ser”, por vezes precauções verbais, ou comentários que revelam uma expressão emocional. Eles existem sim, mas através destes modalidades que acabámos de referir, não permitem a continuação da sua sustentação num modo unidimensional de organizar a resposta.

Através de Chabert (2000) consideramos também que o protocolo não compreende uma estruturação de personalidade neurótica, porque o simbolismo sexual não é transparente ou é muito raramente dado de modo simbólico transparente. As respostas aparentemente simbólicas contêm uma perigosidade implícita de difícil libertação da expressão emocional. Mais, a realidade não serve como fonte de expressão de conflitos entre o sujeito e a defesa, o conteúdo latente é evocado sem transformação. Acresce ainda que as irrupções em processo primário, nos protocolos neuróticos, estão sempre em correlação com a realidade perceptiva e solicitadora de uma representação sexual perturbante. O jogo é sempre dramatizado em duas cenas: uma liberta da expressão inconsciente mas em total relação com ela, e outro que reflecte os processos inconscientes que levaram à resposta conceito-símbolo (marques, 1999). As respostas de Sónia não reflectem um jogo de continente-conteúdo estável, íntegro, com facto seleccionado, nome. Mas reflectem, curiosamente a tentativa de integrar a dispersão (neste caso dos elementos contraditórios). Parece-nos que é principalmente pela ausência de delimitação, que por vezes é inexistente ou só acessível com grande esforço de imaginação.

Ora como vimos, fosse pela manifestação de acções em movimento espacializado, fosse em manifestação de fantasias do mesmo modo, fosse incidindo nas relações espaço-temporais (sob o modelo continente-conteúdo) e não nos elementos em si, fosse ainda pelo resultado confusional que nos leva a ter de recorrer à imaginação para compreender os movimentos inter-mutantes dos cartões, fosse ainda porque esta confusão é manifestada a nível da interpretação (que implica por em relação) da imagem, sem a sua destruição, podemos afirmar que a maior parte das respostas reflectem as ideias que referimos do mundo quadridimensional. Poderá assim este mundo ser associado ao sonho? A uma estruturação da Bi-lógica (Matte-Blanco) que ele nomeia de Tridim, onde simetria-assimetria coexistem uma na outra, e não uma assimetria da simetria? Devemos ainda referir o Édipo no sentido de Bion: a possibilidade de Sónia não conseguir encontrar um continente para a pré-concepção de casal parental e por isso não submeter os processos do pensamento à investigação (vínculo), ou recorrer à pulsão epistmofílica, na medida em que falha o devido trabalho mental.

É de salientar que estas respostas têm uma ambiência de sonho, por vezes angustiantes, por vezes simplesmente figurada de forma confusa, com que este protocolo se nos apresenta. Se recorrermos à Tabela da evolução dos pensamentos de Bion (eixo vertical), segundo Amaral Dias (1997), encontramos logo a seguir à função alfa, aquela que permite dotar as impressões sensoriais (elementos Beta) da aptidão de mentalização (proto-representação) necessária a prosseguir o caminho evolutivo dos pensamentos, a linha C onde se inscrevem os Pensamentos Oníricos, Sonhos e Mitos. Sucede-lhe a linha D, a das pré-concepções, aquelas que irão procurar uma realização; positiva (concepções) ou negativa (conceitos). Impõe-se-nos assim a hipótese que Sónia se encontra neste lugar, na linha C, aquela onde constam os pensamentos expressos de modo ainda sensorial, principalmente visual, os sonhos e os mitos, ou seja, representações pessoais do sujeito, da sua história pessoal.

Para Amaral Dias (1997) os pensamentos Oníricos e os Sonhos devem ser separados da estrutura narrativa, aquela que contém os mitos pessoais e que deve ser posterior. Na opinião do autor esta separação serve para separar aquilo que é uma estrutura narrativa pessoal e a maneira como a pessoa se refere a ela própria, daquilo que são os elementos oníricos propriamente ditos. Ora no protocolo de Sónia as

respostas dadas remetem-nos para um mundo em movimento, em acção, uma manifestação temporal sobretudo espacial, onde aquilo que é importante é a referência a um sistema de relações e não a definição de objectos internos, onde os símbolos existem como uma acção, com referência a moções pulsionais contraditórias, quando a isso é convocada (Cartão II e III, pelo vermelho, em contexto relacional). Também os temas são muito oníricos, o coito, a penetração, a interpenetração, sempre partindo do conteúdo latente mas incidindo mais na inter-relação entre posição activa-passiva, que parece servir como “resto diurno”, para um sonho imediato, por vezes mais evacuativo (cartão I, II e VI), outras reflectindo alguma transformação (Cartão III, VIII e IX). Transformação esta que sofre um processo de abstracção e generalização (algo penetra em algo) e não de deslocamento, embora ela tente por vezes deslocar para animais, as fortíssimas emoções encontrada. Nas suas respostas a sua mente parece procurar manifestar algo, expressar uma dificuldade: a da integração do masculino-feminino, actividade-passividade, sofrimento-prazer, desejo-castração. De facto, encontramos sempre um factor comum: conteúdo penetra continente, continente modifica-se por essa penetração, reforçando a ideia de Bion em designar este modelo pelos símbolos de feminino-masculino.

Acresce ainda a esta possibilidade, a impressão simbólica dos cartões, mas não submetida a uma representação, isto é, a mente de Sónia está em dinâmica perceptiva, não transformativa, em que a percepção serve a uma manifestação, uma expressão, como num sonho de análise, e não à sua resolução. Isto acontece perante a evocação das partes perceptivas da imagem associáveis à relação (exceptuando o cartão VII, cuja relação evocada, associada ao conteúdo latente – materno precoce – não é uma manifestação de um processo onírico mas de uma perda), associáveis à sexualidade, e associáveis à interpenetração. Assim considerando, seriam imagens-sonho, de simbolismo evocado no perceptivo em movimento, imagens que precisariam de ser inscritas nas suas estruturas pessoais, para poderem ser representadas. As suas respostas parecem ser manifestações Oníricas ou pensamentos oníricos, de algum modo relacionados com o seus mitos pessoais, mas não totalmente inscritos neles, porque se assim fosse teriam de sofrer algum processos de deslocamento. Esta afirmação é devida ao carácter ansiogénico das imagens que, se

não fossem tratadas como um sonho, acarretariam a destruição do continente de pensar activo, pela sua contradição.

Deve-se ainda referir que a relação continente-conteúdo entre sujeito-imagem revela continentes mentais instáveis e que se transformam, em que se salientam mais os “como” da sua transformação, do que seus resultados. É como se o seu mundo interior fosse uma abstracção dos processos de transformação, sem inscrição nos modos pessoais, que permitiria a sua elaboração. Todas as fantasias pessoais são dadas directamente, como acontecimentos que decorrem no espaço-tempo do inconsciente, embora desencadeados pelo real (estímulo-cartão-conteúdo latente).

Esta ideia remete-nos também para a dos processos (re)criativos que postulámos na quarta-dimensão do modo de organizar espacial e temporalmente a mente, e que iremos referir mais adiante. Somos obrigados contudo a referir que este mundo Onírico de Sónia não permite constituir a representação simbólica, no sentido que a temos vindo a referir, e tal como é verificado em Chabert (2000). Por isso, é um modo de organizar espaço-temporalmente que não resolve, não transforma verdadeiramente. O seu insucesso verifica-se principalmente pela impossibilidade de dar uma representação clara nas respostas seguintes, e também pelas respostas de âmbito bidimensional no cartão VII e X. Embora neste último, e na última resposta do inquérito, ela acede a uma tridimensionalização da experiência (mas sem delimitar os elementos da relação de competição).

Sentimos ainda necessidade de evocar um eventual problema traumático. Consideramos que a queixa de Sónia é traumática porque não foi elaborada mentalmente. Cremos que, tal como explicado por Green (2000), esse carácter traumático foi atribuído à posteriori, quando actuou (no real) uma impossibilidade antiga ou mesmo desde sempre, a de inscrever a integração dos contrários: masculino-feminino, activo-passivo, sofrimento-prazer, desejo-castração. Sónia não consegue elaborar mentalmente a situação de interpenetração. Neste sentido, Sónia poderá ter encontrado no método de Rorschach uma possibilidade de manifestação em acção do seu trauma, ou seja, forçar a realidade para que esta realize positivamente uma experiência cuja angústia não pode ser devidamente experienciada pois não é sustentável pela densidade simbólica que tal problema exige.

A ideia de uma compulsão à repetição, enquanto negação até da própria negação do tempo, tal como Green a postula, não pode contudo ser aqui muito reveladora, porque as respostas estão extremamente inscritas no tempo, embora a razão para isso acontecer seja precisamente porque o tempo não foi inscrito pela representação simbólica. Parece-nos mais o âmbito em que Pédinielli e Amaral Dias a consideram (baseando-se em Freud e Bion), isto é, como algo que procura uma ligação, uma forma de manifestação da experiência emocional que a mente nunca pôde elaborar.

Podemos ainda dizer que, através de Matte-Blanco, que a penetração é um lugar de extrema simetria, um lugar que se infiltra, generalizando-se a várias classes, e que reflecte a sua ideia de objecto multidimensional, um objecto que procura ser tridimensionalizado mas que não consegue, pela falha dos processos de elaboração mental, e que por isso a sua manifestação vai ser repetida, sob a mesma relação que um hipercubo manifestado tridimensionalmente serão oito cubos e não um objecto único. Seja qual for o problema, o espaço mental não está apto a experienciar, porque não contém ainda a integração dos contrários (simetria), a experiência é extremamente energética ou perceptiva, tão sobrecarrega emocionalmente, acarretando uma vivência excessiva, como se de um coisa-em-si, concreta, personalizada se tratasse. Por isso não consegue ser devidamente submetida aos processos de espaço-temporalização da mente, aos processos de representação simbólica e que portanto assumir a ausência na mente desse objecto vivenciado. Este lugar tão problemático para Sónia é mais manifestado como um sonho – um movimento espacializado.

Parece-nos que o lugar quadridimensional aqui encontrado, explica o porquê da queixa ser difusa: ela de facto perde a capacidade de representar, perde a “sua mente”, quando o convite ao oceano profundo simétrico lhe é dado pela vida. Portanto, a experiência da interpenetração, seja ela entre homem-mulher, seja ela entre cores, entre emoções contrárias, ou qualquer factor que possa ser inscrito no modelo continente-conteúdo, contém uma carga emocional excessiva, que força o recurso à quadridimensionalidade para se poder sustentar.

E é assim que percebemos, juntamente com os exemplos que anteriormente apresentámos, que a quadridimensionalidade, isto é, que a organização do mundo através de uma inscrição tripartida espacial e temporalmente em passagem, em

mudança transformativa, a integração de consciente e inconsciente só acessível pela imaginação, é uma necessidade da mente para fazer conter uma experiência emocional excessiva no presente, que se infiltra derrubando em maior ou menor aparte, o sistema assimétrico.

Uma questão importante surge: saber se é necessário ter “atingido” a tridimensionalidade para recorrer à experiência quadridimensional, ou se, qualquer sujeito pode recorrer a este modo de experiência espaço-temporal. Sónia tem continentes do pensamento instáveis e inter-mutantes, como se fosse uma galáxia a estruturar-se. Dificilmente se imagina uma capacidade de representação constituída, porque ela salvaguardaria a delimitação dos objecto-cenários encontrados. Mas somos obrigados a verificar que ela triparte o tempo: quer evocando um caminho, quer uma penetração, quer o ligar-desligar-criar do cartão IX. E até consegue, apesar de ser um cenário muito maléfico para a representação de si em relação heterossexual do cartão III, dar um movimento implícito e não explícito, tal como o encontramos em protocolos neuróticos (resposta das feiticeiras). Será que em termos de evolução espaço-temporal Sónia se encontra na fase pré-edipiana? Será que ela se encontra numa fase em que se constituem os símbolos que ainda não consegue incluir na sua conjunção constante de personalidade, pela devida transformação da experiência emocional? Como vimos anteriormente, o seu protocolo está cheio de movimento e tripartição, interno e externo, para poder reflectir um modo bidimensional. E também referimos que ela não contém a destrutividade patente num mundo vivido unidimensionalmente, porque o continente da resposta não é destruído, perante temas tão primitivos, isto é, de experiência emocional tão massiva.

Além disso, Sónia parece precisar “urgentemente” de assimetrizar o seu inconsciente de algum modo, para que proceda na vida tridimensionalmente, o que implicaria aceitar a restrição do tempo, construir um espaço psíquico apto a lidar com as frustrações do tempo, apto a transformar as experiências emocionais em experiências simbólicas, que resultam de uma transformação que negativiza a experiência emocional excessiva. Ou seja, integrar nas modalidades do sistema lógico, o sistema inconsciente e nos seus padrões regulares de relacionar. Assim, a hipótese de um mundo prévio à constituição das pré-concepções na tabela de Bion, parece ser o lugar em que ela se encontra predominantemente

Acresce ainda que verificamos anteriormente outras respostas de âmbito quadridimensional, que contêm uma boa ou muito maior assimetização da experiência. Parece-nos que, em termos quadridimensionais, podemos pensar que será a qualidade da tridimensionalização da metáfora encontrada que determina o seu sucesso. Sónia não constitui uma metáfora verdadeiramente simbólica, pois não é submetida aos signos convencionados linguisticamente. É importante considerar a metáfora tal como Matte-blanc a refere, porque só a metáfora consegue abarcar inconsciente e consciente, de modo complexo em relações pelo menos duplas, isto é, relacionar duas relações entre si. No caso de Sónia o sucesso não é possível, na circunstância espaço-temporal da sua aplicação. No caso de Martine (Chabert, 2000) ao perder o pai, perdeu o futuro do projecto edipiano (em termos simbólicos). Mas no seu protocolo aquilo que é revelado é a necessidade de remeter o desejo para o passado. Pois o projecto edipiano é reacendido com a morte do pai, e ela tem de fazer um enorme esforço para o (re)recalcar. Esta interpretação permite consolidar a ideia de que na neurose, quando esta é bem submetida a uma tridimensionalização da experiência, o tempo está incluído mas não é directamente manifestado, e se o for, tal como referido por Chabert, os símbolos estão totalmente inscritos num jogo dramático entre percepção e projecção; onde há duas cenas, uma manifesta e transparente em correlação com uma outra cena latente.

Parece-nos que é sobretudo nos modos de funcionamento seguintes a um resposta quadridimensional, que se verifica se o sujeito aceita ou não a restrição do presente. E esta é outra ideia sobre a neurose que podemos afirmar através do espaço e tempo: só o presente pode ser restringido, se não, o neurótico não se equilibra, pois o seu Eu fica perdido pela impotência, uma vez que a sexualidade, é um modo de constituição do sujeito subjectivo, do sujeito psicológico quanto está apto a tornar a representação de coisa em representação de palavra, apto a transformar as moções pulsionais e tomá-las no sentido de Grotstein – a pulsão como um significante semiótico.

Estamos assim a concluir que a quadridimensionalidade, se ocorrer temporária ou esporadicamente, como quem sonha durante o dia e mergulha nas suas fantasias, é uma forma de organização da experiência que permite ao sujeito libertar-se – pela representação metafórica e imaginativa – do excesso de simetria, de lógica inconsciente, do excesso de vivência emocional a que foi convidado a partir de algo

(muito significativo) no “real”. Pensamos, que é apenas um lugar possível após (ou durante) a adaptação psicotemporal da adolescência, porque obriga a alguma capacidade de simbolização, e tripartição temporal, mesmo que mal sustentada, como no caso que apresentámos neste trabalho. Nem sempre bem sucedido, este mundo em movimento quadridimensional é um mundo criativo, pois permite representar relações dentro de relações, por sua vez dentro de relações e por aí fora, como as “fofoqueiras” de José tão bem exemplificam, embora sem sucesso a nível da transformação da experiência. Este é também um modo muito útil para entender os processos mentais do paciente em análise ou psicoterapia psicanalítica, que obrigam o analista a recorrer à sua imaginação.

Pensamos também que nestes contextos poderá reflectir uma capacidade extraordinariamente criativa, tal como o é a *pool* de beta-alfa (Amaral Dias, 2004), tal como é o processo de expansão da mente através do movimento dinâmico de dispersão-integração que Marques (1999) salienta de Bion. Tão criativo como o caso de José, que revelou um elevadíssimo nível de inteligência, principalmente a inteligência associada aos processos semânticos (acima de 140).

Mas o contrário, o excesso de recurso a um modo quadridimensional de organizar a experiência, reflectiria um ligação perigosa à psicose. Quadridimensionalidade anda assim de braço dado com a psicose, e compete à qualidade da tridimensionalização contida na própria resposta quadridimensional ou nos movimentos posteriores analisados em conjunto com os padrões mais regulares de funcionamento mental, encontrar a sua qualidade.

Relativamente à quarta-dimensão e o *setting* analítico, gostaríamos ainda de referir que a talvez imaginação seja o lugar que habitualmente se trata por intuição. Talvez a quarta-dimensão, bem sustentada – o que se demonstrou no âmbito deste estudo difícil – permita de facto conceber uma relação intersubjectiva na prática quotidiana analítica. Mas, como pudemos perceber em Sónia, e como podemos entender com Matte-blanco e Bion, sabemos que, quer o entendimento do analista, quer a interpretação, tem de ser submetida a regras do mundo consciente, do mundo que espaço-temporaliza as coisas mentais na representação, no pensamento. Deve ser metafórica, definindo-a pela forma de Matte-Blanco. O analista tem de se submeter assim a uma limitação, a uma restrição do presente da experiência emocional de modo a ajudar a representar, as coisas que o paciente não consegue.

Terceiro analítico (Ogden), objecto psicanalítico modificado (Amaral Dias), ou a criação de um novo sistema de relacionar por uma nova relação (Coimbra de Matos) são conceitos equivalentes, que salientam a sua importância.

Resta referir que há um lugar em que psicose e neurose são similares: são problemas de excesso. No primeiro tudo é excessivo porque não há continente de significação e há quase exclusividade da experiência emocional, na segundo tudo é excessivo pela força libidinal que constantemente se infiltra sob modos derivados. Pelo contrário, nas estruturas bidimensionais de funcionamento, o problema é de defeito, de falta, de modo que é no real que o sujeito se encontra, num real sem transformação, porque é um real que o observa a si e confere “realidade” mental às suas experiências. Aqui, o espaço parece estar constituído e é o tempo que é atacado (tempo da separação), tal como verificámos também nas respostas bidimensionais de Sónia.

## 10. CONCLUSÕES

Este trabalho é o resultado de um longo e árduo caminho. Passámos por momentos de grande inquietação e de grande harmonia, com a integração dos saberes diferentes e oriundos de paradigmas diferentes. Deparámos-nos com muitos problemas teóricos, alguns dos quais levaram-nos a procurar encontrar soluções, no âmbito do espaço e tempo como organizadores mentais. O caminho para a dimensionalidade psíquica foi surgindo muito lentamente. E com o protocolo que aqui estudámos, ficamos com a impressão que apenas “levantámos o véu” sobre o modo como a quarta-dimensão do modo de organizar espaço-temporalmente a experiência emocional se pode manifestar. Mas este estudo tinha um carácter exploratório e conseguimos demonstrar que alguns sujeitos, quando observados sob o ponto de vista do espaço e do tempo, através de um material que permite uma “quase” concretização – o Rorschach – permite compreender melhor determinados processos mentais que têm uma natureza muito dinâmica, muito exuberante ou intensa e que resultam de um esforço mental grande. Estamos a falar de processos muito complexos porque reflectem um sistema de relações que contém vários sistemas de relação e que só recorrendo ao tempo, através de um modo espacializado, como que partindo do corpo, podem ser manifestados ou realizados pela mente.

Poderá também ser simplesmente uma outra forma de falar dos processos criativos, dos processos que mergulham no caos inconsciente, mergulham na dispersão, para a integrar num novo continente de saber, num novo pensamento. Eles permitem também compreender a importância da metáfora, a importância de procurarmos numa correlação com o natural, o concreto, sentimentos e ideias que de outro modo não poderiam ser manifestados, pela dificuldade da sua realização, ou seja, representação. Uma *pool* de Beta-alfa pelo espaço e tempo, uma procura de novas metáforas, metáforas pessoais ou privadas, um recurso para utilizar a técnica

intersubjectiva da psicanálise mais recente, mas inscrevendo-a posteriormente na necessidade da sua tridimensionalização para poder ser comunicada e tornada útil ao paciente. Poderá também reflectir a incapacidade de conhecer o mundo e a si próprio através de continentes estáveis, delimitados e delimitadores da experiência emocional. Ao serem instáveis não permitem a elaboração mental da experiência. Este foi o caso do protocolo que aqui estudámos. Um protocolo riquíssimo em movimento, modificação, e também no recurso a várias modalidades dimensionais da mente. Mas que também reflecte um grande sofrimento e uma grande dificuldades na elaboração da frustração.

Pensamos que o estudo da mente através do espaço e tempo pode libertar dos quadros teóricos no contexto ciscunstancial, para encontrar outras formas da mente humana funcionar. Matte-Blanco disse-o em 1975: o estudo do espaço e da mente como processos de relação permite lidar com material cujo enquadramento teórico ainda não foi constituído. Quanto a nós, consideramos que esta possibilidade foi permitida principalmente pelo instrumento escolhido, analisado numa lógica de transformação. É que este instrumento ao ser espacial e temporal na sua natureza, é um instrumento que possibilita criar metáforas, porque para interpretar as respostas, somos obrigados a ajustar sistemas teóricos bem estabelecidos a uma formatação individual que representa elementos do real, mas realizada pelo sujeito que nele se encontra. O instrumento é suficientemente “concreto” para dotar a mente da correlação constante entre a impressão sensorial e a sua correspondência nos processos mentais que presidiram à resposta. E é suficientemente abstracto para que tudo que a resposta contenha seja totalmente resultado de operações individuais e subjectivas no contexto em que o protocolo aconteceu. Com o estudo do espaço e tempo, este mecanismo fica constituído a partir da forma como a mente o vai espaço-temporalizar. É que, tal como estudámos até aqui, o Rorschach obriga a uma realização da mente, a partir de algo concreto, uma experiência, que apela ao caos e posteriormente à sua representação.

Ao termos operacionalizado o espaço e tempo como modo de organização da experiência através da concepção de uma dimensionalidade psíquica, baseando-nos nas relações geométricas e adaptando-as às teorias, pensamos também ter permitido dar uma formatação realizável de processos mentais. Isto é, imaginar um modo de funcionar como uma linha, um quadrado ou um cubo, dá-nos uma base para

metaforizar uma série de mecanismos mentais; porque dá uma concepção que permitirá a criação de conceitos futuros. Vejamos:

Na primeira dimensão, a submissão a relações de distância e proximidade, a uma sucessão de estáticos implicaria mais uma forma (des)realização mental, pois numa linha tudo é visto em continuidade e contiguidade a partir de qualquer ponto, e assim a contradição não existiria (simetria). A existir o sujeito fragmentar-se-ia em pontos dispersos de uma natureza vivencial extrema, em que tudo dele parte e a ele chega. A realização da bidimensionalidade, seria um mundo realizado apenas no lugar em que os limites se encontrariam, ou a área se definiria, sempre em função do seu fim, isto é, a área entre o sujeito e o Outro. A terceira dimensão, seria a dimensão da realização mental no sentido bioniano do termo, em que a linguagem, símbolo e pensamento, determinariam um mundo cognitivo, compreensivo, emocional e reflexivo. Um objecto claramente delimitado, que pode ser caracterizado em relação entre si, com uma superfície e interior, em termos de qualidade, que assumem diferentes modos de serem pensados pode ser útil. Ao ser um espaço contido, é no interior que o sujeito imprime os seus conflitos, e no jogo interior-exterior que permite a sua manifestação transformada.

Na quarta dimensão não há símbolos no verdadeiro sentido do termo, porque os símbolos reflectem uma relação constante entre inconsciente e os derivados no consciente. O que há é uma reconversão dos símbolos anteriormente adquiridos em vivências, que por sua vez puxariam novas realizações tridimensionais (ideia derivada da noção de *pool* beta-alfa de Amaral Dias, 2004). Nesta dimensão estaria implicado o sujeito criativo e criador de novos sistema de relacionar. No plano intersubjectivo não há palavras que consigam conter em si mesmas a experiência emocional.

Mas nós submetemos sempre à tridimensionalização na interpretação ou simplesmente quando entendemos. Entender é diferente de viver e convém mergulhar no inconsciente, de modo quadridimensional, e dizemos quadridimensional apenas porque este ainda é acessível pela imaginação (a partir da quinta já é extraordinariamente difícil), para permitir constituir novos sistema de relacionar. Acima de tudo, nós precisamos viver, de nos identificar, para podermos posteriormente entender. Nós funcionamos com o inconsciente, de forma abstracta e generalizadora e por classes, como base para a representação, possível após um

processo de transformações interno e que inscrito na conjunção constante de personalidade. Mas para nos manifestarmos, realizarmos, nós temos de o consciencializar ou tridimensionalizar - a mente funciona na tridimensionalidade. Talvez seja assim a poderosa fonte de conhecimento que nos é proposta pela introdução do inconsciente na experiência directa entre pessoas pela psicanálise, uma fonte que tem de ser representada, para ser comunicada ao outro. A essência da vida parece estar assim, como tantos autores referem, na capacidade de representação (tridimensionalização) da experiência emocional do inconsciente.

O facto de termos constituído teoricamente um modo de organizar espaço-temporalmente a experiência, permitiu-nos também verificar como é que estes mecanismos estão presente na mente. Assim, de um mundo *aespacial* e *atemporal*, que é também um mundo *amental*, vamos construindo em relação interactiva (entre corpo e o outro significador) um sentimento de continuidade e contiguidade que vai ser a base do nosso narcisismo vital, um lugar onde se elimina o sofrimento do tempo, e o conflito da distância no espaço. Este é o mundo unidimensional, aquele em que não há observador, aquele para quem tudo está dirigido e de quem tudo parte. Este é um mundo de experiência emocional intenso e qualquer manifestação do sujeito no mundo pode reflectir a frustração do reconhecimento da sua limitação espacial e temporal. Representar é assim espaço-temporalizar, mas também limitar e reconhecer a ausência na mente (reconhecer que não é uma coisa-em-si), desta experiência emocional intensa ou o inconsciente profundo, vivencial, global, onnipotente e omnisciente. Conforme o espaço vai sendo constituído na relação e significação, e se torna estável, é a ausência da satisfação, convocada pelo tempo, que permite bidimensionalizar, mas também separar. É o objecto que observa o sujeito, porque é também o objecto que o delimita e é o tempo que é atacado, através do espaço, pela incapacidade de lidar com a frustração.

Com a relação à frustração transformada em representação, o espaço ganha profundidade, o tempo cria coerência, significação e identidade. Coexistem dois modos de ser, vivencial e pensante, mas o primeiro é submetido a uma tridimensionalização pelo símbolo, o lugar onde o inconsciente é satisfeito de modo sublimado, e inscrito no tempo. O sujeito é observador no presente da restrição, propulsor no passado do desejo, e representador no futuro da satisfação imaginada. Os objectos não são vistos investidos como objectos, mas pelas relações que

comportam entre si, com maior ou menos densidade simbólica. O sujeito reconhece a contradição em si próprio, a coexistência de dois modos de funcionar, porque a integra simbólicamente.

E por isso, quando a forma vivencial acorda e procura uma manifestação (tridimensionalização), o sujeito pode ter necessidade de integrar vários sistemas de relação, no mesmo espaço cujo significado muda pelo movimento, pelo tempo. E assim cria um novo sentido, um novo significado, uma nova relação. É o sujeito metafórico, o sujeito histórico, o sujeito intersubjectivo, o modo pelo qual o sujeito se ressignifica, por excelência. Este é o mundo quadridimensional, onde está contido o tridimensional, mas onde o sistema de relacionar inclui o tempo e a imaginação e um mergulho no seu profundo inconsciente. Este é um sujeito que se observa a si próprio a partir de vários pontos de vista do seu interior, tal como no hipercubo é um objecto único que contém vários cubos que ocupam o mesmo espaço mas não o mesmo tempo. Mas é contudo um sujeito que quer ou deve procurar comunicar, pensar, acontecer, no mundo tridimensional. Porque este mundo é aquele que comunica, que troca, aquele que está em correlação com o corpo e natureza, aquele que se pode realizar e manifestar na vida através do Outro.

Foi assim que construímos o espaço psíquico como sistema de relacionar, e o tempo como factor de ligação pela criação de continuidade na descontinuidade, da presença na ausência, pelo símbolo, pelo significado. Foi assim que encontramos na necessidade de realização humana, através de padrões (espaço) e regularidades (tempo) que procura constituir para ter algum controle na vida, preso que está entre dois lugares temporais, o seu início e o seu fim desconhecidos e sem possibilidade de manifestação, restringindo, limitando, mas encontrando sentido e realização de si através da relação com o outro.

Pensamos também que a dimensionalidade psíquica ou simplesmente a consideração do espaço e tempo como organizadores da mente podem ser mais estudados e aprofundados no Rorschach. Este estudo que teve um carácter exploratório na teoria e na sua operacionalização no Rorschach ao espaço e tempo, poderia ser considerado de um modo mais sistemático aplicando elementos de cotação que o Rorschach proporciona. Seria interessante definir parâmetros de análise mais sistematizados e melhor aplicabilidade, procurar várias populações e verificar as dimensões da mente mais predominantes, ou até realizar estudos a partir de um ponto de vista psicopatológico.

Esperamos que este trabalho possa ser útil para outros profissionais que confiam no Rorschach para um conhecimento profundo dos processos mentais, mas também para aqueles que procuram compreender os processos de transformação da mente em relação com a realidade, em relação consigo próprio e com o outro. É que o espaço e o tempo são uma das formatações, ou regra aplicadas nos processos de transformação. Esperamos também que permita a compreensão da importância do símbolo e do significado, isto é, o quanto é que o ser humano é tão simbólico que cria as noções de espaço e tempo como forma de se realizar, de se conhecer e de integrar dois modos diferentes de funcionamento em si mesmo (consciente e inconsciente) que vão determinar o que se encontra, conhece e procura na vida. Na realidade, como é que o sujeito procura solucionar o problema do tempo em relação com o outro. Aliás, tudo o que nós fazemos, pensamos ou sentimos deriva do pôr em relação num espaço próprio – o espaço psíquico que é construído para lidar com a dor tempo.

Pela nossa parte a realização deste trabalho sofreu de vivências quadridimensionais e tridimensionais. Esperamos contudo que seja um trabalho com suficiente tridimensionalização para permitir o seu entendimento.

## 11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arlow, J.A.. (1984). “Disturbances of the Sense of Time—With Special Reference to the Experience of Timelessness”. In: *Psychoanal Quarterly*, 53,13-37.
- Arlow, J.A.. (1986). “Psychoanalysis and Time”. In: *International Journal of American Psychoanalytical Association*. 34, 507-528.
- Abraham, G.. (1976). “The Sense and Concept of Time in Psychoanalysis”. In: *International Review of Psycho-Analysis*. 3,461-472.
- Amaral Dias, C.. (1983). *Espaço e Relação Terapêutica*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Amaral Dias, C.. (1998). *A psicanálise em Tempo de Mudança*. Porto: Edições Afrontamento.
- Amaral Dias, C.. (1999). *O negativo ou o Retorno a Freud*. Lisboa: Fim de Século.
- Amaral Dias, C.. (2000). *Freud para Além de Freud*; Lisboa: Fim de século.
- Amaral Dias, C.. (2003). *Modelos e Interpretação em Psicanálise*. Coimbra: Almedina.
- Amaral Dias, C.. (2004). *Costurando as linhas da psicopatologia borderland (estados limite)*. Lisboa: Climepsi.
- Amaral Dias, C.. (2007). *Tabela para uma Nebulosa: desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion*. Lisboa: Fim de Século.
- Amaral Dias, C.. (2009). *Carne e Lugar*. Lisboa: Almedina.
- Anzieu, D.. (2000). *O Eu-Pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bergler, E., Rôheim, G.. (1946). “Psychology of Time Perception”. In: *Psychoanal Quarterly*. 15,190-206.
- Bergman, M.S.. (1980). “The trauma of time. A psychoanalytic Investigation”. In: *Psychoanalytic Quarterly*. 49, 713,75.
- Bion, W.R.. (1962[1991]): *O Aprender com a Experiência*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W.R.. (1963[2004]): *Elementos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W.R.. (1965[2004]): *Transformações: do Aprendizado ao Conhecimento*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W.R.. (1967[1994]): *Estudos Psicanalíticos Revisados*. Rio de Janeiro (Imago).
- Bion, W.R.. ( 1970[2007]): *Atenção e Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W.R.. ( 1992): *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bonaparte, M.. (1940). “Time and the Unconscious”. In: *International Journal of American Psychoanalytical Association*. 21,427-468.
- Bóris, H.N.. (1994). “About Time”. In: *Contemporary Psychoanalytical*. 30, 301-322.
- Borges, J.L.. (1998). *Ficções*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Brakel, L. W.. (1994). “On knowing the uncounscious: lessons from the epistemology of geometry and space. In: *International Journal of Psycho-Analysis*”. 75, 39-48.
- Calhoun, C.J.. (1976). “Continuity and Change: The Significance of Time in the Organization of Experience”. In: *International Reviw of Psycho-Analysis*. 3, 291-304.
- Carignani, P.. (2000). “Clinical notes on the Organizing Function of Time during Puberty”. In: Cohen, M. & Hanh, A.. *Exploring the work of Donald Meltzer*. London: Karnac.
- Chabert, C.. (1997). *O Rorschach na Clínica do Adulto*. Lisboa:Climepsi.
- Chabert, C.. (2000). *A Psicopatologia à Prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Cohn, F.S.. (1957). “Time and the Ego”. In *Psychoanalytical Quaterly*. In 26, 168-189.
- Colarusso, C.A.. (1998). “A developmental Line of Time Sense: In Late Adulthood and throughout the Life Cycle”. In *Psychoanal. St. Child*. 53, 113-140.
- Colarusso, C.A.. (1979). “The Development of Time Sense—From Birth to Object Constancy”. *International Journal of Psycho-Analysis*. 60, 243-25.
- Freud, S. (1911).. *Formulações sobre dois princípios do funcionamento mental in SBS, Vol. XII* (1911-1913; O caso Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago Editora.

- Freud, S. (1920).. *Além do Princípio do Prazer* in SBS, Vo. XVIII (1925-1926; Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, S.. (1923[1924]). *O Ego e o Id* in SBS, Vol. XIX (1923-25; O Ego e o ID e outros trabalhos). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Green, A.. (2000). *Le temps Éclaté*, Paris: Les Éditions de Minuit.
- Green, A.. (2005). Space(s) and Time. In: *Key Ideas for a Contemporary Psychoanalysis: Misrecognition and Recognition of the Uncounscious*. London and New York: Routlegde.
- Grotstein, J.. (1997): *Bion'S "Transformations in 'O'" and the concept of the "transcendent position"*. In <http://www.sicap.it/~merciai/bion/papers/grots.htm>. Consultado em 2009.
- Grotstein, J.. (1999): *O Buraco Negro*. Lisboa: Climpesi.
- Grotstein, J.. (2003[1978]). Inner space: Its dimensions and its coordinates. *International Journal of Psychoanalysis*. 59, 55-61.
- Hartocollis, P.. (1972). "Time as a Dimension of Affects". In: *Journal of American Psychoanalytical Association*. 20, 92-108.
- Hartocollis, P.. (1974). "Origins of Time—A Reconstruction of the Ontogenetic Development of the Sense of Time Based on Object-Relations Theory". In: *Psychoanalytic Quarterly*. 43, 243-261.
- Hartocollis, P.. (1976). "On the Experience of Time and its Dynamics, with Special Reference to Affects". In: *Journal of American Psychoanalytical Association*. 24, 363-375.
- Sabbadini, A.. (1989). "Boundaries of Timelessness. Some Thoughts about the Temporal Dimension of the Psychoanalytic Space". In: *International Journal of Psycho-Analytical Association*. 70, 305-313.
- Pédinielli, J.-L.. (2004). "Compulsão de Repetição". In: Houzel, D., Emmanuelli, M., Moggio, F.. *Dicionário de Psicopatologia do Adolescente*. Lisboa: Climepsi.
- Laplanche, J., Pontalis, J.B.. (1990). *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Presença.
- Lester, E. (1985). Time and Timelessness.. In *International Review of Psycho-Analysis*. 12, 237-240.
- Lombardi, R.. (2003). "Knowledge and experience of time in primitive mental stetes". In: *International Journal Psycho-analysis*. 84, 1531-1549.
- Kurtz, S.A.. (1988). "The Psychoanalysis of Time". In: *Journal of American Psychanalytical Association*. 36, 985-1004.
- Marques, M.E.. (1999): *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climpesi.
- Meltzer, D.. (1975). Dimensionality in Mental Function, In *Exploration in Autism: A psycho-Analytical Study*. London: Clunie Press.
- Meltzer, D. & Harris, M.. (1994[1976]): A Psychoanalytical Model of the Child-in-the-Family-in-the-Community in *Sincerity and Other Works*. In *Collected Papers of Donald Meltzer*. London: Karnac Books.
- Matte-Blanco, I.. (1975). *The Unconscious as Infinite Sets: An Essay on Bi-logic*. London: Duckworth.
- Matte-Blanco, I.. (1988). *Thinking, Feeling and Being*. London & New York: Routlegde
- Golse, B.. (2002). *Do corpo ao pensamento*. Lisboa: Climepsi
- Namnum, A.. (1972): "Time in Psychoanalytic Thecnique". In *Journal of American Psychoanalytical Association*. 20, 736-750.
- Ogden, T.. (1992): *The primitive edge of experience*. London: Karnac
- Orgel, S.. (1965). "On Time and Timelessness". In *Journal of American Psychoanalytical Association*. 13, 102-121.
- Piaget, J., Inhelder, B.. (1966): *A Imagem Mental da Criança: Estudo sobre o desenvolvimento das representações imagéticas*. Porto: Civilização Editora.
- Priel, B.. (1997). "Time and Self: On the Intersubjective Construction of Time". In *Psychoanalytical Dialogue*. 7, 431-450.
- Rose, G.J.. (1985). "The Form Of Time". In *Journal of American Psychoanalytical Association*. 33S, 261-264.
- Sabbadini, A.. (1989). "Boundaries of Timelessness. Some Thoughts about the Temporal Dimension of the Psychoanalytic Space. In *International Journal of Psycho-Analysis*. 70, 305-313
- Segal, H.. (1988[1957]). "Notes on symbol formation". in David Tuckett. *Melanie Klein Today*, Vol. 1. London: Routledge, pps. 160-177.
- Segal, H.. (1993): *Sonho, Fantasia e Arte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Sygminton, N.. (2002). *A patern of madness*. London: Karnac books
- Wadsworth, B.J.. (1997). *Inteligência e Afectividade da Criança na Teoria de Piaget*. São Paulo: Thomson Learning.
- Zimmerman, D.E.. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Artmed.
- Zimmerman, D.E.. (2004). *Bion da Teoria à Prática*. São Paulo: Artmed.

## ANEXOS

A: PROTOCOLO

B: ESPAÇO E TEMPO EM OUTRAS ÁREAS DO SABER

## ANEXO A: PROTOCOLO DE SÓNIA

<p>P.I – 10”</p> <p>1 – Para mim, de repente, parece um morcego. Um morcego (Sil). Talvez relacionado com o escuro, sadismo, sadismo. De momento isto transmite-me um morcego.</p> <p>1’20”</p>	<p>O formato faz lembrar um morcego. O morcego está automaticamente ligado ao escuro.</p>	<p>G FC’ A Ban -&gt; Equiv. Choque</p>
<p>P.II – 40”</p> <p>2 – De repente fez-me lembrar sangue. Portanto relacionado com o meu órgão sexual, poderá estar relacionado com ferida, menstruação, violação.</p> <p>1’</p>	<p>Órgão sexual (vermelho inferior, parte central mais clara). À volta o sangue. O preto poderá ser o <u>corpo de alguém</u>. Este sangue pode ser meras <u>manchas de sangue</u>, menstruação, violação.</p> <p>Poderá não ser o órgão sexual, e ser ali o <u>rabo ferido</u>, uma penetração anal, algo forçado. Isto, o resto são manchas. Excluindo estas duas imagens (vermelho superior) poderá transmitir o vermelho que está ligado à paixão ou o <u>fogo, portanto sangue, fogo, paixão</u>.</p>	<p>D F- sangue/sexo</p> <p>RA: D F+ H D C’F Sangue</p> <p>D F- Hd</p> <p>Dbl C’ Hd sangue/sexo</p>
<p>P.III – 15”</p> <p>3 – Isto de repente parece-me feitiçaria, dá-me a sensação de serem duas pessoas,</p> <p>4 - que este vermelho transmite-me sangue, sacrifícios.</p> <p>50”</p>	<p>Transmite-me ser uma posição de duas pessoas em que poderão estar a sacrificarem-se ou a sacrificar algo, porque vê-se aqui o formato de qualquer</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D CF sangue</p>

	coisa, um sítio onde possam pôr ervas e a seguir as coisas carnis para sacrificar.	
P.IV – 50” V Obscuro. Não me transmite nada. 20”	É muito difícil interpretar esta imagem. Primeiro tem vários tons, vários formatos, como poderá ser uma mancha negra em algo obscuro. É mesmo negro. É-me difícil.	Recusa
P. V –20” 5 – Estas figuras parecem-me manchas. Não me transmitem nada. Poderá ser também um morcego, um animal portanto, não me transmite mais nada. 1’	Um morcego pelo formato	G F+ A Ban
P. VI – 10” 7 – Ai meu deus que figuras! Sil. Esta parece ser difícil. Parece-me de repente, faz-me lembrar uma penetração em algo. Poderá ser a penetração de um órgão noutra. Agora, poderá ser um animal independentemente de um homem ou mulher, poder ser um bicho qualquer. Parece ser mais interior de algo, que depois se expande. 2’	Independentemente do animal, isto (D superior) faz-me lembrar um órgão e isto aqui (eixo central vertical) faz-me lembrar algo interno. Pode ser a penetração vinda por aqui (D inferior) e aqui (D superior lateral) pode ser manchas, líquido.	G Kp Hd/sexo/cena prim. → Equiv. Choque
P.VII – 6” 8 – Parece-me uma cabeça, sei lá, poderá ser um coelho. Parecem-me dois animais. Agora aqui (3ºterço) não sei o que poderá ser. Eles não podem estar aqui sem nada para os segurar. 9 - Pedra de certeza de certeza que não é coitados, se não já estavam a cair. 1’30”	1º e 2º. Terço. Animal (cabeça, orelha e boca). Isto não sei o que é, só isso. Não sei se são eles a tentarem equilibrar-se nalguma coisa.	D F+ A D F+- nat.
P. VIII – (interrupção) 1’ 10 – Isto assim transmite-me um animal. Um tigre ou um urso. Só estas duas figuras.	Rosa – Animal pelo formato. O resto da imagem partindo do princípio que é um animal poderá ser vários terrenos,	D F+ A Ban

<p>11 - Isto (central) transmite-me uma ligação de qualquer coisa ou várias coisas porque os tons são diferentes ou então é qualquer coisa que muda de conteúdo, muda de cor. Pode ser os passos por onde este animal vai passando, que vai mudando de cor. Um terreno é o que me transmite.</p>	<p>não ter esta cor, cada um está num terreno diferente.</p>	<p>G Kan cenário</p>
<p>P. IX - 5”</p> <p>12 – Isto é quase o mesma mas, excluindo os animais continua a existir aqui uma ligação de campos. Isto aqui (central) parece um núcleo qualquer que conforme se vão interligando vão mudando de cor e tamanho. São grandes contrastes, vê-se cores completamente diferentes.</p>	<p>Estes não estão separados, vê-se aqui que estão juntos. Isto aqui é uma interligação portanto, conforme poderão ser campos sobrepostos – esta é vaga – e interligados. Cada um pode ter o seu campo definido através da cor. Existe aqui mistura de cores.</p>	<p>G CF Abstracção</p>
<p>P.X – 2”</p> <p>13 – De repente parece um mapa com cores tão dispersas.</p> <p>14 – Mas ao mesmo tempo este tom de azul portanto, o formato de uma imagem, parece uma aranha.</p> <p>15 – Isto aqui de repente neste tom de castanho parece também uma aranha, sei lá, um caranguejo.</p> <p>16 - Este também, este cinzento aqui também me transmite um animal que eu não consigo identificar. Parece uma formiga, uma barata.</p> <p>17 - Continua a transmitir-me um mapa, assim de repente, em que existe nestes intervalos este tom creme (cartão velho) possa ser mar ou terra em que isto passou.</p>	<p>Aranha – azul</p> <p>Baratas ou formigas (cinza superior)</p> <p>Caranguejos – castanho inferior</p> <p>Parece uma figura abstracta, é muito abstracta. Cada animal poderá estar a simbolizar cada terreno. Como isto também poderá</p>	<p>G CF mapa</p> <p>D F+ A ban</p> <p>D F+ A</p> <p>D F+ A</p> <p>D bl F+C Mapa</p> <p>RA:</p> <p>G F+/- Geog</p>

	<p>não ser animal nenhum e poderem ser terrenos. Mapa não, tudo ser terras diferentes ou ilhas.</p> <p>Cinza superior – Poderá ser uma disputa de alguma coisa, disputar alguma coisa que conseguiram captar.</p>	<p>D Kan Cena</p>
--	---	-------------------

Prova de escolhas:

(+ +) - X, Gosto muito de geografia e gosto muito da natureza.

VIII – Gosto de animais

(- -) - II – Faz-me lembrar a minha única, um acto sexual penetrou-se muito à força ou poderá ser sim o período, parece-me o útero.

III – Detesto feitiçaria e não sou amiga de espiritismo.

## ANEXO B: ESPAÇO E TEMPO NOOUTRAS ÁREAS DO SABER

### Introdução

Pareceu-nos que a melhor forma de iniciar este estudo, é demonstrando a abrangência dos conceitos, o que é melhor conseguido pelo estudo da linguagem e, mais especificamente da língua portuguesa. Sem linguagem, não há cultura, não há pensamento e não há saber. E conforme verificaremos em seguida, espaço e tempo estão de tal forma enraizadas na linguagem que é impossível existir linguagem sem espaço nem tempo. As ideias que se seguem irão permitir compreender o quanto o espaço e o tempo são resultantes e criadores do mundo humano e introduzir nas ideias que se fundamentais. Logo à partida, se pensarmos em extensão e em sequência, é muito difícil conceber um sistema de comunicação onde estes conceitos não estejam incluídos implícita ou explicitamente. Desde objectos, como por exemplo *caixa*, que nos remete directamente para uma imagem visual de um objecto com interior/exterior, que se supõe estar preenchido/esvaziado, susceptível de uma acção abrir/fechar, encher/esvaziar e associada, muito provavelmente, a uma figura geométrica matematicamente definível. Podemos verificar com maior ou menor esforço o mesmo, para grande parte dos objectos.

Os objectos na gramática são considerados como substantivos. E os substantivos abrangem muito mais que objectos, isto é, abrangem tudo aquilo que supõe uma individualização dos seres (pessoas, animais, etc.). São nomes com substância, individualizados, e como tal permitem a diferenciação de outros. Alguns deles remetem directamente para localizações espaciais e temporais: por exemplo objectos do tipo que acabámos de referir, nomes próprios, nomes de países, etc. Podem ainda ser expressos gramaticalmente em termos de género (feminino, masculino), em termos de *quantidade* ou de número (plural, singular) e em termos de *grau* (aumentativo, diminutivo e normal), onde temos uma implicação facilmente acessível e compreensível da noção de espaço e tempo, nem que seja pela existência de uma outra implicação, já referida na própria definição de substantivo, que é a *diferenciação*. Há contudo substantivos que não implicam tão directamente o espaço e o tempo: os substantivos abstractos, isto é, que designam acções, qualidades ou estados (por exemplo; exemplo, coragem, sistema, jovem). Mas esta é verificada

pelo efeito confuso da sua ausência: por exemplo, na condensação expressa por uma nova palavra (neologismo): “psicológica”, que implica “psicologia/psicóloga + álcool/alcoologia”<sup>4</sup>. O mesmo se passa nos verbos.

Uma das formas de caracterizar os verbos é subdividindo-os em transitivos e intransitivos. Os verbos intransitivos são aqueles que não necessitam de explicação complementar que é aquilo que é necessário nos transitivos (têm complemento directo ou indirecto). Contudo, o fundamental do recurso ao verbo é que em todos eles está implicada uma acção, uma qualidade ou um estado, que é expressa sempre no tempo e esta é precisamente a sua função. E é assim de tal modo que a implicação temporal é a parte principal da sua definição. O restante da sua definição e caracterização implica noções de espaço, como por exemplo a pessoa (primeira, segunda, terceira); e de número (plural e singular), pela implicação de quantidade. Também os determinantes, adjectivos e advérbios têm uma função de caracterização (precisar o sentido de), quer seja do substantivo (determinantes e adjectivo) quer seja do verbo (advérbio). Mas enquanto nos determinantes a função está associada a definição ou indefinição (por exemplo; a, um), demonstração (por exemplo; aquele) e posse (por exemplo; meu, nosso), interrogação, relativização, numeração, que implicam relações espaço-temporais, associadas à diferenciação, quantificação, localização, género, etc.; nos adjectivos, a sua função é precisamente a delimitação do significado do substantivo (leve, mensal, branco), que é também a mesma nos advérbios. Os advérbios diferenciam-se na sua função de determinar ou intensificar o sentido do verbo principalmente (embora também do adjectivo ou do advérbio). Por seu lado, os pronomes (“em vez do nome”), têm como função a substituição de uma palavra ou até de uma frase, e assim evitam a repetição *da mesma* (repetição é uma ideia espaço-temporal). As proposições (palavras invariáveis que estabelecem uma relação entre elementos de uma frase) e conjunções (palavras também invariáveis que servem para relacionar frases ou elementos semelhantes na mesma frase) têm implícita a noção de ligação. Ora ligação implica sempre noção de espaço e tempo.

Assim, tomando apenas como exemplo questões gramaticais extremamente simples, verificamos o quanto recorremos constantemente a noções de espaço e tempo. Aliás podemos dar como exemplo esta própria síntese/demonstração, que está

---

<sup>4</sup> Psicológica é uma palavra ouvida em contexto clínico, por um paciente alcoólico a referir-se directamente à pessoa da sua psicoterapeuta (psicóloga).

“cheia” de referências espaciais (esta e não aquela outra, por exemplo) e temporais (agora não, posteriormente sim).

Imaginar um mundo sem recurso a noções espaço-temporais só é possível em psicopatologia (por vezes na esquizofrenia, principalmente, devido à descontextualização do signo), nos sonhos ou na arte, a qual daremos como exemplo as duas famosas obras de Luís Carroll (Alice no país das maravilhas e Alice do outro lado do espelho), bem como algumas narrativas de Jorge Luís Borges (Ficções, no texto onde é descrita uma biblioteca perfeita), e algumas pinturas onde se brinca com estas noções – surrealismo (Dali e Magritte), ou onde estas “quase” (e este quase é importante) não existem: Bosh, Miró, etc.

Tentar ler ou escrever um texto sem uso de palavras que contenham directamente implicações espaço temporais é impossível. Esta afirmação é possível de realizar através de uma das teorias sobre a origem da gramática no Homem primitivo. R. Pindakle (\*referência) refere que as primeiras palavras eram substantivos (e sabemos que os substantivos têm como objectivo a diferenciação) e refere também que era impossível ao homem primitivo memorizar tantos nomes de coisas. Um bom exemplo seria criar um substantivo para designar anoitecer (não é dia, nem é noite), ou correr para comer – caçar! Sem o verbo caçar, como é que designariam esta actividade e como é que a comunicariam entre si? Foi necessário criar regras gramaticais – a dupla articulação – como forma de conseguir comunicar tantos acontecimentos entre si. A própria dupla articulação é um fenómeno de ligação de coisas arbitrárias que só juntas adquirem sentido. Segundo o linguista acima referido, a solução para a incapacidade de memorização daquilo que se tornaria infindável (substantivos), foi a criação da gramática. É que a concretude obriga ao infinito impossível, só acessível pela abstração.

### As primeiras concepções do espaço e tempo: rito e mito

No Homem primitivo, não se pode falar nem de conceito nem de vivência do espaço e tempo, apenas da sua luta contra o espaço diferenciado e tempo sequencial. O Homem primitivo dava significado às *coisas* para encontrar uma ordem, que é uma necessidade humana (Lévi-Strauss, 1978). O pensamento mítico é um tipo de pensamento que visa uma compreensão geral, total e global pelas formas mais

simples e “económicas” possíveis: ou explica tudo ou então não explica nada! Para Eliade (1963), “o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos «começos».” O tempo primordial é o tempo em que as coisas da natureza foram produzidas, criadas. E elas foram criadas/fundadas por seres sobrenaturais (primordiais ou sagrados). O objectivo é explicar a mortalidade, sexualidade e cultura humanas (a cultura no sentido do autor é referido como a organização social, trabalho, regras, etc.). Desta forma o mito da origem do mundo “é verdadeiro porque o “mundo está aí” para o provar” – hierofania (tomada de conhecimento do sagrado pela sua simples manifestação). Mas isto também diz respeito ao próprio Homem porque “um objecto ou uma acção, só se tornam reais na medida em que imitam ou repetem um arquétipo (simultaneamente modelo e origem)” (Eliade, 1969).

Para o Homem Primitivo, todas as actividades humanas significativas são consideradas uma manifestação dos seres primordiais e/ou sagrados, e são o resultado de algo que aconteceu *in illo tempore*, no tempo dos Deuses, ou Sagrado. *In illo tempore* é o tempo onde tudo começou, mas não um tempo passado, é antes uma repetição e, por consequência, uma reactualização «daquele tempo». Esta repetição, imitação ou cópia não ocorre apenas no tempo, mas também no espaço. As suas cidades, templos, casas são reais por serem identificadas com o Centro do Mundo. E o espaço sagrado é tomado da mesma forma que é tomado o tempo: há espaço inicial onde se desenrolaram os primeiros acontecimentos. Para o homem primitivo, o mundo que o rodeia, é uma «réplica» que existe a nível cósmico superior”, e assim o sagrado é simultaneamente modelo e origem. O gesto só adquire significado, realidade, na medida em que retoma uma acção primordial. O espaço sagrado é um local originário, que se propaga à volta de um centro, tomado como “centro do mundo” e contém sempre uma porta de comunicação, elemento de ligação entre o mundo terrestre e as regiões sagradas (Eliade, 1969).

Para Lévi-Strauss e Eliade, o “pensamento” (ou a cultura) do homem mítico opunha-se à historificação, ou seja, à irreversibilidade dos acontecimentos. Os povos que se tornaram históricos construindo registos escritos, foram aqueles que reconheceram a irreversibilidade do tempo. Estes, viram-se também obrigados a realizar rituais de regeneração (celebração do Ano Novo), que impõem a ideia de memória. A história é sentida pelo Homem primitivo como “insuportável” segundo Eliade (1969), porque a memória histórica, é a memória de acontecimentos que não

provêm de nenhum arquétipo, é a memória dos acontecimentos pessoais (que não eram sentidos como *reais*). Ora acontece que o Ano Novo é uma repetição eterna do acto Cosmogónico, e transforma cada novo ano numa era, permitindo o regresso dos mortos à vida e assim assegura a ressurreição, a imortalidade do Homem.

Uma vez tomando consciência da irreversibilidade do tempo, e da diferenciação do espaço, os mitos das origens, enquanto história explicativa, ocupam o lugar deixado pela reactualização da origem. Há elementos considerados originários comuns em várias culturas: o ovo cósmico (indo-europeus), água, entre outros elementos originais e elementares. Mas na cosmologia grega dá-se uma passagem de entidades cosmogónicas ligadas a fenómenos naturais e a sua subsequente antropomorfização. É que havia a necessidade de criar relações familiares que permitissem uma boa explicação de como o mundo se tornou o que era. Com Kirk, Raven e Schofiel (1983) entendemos melhor os Deuses das origens. Para o estudo sobre o espaço iremos dar relevo ao *Caos* e para o estudo do tempo *Cronos*. Estes autores referem que a associação entre *Cronos* e o conceito de tempo, não é evidente. Quer porque as palavras em grego antigo são pronunciadas da mesma forma: Cronos é um Deus e Chronos é palavra tempo. Mas levanta-se a hipótese desta identificação entre Cronos-Chronos ter sido feita pelos Órficos (sec. III e o sec. VI a .c.). O mesmo não acontece com o espaço, cujos deuses apelam sempre a um elemento da natureza que tem qualidades de indiferenciação, indistintos e difíceis de desciribir (a água, noite, escuridão e caos). Antes do Século 400 a.c. *Caos* é definido como abertura, hiato ou bocejo, embora também fosse associado, e com maior frequência (segundo os mesmo autores), ao espaço entre o céu (*Aither*) e a terra (*Gea*), ou mesmo aquele que introduziu a separação entre o Céu e a Terra (cultura nórdica); separação esta que pode ser feita por água ou no mundo subterrâneo. Seja como for, é pela separação de deuses ou de elementos indiferenciados que é contada a história do início do mundo: é sempre uma história da mistura à diferenciação; da homogeneidade à hereogeneidade.

Segundo Vernant (2000) nos mitos de origem gregos, o primeiro de todos os lugares é o *Espaço aberto - Chaos*. *Chaos* é o vazio, o escuro, um abismo cego, sem distinção, sem fim, confuso, ilimitado, tenebroso, tal como uma goela imensa onde tudo é engolido. Nada mais existia além do *Espaço Aberto*. Do seu interior nasce a *Terra (Geia ou Gea)* que representa, sob muitos aspectos o seu contrário: nitidez, firmeza, estabilidade, visibilidade, solidez, enfim o “chão do mundo”. *Gea* é

feminino e a sua função é gerar e alimentar todas as coisas, a partir de si própria, e tudo o que ela faz sair, sai transformado no duplo ou no contrário do que existe em si própria. *Chaos* não é feminino nem masculino, é neutro. Há um ponto em que ambos se contactam, no abismo. A terceira entidade que surge é *Eros*, não um *Eros* que preside aos amores sexuais, mas um *Eros primordial*, um *Amor Primordial*, porque neste tempo ainda não há seres sexuados. *Eros* é o impulso do Universo. A Terra gera *Úrano* (Céu estrelado), que se irá estender sobre ela e constituir dois planos sobrepostos do universo (chão e tecto). Com a criação de *Urano*, que é uma duplicação da Terra mas no seu simétrico, surge o par de contrários, o masculino e o feminino. É da conjugação da Terra e do Céu que nascem seres diferentes de cada um deles. O *Urano primordial* não tem outra actividade que não a de conceber, o que faz com que *Terra* fique grávida de muitos filhos que não conseguem sair do seu interior. O problema é que como o céu não se separa nunca da terra, não há entre eles espaço que permita aos filhos – os Titãs – sair para a luz e ter existência autónoma. *Gea* sufocada por tanta concepção, pede ajuda aos filhos e só *Cronos* a aceita ajudar, propondo a fabricação de uma foice que castra *Úrano*, e o obriga a afastar-se para o topo do mundo.

O espaço fica desbloqueado e passa também a ser delimitado. Mas também o tempo se transformou pois, após a castração de *Urano*, os filhos (Titãs) podem gerar os seus próprios filhos e por isso surgem as gerações de Deuses que caracterizam o dia e a noite, a escuridão e a luminosidade. Ao castrar o pai, *Crono* institui duas forças: *Eris* (a discórdia, querela) e *Eros* (um outro *Eros*, um *Eros* que exige a existência de masculino e feminino), tal como o conhecemos habitualmente – o *amor carnal*. Um é combate, outro concordância, e ambos representam a união do dissemelhante. *Cronos* é assim aquele que realizou o acto fundador que abriu o espaço e desbloqueou o tempo e deu origem a um mundo diferenciado. Este é resultante de uma castração. *Cronos* tornar-se-á rei dos deuses e do mundo. Mas é um rei tirano e invejoso e vai acorrentando seus irmãos e relegando-os para um mundo infernal. Irá unir-se a *Reia* (uma espécie de duplo de *Terra*), a deusa que tem um nome pessoal, individual, que não encarna nenhum elemento natural. Os dois irão ter filhos, mas *Crono* desconfia dos filhos, e engole-os. Ajudada pela *Terra*, *Reia* esconde-se de *Cronos* (em Creta) para dar à luz o último filho – *Zeus*. Pede para que algumas divindades cuidem do filho e impeçam *Crono* de saber da sua existência. Quando regressa dá a *Cronos* uma pedra dissimulada dentro de roupas de

criança. *Zeus* cresce e torna-se forte enquanto os seus irmãos mais velhos estão dentro do ventre de *Cronos*. *Zeus*, utilizando a *métis* (astúcia) pede a *Reia* que lhe dê um medicamento que é caracterizado como um sortilégio, mas que na realidade é vomitativo e assim todos os deuses, na ordem contrária ao seu nascimento, são vomitados em vez de nascer.

*Cronos*, o criador do espaço, do tempo e da diferenciação era também o criador da repetição, já que repete o impedimento do nascimento do seu próprio pai *Úrano*. Tal como *Cronos* também *Zeus* se torna Rei dos Deuses, o que acontece após uma luta entre forças brutais (Titãs, Ciclopes, Hecatonquiros), criando o desmoronamento de tudo o que existia até aí e regressando ao estado do *Chaos* (este *Chaos* já é mais passível de ser associado a desordem) de onde tudo vai ser refeito, recriado. *Zeus* é um Rei não tirânico, mais justo, com preocupações de igualdade. Assim, o tempo de *Crono* é designado pelo autor como o tempo pacífico, o tempo em que não havia violência bruta, em que deuses e homens viviam juntos, em que não havia morte nem nascimento (os Homens adormeciam, desapareceriam após centenas de anos, tal como tinham surgido), nem trabalho, nem doença, nem sofrimento. Não existiam mulheres mortais, embora exista feminino e as Deusas. É após a guerra pelo trono de *Zeus*, que surge a violência bruta, a vivência pulsional, a necessidade de criar a união entre homens e mulheres. Deixou também de existir imortalidade e passou a existir trabalho, sofrimento, doença, etc.. *Zeus* foi o encarregue de operar esta repartição entre homens e deuses. E assim nos aproximamos ao outro mito das origens da nossa cultura, o mito de Adão e Eva, constante no Livro do Génesis.

Neste mito das origens monoteísta, tudo “começa” a mando da voz de um Deus poderoso (“E Deus disse:”), cuja característica fundamental era ser único e poderoso. No princípio, a terra era vazia e informe, submersa em trevas e águas. Primeiro foi criada a luz, e depois a rotação entre tarde e manhã (tempo cíclico). Só depois surgiu o espaço: o firmamento, separando as águas, que posteriormente foram reunidas num só local, ficando criados o mar e a terra (a parte sólida). Seguem-se as luzes no céu (estrelas) e também a lua e o sol, para presidirem à noite e ao dia, respectivamente. Depois foram criadas as aves e os animais marinhos. No sexto dia foram criados os seres vivos e o homem (e a mulher), criado à imagem de Deus e no sétimo dia, tudo estava criado, descansando (Génesis 1). O homem foi criado para se alimentar dos seres vivos, sementes e plantas, e cultivar o paraíso onde iria viver, o

Éden. Mais tarde criou a mulher, para que o homem não esteja só (Gênesis 2). Apesar de ter sido criado o espaço e a sequência temporal, não existe a consciência do tempo, uma vez que não há morte. É no terceiro capítulo dos Gênesis que parece ter “iniciado” o tempo, pois a história já implica uma narrativa, a existência de diferença (masculino e feminino), nomeadamente o conhecido momento em que a mulher é seduzida pela serpente a comer a maçã da árvore do conhecimento do bem e do mal, proibida por Deus. Após esta expressão do desejo de conhecimento, termina a comunhão (fusão) com Deus e inicia-se a vida dos homens e mulheres mortais, tal como ela é “conhecida”. A morte é designada como um retorno à origem (“porque tu és pó e ao pó voltarás”), o que nos permite incluir mais uma vez a repetição nos mitos da origem.

Neste mito da origem, é o conhecimento do bem e do mal que cria a consciência do tempo, mas como um castigo, uma condenação que se sucederá, tal como as palavras bíblicas; “de geração em geração”. O espaço, é criado a partir de um abismo informe, vazio e aquático, através da omnipresença do seu criador um Deus, que simplesmente existe sem que outra explicação mítica seja necessária. Há alguma consonância nestas duas cosmogonias ou mitos da origem. A primeira a referir é a ideia de castração. Se primeiro se lutava através da repetição do espaço e eternalização do gesto e da actividade, onde tudo era uma cópia de um outro espaço e tempo, de modo a que a vida pudesse ser sentida como real (Mircea Eliade); posteriormente constroem-se sistemas míticos complexos que procuram explicar as gerações, as diferenças dos sexos, os conflitos e a própria morte. Mas há sempre uma castração, pois algo de poderoso que tem de ser retirado – a imortalidade –, de um modo que é sempre violento; quer seja por castigo (nos Gênesis), quer seja por necessidade (pela pressão interior de Geia de gerar). Mais, há sempre alguma entidade a sofrer com a imposição do tempo e do espaço. Ou é a perda do paraíso (Adão e Eva) ou a perda da onnipotência (Chronos), a perda da indiferenciação e da eternidade.

Para Varvin (1997), um psicanalista, as narrativas são lugares especiais de organização mental. Ele define as narrativas como as estruturas de acontecimentos, cujo curso é fundamental para a identidade e auto-estruturação do *self*. Cita Ricoeur (1992, no mesmo artigo) que refere que a identidade e o *self* são constituídos por uma mistura especial de narrativas mitológicas e históricas. Em termos históricos,

segundo Eliade (1963): “os Gregos esvaziaram progressivamente o *mythos* de todo o valor religioso e metafísico. Opondo-se tanto a *logos* como a *história*, *mythos* acabou por designar ‘tudo o que não pode existir realmente’”. E foi assim que começou a procura ávida de conhecimento que até hoje nos consubstancia o saber e também o entender: afinal o que é isto do espaço e tempo?

### Das primeiras reflexões sobre o espaço e o tempo à ciência do espaço

Segundo Carvalho e Borges (2005), as primeiras reflexões sobre o espaço e tempo baseavam-se no número. Para os pitagóricos, o número era tratado como uma coisa, isto é, tinha propriedades espaciais; ponto (geometria) e unidade (aritmética) eram indistintos e esta é devida à incapacidade de imaginar entidades incorpóreas, abstractas. Uma problema consequente era o de saber se o vazio, o espaço entre os números-substância, existia ou não. Para os pitagóricos o vazio tinha de existir pois era necessário para assegurar a manutenção da separação e distinção das coisas no espaço e nos próprios números entre si. Com a descoberta dos números irracionais este sistema cai e passa a pensar-se no movimento. Para Zenão o movimento supõe que o tempo e o espaço são contínuos; o movimento é assim impossível, porque, se for real, divide o tempo e o espaço. Para Zenão e Parménides tudo aquilo que existe é necessariamente uno e imóvel, uma sucessão de instantes estáticos (daqui o paradigma da flecha do tempo)(Carvalho e Borges, 2005).

Para os atomistas o vazio era a própria condição do movimento e da pluralidade, pois é o vazio que permite o movimento e a interacção dos átomos, infinitos em número. Ao definirem o Ser e a matéria como um pleno absoluto, separaram o Ser do Não-Ser (vazio) e assim o espaço passa a assumir contornos de recipiente, ou continente imutável e independente do seu conteúdo físico, o que implica separação entre espaço e matéria, pela primeira vez. Mas para Aristóteles o vazio é um espaço sem corpos, e como todo o ser é corpóreo, é impossível que algo se mova se o vazio existir. Para Aristóteles (in Física, citado por Carvalho & Borges), o universo era limitado e o único movimento passível de existir tem de ser circular (cíclico) e uniforme, o único que é compatível com um universo finito. Fora do universo, fora do todo, nada existia, e por isso a Terra ocupa o centro do Universo.

O estudo da relação entre a Terra e o Universo, preocupou durante muitos séculos os pensadores. Foi Aristarco, no século III a.c., que referiu o sistema heliocêntrico. Ptolomeu, século II d.c., destronou as ideias anteriores defendendo a finitude e esfericidade do céu e da Terra. Aristarco foi reabilitado por Copérnico (1514) e mudou o sistema de referência: passou a ser o sol (um ponto geométrico próximo do sol), o centro do sistema solar. Com Leonardo Da Vinci (Sec. XV-XVI) espaço e tempo passaram a ser incluídos nos estudos das forças que regem a natureza (leis). Para ele tudo era entendimento da proporção, inclusive o espaço e o tempo, e desta forma cria-se a Mecânica. Mas é Galileu Galilei em 1604 quando visualiza através de um dos instrumentos que criou – o telescópio, uma outra estrela (uma supernova), que se prova de forma científica o heliocentrismo.

Descartes (Sec. XVII-XVIII) cria um dualismo, que ainda hoje vigora. Há uma substância divisível (porque é extensa) e outra indivisível (espírito, cogito). O conceito de espaço, passa a ser de espaço geométrico, identificado à extensão. Mas o tempo é ainda considerado como o único princípio de explicação de todas as coisas, e é criado por Deus (Abbagnano, 1970). Newton no final do século XVII; com a Lei da Inércia e da Gravidade, termina definitivamente com o Cosmos Grego na ciência. Com ele quer o espaço, quer o tempo são independentes dos seus conteúdos, sem qualquer relação com o que quer que seja de exterior e permanecem sempre semelhantes devidos à sua homogeneidade. O espaço, enquanto continente é euclidiano: homogêneo, contínuo e infinito (infinita divisibilidade) e o tempo, enquanto duração, flui de modo uniforme, numa sucessão contínua de instantes. Assim é a concepção de espaço e tempo que predominou na ciência até ao século XX.

Paralelamente existia o problema do tempo ser linear ou circular. A primeira referência a um tempo linear é encontrada nos hebreus e nos Iranianos Zoroastrianos (o “Zaratrusta” referido por Nietzsche). Platão e Séneca e muitos gregos e romanos consideravam o tempo como movimento cósmico cíclico, mas não uma repetição sem fim. Foram os pitagóricos e estóicos que conceberam um eterno renascimento ou reencarnação. Nos posteriores ao período greco-romano, os teólogos cristãos concebiam a ideia de um tempo linear, também existente nos gregos. Mas só em 1602 foi possível dar um conceito de tempo linear mais preciso pelo filósofo Francis Bacon. Logo a seguir Newton (em 1687) defendeu a linearidade do tempo e

expressou-a matematicamente (Dewden, 2006). Ele considera que o espaço e o tempo não são substâncias materiais mas uma espécie de continentes de todos os acontecimentos, e que esse continente existe independentemente dos acontecimentos. Contudo, para ele, espaço e o tempo estavam unicamente dependentes de Deus. No século XVIII, Barrow, Leibniz, Locke e Kant defendiam também o conceito de tempo linear, tornando-se dominante no século XIX. Mas no Século XX, com Gödel (1906-1978, matemático) e a descoberta das curvas causais (*loops*) no contínuo espaço-tempo (que iremos referir mais tarde), foi construída a ideia de viagens no tempo, e assim o tempo deixou novamente de ser linear. David Gross, um físico contemporâneo, criador da teoria das cordas, defendeu a ideia de que o espaço emerge, mas o tempo não. Com a introdução do tempo nos estudos científicos, uma nova revolução se dá, ou se está ainda a dar.

### A mudança com a introdução do tempo na ciência

#### *O mundo torna-se um sistema de relações*

Para Ernst Mach (físico e filósofo austríaco que viveu entre 1838 e 1916) o facto físico ou psíquico, é apenas um conjunto relativamente persistente de elementos simples: cores, sons, calor, pressão, espaço e tempo, etc. Este filósofo-cientista termina com o positivismo na ciência (segundo Abagnanno, 1970), e remete o espaço e tempo a meras propriedades, com o mesmo valor que outras propriedades que correlacionamos para apreender os fenómenos (Kant). Também Hertz no final do século XIX referia que existe uma correspondência, não entre os símbolos e as coisas, mas entre as relações dos símbolos e relação das coisas. A doutrina de Mach permitiu o fundamental desenvolvimento de uma geometria não euclidiana (através de Gauss e Riemann; o primeiro por tornar independente a geometria do espaço e o segundo por generalizar a geometria a várias dimensões). A geometria Euclidiana, que é aquela que se fundamenta no espaço três dimensões ou inferiores tomando o tempo como linear e por isso permite-se a desconsiderá-lo, apenas o mede, viu-se obrigada a renunciar à verdade, pois perdeu a correspondência com a realidade empírica. Isto é, a geometria passa a ser constituída pelas propriedades invariantes num determinado grupo de transformações.

Poincaré, um matemático e astrónomo francês (1854-1912) reconhece plenamente o carácter convencional dos postulados geométricos e contribui de forma importantíssima para as evoluções da filosofia das ciências posteriores. Todo o fenómeno observável resulta de uma sobreposição de um grande número de fenómenos elementares semelhantes, tornando possível o uso de equações diferentes. O espaço matemático não tem correspondência exacta com o espaço percebido. Poincaré liga-se a Kant quando defende que o único fundamento da objectividade científica é a relação. Para Poincaré “a ciência é um sistema de relações e só nas relações se deve procurar objectividade” (Poincaré, 1902, citado por Abagnanno, 1970).

#### *As novas e revolucionárias concepções científicas*

Para o surgimento da Relatividade e a posterior Mecânica quântica, dois paradigmas incompatíveis, cujos efeitos revolucionários ainda não se fazem sentir totalmente, foi necessário perder noções básicas da física e da química: a irreversibilidade do tempo (para se poder estudar o tempo como espaço) e a primeira lei de termodinâmica (a noção de não dissipação da energia) segundo Prigogine & Stengers (1990). Para a Teoria da relatividade foi perdida a noção de distância como um valor em si mesmo, pois para medir toda e qualquer coisa torna-se obrigatório um ponto de referência e a sua comparação a uma constante – velocidade da luz. O espaço passa a existir apenas enquanto espaço de referência (espaço de, espaço x). Muda também o objecto da ciência, cuja uniformidade deixa de estar no fenómeno, mas na relação entre fenómenos (Abnaganno, 1970). A grande revolução é contudo o tempo. O tempo passou a ter uma formatação espacial e assim ser estudado. Tem contudo apenas um sentido, ou seja, o tempo tem fim e princípio e é difícil posicionarmos fora dele. O tempo combina-se com o espaço para formar um objecto único – espaço-tempo. Este objecto constitui a quarta dimensão, que é inacessível aos humanos (nós vivemos num mundo a três dimensões) Em 1912 Einstein elabora a teoria da relatividade geral ou generalizada adaptando a Teoria da Relatividade aos sistemas gravitacionais. Os corpos são tratados como densidades de campo, e a matéria e a energia são equivalentes entre si ( $E=mc^2$  ou  $\Delta E=\Delta mc^2$ ). O campo é um conceito totalmente fora da área do senso comum e da percepção pois não é materializável (é uma espécie de área que os objectos influenciam). É algo que existe

através do espaço e do tempo, e se opõe a uma partícula, que pode ser encontrada num ponto de cada vez.

Para se entender a quarta dimensão, Einstein dá em 1904 um exemplo: o do comboio, em que no fim de uma das carruagens alguém dispara uma pistola. Imaginemos um observador parado na plataforma da estação e que as paredes da carruagem eram transparentes (vidro). O observador da plataforma veria a bala a atingir o princípio da carruagem a uma dada velocidade. O mesmo acontecia com a pessoa que dispara a arma. Mas a velocidade detectada por um e por outro não é a mesma. O observador dentro da carruagem vai detectar a velocidade como se tivesse parado, uma vez que ele “está efectivamente” parado: é a carruagem, estando ele dentro dela, que se desloca em velocidade. O mesmo não se passa com o observador parado na plataforma. Este vê uma carruagem em andamento. E dentro dessa carruagem em andamento vê uma bala em andamento. Ora inevitavelmente a bala vai ser observada a uma velocidade maior pelo observador da plataforma. A intenção de Einstein é a de demonstrar que o próprio planeta é como uma bala em andamento, por sua vez está num sistema solar em andamento, numa galáxia em andamento, num universo em andamento. Este andamento deve-se a uma espécie de magnetismo gravitacional dos corpos espaciais, em que; quanto maior o astro, maior a curvatura do espaço, e atraem os corpos mais “leves” em seu redor, e os põem em andamento. É a isto também que se denomina de espaço curvo, ou espaço quadridimensional.

Para Einstein espaço e tempo são “sistemas de conceitos que servem para representar o complexo das nossas experiências; para além disto não têm a menor legitimidade.”. Mas Einstein é um positivista. Ele considera que para definir relações temporais é preciso acrescentar um sistema de medida padrão (“um relógio padrão”), pois o tempo “é para todos os acontecimentos independente da posição do sistema de coordenadas no espaço de referência”, isto é, uma invariante ...”. Para ele a física enganou-se com a geometria que divorciou conceitos de experiência. Einstein também rejeitou a Mecânica quântica, quando refere a famosa frase: “Deus não joga aos dados”.

Iniciando-se com a noção de *quanta* (plural de quantum, que é a partícula mais elementar e indivisível) em 1900 por Max Planck, Heisenberg, Dirac e Schrödinger. é criada uma nova noção de realidade – a Mecânica quântica, em 1920. Esta teoria caracteriza-se pela impossibilidade de medir a velocidade e a posição de

uma partícula num dado instante (Princípio de Incerteza de Heisenberg, 1926). Em vez disso as partículas têm um estado quântico, que é uma combinação entre posição e velocidade de uma partícula indivisível. A Mecânica quântica como lei universal do mundo menor que o átomo prevê não um resultado mas os diferentes resultados possíveis, pelo que introduz a probabilidade como lei científica.

A termodinâmica é a área da física-química que estuda a energia, e também a sua direccionalidade (tempo), entre outras propriedades. Para Peter Atkins (2006) é na segunda lei (concebida essencialmente por Boltzman) que encontramos fundamentos para a existência da irreversibilidade do tempo. A entropia é a tendência de que todas as coisas do universo aumentem os seus graus de liberdade (a tendência dos objectos ínfimos a adquirirem a maior liberdade possível, o que é diferente de caos). A energia dissipa-se (num sistema fechado) pelo aumento da desordem e dispersa-se num sistema aberto pela homogeneização entre sistemas. É irreversível, isto é, não se pode voltar atrás e recuperar a energia aplicada por exemplo, para fazer um café. E para fazer outro café é necessário fornecer mais energia. Quer a energia espontânea, quer a produzida, tende a dissipar-se irreversivelmente. Esta segunda lei reforça a ideia de um *Big Bang* e do tempo finito, pois haverá um ponto em que a expansão do universo não se poderá mais dar, pela dispersão/dissipação homogénea de energia.

Esta referência à tendência e desordem, evoca Nietzsche que no final do Século XIX, quando este considerava que a condição geral do mundo é, para toda a eternidade, o caos, não como ausência de necessidade, mas como falta de ordem de estrutura, de forma, de beleza, de sabedoria e de todos os nossos esteticismos humanos” (Nietzsche citado por Abbagnano, 1970). Assim, o mundo é pela primeira vez referido como não tendo racionalidade, porque o acaso domina-o. No século XX surge a teoria do caos, ou antes uma teoria dos sistemas caóticos, enquanto uma teoria que conceptualiza a realidade como padrões e estruturas onde várias forças cooperam e onde não é possível encontrar relações unívocas (tal como a da causalidade). A Teoria do Caos leva-nos a uma ideia de caos determinístico, cuja teorização física está mais associada a uma casualidade ou aleatoriedade de funcionamento de todos os sistemas, cujo simples facto de realizarem qualquer operação acarretará modificações em vários sistemas uma vez que tudo está interligado.

A física ganhou leis válidas mas incompatíveis: as leis que regem o infinitamente grande (Teoria da Relatividade) e infinitamente pequeno (Mecânica Quântica) não são as mesmas. Por isso procura-se avidamente uma teoria unificada da física, que ainda não se encontrou. Hoje a ciência física perdeu a sua universalidade.

## Contribuição da Filosofia para o Estudo do Espaço e Tempo na Psicanálise

Neste sub-capítulo entramos dentro do mundo da psicanálise, porque as concepções psicanalíticas sobre o espaço e tempo, mas principalmente deste último estão de tal forma enraizadas em concepções filosóficas, que quase parecem complementá-las. Elas fazem contudo mais do que isso. A primeira preocupação era determinar a realidade ou irrealidade do tempo. O filósofo McTaggart (*The Unreality of Time*, 1908[2003]<sup>5</sup>), refere que em todos os momentos históricos, e em muitos dos pensadores (cientistas e/ou filósofos), existe uma procura de explicação das razões pelas quais o tempo não existe ou não é uma realidade em si mesma, ou mesmo resolvem-no considerando-o produto do divino.

Santo Agostinho no século IV d.c., foi dos filósofos que mais defendeu a irrealidade do tempo. Ele pergunta-se: (Carena, 2006): “O que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, sei o que é; mas, se quero explicá-lo a quem me pergunta, não sei.”. Aqui é introduzida uma angústia existencial do homem, colocado perante o seu próprio tempo pessoal, “entre um passado e um futuro que não existem, visto que um já não existe, ao passo que o outro ainda não existe. Somente quando o tempo está a decorrer é que posso percebê-lo e medi-lo, pois não se pode medir o tempo passado que já não existe ou mesmo o futuro que ainda não chegou”. Ao invés de afirmar passado, presente e futuro, Santo Agostinho diz-nos que a maneira correcta seria afirmação: “o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes e a esperança das coisas futuras”. Mas para ele, o único tempo que realmente existe é a eternidade, porque “se o presente, fosse sempre presente, deixaria de ser tempo para

---

<sup>5</sup> McTaggart, J.M.E. (2003). *The Unreality of Time* in *The Philosophy of Time*. London, Oxford University Press.

passar a ser eternidade” (Santo Agostinho, Livro 11 citado por Carena, 2006) e Deus (figura imóvel) é o criador do tempo (que não ocupa espaço). Como o presente não ocupa espaço, isto é, passa logo a passado, é um espaço indivisível e descontínuo. Para ele (segundo Carena) o tempo só pode ser medido na alma (porque a alma contém a memória das coisas passadas e a expectativas das coisas futuras, bem como a noção de estar atento no presente) e é nesta que encontra a sua realidade. Como história desenrola-se fora de Deus e da eternidade, o único tempo é o do presente, que logo se vai embora e por isso, apesar de só existir no presente, o tempo na realidade não existe.

No século XI é referido por Dewden (2006) o filósofo persa Avicena, que postula que “o tempo só pode existir na mente através da memória e da expectativa”. Carena (2006) refere posteriormente Henrique de Gand (Século XIII) e Giles de Roma (Séculos XIII e XIV), que afirmaram que “o tempo existe com continuidade independentemente da mente, mas as suas partes, o antes e o depois, são apenas distinguidas pela mente”. Porém, para Duns Scott (Século XIII) o tempo existia quer na mente, quer fisicamente. No século XVII, retorna-se à ideia de irrealidade do tempo com Leibniz e Locke. Para o primeiro, nem o movimento, nem o espaço, nem o tempo são reais. Estes devem ser tratados como entes de razão, porque eles são uma simples relação. Para o segundo, Locke, espaço e tempo são ideias complexas expressas de um modo simples (variações ou combinações diferentes da mesma ideia simples), que não são reais, são invenções ou criações do intelecto humano, tal como as palavras e as ideias. Berkeley (final século XVII e princípio do Século XVIII) é ainda mais radical e recusa a própria existência da matéria e de qualquer outra coisa exterior ao espírito, porque para ele, o objecto é somente uma ideia e a ideia não existe se não for percebida. Também Hegel, no século XVIII, considera que os problemas do espaço e do tempo (tal como outras leis da natureza) são resolvidos pela razão (realidade). A essência da natureza é exterioridade e o espaço e o tempo são a sua abstracção que, isoladamente, são a matéria e o movimento.

David Hume (1711-1769), considerava que não era importante determinar nem a causa nem o efeito, nem é interessante saber se espaço e tempo existem ou não, porque são todas associações lógicas. A relação de causa-efeito foi definida em 1924, com Hans Reichenbach definindo ordem temporal e matematizando a irreversibilidade do tempo. Para Schopenhauer (uns anos mais tarde que Hegel) o objecto é condicionado pelas formas a priori do espaço e do tempo, mas o sujeito

está fora do espaço e tempo. Espaço, tempo e causalidade constituem as formas a priori da representação. No mesmo sentido, Bas Van Fraassen, um filósofo contemporâneo, descreve o tempo físico afirmando que não há tempo onde não houver seres capazes de raciocínio (Dewden, 2006).

Há contudo uma escola, a escola americana e inglesa do realismo que no séc. XX principalmente, defende o contrário, que é o pensamento que não existe, que só tem valor como representação ou símbolo de uma existência real. Chegam a tratar o espaço e tempo como substâncias, como por exemplo George Edward Moore que os tratava como substâncias originárias das quais todas as outras coisas são partes, determinações ou diferenciações. Estão indissolúvelmente unidos no mundo quadridimensional da física relativista, e são a fibra da qual se tecem todas as outras coisas.

John McTaggart (1866-1925), considera irreais o tempo, matéria, sensação e toda a forma de juízo que não seja percepção. Ele atribui grande importância ao futuro, pois passado e o presente são manifestações imperfeitas e preparatórias do futuro (um futuro a alcançar). Em 1908 (referido por Murcho, 2000) ele defende que o tempo é uma ilusão; nada do que existe pode estar no tempo. Uma das razões é o facto de um acontecimento não poder ter ocorrido, estar a ocorrer e simultaneamente irá ocorrer; ao mesmo tempo - o tempo é contraditório em si mesmo.

Elliot Jaques (filósofo canadiano, que trabalhou na clínica Tavistok) é implacável quando diz que o tempo não é uma coisa em si mesma, o tempo não é um agente, o tempo “não faz coisas”. O tempo, para Jaques (1982) é uma ideia posicional, uma forma de ordenar as coisas e acontecimentos por um processo humano de posicionamento através da datação. Na realidade o tempo é uma abstracção, porque não se dirige a nada, nem ciclicamente, nem linearmente. É porém uma abstracção tão importante que organiza o modo do Homem estar no mundo. Não é que não existam acontecimentos cíclicos e acontecimento sequenciais, mas a experiência dos acontecimentos ser cíclica ou sequencial depende da atitude individual perante a morte: a experiência do tempo cíclico nega a morte, e a experiência do tempo sequencial, aceita-a e influencia o modo de organizar a experiência do mundo. Assim o tempo pode ser dividido em dois, o tempo sucessivo (objectivo e descontínuo, ao contrário da teoria da Duração de Bergson) e o tempo

intencional (subjectivo e contínuo). A ideia de tempo subjectivo e tempo objectivo é melhor definido por Bergson.

### *Tempo objectivo – Tempo Subjectivo*

Entre o séc. XIX e XX, Bergson tentou dissociar o tempo subjectivo (o tempo da consciência) do tempo da ciência (o tempo onde os instantes se sucedem de forma igual). Ele definiu que o tempo é, na consciência, a corrente da mudança, e não uma sucessão regulada de instante homogêneos, seguindo a ideia de Aristóteles que o tempo é mudança, a própria medida da mudança e que não há tempo sem mudança (in física, Dewden, 2006). Ele considera que os objectos existem como imagem, na consciência. Este filósofo divide o tempo em dois tipos: há um tempo espacializado, que é aquele que é homogêneo e ao qual é aplicável a medida científica, e um tempo verdadeiro – a duração – que não é susceptível de medida porque não apresenta nenhuma uniformidade, é de criação contínua. O conceito científico de tempo, é para ele um conceito bastardo, uma mistura de duração autêntica e espaço. O que a ciência mede e define com rigor e exactidão, quando fala de tempo, é uma porção de espaço, a trajectória percorrida por um móvel. Só o espaço é homogêneo e divisível. A duração por seu lado é heterogênea e contínua. A filosofia quer intuir a duração, a ciência o espaço (tudo aquilo que não dura) (Jerphagnon, 1973). A inteligência opera sempre uma espacialização da consciência, enquanto a intuição nos revela da sua duração (Bergson citado por Abganano, 1970). Rosseti (2001) refere que para Bergson, “a vida interior é de natureza temporal e não espacial. Na psique, a multiplicidade qualitativa dos estados psicológicos modifica-se a todo momento numa sucessão contínua e solidária; se algo parece solidificar-se e fragmentar-se é porque se representa, ilusoriamente, a consciência como se existisse num tempo homogêneo e espacial. Bergson tentou alcançar uma compreensão do tempo real fora do espaço, encontrando na sua Teoria da Duração, a solução. O tempo é para ele duração pura, e é na mente que ele encontra sucessão (sucessão é considerada como contínua). (Bergson 2001. De todas estas ideias filosóficas sobre o tempo resulta que o tempo, em si mesmo, só é estudável através de métodos não objectivos, ou de base hermenêutica, entre os quais se encontra a filosofia e a psicanálise. Mas a psicanálise é a disciplina mais apta para estudar as variadas e diversas formas de experienciar o

tempo (Arlow, 1986, Green 2000 e 2005), a que Bergson certamente denominaria de duração.

### *Consciência de Tempo*

William James (1890, citado por Harticollis, 1976) um filósofo e psicólogo americano referiu que a condição para a nossa percepção da passagem do tempo depende da nossa capacidade de ter consciência (no inglês *awareness*) da mudança. Para ele há um «falso presente», um fenómeno que descreve o facto de os objectos desaparecem da nossa consciência lentamente: os restos do passado caem de forma sucessiva e as entradas novas do futuro compensam a perda dos objectos do passado. Estes objectos antigos restantes e as novas entradas, são os germes da memória e expectativa, a retrospectiva e a prospectiva do sentido do tempo. É uma «memória primária» que sobrepõe as impressões do passado que tendem a desaparecer e as novas. O grau com que o falso presente é vivido, nas suas várias gradações possíveis pode ser alterado, como no uso de algumas substâncias psicoactivas. Mais tarde, William James viria a referir que as percepções são quanta e o conceito de tempo, enquanto duração, desenvolve-se de pulsares incessantes que são voluntariamente reinvestidos, ou seja, a manutenção da atenção é realizada com esforço. É apenas o intelecto que as torna contínuas. Harticollis é um psicanalista que compara William James a Freud, pois Freud considerou que a consciência, a qual é responsável pela noção de tempo é descontínua, e é na percepção da descontinuidade que o Eu ganha consciência da passagem do tempo. Harticollis (1974) refere ainda que em 1974 foram provadas cientificamente que a experiência de tempo deriva de um mecanismo que promove uma pulsação, que é identificada a uma espécie de periodicidade, quer explicada por um «quantum temporal» quer por um «relógio biológico». (Harticollis, 1974).

Na mesma linha, Peter Atkins, um físico-químico refere (em 2006) que a consciência do tempo tem origem no movimento ocular e na construção de memórias. A retina do olho contém uma molécula (11-cisretinal) que é constituída por ligações (entre átomos) duplas o que lhe confere uma grande rigidez estrutural e por isso forma fixa. Esta molécula está ligada a uma proteína. Quando por exemplo um pêndulo badala, há a libertação de fotões que é focada pela retina. Os fotões (que podem ser concebidos como uma “bola de energia”) são absorvidos pela retina provocando uma quebra nas ligações duplas, tornando-se assim uma molécula de

ligações simples. Estas últimas funcionam como um eixo de rotação e por consequência, a molécula retinal roda sobre si própria até que, pela segunda lei da termodinâmica, a energia se dissipa e a dupla ligação é reconstruída. Mas o resultado do primeiro processo é uma nova forma. E esta nova forma desencadeia um impulso através do nervo óptico que dará origem à percepção de uma imagem no cérebro. Para podermos continuar a ver, a molécula tem de voltar à sua forma original e isso requer energia. A percepção da passagem do tempo é uma manifestação da formação e do esvanecimento irreversível da memória.

Para ele (toda) a experiência é uma alteração química que segue padrões de acordo com a segunda lei da termodinâmica. Atkins explica que quando olhamos um pêndulo a baloiçar estamos na realidade a ver directamente a separação de energia entre estados quânticos (estados probabilísticos de partículas indivisíveis) e cada período de oscilação do pêndulo é uma manifestação macroscópica daquela pequena quantidade. Este cientista afirma que não há leis absolutas a funcionar no universo, nem causalidade. O que há é a nossa capacidade de perceber a média de acontecimentos aleatórios interligados pela propriedade comum que é o tempo (Atkins, 2006). O tempo é aqui considerado um factor de ligação e probabilidade, comprova a ideia de Freud de descontinuidade, mas não fala da consciencialização mental do tempo.

#### *A seta do tempo, o ser-para-a-morte*

Foi Arthur Eddington, astrónomo inglês, que em 1927 utilizou pela primeira vez a expressão “seta do tempo”, que é amplamente utilizada para falar da irreversibilidade do tempo. Mas antes disso já Zenão (pré-socrático) metaforizava na “flecha do tempo” a defesa para a sua ideia de ausência de movimento. Quando uma seta que é lançada para um alvo, a seta não está em movimento, mas estática em diferentes instantes sequenciais. Para Zenão o tempo só existia como duração presente, e assim não havia como operar a partir de um tempo situado no passado, nem como futuro (o passado só existe como noção e o futuro como imaginação). O tempo era assim tratado como o existir que dura e que desaparece quando cessa e o movimento só ocorre enquanto algo que dura, deixa de durar e algo novo entra a durar e cessar (2009, Templo de Apolo). Este elogio do presente de Zenão contém uma similaridade muito grande com um problema com que a psicanálise se defronta cada vez mais actualmente, a luta contra a passagem do tempo. Na realidade, o

problema da flecha de Zenão, ou da seta do tempo é o facto de a seta não andar para trás, isto é, a irreversibilidade do tempo, o caminho sofrido para o alvo que é morte.

E é a filosofia de Heidegger (ver anexos) que mais considera a consequência da irreversibilidade do tempo, com o seu conceito de *ser-para-a-morte*: em que a consciência do tempo (morte) é o que provoca o *dasein*, que é a queda do Homem sobre si mesmo, o lugar em que tem consciência de si e da sua saga (que se pode equiparar psicanaliticamente à narrativa e história). Não há psicanalista que se debruce sobre a ideia de tempo sem referir o sofrimento da ideia de morte, alguns chegam inclusive a equivaler ambos (tempo=morte).

Para Heidegger (1889-1976), o Ser tem inscritas as dimensões espaço-temporais. A dimensão espacial é para Heidegger uma consequência do facto do ser *estar-no-mundo (Dasein)*, num mundo que é de seres mas também de coisas, com as quais o ser está em relação. Assim, o espaço não é uma forma abstracta, mas sim o conjunto das determinações de proximidade (é próxima uma coisa que produza satisfação) ou afastamento das coisas. A proximidade ou o afastamento das coisas baseia-se na sua usabilidade (i.e., no facto das coisas servirem de instrumentos para o Homem, com vista à satisfação). O ser das coisas é a usabilidade e o espaço é a estrutura objectiva das coisas. É a interpretação e o juízo que fazem daquilo que é utilizável uma «coisa corpórea». Esta última é uma simples presença que, convertida em objecto de ciência, se transforma num tema possível de investigação. O tempo adquire uma outra significação. Ele abandona completamente as habituais questões sobre a subjectividade ou objectividade, transcendência ou imanência do tempo. Ele estuda o tempo na problemática do ser e, nas suas três determinações (passado, presente e futuro), sendo para ele o futuro a determinação originária do tempo. A única certeza que o Homem tem é a morte e ele considera que a compreensão desta certeza é a única forma de existir autenticamente (a existência inautêntica caracteriza-se muito resumidamente pelo anonimato do quotidiano). Na existência inautêntica o tempo é medido cientificamente, datado, etc.

Para um outro existencialista Louis Lavelle (1946, citado por Jerphagnon, 1973) o objectivo é o desenvolvimento do acto da reflexão, sendo o intervalo (entre o acto reflexivo e o acto criador), o gerador do espaço e o tempo, em seguida do universo, que é síntese da potência e do dado (o dado é o fenómeno, a presença das coisas).

### *O espaço e o tempo como organizadores da experiência*

Apresenta-se em último lugar a filosofia de Kant, pelo facto de esta ser o fundamento da maior parte dos psicanalistas. Segundo Abbagnano (1970), para Kant (1871) existem conhecimentos que são independentes da experiência e outros que têm origem na própria experiência. Os primeiros são elementos formais do conhecimento, elementos puros e apriorísticos, os segundos são elementos materiais ou empíricos, os objectos de conhecimento. O conhecimento humano é uma composição ou síntese destes dois elementos. Mas o Homem só pode conhecer fenómenos, porque só estes é que entram em relação com o sujeito cognoscente. A realidade é em si mesma incognoscível, uma coisa-em-si. Ele tenta então definir as formas a priori do conhecimento, ou seja, os elementos formais do conhecimento, sub-dividindo-as em sensíveis e intelectuais (entendimento). A sensibilidade é caracterizada por Kant (segundo Carvalho & Borges, 2005) como a faculdade das intuições; receptividade, e o modo através do qual nos são dados os objectos que assumem um carácter fenomenal. A intuição é aquilo que permite que o conhecimento se relacione com os objectos. O entendimento é uma faculdade espontânea, e é aquilo que permite pensar sobre os objectos e conhecer os objectos com objectividade. As formas sensíveis do conhecimento humano são o espaço e o tempo (que ele também designa de intuições puras); as formas do entendimento são os conceitos puros, que ele designa de categorias (encontrando 12).

O espaço e o tempo não são conceitos, porque contém em si mesmos uma infinitude de representações. Mas são representações necessárias, apriorísticas, que fundamentam todas as outras intuições. As representações não podem ser pensadas sem estas intuições puras (espaço e tempo). Espaço e tempo são *quanta continua*, porque nenhuma das suas partes pode ser dada sem ser encerrada entre limites. Nenhum tem existência, são apenas condições subjectivas da sensibilidade, sendo o tempo, devido à sua universalidade, aquele que determina a relação das representações no estado interno. Kant, referido por estes autores, concebe uma supremacia do tempo em relação ao espaço, na medida em que as representações, sendo múltiplas e internas, só se podem representar no tempo. O espaço e o tempo a partir de Kant são os organizadores da experiência e do conhecimento.

Dewdon (2006) ao referir-se a Kant, no seu trabalho sobre o tempo, refere que o espaço e o tempo são formas projectadas pela mente no mundo externo, nas coisas-em-si. Em termos espaciais nós percebemos e projectamos num plano geométrico euclidiano, e em termos temporais, como uma linha matemática. Para Dewdon, não temos uma percepção directa *do* tempo, temos é a habilidade de perceber as coisas e acontecimentos *no* tempo.

*Uma novo e estranho paradigma*

Com a introdução da psicanálise no saber foi derrubado em parte o sistema kantiano. É que quando a psicanálise surge, pela descoberta do inconsciente, é introduzida a ideia de que há uma parte da nossa mente que nos influencia mas que não é submetida às leis de espaço e tempo. O tempo e espaço apriorísticos só podem existir no sistema percepção-consciência. No processo primário ou sistema inconsciente, não há qualquer recurso à temporalidade nem à espacialidade ou pelo menos uma espacialidade distorcida. Derrida no anos 90<sup>6</sup>, numa entrevista, entristecido com um ciência que não considera a lógica inconsciente e nega o valor da psicanálise, refere é principalmente a noção de tempo que nunca poderá ser visto da mesma forma depois de Freud. Porém, segundo opinião de Green, há um paradigma que é imposto pela psicanálise muito mais importante e mais paradoxal - a posterioridade (*après-coup*). Neste, o acontecimento passado só “existe” quando retomado no presente, mas o acontecimento presente existe porque foi vivido no seu passado (numa mente que não estava apta a experienciar esse acontecimento). Esta aceção teria consequências enormes no pensamento filosófico, se não mesmo científico.

## Referências Bibliográficas:

- Abbagnano, N. (1969-1970): *História da Filosofia*. (14 Volumes). Lisboa:Editorial Presença.
- Atkins, P. (2006): A Química-Física do Tempo in *Tempo e Ciência*, Coord. Fausto, R. & Marnoto. Lisboa Gradiva.
- Carvalho, D.D. & Borges, J.F. (2002): *O espaço e o Tempo: Da Ciência Grega à Ontologia Existencial*. Porto: Edições Afrontamento.
- Cunha & Cintra (2005): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- Eisntein, A: (2003[1922]): *O significado da Relatividade*. Lisboa: Gradiva
- Descartes, R. (1977): *Discurso do Método*. Lisboa Livros de Bolso Europa América.
- Derrida, J. (1990). Let us not Forget—Psychoanalysis, *The Oxford Literary Review* 12, no. 1-2, *Psychoanalysis and Literature*, pp. 3-4.
- Eliade, M. (1992[1949]): *Tratado da História das Religiões*. Porto: Edições Asa.
- Eliade, M. (2000[1963]): *Aspectos do Mito*. Porto: Edições Asa.
- Eliade, M. (2000[1969]): *O Mito do Eterno Retorno*. Porto: Edições Asa.
- Ferreira, O. (2007). *Filosofia, Pré-Socráticos, Eliatas, Zenão de Eleia*, em [http://www.templodeapolo.net/Civilizacoes/grecia/filosofia/presocraticos/filosofia\\_presocraticos\\_zenao.html](http://www.templodeapolo.net/Civilizacoes/grecia/filosofia/presocraticos/filosofia_presocraticos_zenao.html). Consultado em 2009.
- Franciscanos Capuchinhos (2003): *Bíblia Sagrada*. Lisboa: Difusora Bíblica.
- Gleick, J. (1989): *Caos; A construção de uma nova Ciência*. Lisboa: Gradiva.
- Hawking, S. (2000). *Breve História do Tempo*. Lisboa: Gradiva.
- Hawking, S. (2002). *O universo numa casca de Noz*. Lisboa: Gradiva.
- Heidegger, M. (2003[1995]): *O Conceito de Tempo*. Lisboa, Edições Fim de Século.
- Heidegger, M. (2005[1926]): *O ser e o Tempo* (Vol.I e II). São Paulo: Editora Paulista.
- Jerphagnon, L. (1999): *Dicionário das Grandes Filosofias*. Lisboa, Edições 70, Coleção Lexis
- Kant, I. (2001[1781]): *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kirk, G.S. & Raven, J.E. & Schofield, M. (1994): *Os filósofos pré-Socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Legrand, G. (1983): *Dicionário de Filosofia*. Lisboa, Edições 70, Coleção Léxis.

Levi-Strauss, C. (2000): *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70.

Murcho, D. (2006): *O tempo e a Filosofia* in *Tempo e Ciência*, Coord. Fausto, R. & Marnoto. Lisboa Gradiva.

Prigogine, I. & Stengers, I (1990): *Entre o Tempo e a Eternidade*. Lisboa: Gradiva.

Rosseti, R. (2001) - *Bergson e a natureza temporal da vida psíquica*, retirado e adaptado de [www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722001000300017&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722001000300017&script=sci_arttext), consultado em 2009)

Shimony, A. & Cartwright, N. & Hawking, S. (2003). *Roger Penrose: O grande, o pequeno e a mente Humana*. Lisboa: Gradiva

Vancourt, R. (1986): *Kant*. Lisboa, Edições 70, colecção Biblioteca Básica de Filosofia.

Vernant, J.-P. (1994): *O Homem Grego*. Lisboa: Editorial Presença.

Vernant, J.-P. (2000): *O Universo, os Deuses e os Homens*. Lisboa: Editorial Presença.